

Agatha
Christie

Depois do
funeral



L&PM POCKET

Agatha Christie

DEPOIS DO FUNERAL

Tradução de JORGE RITTER

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [iOS Books](#) em parceria com o grupo [LegiLibro](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nossos sites:

[iOS Books](#)

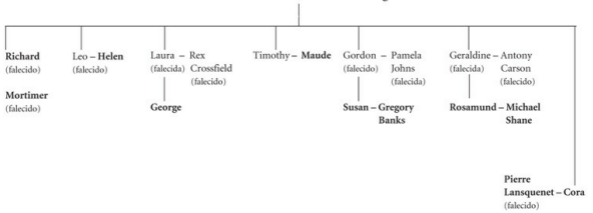
[LegiLibro](#)

Para James,
em memória dos dias felizes em Abney.

A FAMÍLIA ABERNETHIE

Aqueles designados em negrito estavam presentes no funeral de Richard Abernethie

Cornelius Abernethie – Coralie Bassington



CAPÍTULO 1

I

O velho Lanscombe andava mancando, de quarto em quarto, abrindo as persianas. De vez em quando, espiava com seus olhos estrábicos e remelentos pelas janelas.

Logo eles voltariam do funeral. Ele arrastou os pés um pouco mais rapidamente. Eram muitas janelas.

A mansão Enderby era uma vasta casa vitoriana construída no estilo gótico. Em todos os aposentos, as cortinas eram de rico brocado esmaecido ou de veludo. Seda desbotada ainda pendia de algumas paredes. Na sala verde, o velho mordomo olhou para o retrato, acima da lareira, do velho Cornelius Abernethie, para quem a mansão Enderby fora construída. A barba castanha projetava-se agressivamente, e sua mão pousava sobre o globo terrestre – se por desejo do modelo ou capricho simbólico da parte do artista, ninguém sabia.

Lanscombe sempre o achara um cavalheiro de aparência muito imponente, e sentia-se satisfeito por nunca tê-lo conhecido pessoalmente. O sr. Richard é que tinha sido o seu cavalheiro. Um bom patrão, o sr. Richard. E partira de maneira tão repentina, apesar de que, é claro, o médico já o estivesse atendendo por algum tempo. Porém, o patrão nunca se recuperara do choque da morte do jovem sr. Mortimer. O velho balançou a cabeça enquanto se apressava, entrando pela porta falsa que dava para o budoar branco. Havia sido

terrível, uma verdadeira catástrofe. Um jovem cavalheiro tão decente, tão forte e saudável. Seria impossível pensar que algo assim pudesse acontecer a ele. Lamentável, fora bastante lamentável. E o sr. Gordon morto na guerra. Uma coisa em cima da outra. Era assim que as coisas aconteciam hoje em dia. Fora demais para o patrão. E, no entanto, na semana anterior, ele parecia quase o mesmo homem de antigamente.

A terceira persiana no budoar branco recusava-se a subir como deveria. Ela subiu um pouco e ficou presa. As molas estavam fracas – era este o problema –, as persianas eram muito velhas, como todo o resto na casa. E não se conseguia alguém para consertar essas coisas velhas hoje em dia. Antiquadas demais, era o que eles diriam, balançando a cabeça daquele jeito tolo e superior, como se as coisas velhas não fossem bem melhores do que as novas! Disso ele tinha certeza! Bugigangas, a metade dessas coisas novas caíam aos pedaços em suas mãos. O material não era bom, tampouco o acabamento. Ah sim, disso ele tinha certeza.

Não havia nada a ser feito com essa persiana, a não ser que ele pegasse a escada. Ele não gostava muito de subir em escadas ultimamente, elas o deixavam com vertigem. De qualquer maneira, ele deixaria a persiana por ora. Não importava, já que o budoar branco não ficava na parte da frente da casa, onde seria visto quando os carros voltassem do funeral – e, além do mais, o quarto nunca era utilizado hoje em dia. Era o aposento de uma dama, e agora já fazia muito tempo que não havia uma dama em Enderby. Uma pena que o sr. Mortimer não tivesse se casado. Preferia ir à Noruega pescar, à Escócia caçar e à Suíça para aqueles esportes

de inverno, em vez de se casar com uma boa moça e se aquietar em casa com os filhos correndo ao redor. Fazia muito tempo que não havia criança alguma na casa.

E a mente de Lanscombe remeteu-se a uma época que sobressaía clara e distinta – muito mais distinta do que os últimos vinte e poucos anos, que pareciam confusos e apagados, de modo que ele não conseguia lembrar-se realmente de quem havia chegado e partido, ou mesmo de suas aparências. Mas ele se lembrava bastante bem dos velhos tempos.

O sr. Richard fora como um pai para aqueles seus jovens irmãos e irmãs. Ele tinha 24 anos quando o pai morreu, e lançou-se sem pestanejar aos negócios, saindo de casa todos os dias, tão pontual quanto um relógio, e mantendo a casa e tudo mais com o maior luxo possível. Um lar muito feliz, com todas aquelas jovens damas e aqueles cavalheiros crescendo. Havia brigas e discussões de vez em quando, por certo, e aquelas governantas passavam trabalho! Criaturas mesquinhas, as governantas; Lanscombe sempre as desprezara. As jovens damas haviam sido muito vivazes. A srta. Geraldine em particular. A srta. Cora também, apesar de ser muito mais jovem. E agora o sr. Leo estava morto, e a srta. Laura havia partido também. E o sr. Timothy era um triste inválido. E a srta. Geraldine falecera em algum lugar no exterior. E o sr. Gordon, na guerra. Apesar de ser o mais velho, o sr. Richard mostrou-se o mais forte entre eles. Vivera mais do que todos – ou não exatamente, porque o sr. Timothy ainda estava vivo e também a pequena srta. Cora, que havia casado com aquele sujeito, um artista desagradável. Vinte e cinco anos desde que ele a vira e ela era uma bela garota quando partiu com aquele sujeito. E agora ele mal a reconheceria, ela engordou

tanto e veste-se com tanto desleixo! Seu marido era francês, ou quase francês, e não se ganha nada casando com um deles! Mas a srta. Cora sempre fora um pouco... bem, simplória, diríamos, se ela vivesse em um vilarejo. Sempre havia um filho assim em toda família.

Ela se lembrava bem dele. "Ora, é você, Lanscombe!", ela dizia, e parecia sempre muito contente em vê-lo. Todos gostavam dele nos velhos tempos e, quando havia um jantar formal, esgueiravam-se até a copa, e ele lhes dava geleia e charlotte quando a sobremesa voltava da sala de jantar. Todos eles conheceram o velho Lanscombe, e agora mal havia alguém que se lembrasse. Somente os mais jovens, de quem ele nunca conseguia se recordar direito, que o consideravam apenas um mordomo que estava ali há muito tempo. "Um bando de estranhos", ele pensou, quando todos chegaram do funeral, "e que bando maltrapilho de estranhos!"

Não a sra. Leo; ela era diferente. Ela e o sr. Leo haviam visitado a casa de tempos em tempos desde que se casaram. Era uma mulher simpática, a sra. Leo – uma verdadeira dama. Vestia roupas apropriadas, cuidava bem do seu cabelo e aparentava o que era. E o patrão sempre gostara dela. Uma pena que ela e o sr. Leo nunca tiveram filhos...

Lanscombe despertou do seu devaneio; o que ele estava fazendo parado ali e sonhando com os velhos tempos, com tantas coisas para fazer? Todas as persianas do térreo já haviam sido abertas, e ele mandara Janet ao andar de cima para arrumar os quartos. Ele, Janet e a cozinheira foram à cerimônia na igreja, mas, em vez de continuarem até o crematório, voltaram de carro para

abrir as persianas e preparar o almoço. Um almoço frio, é claro, como tinha de ser. Presunto, frango, língua e salada. Com suflê frio de limão e torta de maçã para depois. Sopa quente primeiro – e era melhor ele ir ver se Marjorie a deixara pronta para servir, pois eles estariam de volta em poucos minutos, com certeza.

Lanscombe atravessou o aposento em um trote arrastado. Seu olhar, abstraído e discreto, apenas passou pelo retrato sobre a lareira – companheiro daquele que estava na sala verde. Era uma bela pintura de cetim branco e pérolas. O ser humano em torno de quem elas estavam presas e drapejadas não era nem de perto tão interessante. Traços resignados, a boca rósea, o cabelo partido ao meio. Uma mulher modesta e despreziosa. A única coisa digna de nota a respeito da sra. Cornelius Abernethie fora seu nome: Coralie.

Por mais de sessenta anos após seu aparecimento, a Emplastos para Calos Coral e sua parceira Coral, de produtos para os pés, ainda mantinham seu espaço no mercado. Se já houve algo extraordinário sobre seus produtos, ninguém sabe, mas eles haviam conquistado o gosto do público. Os rendimentos da empresa proporcionaram a construção desse palácio neogótico e de seus hectares de jardins, além de terem sustentado sete filhos e filhas e permitido que Richard Abernethie morresse, há três dias, muito rico.

II

Ao aparecer na porta da cozinha com uma palavra de censura, Lanscombe ouviu uma resposta ríspida de Marjorie, a cozinheira. Ela era jovem, apenas 27 anos, e

era uma constante irritação para Lanscombe por estar tão distante do que ele acreditava ser uma cozinheira apropriada. Marjorie não tinha dignidade e não tinha o devido respeito à posição de Lanscombe. Ela frequentemente chamava a casa de “um verdadeiro mausoléu antigo” e reclamava da imensa área da cozinha, copa e despensa, dizendo que levava “um dia para percorrer tudo”. Ela estava em Enderby há dois anos e ficara apenas porque, em primeiro lugar, o pagamento era bom e, em segundo, porque o sr. Abernethie havia gostado muito de sua comida. Ela cozinhava muito bem.

Janet, que estava ao lado da mesa da cozinha refrescando-se com uma xícara de chá, era a empregada idosa que, apesar de gostar de constantes e ácidas discussões com Lanscombe, estava, no entanto, quase sempre aliada a ele contra a geração mais jovem representada por Marjorie. A quarta pessoa na cozinha era a sra. Jacks, que fora admitida para ajudar no que fosse preciso e que havia se divertido bastante no funeral.

– Foi bonito – disse ela, fungando decorosamente enquanto enchia de novo sua xícara. – Dezenove carros, e a igreja bastante lotada. Achei que o cônego conduziu uma bela cerimônia. Um belo dia para isso, também. Ah, pobre e querido sr. Abernethie, já não há muitos como ele no mundo. Ele era respeitado por todos.

Houve o toque de uma buzina e o ruído de um carro entrando no acesso da casa, e a sra. Jacks largou sua xícara e exclamou:

– Eles chegaram!

Marjorie aumentou o fogo sob sua grande caçarola de sopa cremosa de frango. O enorme espaço da cozinha, dos dias de grandeza vitoriana, permanecia frio

e abandonado, como um altar ao passado.

Os carros chegaram, um depois do outro, e as pessoas que saíram deles vestidas de preto atravessaram um tanto indecisas o saguão de entrada, até a grande sala verde. Um fogo ardia na grande grade de aço, tributo ao primeiro frio dos dias de outono e com a intenção de combater o frio ainda mais intenso de um funeral.

Lanscombe entrou na sala oferecendo copos de xerez em uma bandeja de prata.

O sr. Entwhistle, sócio sênior da antiga e respeitada firma Bollard, Entwhistle, Entwhistle e Bollard, estava de costas para o fogo, aquecendo-se. Ele aceitou um copo de xerez e examinou os presentes com seu olhar arguto de advogado. Não conhecia todos pessoalmente e precisava saber quem era quem, por assim dizer. As apresentações antes da partida para o funeral haviam sido apressadas e superficiais.

Avaliando primeiro o velho Lanscombe, o sr. Entwhistle pensou consigo mesmo: "Está ficando bem debilitado, pobre velhinho. Com quase noventa anos, já era de se esperar. Bem, ele receberá aquela bela anuidadezinha. Não terá com o que se preocupar. Alma fiel. Hoje em dia não existe nada parecido com os serviços de antigamente. Babás e empregadas, que Deus nos ajude! Triste mundo. Talvez tenha sido melhor para o pobre Richard não ter durado mais tempo. Ele não tinha muito pelo que viver".

Para o sr. Entwhistle, que tinha 72 anos, a morte de Richard Abernethie aos 68 era definitivamente precoce. O sr. Entwhistle havia se aposentado há dois anos, mas, como executor do testamento de Richard Abernethie e

em respeito a um dos seus clientes mais antigos, que também era um amigo, ele fizera a viagem para o Norte.

Refletindo consigo mesmo sobre as provisões do testamento, ele avaliou a família.

A sra. Leo, Helen, ele conhecia bem, é claro. Uma mulher encantadora, por quem ele tinha tanto carinho quanto respeito. Seus olhos pousaram de maneira aprovadora sobre ela, agora que estava parada junto a uma das janelas. O preto lhe caía bem. Ela mantinha-se elegante. Ele gostava dos traços bem marcados, a linha de cabelo grisalho que começava em suas têmporas e os olhos, que certa vez foram comparados a centáureas e que ainda eram intensamente azuis.

Que idade teria Helen agora? Cinquenta e um – ou dois, ele imaginava. Estranho que ela não tivesse casado de novo após a morte de Leo. Uma mulher atraente. Ah, mas eles haviam sido muito dedicados um ao outro, esses dois.

Seus olhos seguiram até a sra. Timothy. Ele nunca a conhecera a fundo. O preto não lhe caía bem – trajes do campo eram seu estilo de vestir. Uma mulher gorda, sensata e de aparência competente. Ela sempre fora uma esposa boa e devotada para Timothy, cuidando da sua saúde e das suas necessidades nos mínimos detalhes – talvez até demais. Havia algum problema real com Timothy? Apenas um hipocondríaco, suspeitava o sr. Entwhistle. Richard Abernethie também havia suspeitado. “Asma, é claro, quando era garoto”, dissera ele. “Mas aposto que não há nada de errado com ele agora.” Bem, todos precisam de um passatempo. O de Timothy era um interesse na sua própria saúde, que excluía todo o resto. A sra. Tim havia sido iludida? Provavelmente não, mas mulheres nunca admitem esse tipo de coisa. Timothy

deve ter uma situação econômica bastante confortável. Ele nunca fora um gastador. Entretanto, dinheiro extra não faria mal – não nesses dias de altos impostos. Ele provavelmente teve de reduzir bastante seu padrão de vida desde a guerra.

O sr. Entwhistle transferiu sua atenção para George Crossfield, filho de Laura. Ela havia se casado com um sujeito suspeito. Ninguém sabia muito a respeito dele. Dizia ser corretor de valores. O jovem George trabalhava no escritório de um advogado – uma firma sem grande reputação. Um rapaz bonito, mas havia algo um tanto vago a seu respeito. Não aparentava ter muito do que viver. Laura havia sido uma completa idiota em seus investimentos. Deixara quase nada ao morrer, cinco anos antes. Era uma garota bela e romântica, mas sem nenhum sentido prático para o dinheiro.

Os olhos do sr. Entwhistle seguiram em frente, deixando George Crossfield. Quem das duas garotas era quem? Ah, sim, aquela era Rosamund, a filha de Geraldine, olhando para as flores de cera na mesa de malaquita. Bela garota, linda, na verdade, um rosto um tanto tolo. Atriz. Grupo de teatro, ou alguma bobagem assim. Havia casado com um ator, também. Um rapaz bonito. “E sabe que é”, pensou o sr. Entwhistle, que tinha preconceito contra o palco como profissão. “É de se perguntar qual a formação dele e de onde ele vem.”

Ele olhou com desaprovação para Michael Shane, com seu cabelo loiro e charme indômito.

Já Susan, filha de Gordon, teria um futuro muito melhor no palco do que Rosamund. Mais personalidade. Um pouco de personalidade demais para a vida do dia a dia, talvez. Ela estava bastante próxima, e o sr.

Entwhistle a estudou veladamente. Cabelo escuro, olhos cor de avelã quase dourados, uma boca amuada e atraente. Ao seu lado o marido com quem ela recém casara – até onde ele sabia, um balconista de farmácia. Ora essa, um atendente de farmácia! De acordo com os princípios do sr. Entwhistle, garotas não se casam com rapazes que trabalham atrás de um balcão. Mas hoje em dia, é claro, elas se casam com qualquer um! O rapaz, que tinha um rosto pálido indefinível e cabelo ruivo, parecia muito pouco à vontade. O sr. Entwhistle perguntou-se por que, mas decidiu, de maneira caridosa, que era a tensão de conhecer tantos parentes da sua esposa.

Por último em seu exame, o sr. Entwhistle chegou a Cora Lansquenet. Havia certa justiça nisso, pois Cora havia sido, com toda certeza, um acontecimento tardio na família. Irmã mais nova de Richard, ela nascera quando sua mãe beirava os cinquenta anos, e esta mulher submissa não resistiu à décima gravidez (três filhos haviam morrido ainda bebês). Pobre e pequena Cora! Durante toda sua vida, Cora fora um grande constrangimento, tornara-se alta, desajeitada e dada a fazer sempre comentários impensados, quando o melhor seria ficar em silêncio. Todos os seus irmãos e irmãs mais velhos foram muito gentis com Cora, conciliando suas deficiências e cobrindo seus equívocos sociais. Nunca ocorreu realmente a ninguém que Cora se casaria. Ela nunca fora uma garota muito atraente, e seus avanços bastante óbvios aos rapazes visitantes normalmente faziam com que estes recuassem um pouco assustados.

E então, refletiu o sr. Entwhistle, ocorrera o episódio Lansquenet. Pierre Lansquenet, meio francês, que ela

conhecera em uma escola de artes onde tinha aulas muito apropriadas de pintura de flores em aquarela. Mas, de alguma maneira, ela entrara na aula de modelos vivos, lá conhecera Pierre Lansquenet e voltara para casa anunciando sua intenção de se casar com ele. Richard Abernethie opôs-se firmemente. Ele não gostava do que havia visto de Pierre Lansquenet e suspeitava que o rapaz estivesse, na verdade, em busca de uma esposa rica. No entanto, enquanto ele fazia algumas pesquisas sobre os antecedentes de Lansquenet, Cora fugiu com o sujeito e casou-se com ele de imediato. Eles haviam passado a maior parte da sua vida de casados na Bretanha e na Cornualha, e em outros refúgios tradicionais de pintores. Lansquenet era um pintor muito ruim e, com certeza, um homem não muito bom, mas Cora lhe continuou fiel e nunca perdoou sua família por sua atitude para com ele.

Richard havia generosamente dado uma mesada à sua irmã menor, e disso eles haviam, assim acreditava o sr. Entwhistle, vivido. Ele duvidava de que algum dia Lansquenet tivesse ganhado algum dinheiro. “Deve fazer doze anos ou mais que ele morreu”, pensou o sr. Entwhistle. E agora aqui estava sua viúva, com um corpo bastante matronal e vestindo um conjunto preto, fino e artístico, decorado com contas de âmbar negro, de volta ao lar de sua mocidade, andando de um lado para o outro, tocando as coisas e exclamando com prazer ao evocar memórias de infância. Ela não demonstrara tristeza alguma com a morte do irmão. De qualquer forma, refletiu o sr. Entwhistle, Cora nunca fingira.

Tornando a entrar na sala, Lanscombe murmurou em tom baixo, adequado à ocasião:

– O almoço está servido.

CAPÍTULO 2

Após a deliciosa sopa de frango e uma fartura de iguarias frias acompanhadas por um excelente Chablis, a atmosfera do funeral ficou mais leve. Ninguém sentira realmente qualquer luto profundo pela morte de Richard Abernethie, já que nenhum deles tinha uma relação próxima com ele. O comportamento deles havia sido adequadamente digno e correto (com a exceção da desinibida Cora, que estava se divertindo de maneira evidente), mas agora havia o sentimento de que o decoro fora observado e as conversas normais poderiam ser retomadas. O sr. Entwhistle encorajou essa atitude. Ele tinha experiência em funerais e sabia exatamente como estabelecer o andamento correto para a ocasião.

Terminada a refeição, Lanscombe anunciou que o café seria servido na biblioteca. Era seu talento para amenidades. Havia chegado o momento em que negócios – em outras palavras, O Testamento – seriam discutidos. A biblioteca tinha a atmosfera apropriada para isso, com suas estantes e cortinas pesadas de veludo vermelho. Ele lhes serviu café e então se retirou, fechando a porta.

Após alguns comentários vagos, todos começaram a olhar com expectativa para o sr. Entwhistle. Ele reagiu prontamente após olhar para seu relógio.

– Eu tenho de pegar o trem das três e meia – falou.

Outros, pelo visto, também tinham de pegar aquele trem.

– Como vocês sabem – disse o sr. Entwhistle –, sou

o executor do testamento de Richard Abernethie...

Ele foi interrompido.

– Eu não sabia – disse Cora Lansquenet animada. – Você é? Ele me deixou alguma coisa?

Não pela primeira vez, o sr. Entwhistle sentiu que Cora era dada demais a falar fora de hora.

Lançando-lhe um olhar reprovador, ele continuou:

– Até um ano atrás, o testamento de Richard Abernethie era muito simples. Salvo alguns legados, ele deixava tudo para seu filho Mortimer.

– Pobre Mortimer – disse Cora. – Acho terrível todo esse problema de paralisia infantil.

– A morte de Mortimer, ocorrida de maneira tão repentina e trágica, foi um golpe enorme para Richard. Ele levou alguns meses para se recuperar. Indiquei-lhe que seria aconselhável que ele refizesse seu testamento.

Maude Abernethie perguntou, com sua voz grave:

– O que aconteceria se ele não tivesse feito um novo testamento? Tudo iria para Timothy? Como parente mais próximo, quero dizer?

O sr. Entwhistle quase começou uma dissertação sobre o assunto do parentesco mais próximo, mas pensou melhor e disse energicamente:

– Seguindo meus conselhos, Richard decidiu fazer um novo testamento. Em primeiro lugar, entretanto, ele decidiu conhecer melhor a geração mais jovem.

– Ele queria nos avaliar – disse Susan, com uma risada súbita e vigorosa. – Primeiro George, em seguida Greg e eu e, por fim, Rosamund e Michael.

O rosto magro de Gregory Banks enrubesceu, e ele disse rispidamente:

– Acho que você não deveria falar assim, Susan. Nos

avaliar, ora essa!

– Mas era isso, não era, sr. Entwhistle?

– Ele me deixou alguma coisa? – repetiu Cora.

O sr. Entwhistle tossiu e disse friamente:

– Minha intenção é enviar-lhes cópias do testamento.

Posso lê-lo inteiro agora, se quiserem, mas sua fraseologia legal pode parecer bastante obscura. Em resumo, trata-se disto: após determinadas doações e um legado substancial para Lanscombe adquirir uma anuidade, a maior parte da herança, que é bastante considerável, deve ser dividida em seis partes iguais. Quatro delas, depois que todas as obrigações forem pagas, devem ir para o irmão de Richard, Timothy, seu sobrinho George Crossfield, sua sobrinha Susan Banks e sua sobrinha Rosamund Shane. As outras duas partes devem ser confiadas a um procurador, e a renda obtida delas paga à sra. Helen Abernethie, viúva do seu irmão Leo, e à sua irmã, sra. Cora Lansquenet, enquanto viverem. O capital, após suas mortes, deve ser dividido entre os outros quatro beneficiários ou sua prole.

– Isso é ótimo! – disse Cora Lansquenet, com verdadeira gratidão. – Uma renda! Quanto?

– Eu... hum... não sei ao certo, no momento. Os impostos sobre a herança, claro, serão pesados...

– O senhor pode me dar uma ideia?

O sr. Entwhistle se deu conta de que Cora tinha de ser aquietada.

– Talvez algo em torno de três a quatro mil por ano.

– Que bom! – exclamou Cora. – Vou para Capri.

Helen Abernethie disse ternamente:

– Que atitude gentil e generosa da parte de Richard.

Fico grata pelo seu afeto por mim.

– Ele gostava muito da senhora – comentou o sr. Entwhistle. – Leo era seu irmão favorito e, depois que ele morreu, suas visitas foram sempre muito apreciadas.

Helen disse, com pesar:

– Quisera ter percebido que ele estava mal. Eu o visitei um pouco antes da sua morte, mas, apesar de saber que ele estava doente, não achei que fosse grave.

– Sempre foi grave – afirmou o sr. Entwhistle. – Mas ele não queria que se falasse a respeito, e não creio que alguém esperava que o fim chegasse assim tão cedo. Sei que o médico ficou bastante surpreso.

– “Subitamente, em sua residência” era o que estava escrito no jornal – disse Cora, balançando afirmativamente sua cabeça. – Não soube o que dizer, então.

– Foi um choque para todos nós – disse Maude Abernethie. – Timothy ficou muito aborrecido. “Tão repentino”, ele não parava de dizer. “Tão repentino.”

– Ainda assim, o segredo foi bem mantido, não foi? – falou Cora.

Todos a encararam, e ela pareceu um pouco perturbada.

– Acho que vocês estão bastante certos – continuou Cora apressadamente. – Quero dizer, certos mesmo. Não ajudaria em nada tornar pública a história. Muito desagradável para todos. Deve ser mantida estritamente em família.

Os rostos voltados para ela pareciam ainda mais inexpressivos.

O sr. Entwhistle inclinou-se para frente:

– Na verdade, Cora, temo não entender bem o que

você quer dizer.

Cora Lansquenet olhou em volta para sua família com os olhos arregalados. Ela inclinou a cabeça para um lado, como um pássaro.

– Mas ele foi assassinado, não foi? – disse ela.

I

Viajando para Londres no canto de um vagão de primeira classe, o sr. Entwhistle deixou-se divagar, um tanto inquieto, a respeito daquela observação extraordinária feita por Cora Lansquenet. Estava claro que ela era uma mulher bastante desequilibrada e excessivamente estúpida, e era conhecida, desde garota, pelo modo constrangedor com que falava sem pensar verdades indesejáveis. De qualquer forma, “verdades” não era o que ele queria dizer – esta não era bem a palavra certa. “Declarações inapropriadas” era uma expressão muito melhor.

Ele rememorou consigo a sequência imediata daquela observação infeliz. A expressão combinada de muitos olhos sobressaltados e desaprovadores havia chamado a atenção de Cora para a perversidade do que dissera.

Maude exclamara: “Por favor, Cora!”. George havia dito: “Minha cara tia Cora...”. Outra pessoa dissera: “O que a senhora quis dizer com isso?”.

E imediatamente Cora Lansquenet, desconcertada e condenada pelo ultraje, irrompeu em frases nervosas.

– Oh, desculpe, não era minha intenção. É claro, foi muita estupidez minha, mas imaginei, pelo que ele tinha dito... Claro que eu sei que isso está certo, mas sua morte foi tão repentina... Por favor, esqueçam que eu disse qualquer coisa, eu não queria parecer tão estúpida,

eu sei que sempre digo a coisa errada.

Logo o desconforto momentâneo passara, e houvera uma discussão prática sobre a distribuição dos bens pessoais do falecido Richard Abernethie. A casa e o que estava dentro dela, acrescentou o sr. Entwhistle, seriam colocados à venda.

A gafe infeliz de Cora havia sido esquecida. Afinal de contas, Cora sempre fora, se não simplória, pelo menos constrangedoramente ingênua. Ela nunca fizera ideia alguma do que deveria ou não ser dito. Aos dezenove anos isso não tinha tanta importância. Os maneirismos de um enfant terrible poderiam persistir até então, mas um enfant terrible de quase cinquenta anos era decididamente desconcertante. Despejar verdades inconvenientes...

A linha de pensamento do sr. Entwhistle foi interrompida de maneira abrupta. Era a segunda vez que aquela palavra perturbadora lhe havia ocorrido. Verdades. E por que ela era tão perturbadora? Porque, é claro, sempre estivera oculta sob o constrangimento que os comentários sinceros de Cora causaram. Porque suas declarações ingênuas foram verdadeiras ou contiveram uma ponta de verdade é que haviam sido tão constrangedoras!

Apesar de o sr. Entwhistle ver pouca semelhança entre a mulher rechonchuda de 49 anos e a garota desajeitada de tempos passados, certos maneirismos de Cora haviam persistido – a ligeira inclinação da cabeça, como um pássaro, enquanto ela fazia uma observação particularmente absurda, certo ar de expectativa deleitada. Dessa mesma maneira, Cora fizera certa vez um comentário sobre o corpo da auxiliar de cozinha: "A

Mollie mal consegue chegar perto da mesa da cozinha, de tão saliente que está sua barriga. Ela está assim apenas há um mês ou dois. Por que será que ela está ficando tão gorda?”.

Cora fora rapidamente silenciada. O lar dos Abernethie tinha um tom vitoriano. A auxiliar de cozinha desaparecera da propriedade no dia seguinte e, após a devida investigação, ordenou-se ao segundo jardineiro que fizesse dela uma mulher honesta e uma cabana lhe fora dada para que assim procedesse.

Lembranças distantes, mas faziam sentido...

O sr. Entwhistle fez uma análise mais minuciosa do seu desconforto. O que havia nas observações ridículas de Cora que permanecia para importunar seu subconsciente de tal maneira? De imediato, ele isolou duas frases: “Imaginei, pelo que ele havia dito” e “sua morte foi tão repentina...”.

O sr. Entwhistle examinou aquele último comentário primeiro. Sim, a morte de Richard poderia, de certa maneira, ser considerada súbita. Ele havia discutido a saúde de Richard tanto com o próprio Richard quanto com seu médico. Este indicara claramente que uma vida longa não poderia ser esperada. Se o sr. Abernethie cuidasse bem de si mesmo, talvez ele vivesse dois anos ou, até mesmo, três. Talvez mais, mas era improvável. De qualquer maneira, o médico não antecipara um colapso no futuro próximo.

Bem, o médico estivera errado, mas médicos, como eram eles mesmos os primeiros a admitir, nunca poderiam estar certos da reação individual de um paciente a uma doença. Casos em que não havia mais nada a ser feito, inesperadamente, se recuperavam. Pacientes a caminho da recuperação tinham uma recaída

e morriam. Muito dependia da vitalidade do paciente, da sua própria vontade interior de viver.

E Richard Abernethie, apesar de ser um homem forte e vigoroso, não tinha um grande incentivo para viver.

Fazia, então, seis meses desde que seu único filho sobrevivente, Mortimer, havia contraído paralisia infantil e morrido em uma semana. Sua morte fora um choque muito maior pelo fato de ele ter sido um rapaz particularmente forte e cheio de vida. Ávido esportista, ele também fora um bom atleta e uma daquelas pessoas de quem se dizia que nunca estiveram doentes por um dia sequer em suas vidas. Ele estava prestes a noivar com uma garota muito encantadora, e as esperanças futuras de seu pai estavam centradas nesse filho adorado.

Em vez disso, sobreviera a tragédia. E, além de um sentimento de perda pessoal, o futuro oferecia pouco para incitar o interesse de Richard Abernethie. Um filho havia morrido ainda bebê, o segundo sem prole. Ele não tinha netos. Não havia, na realidade, ninguém com o nome Abernethie para suceder-lhe, e ele era proprietário de uma vasta fortuna, com amplos negócios que ele mesmo ainda controlava em certa medida. Quem herdaria aquela fortuna e o controle dos negócios?

Que isso havia preocupado Richard profundamente, Entwhistle sabia. Seu único irmão sobrevivente era quase um inválido. Restava a geração mais jovem. "Richard pretendia", pensou o advogado, "apesar de nunca tê-lo dito, escolher um sucessor, embora fosse provável que legados menores tivessem de ser providenciados." De qualquer maneira, como Entwhistle sabia, nos últimos seis meses Richard Abernethie convidara para visitá-lo,

em sucessão, seu sobrinho George, sua sobrinha Susan e o marido, sua sobrinha Rosamund e o marido, e sua cunhada, a sra. Leo Abernethie.

“Foi entre os primeiros três”, assim pensou o advogado, “que Abernethie procurou por seu sucessor. Helen Abernethie”, ele refletiu, “havia sido convidada por afeto pessoal e, possivelmente, até mesmo como alguém para consultar, pois Richard sempre tivera em alta conta seu bom-senso e julgamento prático.” O sr. Entwhistle também lembrava-se de que, em algum momento durante aquele período de seis meses, Richard havia feito uma curta visita ao seu irmão Timothy.

O resultado obtido era o testamento que o advogado carregava agora na sua pasta. Uma distribuição equânime de propriedades. A única conclusão a que se poderia chegar, portanto, era a de que ele se desapontara do mesmo modo com seu sobrinho e suas sobrinhas, ou talvez com os maridos das sobrinhas.

Até onde o sr. Entwhistle sabia, ele não havia convidado sua irmã, Cora Lansquenet, para visitá-lo, e isso trazia o advogado de volta àquela primeira frase perturbadora que Cora deixara escapar de maneira tão incoerente: “Mas imaginei, pelo que ele tinha dito...”.

O que Richard Abernethie havia dito? E quando ele havia dito? Se Cora não estivera em Enderby, então Richard Abernethie deve tê-la visitado no vilarejo artístico em Berkshire, onde ela tinha uma casa de campo. Ou teria sido algo que Richard havia mencionado em uma carta?

O sr. Entwhistle franziu o cenho. Cora, é claro, era

uma mulher muito estúpida. Ela poderia facilmente ter interpretado mal uma frase e distorcido seu significado. Mas ele se perguntava qual frase poderia ter sido...

Ele se sentia inquieto o suficiente para considerar a possibilidade de abordar a sra. Lansquet sobre o assunto. Não tão cedo. Melhor não fazer com que isso pareça importante. Mas ele gostaria de saber exatamente o que Richard Abernethie lhe havia dito para que ela ousasse fazer, tão vivamente, aquela pergunta terrível: “Mas ele foi assassinado, não foi?”.

II

Em um vagão de terceira classe, mais distante no trem, Gregory Banks disse à sua esposa:

– Aquela sua tia deve ser completamente maluca!
– Tia Cora? – Susan foi vaga. – Oh, sim, creio que ela sempre foi um pouco simplória ou algo do gênero.

George Crossfield, sentado de frente para ela, disse de maneira ríspida:

– Ela realmente tem de ser proibida de sair dizendo coisas desse tipo. Isso pode colocar ideias na cabeça das pessoas.

Rosamund Shane, concentrada em delinear o arco de cupido da sua boca com batom, murmurou vagamente:

– Não acredito que alguém preste atenção no que uma biruta como ela diz. As roupas mais esquisitas e contas e mais contas de âmbar negro...

– Bem, acredito que alguém tenha de impedi-la –

disse George.

– Tudo bem, querido – riu Rosamund, largando seu batom e contemplando sua imagem no espelho com satisfação. – Faça isso.

Seu marido disse inesperadamente:

– Eu acho que George está certo. É tão fácil espalhar rumores.

– Ora, e isso teria alguma importância? – Rosamund contemplou a pergunta. Os cantos do arco de cupido levantaram-se em um sorriso. – Poderia ser bastante divertido.

– Divertido? – quatro vozes questionaram.

– Ter um assassinato na família – continuou Rosamund. – Vocês sabem, emocionante!

Ocorreu àquele rapaz nervoso e infeliz, Gregory Banks, que a prima de Susan, deixando de lado sua aparência atraente, poderia ter alguns ligeiros pontos de semelhança com sua tia Cora. As próximas palavras dela apenas confirmaram sua impressão.

– Se ele foi assassinado – disse Rosamund –, quem você acha que o matou?

Seu olhar vagou pensativamente pelo vagão.

– Sua morte foi muito conveniente para todos nós – disse ela, pensativa. – Michael e eu estamos sem um tostão. Ofereceram a Mick um papel bastante interessante na peça de Sandbourne, se ele pudesse esperar. Agora, viveremos sem preocupações. Poderemos financiar nossos próprios espetáculos se quisermos. Na verdade há uma peça com um papel simplesmente maravilhoso...

Ninguém ouviu a dissertação extasiada de

Rosamund. A atenção de todos havia mudado para seus próprios futuros imediatos.

“Essa foi por pouco”, pensou George consigo mesmo. “Agora posso devolver aquele dinheiro, e ninguém vai ficar sabendo... Mas passou perto.”

Gregory fechou os olhos enquanto se recostava no assento. Fuga da servidão.

Susan disse com sua voz límpida e bastante dura:

– Eu sinto muito, é claro, pelo pobre tio Richard.

Mas, por outro lado, ele era muito velho, Mortimer havia morrido, ele não tinha razão alguma para viver e teria sido terrível para ele continuar como um inválido, ano após ano. Muito melhor para ele desaparecer subitamente, assim, sem alarde.

Seus olhos jovens, duros, confiantes, enterneceram-se ao pousar sobre o rosto absorto de seu marido. Ela adorava Greg. Ela sentia vagamente que ele se importava menos com ela do que ela com ele, mas isso apenas fortalecia sua paixão. Greg era dela, ela faria qualquer coisa por ele. Qualquer coisa...

III

Maude Abernethie, mudando seu vestido para jantar em Enderby (pois ela passaria a noite lá), perguntou-se se não deveria ter se oferecido para ficar mais tempo e ajudar Helen com a organização e a limpeza da casa. Havia todos os itens pessoais de Richard... Poderia haver cartas... Todos os papéis importantes, ela supunha, já haviam sido levados pelo sr. Entwistle. E era necessário que ela voltasse para Timothy tão logo fosse possível. Ele

se preocupava demais quando ela não estava por perto para cuidar dele. Maude esperava que ele ficasse satisfeito com o testamento, e não incomodado. Timothy esperara, ela tinha consciência disso, que a maior parte da fortuna de Richard viesse para ele. Afinal de contas, ele era o único Abernethie sobrevivente.

Richard poderia certamente ter confiado nele para cuidar da geração mais jovem. Sim, ela temia que Timothy ficasse incomodado... E isso era tão ruim para sua digestão... Quando ficava incomodado, Timothy podia tornar-se bastante irracional. Havia momentos em que ele parecia perder seu sentido de proporção... Ela se perguntava se deveria falar com o dr. Barton a esse respeito... Aquelas pílulas para dormir... Timothy vinha tomando uma quantidade demasiada delas... Ele se enfurecia tanto quando ela queria tirar o frasco dele. Mas elas poderiam ser perigosas, o dr. Barton havia dito. Você poderia ficar sonolento e esquecer que as havia tomado, e então tomar mais. E então qualquer coisa poderia acontecer! Certamente não havia tantas sobrando no frasco quanto deveria haver... Timothy era realmente muito travesso com seus remédios. Ele não a ouvia... Ele era muito difícil às vezes.

Ela suspirou e, então, animou-se. As coisas seriam muito mais fáceis agora. O jardim, por exemplo...

IV

Helen Abernethie sentou-se junto ao fogo na sala de estar verde, esperando Maude descer para o jantar.

Ela olhou à sua volta, lembrando os velhos tempos,

com Leo e os outros. Fora um lar feliz. Mas uma casa como essa precisava de pessoas. Precisava de crianças, empregados, grandes refeições e uma abundância de lareiras exuberantes no inverno. Havia sido um lar triste quando habitado por um velho que havia perdido seu filho...

“Quem a compraria?”, ela se perguntava. Seria transformada em um hotel, ou um instituto, ou talvez uma destas pousadas para jovens? Era o que acontecia com essas casas enormes hoje em dia. Ninguém as compraria para viver nelas. Seria derrubada, talvez, e toda a propriedade seria ocupada por prédios. Helen sentia-se triste ao pensar nessa possibilidade, mas colocou a tristeza de lado de maneira resoluta. Não era bom viver no passado. Essa casa, e os dias felizes ali, e Richard, e Leo, tudo isso foi bom, mas havia acabado. Ela tinha seus próprios interesses... E agora, com a renda que Richard lhe havia deixado, ela seria capaz de manter a casa de verão no Chipre e fazer tudo o que planejava.

Como ela andara preocupada com dinheiro ultimamente, impostos e todos os investimentos dando errado... Agora, graças ao dinheiro de Richard, tudo isso acabara...

Pobre Richard. Morrer dormindo dessa forma fora uma grande bênção... De súbito, no dia 22 – ela achava que isso colocara a ideia na cabeça de Cora. Cora era um verdadeiro absurdo! Ela sempre fora. Helen se lembrava de tê-la encontrado certa vez no exterior, logo após seu casamento com Pierre Lansquenet. Ela estivera particularmente infantil e tediosa naquele dia, meneando a cabeça e fazendo declarações dogmáticas a respeito de pintura, em particular a respeito da pintura de seu

marido, o que devia ser bastante constrangedor para ele. Nenhum homem poderia gostar de ver sua esposa parecer tão tola. E Cora era tola! Bem, pobrezinha, ela não conseguia evitar, e aquele seu marido não a havia tratado tão bem assim.

O olhar de Helen pousou distraído em um buquê de flores de cera que estava sobre uma mesa redonda de malaquita. Cora estivera sentada ao lado dele quando todos estavam sentados esperando a partida para a igreja. Ela estava cheia de reminiscências e reconhecimentos prazerosos de várias coisas e estava evidentemente tão satisfeita por estar de volta à sua velha casa que havia esquecido de todo a razão pela qual eles estavam reunidos.

“Mas talvez”, pensou Helen, “ela fosse apenas menos hipócrita que o resto de nós...”

Cora nunca se dispusera a observar as convenções. Veja a maneira com que ela disparou a pergunta: “Mas ele foi assassinado, não foi?”.

Os rostos à sua volta, sobressaltados, chocados, encarando-a! Que variedade de expressões deve ter havido naqueles rostos...

E, subitamente, vendo a cena de maneira clara em sua mente, Helen franziu o cenho... Havia algo errado naquela cena...

Algo...?

Alguém...?

Seria uma expressão em algum rosto? Era isso? Algo que... como definir?... não deveria estar ali...?

Ela não sabia... ela não conseguia definir... mas havia algo – em algum lugar – errado.

Enquanto isso, no vagão-restaurant em Swindon, uma dama trajando fino luto decorado com âmbar negro comia pãezinhos doces e bebia chá enquanto vislumbrava o futuro. Ela não tinha premonições de desastre. Estava feliz.

Essas viagens pelo interior eram certamente cansativas. Teria sido mais fácil voltar para Lytchett St. Mary via Londres, e não muito mais caro. Ah, mas gastos já não importavam. Mesmo assim, ela teria de viajar com a família, provavelmente tendo de conversar durante todo o caminho. Um esforço excessivo.

Não, melhor voltar pelo interior. Esses pãezinhos estavam mesmo excelentes. Extraordinário como um funeral faz as pessoas sentirem fome. A sopa em Enderby estava deliciosa, e o suflê frio também.

Como as pessoas eram presunçosas, e que hipócritas! Todos aqueles rostos, quando ela falara sobre assassinato! Como todos olharam para ela!

Bem, fora a coisa certa a ser dita. Ela assentiu satisfeita, congratulando a si mesma. Sim, fora a coisa certa a ser feita.

Ela olhou para o relógio. Cinco minutos para o trem partir. Cora terminou seu chá. Não era um chá muito bom, e ela fez uma careta.

Por alguns momentos, Cora se deixou quedar ali, sonhando. Sonhando com o futuro que se descortinava à sua frente... E sorriu como uma criança feliz.

Até que enfim, ela iria divertir-se de verdade... Saiu em direção ao trem da linha vicinal fazendo planos sem

parar...

CAPÍTULO 4

I

O sr. Entwhistle passou uma noite muito agitada. Ele se sentia tão cansado e indisposto de manhã que não se levantou da cama.

Sua irmã, que cuidava da casa para ele, trouxe seu café da manhã em uma bandeja e explicou severamente o quanto ele esteve errado em meter-se a viajar para o norte da Inglaterra, na sua idade e no seu estado frágil de saúde.

O sr. Entwhistle contentou-se em dizer que Richard Abernethie fora um amigo de longa data.

– Funerais! – disse sua irmã, muito desapontada. – Funerais são absolutamente fatais para um homem de sua idade! Você partirá tão subitamente quanto seu precioso sr. Abernethie se não cuidar mais de si mesmo.

A palavra “subitamente” fez o sr. Entwhistle estremecer e também silenciar. Ele não quis discutir a questão.

Sabia muito bem por que assustara-se ao ouvir a palavra.

Cora Lansquenet! O que ela havia sugerido era decerto impossível, mas mesmo assim ele gostaria de certificar-se do motivo que a levava a falar aquilo. Sim, ele iria até Lytchett St. Mary para vê-la. Ele poderia fingir que a razão da visita era a homologação do testamento, que ele precisava da assinatura dela. Não havia por que permitir que ela desconfiasse de que ele havia dado qualquer atenção ao seu comentário bobo. Mas ele iria vê-la – e o faria logo.

Ele terminou o café e se recostou nos travesseiros para ler The Times. Achou o jornal muito confortável.

Era em torno de quinze para as seis da tarde quando o telefone tocou.

Ele atendeu. A voz do outro lado da linha era a do sr. James Parrott, atual segundo sócio da Bollard, Entwhistle, Entwhistle e Bollard.

– Entwhistle, veja bem – disse o sr. Parrott –, me ligaram há pouco da polícia de um lugar chamado Lytchett St. Mary.

– Lytchett St. Mary?

– Sim. Parece que... – O sr. Parrott parou por um momento. Ele parecia constrangido. – É sobre uma tal sra. Cora Lansquenet. Ela não era uma das herdeiras do espólio Abernethie?

– Sim, é claro. Eu a vi no funeral ontem.

– Ela estava no funeral então?

– Sim. Qual o interesse nela?

– Bem... – o sr. Parrott soava como se estivesse se justificando. – Ela foi... é mesmo espantoso... ela foi, bem... assassinada.

O sr. Parrott disse a última palavra com o mais absoluto desprezo. Não era o tipo de palavra, ele sugeria, que devesse ter qualquer relação com a firma Bollard, Entwhistle, Entwhistle e Bollard.

– Assassinada?

– Sim, sim, temo que sim. Bem, quero dizer, não há dúvida quanto a isso.

– Como a polícia chegou até nós?

– Ela tinha uma dama de companhia, ou

governanta, seja o que for, uma tal srta. Gilchrist. A polícia perguntou-lhe o nome do parente mais próximo ou dos procuradores dela. E essa srta. Gilchrist parecia bastante em dúvida quanto a parentes e seus endereços, mas ela sabia sobre nós. Então, eles entraram em contato imediatamente.

– O que os faz pensar que ela foi assassinada? – demandou o sr. Entwhistle.

O sr. Parrott soava como estivesse se justificando mais uma vez.

– Bem, parece que não pode haver qualquer dúvida quanto a isso... quero dizer, foi uma machadinha ou algo do gênero, um tipo de crime muito violento.

– Roubo?

– Essa é a ideia. Uma janela estava quebrada, faltavam algumas joias de pequeno valor, havia gavetas arrancadas e tudo mais, mas a polícia parece achar que pode haver algo, bem... falso nisso tudo.

– A que horas isso aconteceu?

– Algo entre duas e quatro e meia desta tarde.

– Onde estava a governanta?

– Devolvendo livros, na biblioteca em Reading. Ela voltou em torno das cinco horas e encontrou a sra. Lansquet morta. A polícia quer saber se temos alguma ideia de quem poderia tê-la atacado. Eu disse – a voz do sr. Parrott soou indignada – que achava muito improvável que soubéssemos de alguma coisa.

– Sim, é claro.

– Deve ter sido algum idiota local, um retardado, que achou que poderia haver algo para roubar e acabou

por perder a cabeça e atacá-la. Deve ser isso. Você não acha, Entwhistle?

– Sim, sim... – disse o sr. Entwhistle, distraído.

Parrott estava certo, ele disse para si mesmo. É o que deve ter acontecido... Mas ele ouviu, perturbado, a voz de Cora dizendo vivamente: “Ele foi assassinado, não foi?”.

Que tola, Cora. Sempre fora. Metendo o nariz onde não era chamada... Falando sem pensar verdades desagradáveis... Verdades! Aquela palavra fulminante de novo...

II

O sr. Entwhistle e o inspetor Morton olharam-se mutuamente, um avaliando o outro.

De seu modo claro e preciso, o sr. Entwhistle havia colocado à disposição do inspetor todos os fatos relevantes sobre Cora Lansquet. Sua formação, seu casamento, sua viuvez, sua condição financeira, seus parentes.

– O sr. Timothy Abernethie é seu único irmão vivo e parente mais próximo, mas é recluso e inválido, incapaz de sair de casa. Ele me autorizou a agir em seu nome e tomar todas as providências necessárias.

O inspetor assentiu. Era um alívio tratar com este procurador idoso e astuto. Além disso, ele esperava que o advogado pudesse dar-lhe alguma ajuda na solução do que começava a parecer um problema bastante complexo.

Ele disse:

– Segundo o testemunho da srta. Gilchrist, a sra. Lansquet viajou ao Norte, para o funeral de um irmão mais velho, no dia anterior à morte dela, correto?

– Correto, inspetor. Eu mesmo estive lá.

– Não havia nada fora do comum no jeito dela, nada estranho ou apreensivo?

O sr. Entwistle ergueu as sobrancelhas, em uma bela simulação de surpresa.

– É costumeiro haver algo estranho no comportamento de uma pessoa que está prestes a ser assassinada? – ele perguntou.

O inspetor sorriu, com certo pesar.

– Não creio que ela fosse “predestinada” ou que tivesse uma premonição. Não, só estou em busca de algo, bem... algo fora do comum.

– Não acho que o esteja compreendendo bem, inspetor – disse o sr. Entwistle.

– Não é um caso muito fácil de se compreender, sr. Entwistle. Digamos que alguém tenha observado a tal Gilchrist sair de casa, em torno das duas horas, e ir até o ponto de ônibus, no vilarejo. Essa pessoa então deliberadamente pega a machadinha que estava junto ao depósito de lenha, quebra a janela da cozinha com ela, entra na casa, sobe até o segundo andar e ataca a sra. Lansquet, e a ataca de maneira selvagem. Seis ou oito golpes foram desferidos – o sr. Entwistle assustou-se. – Sim, um crime bastante brutal. Então o invasor arranca algumas gavetas, toma algumas joias baratas, valendo talvez dez libras no total, e foge.

– Ela estava na cama?

– Sim. Parece que ela voltou tarde do Norte na noite anterior, exausta e muito entusiasmada. Pelo que sei, ela ganhou uma herança, não é?

– Sim.

– Ela dormiu muito mal e acordou com uma terrível dor de cabeça. Bebeu várias xícaras de chá, tomou algum remédio para dor e pediu à srta. Gilchrist para não perturbá-la até a hora do almoço. Ela não se sentia melhor e decidiu tomar duas pílulas para dormir. Então, mandou que a srta. Gilchrist tomasse o ônibus até Reading para devolver alguns livros à biblioteca. É provável que estivesse sonolenta, ou já adormecida, quando o homem invadiu a casa. Ele poderia ter levado o que quisesse usando apenas ameaças, ou poderia tê-la amordaçado com facilidade. Ter trazido com ele, de propósito, a machadinha achada lá fora parece excessivo.

– Talvez ele só quisesse ameaçá-la com ela – sugeriu o sr. Entwhistle. – Se ela tentou resistir, então...

– De acordo com as provas médicas, não há sinal de que ela tenha feito isso. Tudo parece demonstrar que ela estava deitada de lado dormindo tranquilamente quando foi atacada.

O sr. Entwhistle moveu-se inquieto em sua cadeira.

– Às vezes se ouve falar desses assassinatos brutais e sem nenhum sentido – ele observou.

– Oh, sim, sim, é quase certo que chegaremos a essa conclusão. Há um alerta nas ruas, é claro, contra qualquer indivíduo suspeito. Nenhum morador local está envolvido, temos toda certeza. Sabemos com exatidão onde todos estavam. A maioria estava no trabalho naquela hora do dia. É claro que o chalé dela fica em uma ruela, fora do vilarejo propriamente dito. Seria fácil para qualquer um chegar até lá sem ser visto. Há um labirinto de ruelas em torno do vilarejo. Era uma bela

manhã e fazia alguns dias que não chovia, de forma que não há marcas distintas de pneus para seguir, caso alguém tenha vindo de carro.

– O senhor acha que alguém veio de carro? – perguntou o sr. Entwhistle bruscamente.

O inspetor deu de ombros.

– Não sei. Tudo o que digo é que existem detalhes curiosos no caso. Estes, por exemplo... – Ele empurrou ao longo da mesa um punhado de objetos: um broche em formato de trevo com pequenas pérolas, um broche com ametistas, um pequeno colar de pérolas e um bracelete de granada. – São objetos que foram tirados da caixa de joias dela. Foram encontrados perto da entrada, enfiados em um arbusto.

– Sim, sim, isso é realmente curioso. Talvez se o agressor dela estivesse assustado com o que ele fizera...

– De acordo. Mas ele então provavelmente as deixaria no andar de cima, no quarto dela... É claro que ele pode ter entrado em pânico entre o quarto e o portão da frente.

O sr. Entwhistle disse calmamente:

– Ou elas podem, como você sugere, ter sido levadas apenas como subterfúgio.

– Sim, há várias possibilidades... É claro que essa tal Gilchrist pode ter cometido o crime. Duas mulheres vivendo sozinhas juntas... Você nunca sabe quais brigas, ressentimentos ou paixões possam ter surgido. Sim, estamos levando essa possibilidade em consideração também. Mas não parece muito provável. De acordo com todos os relatos, elas viviam em termos amigáveis – ele fez uma pausa antes de prosseguir. – De acordo com o senhor, ninguém tem nada a ganhar com a morte da sra.

Lansquenet?

O advogado mudou de posição inquieto.

– Não foi bem isso o que eu disse.

O inspetor Morton o encarou de maneira ríspida.

– Achei que o senhor havia dito que a fonte de renda da sra. Lansquenet era uma mesada dada para ela por seu irmão e que, até onde o senhor sabia, ela não tinha propriedade alguma ou meio de sustento próprio.

– É isso mesmo. O marido morreu falido e, pelo que conheci dela, em sua juventude e desde então, ficaria surpreso ao saber que ela poupou ou acumulou dinheiro.

– O próprio chalé é alugado, não é dela, e a pouca mobília não é grande coisa, mesmo para os dias de hoje. Alguns móveis de carvalho falso e umas pinturas que passam por arte. Qualquer um para quem ela tenha deixado isso não tem muito a ganhar, isto é, se ela fez um testamento.

O sr. Entwhistle balançou a cabeça.

– Eu não sei nada do testamento dela. Veja bem, eu não a via há muitos anos.

– Então, o que exatamente o senhor quis dizer agora mesmo? Tenho a impressão de que o senhor tinha algo em mente, não é?

– Sim. Sim, eu tinha. Minha intenção era ser absolutamente preciso.

– O senhor estava se referindo à herança que mencionou? A que o irmão deixou para ela? Ela poderia deixá-la em testamento?

– Não, não do modo que o senhor imagina. Ela não podia dispor do capital. Agora que está morta, ele será dividido entre os cinco outros beneficiários do testamento de Richard Abernethie. É o que eu queria

dizer. Os cinco beneficiam-se automaticamente com a morte dela.

O inspetor pareceu desapontado.

– Achei que tínhamos algo aí. Bem, por certo não parece haver motivo para alguém tê-la golpeado com uma machadinha. Pelo visto, foi algum maluco com um parafuso solto, talvez um desses delinquentes juvenis, há muitos deles por aí. E então ele perdeu a coragem, jogou as bugigangas em um arbusto e fugiu... Sim, deve ter sido isso. A não ser que tenha sido a respeitabilíssima srta. Gilchrist, e devo dizer que isso parece improvável.

– Quando ela encontrou o corpo?

– Não antes das cinco horas. Ela voltou de Reading no ônibus das dez para as cinco. Ela chegou ao chalé, entrou pela porta da frente e foi para a cozinha pôr a chaleira no fogo, para o chá. Não havia ruído algum vindo do quarto da sra. Lansquenet, mas a srta. Gilchrist presumiu que ela ainda estivesse dormindo. Então ela notou a janela da cozinha; o vidro estava espalhado pelo chão. Mesmo assim, ela primeiro pensou que aquilo poderia ter sido feito por um garoto, com uma bola ou um estilingue. A srta. Gilchrist subiu até o segundo andar e espiou com bastante cuidado o quarto da sra. Lansquenet, para ver se ela ainda estava dormindo ou se estava pronta para o chá.

“Então, é claro, ela se desesperou, gritou e saiu correndo pela ruela, até o vizinho mais próximo. Sua história parecia perfeitamente consistente, e não havia traço de sangue em seu quarto, no banheiro ou nas roupas dela. Não. Não acredito que a srta. Gilchrist tenha tido qualquer participação nisso. O médico chegou ao local às cinco e meia. Ele calcula que a morte não tenha acontecido depois das quatro e meia, provavelmente

muito mais perto das duas em ponto. Portanto, parece que, seja quem for, estava por perto esperando que a srta. Gilchrist deixasse o chalé.”

O rosto do advogado contraiu-se ligeiramente. O inspetor Morton continuou:

– Imagino que o senhor vá procurar a srta. Gilchrist, não é?

– Pensei em fazê-lo.

– Eu ficaria contente se o senhor o fizesse. Acho que ela nos contou tudo o que sabia, mas não se pode ter certeza. Às vezes, durante a conversa, um detalhe ou outro pode aparecer. Ela é um pouco enfadonha, mas uma mulher bastante prática e sensata. Tem sido muito prestativa e eficiente.

Ele fez uma pausa e então disse:

– O corpo está no necrotério. Se o senhor quiser vê-lo...

O sr. Entwhistle assentiu, apesar de que com pouco entusiasmo.

Alguns minutos mais tarde, ele estava olhando para os restos mortais de Cora Lansquenet. Ela fora selvagemmente atacada, e a franja tingida com hena estava coagulada e endurecida com sangue. O sr. Entwhistle premiu os lábios e desviou o olhar, nauseado.

Pobre Corinha. Como estivera ansiosa anteontem em saber se seu irmão havia-lhe deixado alguma coisa! Que expectativas otimistas ela devia ter para o futuro! Quantas coisas tolas ela poderia ter feito – e se divertido ao fazer – com o dinheiro...

Pobre Cora... Como essas expectativas haviam durado pouco.

Ninguém havia lucrado com a sua morte, nem mesmo o brutal agressor que jogara fora aquelas bugigangas enquanto fugia. Cinco pessoas tinham alguns milhares a mais de capital, mas o capital que já haviam recebido talvez fosse mais do que o suficiente para elas. Não, não poderia haver um motivo aí.

Estranho que Cora já pensasse em assassinato no dia anterior àquele em que ela mesma fora assassinada. “Ele foi assassinado, não foi?” Que coisa ridícula de se dizer. Ridícula! Muito ridícula! Ridícula demais para mencionar para o inspetor Morton.

É claro, após ele ter visto a srta. Gilchrist... Supondo que a srta. Gilchrist, apesar de isto ser improvável, pudesse revelar o que Richard havia dito à Cora. “Achei pelo que ele havia dito...” O que Richard havia dito?

“Tenho de ver a srta. Gilchrist imediatamente”, disse o sr. Entwhistle para si mesmo.

III

A srta. Gilchrist era uma mulher de aparência magra e cansada, com cabelos curtos e grisalhos. Ela tinha um desses rostos indeterminados que mulheres em torno dos cinquenta anos adquirem com tanta frequência.

Ela cumprimentou o sr. Entwhistle calorosamente.

– Estou tão contente que esteja aqui, sr. Entwhistle. Sei tão pouco, na verdade, a respeito da família da sra. Lansquenet, e é claro que eu nunca, nunca tive nada a ver com um assassinato antes. É horrível demais!

O sr. Entwhistle sentiu-se bastante certo de que a

srt. Gilchrist nunca tivera nada a ver com um assassinato antes. De fato, sua reação havia sido muito parecida com a de seu sócio.

– Lê-se a respeito deles, é claro – disse a srt. Gilchrist, relegando os crimes à esfera apropriada. – E mesmo isso não gosto muito de fazer. Tão sórdidos, a maioria deles.

Enquanto a seguia até a sala de estar, o sr. Entwhistle olhava com atenção à sua volta. Havia um forte cheiro de tinta a óleo. O chalé estava abarrotado, menos por móveis, que eram como o inspetor os havia descrito, do que por quadros. As paredes estavam cobertas de quadros, na maior parte quadros a óleo sujos e muito escurecidos. Mas havia também esboços em aquarela, e uma ou duas naturezas mortas. Quadros menores estavam empilhados sobre o poial da janela.

– A sra. Lansquenet costumava comprá-los em liquidações – explicou a srt. Gilchrist. – Era uma grande paixão dela, pobrezinha. Ela ia a todas as liquidações da região. Vendem-se quadros tão baratos, hoje em dia, uma ninharia. Ela nunca pagou mais do que uma libra por qualquer um deles, às vezes apenas alguns xelins, e havia uma ótima chance, ela sempre dizia, de encontrar algo que valesse a pena. Ela costumava dizer que este era um primitivo italiano que poderia valer muito dinheiro.

O sr. Entwhistle olhou dubiamente para o primitivo italiano indicado a ele. “Cora”, ele refletiu, “nunca soubera, de verdade, nada sobre pintura.” Ele comeria seu chapéu se qualquer um desses borrões de tinta

valesse uma nota de cinco libras!

– É evidente – disse a srta. Gilchrist, observando a expressão dele e logo percebendo sua reação – que eu mesma não entendo muito do assunto, apesar de meu pai ter sido pintor, embora eu lamente dizer que não foi muito bem-sucedido. Mas eu costumava pintar aquarelas quando era garota e ouvi muitas conversas sobre pintura. Foi bom para a sra. Lansquenet ter alguém com quem pudesse conversar sobre pintura, que a compreendesse. Pobre alma, ela gostava tanto de arte.

– A senhorita gostava dela?

“Que pergunta tola”, ele disse a si mesmo. Havia alguma chance de ela responder “não”? Cora, ele pensou, deve ter sido uma mulher cansativa de se conviver.

– Oh, sim – respondeu a srta. Gilchrist. – Nos dávamos muito bem. De certa maneira, sabe, a sra. Lansquenet era como uma criança. Dizia qualquer coisa que lhe viesse à cabeça. Não posso afirmar que o discernimento dela tenha sido sempre muito bom...

Não se diz dos mortos: “Ela foi uma mulher absolutamente idiota”. O sr. Entwhistle falou:

– Ela não era, em sentido nenhum, uma intelectual.

– Não, não, talvez não. Mas ela era muito esperta, sr. Entwhistle. Muito esperta mesmo. Surpreendia-me bastante às vezes... Como ela conseguia perceber as coisas...

O sr. Entwhistle olhou para a srta. Gilchrist com mais interesse. Ele pensou que ela mesma não era nenhuma tola.

– A senhorita trabalhava para a sra. Lansquenet já faz alguns anos, não é?

– Três e meio.

– A senhorita... hum... era dama de companhia e também fazia, bem... os serviços domésticos?

Era evidente que ele havia tocado em um assunto delicado. A srta. Gilchrist corou um pouco.

– Sim, de fato. Eu cozinhava, na maioria das vezes, gosto bastante de cozinhar, tirava um pouco do pó e fazia o trabalho leve da casa. Nada de trabalho pesado, certamente.

O tom da srta. Gilchrist expressava um firme princípio. O sr. Entwhistle, que não fazia ideia do que o “trabalho pesado” significava, emitiu um murmúrio contemporizador.

– A sra. Panter, do vilarejo, cuidava disso. Vinha duas vezes por semana. Veja bem, sr. Entwhistle, eu jamais poderia me imaginar como criada. Quando minha pequena casa de chá faliu (que desastre!), eram tempos de guerra, veja bem. Um lugar encantador. Dei-lhe o nome de Willow Tree, e toda a porcelana era chinesa, azul e branca, uma delicadeza!, e os bolos eram realmente bons. Eu sempre tive boa mão para bolos e pães. Sim, eu estava indo muito bem, e então veio a guerra, os suprimentos foram reduzidos, e todo o negócio foi à bancarrota. Uma baixa de guerra, é o que sempre digo, e é assim que vejo o que aconteceu. Perdi o pouco dinheiro que meu pai havia deixado e que eu investira nela, e, é claro, tive de procurar por algo para fazer. Eu nunca aprendi profissão alguma.

“Assim, procurei uma dama, mas ela não me deu resposta alguma. Era tão rude e prepotente... Então fiz um pouco de trabalho de escritório, que não gostei nem um pouco. Aí cheguei à sra. Lansquenet, e nos adequamos desde o início, já que seu marido era um artista e tudo mais. – A srta. Gilchrist pausou, já sem fôlego, e acrescentou com tristeza: – Mas como eu adorava minha querida, querida, casinha de chá. Que pessoas encantadoras costumavam frequentá-la!”

Olhando para a srta. Gilchrist, o sr. Entwhistle teve um reconhecimento súbito: assaltou-lhe uma única imagem composta por centenas de damas dirigindo-se a ele em inúmeras casas de chá chamadas Bay Tree, Ginger Cat, Blue Parrot, Willow Tree e Cosy Corner, todas recatadamente cobertas por aventais azuis, rosa ou laranja, anotando pedidos de bules de chá preto e bolos. A srta. Gilchrist tinha um Lar Espiritual, uma respeitável casa de chá do Velho Mundo, com uma adequada clientela elegante. “Deve haver”, ele pensou, “um número expressivo de srtas. Gilchrist por todo o país, todas muito parecidas, os rostos meigos e pacientes, lábios superiores obstinados e cabelos grisalhos ligeiramente ralos.”

A srta. Gilchrist seguiu em frente:

– Mas não é apropriado falar de mim mesma. A polícia foi muito gentil e atenciosa. Gentil demais. O inspetor Morton veio da delegacia central e foi muito compreensivo. Ele até conseguiu que eu passasse a noite com a sra. Lake, no final da rua, mas eu disse “não”. Achei que era meu dever permanecer aqui na casa,

cuidando de todos os belos objetos da sra. Lansquenet. Eles levaram o... o... – a srta. Gilchrist gaguejou um pouco – o corpo embora, é claro, e trancaram o quarto, e o inspetor me disse que haveria um policial vigiando a cozinha a noite inteira, devido à janela quebrada. Foi colocado um vidro novo nesta manhã, fico feliz em dizer... Onde eu estava?

“Ah, sim, então eu disse que ficaria bem em meu próprio quarto, embora deva confessar que coloquei um armário na frente da porta e uma jarra de água sobre o peitoril da janela. Nunca se sabe. E se por acaso for um maníaco? A gente ouve esse tipo de coisa...”

Nesse momento, a srta. Gilchrist parou. O sr. Entwhistle disse rapidamente:

– Eu estou ciente de todos os fatos principais. O inspetor Morton me informou. Mas, se não for incomodá-la muito, poderia me dar seu próprio relato?

– É claro, sr. Entwhistle. Eu sei exatamente como o senhor se sente. A polícia é tão impessoal, não é? E assim deve ser, é claro.

– A sra. Lansquenet voltou do funeral na noite de anteontem – sugeriu o sr. Entwhistle.

– Sim, seu trem até não chegou muito tarde. Eu havia chamado um táxi para recebê-la, como ela me pedira. Ela estava cansada, o que era natural, pobrezinha, mas estava sobretudo de bom humor.

– Sim, sim. Ela falou algo a respeito do funeral?

– Só um pouco. Eu dei a ela um copo de leite quente, ela não queria nada mais. Ela me disse que a igreja estava bastante cheia, com muitas e muitas flores.

Ah, e disse que sentia por não ter visto seu outro irmão, Timothy, era isso?

– Sim, Timothy.

– Ela disse que fazia mais de vinte anos que não o via e esperava que ele estivesse lá, porém deu-se conta de que ele tinha achado melhor não ir, diante das circunstâncias. Mas a esposa dele estava lá, e ela nunca fora capaz de suportar Maude. O que estou dizendo? Peço desculpas, sr. Entwhistle, escapou, nunca quis...

– Não há nenhum problema – disse o sr. Entwhistle, encorajador. – Sabe, não sou da família. E creio que Cora e sua cunhada nunca se deram muito bem.

– Bem, foi o que ela quase disse. “Sempre soube que Maude se tornaria uma dessas mulheres prepotentes e intrometidas”, ela falou. E então, disse que estava muito cansada e que iria para a cama. Eu preparei sua bolsa de água quente, e ela subiu.

– Cora disse algo mais de que a senhorita possa se lembrar especialmente?

– Ela não teve uma premonição, sr. Entwhistle, se é isso que o senhor quer dizer. Tenho certeza disso. Ela estava realmente de bom humor, sabe, fora o cansaço e a triste ocasião. Ela me perguntou se eu não gostaria de ir para Capri. Para Capri! É claro, eu disse que seria maravilhoso demais, é algo que eu nunca sonhei que faria um dia. E ela disse: “Nós vamos!”. Bem assim. Concluí, pois é claro que isso não foi realmente mencionado, que seu irmão lhe havia deixado uma anuidade ou algo do gênero.

O sr. Entwhistle assentiu com a cabeça.

– Pobrezinha. Bem, fico contente que ela tenha tido

o prazer de planejar, considerando tudo o que aconteceu. – A srta. Gilchrist suspirou e murmurou tristonhamente: – Acho que nunca mais vou para Capri agora...

– E na manhã seguinte? – interferiu o sr. Entwistle, sem perceber o desapontamento da srta. Gilchrist.

– Na manhã seguinte, a sra. Lansquet não estava nem um pouco bem. Verdade, tinha uma aparência medonha. Ela mal havia dormido, me disse. Pesadelos. “É porque a senhora se cansou demais ontem”, eu lhe disse, e ela respondeu que talvez fosse isso. Ela tomou seu desjejum na cama, e não saiu dela durante toda a manhã, mas na hora do almoço me disse que não conseguira dormir. “Estou tão inquieta”, ela disse. “Continuo pensando nas coisas e me preocupando.” Então ela disse que tomaria algumas pílulas para dormir e procuraria ter uma boa tarde de sono. E ela queria que eu tomasse o ônibus até Reading e trocasse para ela dois livros na biblioteca, porque ela havia terminado ambos na viagem de trem e não tinha nada para ler. Normalmente dois livros duravam quase uma semana para ela. Eu parti logo depois das duas, e foi a última vez... – A srta. Gilchrist começou a fungar. – Ela certamente estava dormindo, sabe. Não deve ter ouvido nada, e o inspetor me assegurou que ela não sofreu... Ele acredita que o primeiro golpe a matou. Querida! Só de pensar nisso fico doente!

– Por favor, por favor. Não desejo fazê-la passar outra vez pelo que aconteceu. Tudo o que quero é ouvir o que a senhorita possa me contar a respeito da sra. Lansquet, antes da tragédia.

– Muito natural, tenho certeza. Diga aos parentes

dela que, apesar de ter passado tão mal à noite, ela estava muito feliz e otimista quanto ao futuro.

O sr. Entwhistle pausou antes de fazer a próxima pergunta. Ele queria ser cuidadoso para não influenciar a testemunha.

– Ela não mencionou nenhum dos seus parentes em particular?

– Não, não, creio que não. – A srta. Gilchrist considerou a questão. – Exceto o que ela disse de lamentar não ter visto seu irmão Timothy.

– Ela não falou nada sobre a morte do seu irmão? A... hum... causa dela? Nada nesse sentido?

– Não.

Não havia sinal algum de reação no rosto da srta. Gilchrist. O sr. Entwhistle tinha certeza de que haveria se Cora lhe tivesse contado sobre seu veredicto de assassinato.

– Acho que ele já estava doente havia algum tempo – disse a srta. Gilchrist, de maneira vaga –, embora deva dizer que fiquei surpresa ao ouvir a notícia. Ele parecia tão vigoroso.

O sr. Entwhistle perguntou rapidamente:

– Quando a senhorita o viu?

– Quando ele veio para cá ver a sra. Lansquenet.

Deixe-me ver... isso foi umas três semanas atrás.

– Ele se hospedou aqui?

– Não, apenas veio para o almoço. Foi uma surpresa e tanto. A sra. Lansquenet não o estava esperando. Acho que houve alguma discussão familiar. Ela me disse que não o via há anos.

– Sim, é verdade.

– Isso a incomodou bastante. Vê-lo de novo, e

talvez notar o quanto ele estava doente...

– Ela sabia que ele estava doente?

– Sim, lembro-me bem disso. Porque eu imaginava, somente comigo mesma, veja bem, que talvez o sr. Abernethie estivesse ficando de miolo mole. Uma tia minha...

O sr. Entwhistle desviou-se da tia com destreza.

– Algo que a sra. Lansquenet tenha dito fez com que a senhorita achasse que ele estava ficando de miolo mole?

– Sim. Ela disse algo como: “Pobre Richard, a morte de Mortimer deve tê-lo envelhecido muito. Ele parece bastante senil. Todas essas fantasias de perseguição e de que alguém o está envenenando. Velhos ficam assim.” E, é claro, como eu já sabia, isso é bem verdade. Essa tia, sobre quem eu lhe contava, estava convencida de que os empregados estavam tentando envenenar sua comida e, por fim, só comia ovos cozidos, porque, ela dizia, não se podia penetrar um ovo cozido para envenená-lo. Nós fizemos a vontade dela, mas, se fosse hoje em dia, não sei o que faríamos. Com os ovos tão escassos e na maioria das vezes importados, cozinhá-los é sempre arriscado.

O sr. Entwhistle ouviu a saga da tia da srta. Gilchrist sem prestar atenção. Ele estava muito perturbado.

Ele disse, enfim, quando a srta. Gilchrist havia cansado de tagarelar:

– Imagino que a sra. Lansquenet não levasse tudo isso muito a sério.

– Oh, não, sr. Entwhistle, ela compreendia a

situação.

O sr. Entwhistle achou essa observação perturbadora também, embora não no sentido que a srta. Gilchrist pretendia. Cora havia compreendido? Não então, talvez, mas depois. Ela havia compreendido bem demais?

O sr. Entwhistle sabia que Richard Abernethie não era de forma alguma senil. Richard tinha domínio absoluto de suas faculdades. Ele não era um homem com manias de perseguição, de jeito nenhum. Ele era, como sempre fora, um homem de negócios dedicado – e sua doença não fazia diferença nesse sentido.

Parecia extraordinário que ele tivesse falado à irmã naqueles termos. Mas, talvez, Cora, com sua estranha sagacidade infantil, houvesse lido nas entrelinhas e preenchido as lacunas naquilo que Richard Abernethie realmente dissera.

“Sob a maioria dos aspectos”, pensou o sr. Entwhistle, “Cora havia sido uma completa idiota. Ela não tinha capacidade de julgamento ou equilíbrio, e possuía um ponto de vista pueril, mas também tinha a habilidade incomum das crianças de às vezes acertar em cheio de uma maneira que parecia bastante extraordinária.”

O sr. Entwhistle encerrou o assunto. “A srta. Gilchrist”, ele pensou, “não sabia mais do que lhe havia contado.” Ele perguntou a ela se Cora Lansquenet deixara um testamento. A srta. Gilchrist respondeu de imediato que o testamento da sra. Lansquenet estava no banco.

Com isso, e após tomar outras providências, o sr.

Entwhistle despediu-se. Ele insistiu para que a srta. Gilchrist aceitasse uma pequena soma em dinheiro para custear as despesas presentes e disse-lhe que entraria em contato outra vez, e que, nesse ínterim, ficaria grato se ela permanecesse no chalé enquanto estivesse procurando por um novo emprego. Isso seria, disse a srta. Gilchrist, muito conveniente, e na verdade ela não estava nem um pouco nervosa.

Ele não conseguiu escapar sem que a srta. Gilchrist lhe mostrasse o chalé e o apresentasse a vários quadros pintados pelo falecido Pierre Lansquenet, que estavam amontoados na pequena sala de jantar e que fizeram o sr. Entwhistle recuar: eram, na maior parte, nus, executados com uma singular falta de perícia, mas com grande fidelidade aos detalhes. Ele também foi obrigado a admirar vários pequenos esboços a óleo, de portos pesqueiros, feitos pela própria Cora.

– Polperro – disse a srta. Gilchrist, com orgulho. – Estivemos lá no ano passado, e a sra. Lansquenet ficou encantada com o caráter pitoresco do lugar.

O sr. Entwhistle, ao ver Polperro de sudoeste, de noroeste, e presumivelmente de vários outros pontos cardeais e colaterais, concordou que a sra. Lansquenet com certeza fora uma entusiasta.

– A sra. Lansquenet prometeu deixar-me seus esboços – disse a srta. Gilchrist, cobiçosa. – Eu os admirava tanto! Neste aqui se podem ver bem as ondas quebrando, não é? Mesmo que ela tenha esquecido, talvez eu possa ficar com apenas um, como lembrança, o que o senhor acha?

– Tenho certeza de que isso pode ser arranjado –

respondeu o sr. Entwistle, generosamente.

Ele tomou mais algumas providências, e então partiu para interrogar o gerente do banco e para outra reunião com o inspetor Morton.

I

– Exausto, é isso que você está – disse a srta. Entwhistle, nos tons indignados e ameaçadores adotados por irmãs devotadas ao falar com irmãos de cujas casas elas cuidam. – Você não deveria fazê-lo, na sua idade. O que isso tudo tem a ver com você, posso saber? Você está aposentado, não está?

O sr. Entwhistle disse suavemente que Richard Abernethie havia sido um dos seus amigos mais antigos.

– De fato. Mas Richard Abernethie está morto, não está? Assim sendo, não vejo razão para você se meter em negócios alheios e ainda pegar uma gripe dos diabos nesses trens sujos e ventosos. E assassinato, além disso! Não vejo por que o mandaram chamar.

– Eles entraram em contato comigo porque havia uma carta no chalé assinada por mim, informando Cora sobre as providências para o funeral.

– Funerais! Um funeral depois do outro, e isso me faz lembrar que outro desses queridos Abernethies tem ligado para você. Timothy, acho que ele disse. De algum lugar em Yorkshire. E é sobre um funeral também! Disse que ligaria mais tarde.

O sr. Entwhistle recebeu uma ligação pessoal naquela noite. Ao atender, ele ouviu a voz de Maude Abernethie no outro lado da linha.

– Graças a Deus consegui achá-lo, finalmente! Timothy está passando muito mal. A notícia a respeito de

Cora incomodou-o terrivelmente.

– Bastante compreensível – disse o sr. Entwhistle.

– O que o senhor disse?

– Eu disse que é bastante compreensível.

– Imagino que sim. – Maude soava mais do que indecisa. – O senhor quer dizer que foi mesmo assassinato?

(“Foi assassinato, não foi?”, Cora dissera. Mas dessa vez não havia hesitação sobre a resposta).

– Sim, foi assassinato – disse o sr. Entwhistle.

– E com uma machadinha como dizem os jornais?

– Sim.

– Parece-me tão incrível – falou Maude – que a irmã de Timothy, sua própria irmã, possa ter sido assassinada com uma machadinha!

Não parecia menos incrível ao sr. Entwhistle. A vida de Timothy estava tão distante da violência que mesmo seus parentes, acreditava-se, deveriam também estar isentos dela.

– Temo que se tenha de encarar o fato – disse o sr. Entwhistle, com suavidade.

– Estou muito preocupada com Timothy. Tudo isso faz tão mal a ele! Eu o coloquei na cama agora, mas ele insiste para que eu convença o senhor a vir vê-lo. Ele quer saber uma centena de coisas: se haverá um inquérito, quem deve comparecer a ele, quanto tempo depois dele o funeral pode ocorrer, onde e quais fundos existem, se Cora expressou quaisquer desejos a respeito de ser cremada ou o que, e se ela deixou um testamento...

O sr. Entwhistle interrompeu, antes que o catálogo ficasse longo demais.

– Há um testamento, sim. Ela deixou Timothy como seu executor.

– Oh Deus, temo que Timothy não possa se comprometer com nada...

– A firma cuidará de tudo. O testamento é muito simples. Ela deixou seus próprios desenhos e um broche de ametista para sua acompanhante, srta. Gilchrist, e todo o resto para Susan.

– Para Susan? Agora me pergunto: por que Susan? Não creio que ela já tenha visto Susan, pelo menos não desde que era bebê.

– Imagino que seja porque, segundo consta, o casamento de Susan não agradou muito à família.

Maude bufou, com desdém.

– Até mesmo Gregory é bem melhor do que Pierre Lansquet jamais foi! Com certeza, casar-se com um balconista de loja teria sido inconcebível na minha época, mas uma farmácia é bem melhor do que um armarinho, e pelo menos Gregory parece bastante respeitável. – Ela fez uma pausa e acrescentou: – Isso significa que Susan receberá a renda que Richard deixou para Cora?

– Não. O capital será dividido de acordo com as instruções do testamento de Richard. Não, a pobre Cora tinha apenas algumas centenas de libras e os móveis do seu chalé para deixar. Quando as dívidas pendentes forem pagas e os móveis vendidos, duvido que tudo chegue a quinhentas libras. – Ele seguiu em frente: – Haverá inquérito, é claro. Está marcado para a próxima

quinta-feira. Se Timothy concordar, mandaremos o jovem Lloyd para acompanhar os procedimentos em nome da família. – Ele acrescentou em tom de desculpas: – Temo que o caso venha a ganhar alguma notoriedade devido às... hum... circunstâncias.

– Que desagradável! Pegaram o desgraçado que fez isso?

– Ainda não.

– Deve ser um desses horríveis jovens imbecis que andam pelo interior vagabundeando e assassinando. A polícia é tão incompetente...

– Não, não – disse o sr. Entwhistle. – A polícia não é de forma alguma incompetente. Não imagine isso, nem por um instante.

– Bem, isso tudo me parece bastante extraordinário. E tão ruim para Timothy! Será que o senhor não poderia vir até aqui, sr. Entwhistle? Eu ficaria muito grata se o senhor pudesse. Acho que Timothy se acalmaria se o senhor estivesse aqui para tranquilizá-lo.

O sr. Entwhistle ficou em silêncio por um momento. O convite não era inoportuno.

– O que a senhora está dizendo faz sentido – ele admitiu. – E vou precisar da assinatura de Timothy, como executor de determinados documentos. Sim, acho que seria bom.

– Esplêndido. Estou tão aliviada! Amanhã? E o senhor vai passar a noite? O melhor trem é o das onze e vinte, de St. Pancras.

– Temo que terá de ser o trem da tarde. Tenho outros assuntos para tratar de manhã... – disse o sr. Entwhistle.

George Crossfield cumprimentou o sr. Entwhistle efusivamente, mas com, talvez, um pouco de surpresa.

O sr. Entwhistle disse, de maneira explicativa, embora na realidade não explicasse nada:

– Cheguei há pouco de Lytchett St. Mary.

– Então foi a tia Cora mesmo? Li sobre isso nos jornais e simplesmente não podia acreditar. Achei que deveria ser alguém com o mesmo nome.

– Lansquenet não é um nome comum.

– Não, é claro que não é. Imagino que exista uma aversão natural a acreditar que alguém de sua própria família possa ser assassinado. Lembra-me muito daquele caso do mês passado, em Dartmoor.

– Você acha?

– Sim. Mesmas circunstâncias. Chalé em localização isolada. Duas idosas vivendo juntas. Quantidade pífia de dinheiro roubado, acredita-se.

– O valor do dinheiro é sempre relativo – falou o sr. Entwhistle. – É a necessidade que conta.

– Sim, sim, imagino que o senhor esteja certo.

– Se você precisa desesperadamente de dez libras, então quinze serão mais do que adequadas. E inversamente da mesma maneira. Se precisar de cem libras, 45 seriam mais do que inúteis. E, se você precisa de milhares, centenas não serão suficientes.

George disse com um piscar repentino dos olhos:

– Eu diria que qualquer dinheiro é útil nos dias de hoje. Todo mundo está duro.

– Mas não desesperado – destacou o sr. Entwhistle.
– É o desespero que conta.

– O senhor está pensando em alguém em particular?
– Levará algum tempo até que o espólio seja liquidado; seria conveniente para você receber um adiantamento?

– Na realidade, eu tocara no assunto. Entretanto, fui ao banco esta manhã, fiz uma referência ao senhor, e eles pareceram bastante dispostos em relação a um empréstimo em conta-corrente.

Mais uma vez ocorreu aquele piscar de olhos em George, e o sr. Entwhistle, das profundezas de sua experiência, o reconheceu. George, ele notou, se não estivesse ainda desesperado, estava em uma situação financeira bastante difícil. Ele soube naquele momento o que sentia em seu subconsciente desde o começo: em questões de dinheiro, ele não confiaria em George. O sr. Entwhistle se perguntou se o velho Richard Abernethie, que também tivera grande experiência em julgar os homens, havia sentido isso. Ele também tinha certeza de que, após a morte de Mortimer, Abernethie pretendia fazer de George seu herdeiro. George não era um Abernethie, mas ele era o único homem da geração mais jovem. Ele era o sucessor natural de Mortimer.

Richard Abernethie havia convidado George e o hospedara em sua casa por alguns dias. Parecia provável que, ao final da visita, o homem mais velho não tivesse considerado George satisfatório. Haveria sentido instintivamente, como o sr. Entwhistle sentira, que George não era honesto? O pai de George, assim a família pensava, fora uma má escolha de Laura. Um corretor de valores que tivera outras atividades um tanto misteriosas. George assemelhava-se a seu pai, em vez de aos Abernethies.

Talvez interpretando de maneira errônea o silêncio do velho advogado, George disse com um riso constrangido:

– A verdade é que não tive muita sorte com meus investimentos ultimamente. Corri algum risco e não compensou, saí mais ou menos limpo dessa. Agora poderei me reerguer. Tudo de que se precisa é um pouco de capital. Ardens Consolidated é uma boa pedida, o senhor não acha?

O sr. Entwhistle não opinou. Será que havia possibilidade de que George especulasse com dinheiro de seus clientes e não com seu próprio? E se George estivesse em risco de ser processado criminalmente...

O sr. Entwhistle disse com severidade:

– Tentei contatá-lo no dia seguinte ao funeral, mas creio que você não estava no escritório.

– É mesmo? Não me disseram nada. Na realidade, achei que tinha direito a um dia de descanso após a boa notícia!

– A boa notícia?

George enrubescou.

– Veja bem, não me refiro à morte do tio Richard. Mas ficar sabendo que se vai receber dinheiro deixa qualquer um feliz, com vontade de celebrar. Na realidade, fui ao hipódromo de Hurst Park. Apostei em dois vencedores. Quando é o seu dia de sorte, é outra coisa! Não há erro! Foram somente cinquenta libras, mas tudo ajuda.

– Ah, sim – disse o sr. Entwhistle. – Tudo ajuda. E haverá uma soma adicional vindo para você devido à

morte da sua tia Cora.

George pareceu preocupado.

– Pobre velhota! – ele comentou. – Que sorte terrível, não é? Logo quando ela estava, talvez, planejando aproveitar a vida.

– Esperemos que a polícia encontre a pessoa responsável pela morte dela – disse o sr. Entwhistle.

– Acredito que o pegarão. Nossa polícia é boa. Eles arrebanham todos os indesejáveis da vizinhança e passam um pente fino neles, obrigam-nos a explicar o que faziam no momento do crime.

– Não é tão fácil depois de algum tempo – disse o sr. Entwhistle. Ele deu um sorriso gélido, que indicou que estava prestes a fazer uma piada. – Eu mesmo estava na livraria Hatchard, às três e meia, no dia em questão. Eu me lembraria disso se fosse interrogado pela polícia dez dias depois? Duvido bastante. E você, George, você estava em Hurst Park. Você se lembraria de que dia foi às corridas, digamos, daqui a um mês?

– Eu me lembraria por causa do funeral, foi um dia depois.

– Verdade, verdade. E então você apostou em dois vencedores. Mais uma ajuda para a memória. É difícil esquecer os nomes de cavalos com os quais se ganhou dinheiro. Falando nisso, quais foram eles?

– Deixe-me ver. Gaymarck e Frogg II. Sim, não vou esquecê-los tão rápido.

O sr. Entwhistle deu sua risadinha seca e se despediu.

– Que prazer em vê-lo, é claro – disse Rosamund, sem grande entusiasmo. – Mas é muito cedo.

Ela deu um largo bocejo.

– São onze horas – disse o sr. Entwhistle.

Rosamund bocejou de novo. Ela disse, desculpando-se:

– Demos uma festa incrível ontem à noite. Bebemos demais. Michael ainda está com uma ressaca terrível.

Michael apareceu nesse momento, também bocejando. Ele tinha uma xícara de café preto em sua mão e vestia um roupão muito elegante. Parecia desarrumado e atraente – e seu sorriso tinha o charme de sempre. Rosamund estava vestindo uma saia preta, um pulôver amarelo muito sujo e nada mais, até onde o sr. Entwhistle poderia julgar.

O advogado correto e detalhista não aprovava de forma alguma o modo de vida dos jovens Shane: o apartamento caindo aos pedaços no primeiro andar de um prédio em Chelsea; as garrafas, os copos e as pontas de cigarros jogados por toda parte em profusão; o ar viciado, e a atmosfera geral de poeira e desleixo.

Em meio a esse cenário desencorajador, Rosamund e Michael resplandeciam com suas belezas maravilhosas. “Eles eram certamente um casal muito bonito e pareciam”, pensou o sr. Entwhistle, “gostar muito um do outro.” Rosamund certamente tinha um grande carinho por Michael.

– Querido – disse ela –, o que você acha de um golinho de champanhe? Apenas para nos recuperarmos e brindarmos ao futuro. Sr. Entwhistle, é realmente uma sorte incrível o tio Richard ter nos deixado todo esse dinheiro adorável, logo agora...

O sr. Entwhistle notou o franzir de cenho rápido, quase uma careta, que Michael deu, mas Rosamund seguiu em frente com serenidade:

– Porque há uma oportunidade absolutamente maravilhosa para uma peça. Michael tem a opção de comprá-la. Há um papel incrível para ele e até mesmo um menor para mim. É sobre um desses jovens criminosos. Você sabe, eles são santos, na verdade: a peça é repleta das ideias mais modernas.

– É o que parece – disse o sr. Entwhistle com frieza.

– Ele rouba, sabe, mata, é perseguido pela polícia e pela sociedade, e então, no fim, ele realiza um milagre.

O sr. Entwhistle permaneceu em silêncio indignado. Que bobagens perniciosas esses jovens falavam! E escreviam.

Não que Michael Shane estivesse falando muito. Ainda havia um ligeiro esgar em seu rosto.

– O sr. Entwhistle não quer ouvir todas as nossas rapsódias, Rosamund – disse ele.

– Cale-se um pouco e deixe-o contar por que veio nos ver.

– Há apenas uma ou duas questões para resolvermos – disse o sr. Entwhistle.

– Acabei de voltar de Lytchett St. Mary.

– Então, foi tia Cora quem foi assassinada? Nós vimos no jornal. E eu disse que tinha de ser, porque é um nome tão incomum... Pobre tia Cora. Eu a estava olhando naquele dia do funeral e pensando no quanto ela era feia, e que realmente era melhor estar morto do ter aquela aparência. E agora ela está morta. Ninguém quis acreditar, de jeito nenhum, na noite passada,

quando lhes contei que a vítima daquele assassinato da machadinha no jornal era na verdade a minha tia!

Simplesmente riram, não foi, Michael?

Michael Shane não respondeu, e Rosamund, parecendo estar se divertindo muito, disse:

– Dois assassinatos, um depois do outro. É quase demais, não é?

– Não seja boba, Rosamund, seu tio Richard não foi assassinado.

– Bem, Cora achava que ele tinha sido.

O sr. Entwhistle interveio para perguntar.

– Vocês voltaram para Londres após o funeral, não foi?

– Sim, nós voltamos no mesmo trem que o senhor.

– É claro... É claro. Eu pergunto porque tentei entrar em contato com vocês – ele lançou um rápido olhar ao telefone – no dia seguinte, várias vezes, na realidade, e não obtive resposta.

– Querido, sinto muito. O que estávamos fazendo naquele dia? Anteontem. Estivemos aqui até em torno do meio-dia, não é? E então você saiu para tentar encontrar Rosenheim, almoçou com Oscar, e eu fui comprar umas meias e dar umas voltas nas lojas. Janet iria me acompanhar, mas nos desencontramos. Sim, tive uma tarde adorável de compras, e então jantamos no Castile. Acho que voltamos para cá em torno das dez horas.

– Por aí – disse Michael. Ele estava olhando pensativamente para o sr. Entwhistle.

– Por que o senhor queria falar conosco?

– Apenas alguns pontos que surgiram a respeito da herança de Richard Abernethie, papéis para assinar, tudo

isso.

Rosamund perguntou:

– Receberemos o dinheiro agora ou daqui a anos?

– Temo – respondeu o sr. Entwhistle – que a lei seja dada a atrasos.

– Mas nós podemos receber um adiantamento, não podemos? – Rosamund parecia alarmada. – Michael disse que nós poderíamos. Na verdade isso é terrivelmente importante. Por causa da peça.

Michael disse de maneira simpática:

– Não há pressa mesmo. É só uma questão de decidir se devemos ou não fazer a opção de compra.

– Não haverá problema algum em adiantar-lhes algum dinheiro – afirmou o sr. Entwhistle. – Tanto quanto vocês precisarem.

– Tudo bem, então. – Rosamund soltou um suspiro de alívio. Ela acrescentou, após pensar mais um pouco:

– Tia Cora deixou algum dinheiro?

– Um pouco. Ela o deixou para sua prima Susan.

– Por que Susan, eu gostaria de saber! É muito?

– Algumas centenas de libras e uns móveis.

– Móveis de qualidade?

– Não – disse o sr. Entwhistle.

Rosamund perdeu o interesse.

– É tudo tão estranho, não é? – ela disse. – Lá estava Cora, depois do funeral, saindo-se, de repente, com esse “Ele foi assassinado!”, e então, no dia seguinte, ela mesma acaba assassinada? Quero dizer, é estranho, não é?

Houve um momento de silêncio um tanto desconfortável antes que o sr. Entwhistle dissesse em um tom de voz baixo:

– Sim, é de fato estranho...

IV

O sr. Entwhistle estudou Susan Banks enquanto ela se inclinava para frente sobre a mesa falando do seu jeito animado. Não havia nela nada da beleza suave de Rosamund. Mas tinha um rosto atraente, e sua atração residia, decidiu ele, em sua vitalidade. As curvas da boca eram ricas e cheias. Era a boca de uma mulher, e seu corpo era decididamente feminino – enfaticamente feminino. No entanto, de muitas maneiras, Susan lembrava seu tio, Richard Abernethie. O formato da cabeça, a linha do queixo, os olhos fundos e pensativos. Ela tinha uma personalidade dominante como a de Richard, a mesma energia vibrante, a mesma prudência e a clareza de juízo. Dos três membros da geração mais jovem, somente ela parecia ser do mesmo feitio que havia construído as vastas fortunas dos Abernethie.

Haveria Richard reconhecido nessa sobrinha uma índole igual à sua própria? O sr. Entwhistle achava que sim. Richard sempre fora um bom avaliador de caráter. Nela, com certeza, estavam todas as qualidades que ele procurava. E, no entanto, em seu testamento, Richard Abernethie não havia feito distinção em favor dela. Desconfiado de George, como acreditava o sr. Entwhistle, e preterindo aquela adorável imbecil Rosamund, ele não poderia ter encontrado em Susan o que procurava, uma sucessora da mesma têmpera dele? Se não, a causa tem de ser – sim, por lógica – o marido...

O olhar do sr. Entwhistle passou com delicadeza

para além do ombro de Susan, até Gregory Banks, que apontava um lápis, distraído. Um rapaz indefinível, magro, pálido, com cabelo avermelhado. Tão eclipsado pela personalidade extravagante de Susan que era difícil perceber como ele era realmente. Nada havia que chamasse a atenção no sujeito: bastante simpático e pronto para agradar, um "concordino", este era o termo. E, no entanto, isso não parecia descrevê-lo de maneira satisfatória. Havia algo vagamente inquietante a respeito da discrição de Gregory Banks. Ele fora um parceiro inadequado; no entanto, Susan havia insistido em se casar com ele, superado toda a oposição. Por quê? O que ela tinha visto nele?

E agora, seis meses após o casamento... "Ela é louca pelo sujeito", disse o sr. Entwhistle para si mesmo. Ele conhecia os sinais. Um grande número de esposas com problemas matrimoniais havia passado pelo escritório de Bollard, Entwhistle, Entwhistle e Bollard. Esposas loucamente devotadas a maridos inadequados e que pareciam, com frequência, muito pouco atraentes, esposas desdenhosas e enfasiadas por maridos, em aparência, atraentes e impecáveis. O que qualquer mulher via em um homem em particular estava além da compreensão do intelecto masculino médio. Assim era. Uma mulher inteligente a respeito de tudo mais poderia ser uma completa idiota em relação a determinado homem. "Susan", pensou o sr. Entwhistle, "era uma dessas mulheres, pois seu mundo girava em torno de Greg, e isso era perigoso de várias maneiras."

Susan estava falando com ênfase e indignação.

– ...porque isso é vergonhoso. O senhor se lembra daquela mulher que foi assassinada em Yorkshire ano passado? Ninguém foi preso. E aquela senhora na doceria, que foi morta com um pé de cabra? Eles detiveram um homem, e então o deixaram ir!

– Tem de haver provas, minha cara – disse o sr. Entwhistle.

Susan não prestou atenção.

– E aquele outro caso... uma enfermeira aposentada. Aquele foi uma machadinha ou um machado, bem como a tia Cora.

– Meu Deus, você parece ter feito um estudo e tanto desses crimes, Susan – disse o sr. Entwhistle ternamente.

– É natural que lembremos essas coisas. E, quando alguém de sua própria família é assassinado, e de maneira muito parecida... bem, isso mostra que deve haver muita gente desse tipo, vagueando pelo interior, arrombando casas e atacando mulheres solitárias, e que a polícia sequer se importa!

O sr. Entwhistle balançou a cabeça.

– Não subestime a polícia, Susan. É uma corporação de homens muito sagazes e pacientes. Persistentes, também. Não haver ainda menção nos jornais não significa que o caso tenha sido abandonado. Longe disso.

– E, no entanto, há centenas de casos não solucionados todos os anos.

– Centenas? – O sr. Entwhistle parecia incerto. – Há certo número, sim. Mas há muitas ocasiões em que a polícia sabe quem cometeu um crime, mas não tem provas suficientes para o processo.

– Não acredito – disse Susan. – Acredito que, se

– Você souber com certeza quem cometeu um crime, sempre pode conseguir provas.

– Será que é assim... – O sr. Entwhistle souu pensativo. – Será que é assim mesmo...

– Eles fazem alguma ideia, no caso da tia Cora, de quem poderia ser?

– Não há como dizer. Não até onde sei. Mas eles por certo não me contariam nada. E ainda são os primeiros dias, lembre que o assassinato ocorreu anteontem.

– Tem de ser um determinado tipo de pessoa – refletiu Susan. – Um bruto, talvez um pouco retardado, um soldado dispensado ou um criminoso inveterado. Para usar uma machadinha desse jeito, quero dizer.

Um tanto em dúvida, o sr. Entwhistle ergueu as sobrelanceiras e murmurou:

– Lizzie Borden com um machado

Golpeou seu pai cinquenta vezes.

Quando viu o que havia feito

Golpeou sua mãe cinquenta e uma.

– Ah – Susan corou de raiva –, Cora não morava com nenhum parente, a não ser que o senhor se refira à dama de companhia dela. E de qualquer modo, Lizzie Borden foi absolvida. Ninguém sabe ao certo se ela matou seu pai e sua madrastra.

– A rima é realmente bastante injuriosa – concordou o sr. Entwhistle.

– O senhor quer dizer que a dama de companhia cometeu o crime? Cora deixou alguma coisa para ela?

– Um broche de ametista sem grande valor e alguns desenhos de vilarejos de pescadores de valor sentimental apenas.

– Quem mata deve ter motivos, ou tem problemas

mentais.

O sr. Entwhistle deu uma risadinha.

– Até onde se pode determinar, a única pessoa que tinha um motivo era você, minha cara Susan.

– O que é isso? – Greg avançou, de súbito. Era como se houvesse despertado de um longo sono. Um brilho vil apareceu em seus olhos. De repente, ele não era mais uma figura insignificante, ao fundo. – O que Sue tem a ver com isso? O que o senhor pretende falando essas coisas?

Susan disse bruscamente:

– Cale-se, Greg. O sr. Entwhistle não quis dizer nada...

– Apenas uma piadinha minha – desculpou-se o sr. Entwhistle. – Temo que não tenha sido de bom gosto. Acontece que Cora deixou-lhe a propriedade, Susan. Mas, para uma jovem dama, herdeira recente de centenas de milhares de libras, uma propriedade que mal vale algumas centenas dificilmente seria motivo para assassinato.

– Ela deixou seu dinheiro para mim? – Susan soou surpresa. – Que extraordinário. Ela nem me conhecia! Por que ela fez isso, o senhor tem alguma ideia?

– Acho que ela ouviu rumores de que houve uma pequena dificuldade... hum... com seu casamento. – Greg, apontando outra vez seu lápis, fez uma careta. – Houve problemas com o casamento dela própria, e acho que ela sentiu certa compaixão.

Susan perguntou, com algum interesse.

– Ela casou com um artista que ninguém da família gostava, não é? Ele era um bom pintor?

O sr. Entwhistle negou com a cabeça.

– Há alguma pintura dele no chalé?

– Sim.

– Então, vou julgar por mim mesma – disse Susan.

O sr. Entwhistle sorriu ao ver a inclinação resoluta do queixo de Susan.

– Assim seja. Não resta dúvida de que sou um velho antiquado e irremediavelmente atrasado em termos de arte, mas não acho que você discordará de meu veredicto.

– Creio que eu tenha de ir até lá de qualquer maneira, não é? E ver o material. Há alguém lá agora?

– Providencie para que a srta. Gilchrist ficasse no chalé até segunda ordem.

Greg disse:

– Ela deve ter muita coragem para ficar em um chalé onde um assassinato foi cometido.

– Sei que a srta. Gilchrist é uma mulher bastante sensata. Além disso – acrescentou o advogado, secamente –, não creio que ela tenha onde morar até conseguir outro emprego.

– Então a morte da tia Cora a deixou de mãos abanando? Ela e a tia Cora tinham uma relação próxima? – questionou Susan.

O sr. Entwhistle olhou para ela curioso, imaginando o que, exatamente, ela tinha em mente.

– Creio que moderadamente próxima – disse ele. – Ela nunca tratou a srta. Gilchrist como criada.

– Tratou-a muito pior, é o que digo – afirmou Susan. – Essas infelizes que se autointitulam “damas” são quem explora os empregados hoje em dia. Vou tentar encontrar-lhe um emprego decente, em algum lugar. Não será difícil. Qualquer um que esteja disposto a um pouco

de trabalho doméstico e a cozinhar vale seu peso em ouro. Ela cozinha, não é?

– Sim. Pelo que entendi, ela tem objeções apenas a algo que chamou de... hum... “trabalho pesado”. Temo não saber o que “trabalho pesado” quer dizer.

Susan pareceu achar muita graça. O sr. Entwhistle, olhando de relance para seu relógio, disse:

– A sua tia deixou Timothy como seu executor.

– Timothy – disse Susan com desdém. – O tio Timothy é praticamente um mito. Ele nunca é visto por ninguém.

– Concordo. – O sr. Entwhistle olhou de relance para seu relógio. – Estou viajando para vê-lo esta tarde. Vou deixá-lo a par da sua decisão de ir até o chalé.

– Imagino que isso vá me tomar um dia ou dois. Não quero ficar muito tempo longe de Londres. Tenho vários projetos na cabeça. Vou abrir um negócio.

O sr. Entwhistle examinou a sala de estar abarrotada do apartamento minúsculo. Greg e Susan estavam evidentemente passando por dificuldades. O pai dela, ele sabia, havia gastado a maior parte do seu dinheiro. Deixara sua filha em má situação.

– Permita-me perguntar: quais são seus planos para o futuro?

– Estou de olho em um escritório, na rua Cardigan. Suponho que, se for necessário, o senhor possa adiantar-me algum dinheiro. Talvez eu tenha de dar uma caução.

– Pode-se dar um jeito – respondeu o sr. Entwhistle. – Liguei para você várias vezes, no dia após o funeral, mas não tive resposta. Pensei talvez que você estivesse interessada em um adiantamento. Achei que talvez vocês tivessem saído da cidade.

– Oh, não – disse Susan, de pronto. – Estivemos em casa o dia inteiro. Nós dois. Não saímos em nenhum momento.

Greg disse ternamente:

– O senhor conhece Susan, acho que nosso telefone não estava funcionando aquele dia. Você se lembra de como eu não conseguia ligar para a Hard e Cia. de tarde. Eu ia reclamar, mas na manhã seguinte ele estava bom.

– Telefones – disse o sr. Entwhistle – podem ser muito pouco confiáveis às vezes.

Susan disse subitamente:

– Como tia Cora sabia de nosso casamento? Foi em um cartório, e não contamos a ninguém até que fosse realizado!

– Imagino que Richard tenha-lhe contado a respeito. Ela refez seu testamento há umas três semanas (antes disso, ele era em favor da Sociedade Teosófica), na mesma época em que ele esteve lá para vê-la.

Susan pareceu sobressaltada.

– O tio Richard foi até lá para vê-la? Eu não fazia ideia disso!

– Eu mesmo não fazia ideia disso – disse o sr. Entwhistle.

– Então foi quando...

– Quando o quê?

– Nada – disse Susan.

CAPÍTULO 6

I

– Muito gentil de sua parte ter vindo – disse Maude, asperamente, ao cumprimentar o sr. Entwhistle na plataforma da estação Bayham Compton. – Esteja certo de que Timothy e eu estamos muito agradecidos. A verdade é que a morte de Richard foi a pior coisa que poderia acontecer a Timothy.

O sr. Entwhistle não havia ainda considerado a morte de seu amigo a partir desse ângulo em particular. Mas entendeu que talvez esse fosse o único ângulo a partir do qual a sra. Timothy Abernethie o consideraria.

Enquanto eles caminhavam em direção à saída, Maude desenvolveu o tema.

– Para começar, foi um choque. Timothy era muito ligado a Richard. Depois, colocou a ideia de morte na cabeça de Timothy, infelizmente. Por ser inválido, tornou-se bastante temeroso a respeito dele mesmo. Deu-se conta de que era o único dos irmãos que continuava vivo e começou a dizer que seria o próximo a partir, e que não demoraria. Uma conversa muito mórbida, como eu disse a ele.

Eles saíram da estação, e ele seguiu Maude até um carro dilapidado, de antiguidade quase lendária.

– Desculpe a nossa lata velha – disse ela. – Há anos queremos um carro novo, mas não podemos pagar por

um. Este teve o motor refeito duas vezes. Carros velhos aguentam bem o trabalho duro. Espero que ele ligue – ela acrescentou. – Às vezes é preciso dar manivela.

Ela pressionou o botão de ignição diversas vezes, o que resultou somente em um sussurro insignificante. O sr. Entwhistle, que jamais dera manivela em um carro, sentiu-se um tanto apreensivo, mas a própria Maude desceu, inseriu a manivela de ignição e, com duas voltas vigorosas, trouxe o motor de volta à vida. “É sorte”, refletiu o sr. Entwhistle, “que Maude seja uma mulher de constituição tão robusta.”

– Está feito – disse ela. – O velho monstro anda brincando comigo ultimamente. Fez isso quando eu estava voltando do funeral. Tive de caminhar alguns quilômetros até a oficina mais próxima, que não era grande coisa, apenas uma garagem de vilarejo. Tive de me hospedar na estalagem local enquanto eles mexiam nele. É claro que isso incomodou Timothy também. Tive de telefonar e dizer-lhe que não estaria de volta até o dia seguinte. Aborreceu-o terrivelmente. Tento, sempre que possível, defendê-lo dos acontecimentos, mas não posso fazer nada sobre certas coisas. O assassinato de Cora, por exemplo. Tive de chamar o dr. Barton para dar-lhe um sedativo. Coisas como assassinato são demais para um homem no estado de saúde de Timothy. Sempre achei Cora uma idiota.

O sr. Entwhistle digeriu essa observação em silêncio. A insinuação não ficou clara o suficiente para ele.

– Acho que não via Cora desde o nosso casamento – disse Maude. – Eu não queria dizer a Timothy, na época, “sua irmã mais nova é maluca”. Não desse modo. Mas era o que eu pensava. Ela vivia dizendo as coisas mais

absurdas! Você não sabia se ria ou se ressentia delas. Acho que a verdade é que ela vivia em uma espécie de mundo imaginário somente dela, cheio de melodrama e ideias fantásticas sobre outras pessoas. Bem, pobre alma, ela já pagou por isso. Ela tinha algum protegido?

– Protegido? O que você quer dizer com isso?

– Apenas estive pensando nisso. Algum jovem artista pobre, músico, ou algo do gênero. Alguém que ela pode ter deixado entrar naquele dia e que a matou por uns trocados. Talvez um adolescente. Eles são tão estranhos nessa idade, às vezes, especialmente se forem do tipo neurótico. Quero dizer, parece tão estranho arrombar o chalé e matá-la no meio da tarde... Se você fosse arrombar uma casa, certamente o faria à noite.

– Havia duas mulheres lá, então.

– Oh, sim, a dama de companhia. Mas, mesmo assim, não consigo acreditar que alguém tivesse a intenção de esperar até ela sair do caminho e então entrar e atacar Cora. Por quê? Não havia razão para acreditar que ela tivesse algum dinheiro ou objetos de valor, e por certo houve ocasiões em que as duas mulheres estavam fora e a casa estava vazia. Teria sido muito mais seguro. Parece muito estúpido cometer assassinato, a não ser que seja absolutamente necessário.

– E você acha que o assassinato de Cora foi desnecessário?

– A coisa toda parece tão estúpida...

“Um assassinato deve fazer sentido?”, o sr.

Entwhistle se perguntava. Em tese, a resposta era “sim”. No entanto, sabia-se de muitos crimes sem sentido.

“Dependia”, refletiu o sr. Entwhistle, “da mentalidade do assassino.”

O que ele sabia sobre assassinos e seus processos mentais? Muito pouco. Sua firma nunca tivera prática criminal. Ele mesmo não era um estudante de criminologia. Assassinos, até onde ele podia julgar, pareciam ser de todos os tipos e gêneros. Alguns tinham vaidades exageradas ou ansiavam pelo poder; alguns, como Seddon, eram maus e mesquinhos; outros, como Smith e Rowse, tinham um fascínio incrível por mulheres; outros ainda, como Armstrong, eram sujeitos aprazíveis. Edith Thompson vivera em um mundo de violenta irrealdade, a enfermeira Waddington eliminara seus pacientes idosos com satisfação profissional.

A voz de Maude interrompeu suas meditações.

– Se eu apenas pudesse evitar que Timothy lesse os jornais! Mas ele insiste em lê-los, e então, é claro, isso o incomoda. O senhor compreende, não é, sr. Entwistle, que Timothy não pode participar desse inquérito de modo algum? Se necessário, o dr. Barton pode dar um atestado ou algo assim.

– A senhora pode ficar tranquila quanto a isso.

– Graças a Deus!

Eles entraram pelos portões de Stansfield Granje e continuaram por um acesso malcuidado. Já fora uma pequena propriedade atraente, mas agora tinha uma aparência abandonada e melancólica. Maude suspirou, enquanto dizia:

– Tivemos de negligenciar a propriedade durante a guerra. Os dois jardineiros pediram demissão. E agora temos somente um velho, e ele não é grande coisa. É terrível como os salários aumentaram. Devo dizer que é uma bênção saber que agora poderemos gastar um pouco mais com o lugar. Nós dois gostamos tanto

daqui... Eu estava com muito medo de que tivéssemos de vendê-lo... Não que eu tivesse sugerido qualquer coisa assim a Timothy. Isso o teria incomodado terrivelmente.

Eles estacionaram diante do pórtico de uma casa georgiana muito antiga, que precisava com urgência de uma demão de tinta.

– Não há criados – disse Maude amargamente, enquanto abria a porta. – Apenas duas mulheres que vêm de vez em quando. Tínhamos uma empregada residente até o mês passado. Um pouco corcunda e terrivelmente fanhosa, de muitas maneiras não muito brilhante, mas estava aqui, o que era um grande conforto, além de ser uma ótima cozinheira trivial. E, acredite, ela pediu demissão e foi trabalhar com uma tola que tem seis cães pequineses (é uma casa maior do que esta e com mais trabalho) porque “gostava tanto de cãezinhos”, disse ela. Ora, cães! Não tenho dúvida de que ficam enjoados e fazem sujeira o tempo inteiro! Ora, essas garotas são débeis mentais! Assim estamos nós, e, se eu tiver de sair em uma tarde qualquer, Timothy fica sozinho em casa e, se algo acontecer, como ele pode conseguir ajuda? Se bem que deixo o telefone próximo de sua cadeira para que ele possa ligar para o dr. Barton de imediato, caso se sinta fraco.

Maude tomou a dianteira até a sala de estar, onde o chá já estava junto à lareira, e, depois de acomodar o sr. Entwhistle ali, desapareceu, talvez em direção à cozinha. Retornou em alguns minutos com um bule e uma chaleira de prata, e começou a servir o sr. Entwhistle. Era um bom chá, com bolo caseiro e pãezinhos frescos. O sr. Entwhistle murmurou:

– E Timothy?

Maude explicou rapidamente que ela havia levado a Timothy sua bandeja antes de ir para a estação.

– E agora – disse Maude – que ele já tirou sua soneca, será o melhor momento para vê-lo. Tente não perturbá-lo demais.

O sr. Entwhistle assegurou a ela que tomaria todo o cuidado.

Estudando-a na luz bruxuleante da lareira, ele foi tomado por um sentimento de compaixão. Essa mulher gorda, resoluta e simples, tão saudável, tão vigorosa, tão cheia de bom-senso e, no entanto, de modo tão estranho, quase triste, vulnerável em um aspecto. O amor dela pelo marido era maternal, concluiu o sr. Entwhistle. Maude Abernethie não tivera filhos e era uma mulher feita para a maternidade. Seu marido inválido se tornara seu filho, para ser protegido, guardado, cuidado. E talvez, por ter o caráter mais forte entre os dois, ela havia, sem pensar, imposto a ele um estado de invalidez maior do que seria de outra forma.

“Pobre sra. Tim”, pensou para si o sr. Entwhistle.

II

– Que bom que você veio, Entwhistle.

Timothy ergueu-se em sua cadeira enquanto estendia a mão. Ele era um homem grande com uma pronunciada semelhança ao seu irmão Richard. Mas o que era força em Richard, em Timothy era fraqueza. A boca era indecisa, o queixo, um pouco recuado, os olhos, menos fundos. Rugas de irritabilidade lamuriosa apareciam em sua testa.

Sua condição de inválido era enfatizada pelo cobertor sobre seus joelhos e por uma verdadeira farmacopeia de pequenos frascos e caixas sobre uma mesa à sua direita.

– Não devo me esforçar demais – ele avisou. – O médico proibiu. Sempre me diz para não me preocupar! Preocupar! Se houvesse ocorrido um assassinato na família dele, aposto que ele se preocuparia um pouco! É demais para um homem: primeiro a morte de Richard, então ouvir tudo a respeito de seu funeral e seu testamento (e que testamento!) e, ainda por cima, a pobre Corinha morta com uma machadinha. Machadinha! Ah! Este país está cheio de bandidos hoje em dia, brutamontes, sobras de guerra! Andam por aí matando mulheres indefesas. Ninguém tem coragem de acabar com isso, de usar mão firme. Para onde vai este país, eu gostaria de saber? Para onde vai este maldito país?

O sr. Entwhistle estava familiarizado com esse ardil. Era uma pergunta quase sempre feita, mais cedo ou mais tarde, por seus clientes, nos últimos vinte anos, e ele tinha sua resposta pronta. As palavras imparciais que ele pronunciou poderiam ser classificadas como ruídos calmantes.

– Tudo começou com aquele maldito governo trabalhista – disse Timothy. – Mandaram o país inteiro para o inferno. E o governo que temos agora não é melhor. Socialistas hipócritas de meia tigela! Olhe para o estado em que estamos! Não consigo contratar um jardineiro decente, não consigo criadas. A pobre Maude tem de trabalhar até a exaustão na cozinha (aliás, acho que um pudim de creme cairia bem após o linguado, hoje à noite, meu caro, e quem sabe uma sopinha de

legumes primeiro?).

“Tenho de manter as forças, foi o que disse o dr. Barton. Deixe-me ver, onde eu estava? Sim, Cora. É um choque, posso lhe dizer, para um homem, quando ele fica sabendo que sua irmã, sua própria irmã, foi assassinada! Ora, eu tive palpitações por vinte minutos! Você terá de cuidar de tudo para mim, Entwistle. Não posso ir ao inquérito ou ser incomodado por qualquer questão relacionada à herança de Cora. Quero esquecer tudo isso. Falando nisso, o que aconteceu com a parte de Cora do dinheiro de Richard? Creio que vem para mim, não é?”

Murmurando algo sobre tirar o chá, Maude deixou o quarto.

Timothy recostou-se na sua cadeira e disse:

– É sempre bom nos vermos livres das mulheres.

Agora podemos tratar dos negócios sem interrupções bobas.

– A soma deixada de herança para Cora – disse o sr. Entwistle – vai igualmente para você, as sobrinhas e o sobrinho.

– Olhe aqui – as bochechas de Timothy assumiram um tom avermelhado de indignação. – Há alguma dúvida de que eu seja o parente mais próximo? Sou seu único irmão vivo.

O sr. Entwistle explicou com algum cuidado as disposições exatas do testamento de Richard Abernethie, lembrando Timothy educadamente que uma cópia havia sido enviada a ele.

– Você não quer que eu entenda todo esse jargão legal, não é? – disse Timothy de maneira ingrata. – Vocês advogados! Na realidade, não pude acreditar

quando Maude voltou para casa e me contou o resumo do testamento. Pensei que ela tivesse entendido tudo errado. Mulheres nunca pensam com clareza. Maude é a melhor mulher do mundo, mas mulheres não entendem de finanças. Acho que Maude sequer percebe que, se Richard não morresse quando morreu, talvez fôssemos obrigados a abandonar esta casa. Verdade!

– Certamente, se você tivesse pedido a Richard...

Timothy deu uma risada áspera, quase um pequeno latido.

– Não é meu estilo. Nosso pai deixou a todos nós uma parte perfeitamente razoável de seu dinheiro caso não quiséssemos entrar nos negócios da família. Eu não quis. Estou acima de emplastos para calos, Entwhistle! Richard ressentiu-se bastante de minha atitude. Bem, com os impostos, depreciação da renda, uma coisa e outra, não tem sido fácil manter as coisas por aqui. Tive de vender grande parte dos bens. É a melhor coisa para se fazer, nos dias de hoje. Nunca sequer insinuei a Richard que este lugar estivesse ficando um pouco difícil de administrar. Era dele a opinião de que estaríamos muito melhor em um lugar menor. Mais fácil para Maude, ele disse, economizaria trabalho. Economizar trabalho, que expressão!

“Não, eu não teria pedido a ajuda de Richard. Mas tenha certeza, Entwhistle, de que a preocupação afetou minha saúde de maneira muito desfavorável. Um homem na minha condição de saúde não deveria se preocupar. Então Richard morreu e, apesar de ficar triste com a morte dele, é claro, meu irmão e tudo mais, não pude

deixar de me sentir aliviado a respeito das minhas perspectivas futuras. Sim, o caminho está aberto agora, um grande alívio. Pintarei a casa, contratarei uns homens realmente bons para o jardim. É possível contratá-los pelo preço certo. Replantar o jardim de rosas inteiro. E... onde eu estava?"

– Detalhando seus planos futuros.

– Sim, sim, mas não devo incomodá-lo com tudo isso. O que me doeu, e me doeu cruelmente, foram os termos do testamento de Richard.

– É mesmo? – O sr. Entwistle encarou-o, curioso. – Eles não foram o que você esperava?

– Eu diria que não! Naturalmente, após a morte de Mortimer, presumi que Richard deixaria tudo para mim.

– Ah, ele algum dia indicou isso para você?

– Ele nunca disse isso, não com essas palavras.

Sujeito reticente, Richard. Mas apareceu aqui sem ser convidado, não muito tempo depois da morte de Mortimer. Queria falar sobre questões de família em geral. Discutimos sobre o jovem George, as garotas e seus maridos. Queria saber meus pontos de vista. Não que eu soubesse muito. Sou um inválido e não saio de casa, Maude e eu vivemos longe do mundo. Porcaria de maridos as duas garotas arranjaram, se quer saber minha opinião. Bem, olhe só, Entwistle, naturalmente pensei que ele estava me consultando porque eu seria o chefe da família após sua partida e, naturalmente, pensei que o controle do dinheiro seria meu. Richard com certeza poderia ter confiado em mim para fazer a coisa certa pela geração mais jovem e tomar conta da pobre e velha Cora. Dane-se, Entwistle, sou um Abernethie, o último Abernethie. Controle absoluto deveria ter sido deixado

em minhas mãos.

Em sua excitação, Timothy havia derrubado o cobertor e estava agora apertado em sua cadeira. Não havia sinal de fraqueza ou fragilidade nele. Ele parecia, pensou o sr. Entwhistle, um homem perfeitamente saudável, mesmo que um tanto nervoso. Além do mais, o velho advogado percebeu, com muita clareza, que Timothy Abernethie sempre invejara em segredo seu irmão Richard. Eles foram suficientemente parecidos para que Timothy se ressentisse da força de caráter de seu irmão e do firme controle que este tinha sobre tudo. Quando Richard morreu, Timothy havia exultado com a perspectiva de suceder-lhe, a essa altura tardia da vida, no poder de controlar o destino de outros.

Richard Abernethie não havia lhe dado tal poder. Será que ele havia pensado em fazê-lo e então mudara de ideia?

Uma briga repentina de gatos no jardim fez com que Timothy levantasse da cadeira. Correndo até a janela, ele a abriu, gritou "Parem com isso!" e, apanhando um livro grande, lançou-o nos invasores.

– Gatos desgraçados – ele resmungou, retornando ao seu visitante. – Arruinam os canteiros, e não suportam os malditos miados.

Ele se sentou de novo e perguntou:

– Que tal um drinque, Entwhistle?

– Ainda é muito cedo. Maude acabou de me servir um chá excelente.

Timothy resmungou.

– Uma mulher capaz. Maude. Mas trabalha demais. Chega até mesmo a mexer em nosso carro velho. Ela é uma boa mecânica, do jeito dela, sabe.

– Ouvi dizer que ela teve um problema mecânico

enquanto voltava do funeral.

– Sim. O carro enguiçou. Ela teve o bom-senso de me telefonar, para o caso de eu estar ansioso, mas a burra da diarista que trabalha para nós anotou o recado de maneira que não fez sentido. Eu estava lá fora tomando um pouco de ar fresco, pois fui aconselhado pelo médico a fazer tanto exercício quanto minha disposição permitir, e, ao voltar de minha caminhada, encontrei isto rabiscado em um pedaço de papel:

“Madame lamenta carro estragou terá de passar a noite”.

“Naturalmente, pensei que ela ainda estava em Enderby. Telefonei para lá e descobri que Maude havia partido naquela manhã. O problema com o carro poderia ter ocorrido em qualquer lugar! Que confusão! A idiota da diarista deixou-me para o jantar apenas um macarrão com queijo grudento. Tive de descer até a cozinha para aquecê-lo eu mesmo e preparar meu próprio chá, sem falar em ter tido de alimentar a caldeira. Eu poderia ter sofrido um ataque cardíaco, mas e esse tipo de mulher se importa com algo? Não ela! Se tivesse qualquer senso de decência, teria voltado naquela noite e cuidado de mim de maneira apropriada. Não há mais lealdade nas classes inferiores...”

Ele removeu, tristemente.

– Não sei o que Maude contou a você sobre o funeral e os parentes – disse o sr. Entwistle. – Cora protagonizou um momento bastante constrangedor. Ela disse levemente que Richard havia sido assassinado. Talvez Maude lhe tenha contado.

Timothy riu, sem esforço.

– Sim, ouvi falar disso. Todos olharam para o chão e

atingiram estar chocados. Exatamente o tipo de coisa que Cora diria! Você sabe que ela sempre conseguia meter os pés pelas mãos quando era criança, não é, Entwhistle? Lembro que ela disse algo, em nosso casamento, que desagradou minha esposa. Maude nunca gostou muito dela. Sim, Maude me ligou naquela noite, após o funeral, para saber se eu estava bem e se a sra. Jones havia aparecido para me fazer o jantar. Contou-me que tudo havia saído bem, e eu disse "E o testamento?", e ela tentou desconversar um pouco, mas acabei por extrair-lhe a verdade. Não pude acreditar no que ouvia e disse que ela entendera mal, mas ela confirmou. Aquilo me feriu, Entwhistle, realmente me magoou, se é que você entende. Se quer saber minha opinião, foi despeito de Richard. Eu sei que não se deve falar mal dos mortos, mas, pode ter certeza...

Timothy continuou nesse tema por algum tempo.

Então Maude entrou no quarto de novo e falou firmemente:

– Acho, querido, que o sr. Entwhistle já está com você tempo suficiente. Você realmente tem de descansar. Se vocês já deixaram tudo acertado...

– Sim, está tudo acertado. Deixo tudo para você, Entwhistle. Avise-me quando pegarem o sujeito, se o pegarem. Não tenho confiança na polícia de hoje em dia, os comandantes não são do tipo certo. Você providenciará o... hum... enterro, não é? Temo que não possamos comparecer. Mas encomende uma coroa de flores luxuosa, e haverá uma lápide decente, no momento apropriado. Imagino que ela será enterrada lá mesmo, não é? Não faz sentido trazê-la até o norte, e

não faço ideia de onde Lansquenet esteja enterrado, creio que em algum lugar na França. Não sei o que se coloca na lápide de um assassinado... Não fica bem dizer "descansou" ou qualquer coisa do gênero. Teremos de escolher um texto, algo apropriado. Descanse em paz? Não, isso é só para católicos.

– Viste, Senhor, a injustiça que sofri. Julga tu a minha causa^[1] – murmurou o sr. Entwhistle.

O olhar sobressaltado que Timothy lançou-lhe provocou um ligeiro sorriso no sr. Entwhistle.

– Das Lamentações de Jeremias – disse ele. – Parece apropriado, ainda que um pouco melodramático. Entretanto, vai demorar até que o assunto da lápide seja discutido. A poeira tem de assentar, sabe? Agora não se preocupe com nada. Cuidaremos de tudo e o manteremos informado.

O sr. Entwhistle embarcou no trem matutino para Londres no dia seguinte.

Quando chegou em casa, após hesitar um pouco, telefonou para um amigo.

CAPÍTULO 7

– É difícil exprimir o quanto aprecio seu convite. O sr. Entwhistle apertou calorosamente a mão de seu anfitrião.

Hercule Poirot gesticulou de maneira hospitaleira na direção de uma cadeira junto ao fogo.

O sr. Entwhistle suspirou enquanto se sentava.

Em um canto da sala, uma mesa estava posta para dois.

– Voltei do campo esta manhã – disse ele.

– E você tem um problema sobre o qual gostaria de me consultar?

– Sim. Temo que seja uma história longa e complicada.

– Então, não trataremos dela até depois de jantarmos. Georges?

O eficiente Georges materializou-se com uma porção de patê de foie gras acompanhado de torradas quentes em um guardanapo.

– Comeremos nosso patê junto ao fogo – disse Poirot. – Depois vamos para a mesa.

Uma hora e meia mais tarde, o sr. Entwhistle espreguiçava-se confortavelmente em sua cadeira e suspirava de satisfação.

– Você certamente sabe passar bem, Poirot. Como todo bom francês.

– Eu sou belga. Mas o resto da sua observação se aplica. Na minha idade, o principal prazer, quase o único que ainda resta, é o da mesa. Graças a Deus, tenho um

excelente estômago.

– Ah – murmurou o sr. Entwhistle.

Eles haviam jantado um linguado veronique, seguido por uma vitela milanesa e, de sobremesa, uma poire flambé^[2] com sorvete. Beberam um Pouilly Fuissé seguido de um Corton, e um Porto excelente repousava agora ao lado do sr. Entwhistle. Poirot, que não era um apreciador de Porto, bebericava licor de chocolate.

– Não sei – murmurou o sr. Entwhistle, lembrando-se do jantar – como você conseguiu um escalope desses! Derrete na boca!

– Tenho um amigo que é um açougueiro de primeira. Resolvi para ele um pequeno problema doméstico. Ele ficou grato e, desde então, tem-me sido muito indulgente nas questões do estômago.

– Um problema doméstico – suspirou o sr. Entwhistle. – Gostaria que você não tivesse mencionado isso... Este momento é tão perfeito...

– Prolongue-o, meu amigo. Logo teremos café, um ótimo conhaque e, então, enquanto a digestão segue pacificamente seu curso, você me dirá por que precisa do meu conselho.

O relógio bateu as nove e meia antes que o sr. Entwhistle se movesse em sua cadeira. O momento psicológico havia chegado. Ele não se sentia mais relutante em expressar suas dúvidas – estava ansioso para fazê-lo.

– Não sei – disse ele – se estou fazendo o papel do mais perfeito idiota. Em todo caso, não vejo como poderia evitá-lo. Mas gostaria de expor-lhe os fatos e

quero saber sua opinião.

Ele pausou por alguns momentos e, então, de sua maneira seca e meticulosa, contou sua história. Seu cérebro treinado em assuntos legais permitiu que expusesse os fatos com clareza, sem deixar nada de fora ou acrescentar elementos dispensáveis. Foi um relato claro, sucinto e, como tal, apreciado pelo homenzinho idoso com cabeça em forma de ovo que o escutava, sentado à sua frente.

Quando ele terminou, houve uma pausa. O sr. Entwhistle estava preparado para responder perguntas, mas, por alguns momentos, nenhuma veio. Hercule Poirot estava analisando os fatos.

Ele disse por fim:

– A questão parece muito clara. Você suspeita que seu amigo, Richard Abernethie, possa ter sido assassinado, não é? Essa suspeita, ou suposição, baseia-se em uma coisa somente: as palavras ditas por Cora Lansquenet no funeral de Richard Abernethie. Retire-as, e não sobra nada. O fato de ela mesma ter sido assassinada no dia seguinte pode ser a mais pura coincidência. É verdade que Richard Abernethie morreu subitamente, mas ele foi atendido por um médico bem conceituado, que o conhecia bem. Esse médico não tinha suspeitas e deu o atestado de óbito. Richard foi enterrado ou cremado?

– Cremado, de acordo com seu próprio pedido.

– Sim, é a lei. E significa que um segundo médico assinou o atestado, mas não haveria dificuldade quanto a isso. Então voltamos ao ponto essencial: o que Cora disse. Você estava lá e a ouviu. Ela disse: “Mas ele foi assassinado, não foi?”.

– Sim.

– E o verdadeiro ponto é que você acredita que ela estava falando a verdade.

O advogado hesitou por um momento, então disse:

– Sim, acredito.

– Por quê?

– Por quê? – Entwhistle repetiu as palavras, ligeiramente perplexo.

– Sim, mas por quê? Será por que, no fundo, você já se sentia perturbado pelo modo como Richard morreu?

O advogado balançou a cabeça.

– Não, não, nem um pouco.

– Então é por causa dela, da própria Cora. Você a conhecia bem?

– Eu não a via há... mais de vinte anos.

– Você a teria reconhecido se a tivesse encontrado na rua?

O sr. Entwhistle refletiu.

– Eu poderia ter passado por ela na rua sem reconhecê-la. Ela era uma garotinha magra quando a vi pela última vez e se tornara uma mulher de meia-idade, gorda e desleixada. Mas acho que, no momento em que eu lhe falasse frente a frente, a teria reconhecido. Ela usava o cabelo da mesma maneira, cortado reto sobre a testa, e tinha a mania de espiar você pela franja, como um animal tímido; tinha também uma maneira de falar muito característica, abrupta, e um jeito de inclinar a cabeça para o lado e dizer algo bastante constrangedor. Ela tinha caráter, veja bem, e caráter é sempre algo altamente individual.

– Ela era, na realidade, a mesma Cora que você conheceria anos atrás. E ainda dizia coisas

constrangedoras! As coisas, as coisas constrangedoras que ela dizia no passado costumavam ser justificáveis?

– Esse sempre foi o aspecto importuno de Cora.

Quando era melhor que a verdade não fosse dita, ela a dizia.

– E tal característica permaneceu inalterada. Richard Abernethie foi assassinado, então Cora, de imediato, mencionou o fato.

O sr. Entwhistle se moveu na cadeira.

– Você acha que ele foi assassinado?

– Oh, não, não, meu amigo, não podemos nos precipitar. Concordamos sobre isto: Cora acreditava que ele foi assassinado. Estava segura de que ele foi assassinado. Era para ela mais uma certeza do que uma suposição. E assim, chegamos a este ponto: ela devia ter alguma razão para crê-lo. Concordamos, pelo que você conhecia dela, que ela não estava apenas pregando uma peça. Agora me diga: quando ela disse o que disse, houve na mesma hora uma espécie de coro de protesto, certo?

– Exatamente.

– E ela então ficou confusa, envergonhada e recuou, dizendo, até onde você pode se lembrar, algo como “Mas achei, pelo que ele me disse...”.

O advogado anuiu com a cabeça.

– Quisera lembrar-me com maior clareza. Mas estou bastante certo disso. Ela usou as palavras “ele me contou” ou “ele disse...”.

– E o assunto foi então abrandado, e todos passaram a falar de outras coisas. Você consegue se lembrar, em retrospecto, de alguma expressão especial

no rosto de alguém? Qualquer coisa que permaneça em sua memória como, digamos, fora do comum?

– Não.

– E bem no dia seguinte, Cora é morta. E você pergunta a si mesmo: “Pode ter sido causa e efeito?”.

O advogado se moveu na cadeira.

– Imagino que isso lhe pareça bastante fantasioso.

– De forma alguma – disse Poirot. – Caso se considere correto o pressuposto original, é lógico. O assassinato perfeito, o assassinato de Richard Abernethie, foi cometido, tudo correu sem problemas, e, de uma hora para outra, parece haver uma pessoa que tem conhecimento da verdade! É óbvio que essa pessoa tenha de ser silenciada o mais rápido possível.

– Então você acha que foi assassinato?

Poirot disse com seriedade:

– Penso, mon cher, exatamente como você: que há um caso para investigação. Você tomou alguma medida? Você falou dessas questões à polícia?

– Não. – O sr. Entwistle balançou a cabeça. – Não me pareceu que qualquer resultado positivo pudesse ser alcançado. Minha posição é a de representante da família. Se Richard Abernethie foi assassinado, parece haver apenas um método pelo qual isso poderia ser feito.

– Por veneno?

– Exatamente. E o corpo foi cremado. Não há provas disponíveis. Mas decidi que devo a mim mesmo o esclarecimento desse caso. Por isso, Poirot, procurei você.

– Quem estava na casa no momento da morte dele?

– Um velho mordomo que trabalhava para ele há

anos, uma cozinheira e uma empregada. Parece, talvez, que teria de ser necessariamente um deles...

– Ah! Não tente colocar uma venda sobre meus olhos. Essa Cora, ela sabe que Richard Abernethie foi morto; no entanto, consentiu com o abafamento da história. Ela diz: “Acho que vocês estão certos”. Portanto, tem de ser alguém da família que está envolvido, alguém que a própria vítima preferiria que não fosse abertamente acusado. Por outro lado, já que Cora gostava do irmão, ela não concordaria em deixar o assassino sair impune. Você concorda com isso, não?

– Foi o que concluí, sim – confessou o sr. Entwhistle. – Embora não consiga conceber como alguém da família poderia...

Poirot o interrompeu.

– Quando se trata de veneno, há todo tipo de possibilidades. Presume-se que deva ter sido um narcótico de algum tipo, se ele morreu dormindo e se não havia aparências suspeitas. É possível que já lhe estivessem administrando alguma droga.

– De qualquer maneira – disse o sr. Entwhistle –, o como pouco importa. Nunca conseguiremos provar nada.

– No caso de Richard Abernethie, não. Mas o assassinato de Cora Lansquenet é diferente. Uma vez que saibamos quem, será possível conseguir as provas. – Ele acrescentou com um olhar penetrante: – Talvez você já tenha feito algo.

– Muito pouco. Acho que meu propósito principal era eliminação. É desagradável pensar que um membro da família Abernethie é um assassino. Ainda não consigo acreditar. Eu esperava que, com algumas perguntas

aparentemente sem importância, pudesse inocentar certos membros da família, acima de qualquer dúvida. Quem sabe todos eles? Assim, Cora estaria errada em sua suposição, e sua própria morte poderia ser atribuída a algum vagabundo invasor. Afinal, o problema é muito simples. O que estavam fazendo os membros da família Abernethie na tarde em que Cora Lansquenet fora morta?

– Eh bien – disse Poirot –, o que eles estavam fazendo?

– George Crossfield estava nas corridas em Hurst Park. Rosamund Shane estava fazendo compras em Londres. Seu marido, pois temos de incluir os maridos...

– Seguramente.

– O marido dela estava negociando os direitos sobre uma peça de teatro. Susan e Gregory Banks estiveram em casa durante todo o dia. Timothy Abernethie, que é inválido, estava em sua casa em Yorkshire, e sua esposa estava voltando de carro de Enderby.

Ele parou.

Hercule Poirot olhou para ele e assentiu, concordando.

– Sim, é isso que eles dizem. E é tudo verdade?

– Simplesmente não sei, Poirot. Algumas das declarações podem ser provadas, e outras, refutadas, mas seria difícil fazê-lo sem revelar suas intenções. De fato, isso seria o equivalente a uma acusação. Apenas vou contar-lhe algumas conclusões minhas. George pode ter estado nas corridas de Hurst Park, mas não acho que esteve. Ele foi precipitado o suficiente para se jactar de que havia apostado em dois vencedores. Pela minha experiência, muitos criminosos arruinam seus próprios casos por falarem demais. Perguntei a ele o nome dos

vencedores, e ele me deu os nomes de dois cavalos, sem qualquer hesitação aparente. Ambos, descobri, haviam sido muito apostados no dia em questão, e um deles havia de fato vencido. O outro, apesar de ser franco favorito, havia inexplicavelmente falhado em se classificar.

– Interessante. Esse George tinha qualquer necessidade urgente de dinheiro na época da morte do seu tio?

– Pareceu-me que a necessidade dele era muito urgente. Não tenho provas para dizê-lo, mas suspeito que estivesse especulando com o dinheiro de seus clientes e que corria o risco de ser processado. É apenas uma impressão, mas tenho alguma experiência nessas questões. Deixar de pagar advogados, lamento dizer, não é de todo incomum. Posso garantir-lhe que não confiaria meus próprios fundos a George e suspeito de que Richard Abernethie, um avaliador muito astuto de pessoas, estivesse insatisfeito com seu sobrinho e não tivesse confiança nele.

“A mãe dele – continuou o advogado – era uma garota bonita, mas muito tola, e casou-se com um homem cujo caráter eu chamaria de duvidoso. – Ele suspirou. – As garotas Abernethie não sabiam escolher.”

Ele fez uma pausa e então continuou:

– Quanto a Rosamund, ela é uma adorável pateta. De modo algum consigo imaginá-la arrebatando a cabeça de Cora com uma machadinha! O marido dela, Michael Shane, tem algo de misterioso, um homem de ambição e também de vaidade excessiva, eu diria. Mas,

na verdade, sei muito pouco a respeito dele. Não tenho razão para suspeitar de que fosse capaz de um crime brutal ou de um envenenamento cuidadosamente planejado, mas, até eu ter absoluta certeza de que ele fazia naquele dia o que disse estar fazendo, não posso descartá-lo.

– Mas você não tem dúvidas quanto à esposa?

– Não, não. Há nela certa insensibilidade, bastante surpreendente... mas não, não consigo mesmo imaginá-la com uma machadinha. Ela é uma criatura de aparência frágil.

– E bela! – disse Poirot com um ligeiro sorriso cínico. – E a outra sobrinha?

– Susan? Ela é um tipo muito diferente de Rosamund. Uma garota de capacidade extraordinária, eu diria. Ela e o marido estiveram em casa juntos naquele dia. Eu disse (falsamente) que havia tentado contatá-los por telefone na tarde em questão. Greg explicou muito rapidamente que o telefone estivera mudo o dia inteiro. Ele tentara ligar para alguém e não conseguira.

– Então, mais uma vez, não há nada conclusivo... Você não pode eximi-los como gostaria... Como é o marido?

– É difícil descrevê-lo. Ele tem uma personalidade um pouco desagradável, embora não se possa determinar com exatidão por que dá essa impressão. Quanto a Susan...

– Sim?

– Susan me faz lembrar do tio. Ela tem o vigor, a ambição e a capacidade mental de Richard Abernethie. Pode ser apenas minha imaginação, mas falta a ela um

pouco da generosidade e da simpatia do meu velho amigo.

– Mulheres nunca são generosas – observou Poirot.
– Embora, às vezes, possam ser afetuosas. Ela ama o marido?

– Com devoção, eu diria. Mas por favor, Poirot, não consigo acreditar, não acreditarei por um momento que Susan...

– Você prefere George? – perguntou Poirot. – É natural! Quanto a mim, não sou tão sentimental a respeito de damas jovens e belas. Agora me conte sobre sua visita à geração mais velha?

O sr. Entwhistle demorou-se em descrever sua visita a Timothy e Maude. Poirot resumiu o resultado.

– Então a sra. Abernethie é uma boa mecânica. E o sr. Abernethie não é o inválido que gosta de pensar que é. Ele sai para caminhadas e é, de acordo com você, capaz de ações vigorosas. Ele também é um pouco egocêntrico e invejava o sucesso e o caráter superior do irmão.

– Ele falou de Cora com grande afeto.

– E ridicularizou a observação tola dela após o funeral. E o que você me diz do sexto beneficiário?

– Helen? A sra. Leo? Não suspeito dela nem por um momento. De qualquer maneira, sua inocência será fácil de provar. Ela estava em Enderby. Com três criadas na casa.

– Eh bien, meu amigo – disse Poirot. – Vamos ser práticos. O que você quer que eu faça?

– Eu quero saber a verdade, Poirot.

– Sim. Sim, eu sentiria o mesmo em seu lugar.

– E você é o homem que a descobrirá para mim. Sei que você não mais aceita casos, mas peço-lhe que aceite este. É uma questão de negócios. Eu serei responsável por seus honorários. Vamos lá, dinheiro sempre é útil.

Poirot riu.

– Não se ele for todo para impostos! Mas devo admitir que seu problema me interessa! Porque não é fácil... Tudo é tão nebuloso... Uma coisa, meu amigo, é melhor que seja feita por você. Depois disso, ocupo-me de todo o resto. Mas acho melhor você mesmo procurar o médico que atendeu o sr. Richard Abernethie. Você o conhece?

– Ligeiramente.

– Como ele é?

– Um clínico geral de meia-idade. Bastante competente. Muito próximo de Richard. Um bom sujeito, em todos os sentidos.

– Então o procure. Ele vai falar mais à vontade com você do que comigo. Pergunte a ele sobre a doença de Abernethie. Descubra que remédios o sr. Abernethie estava tomando no momento da sua morte e antes. Descubra se Richard disse alguma vez qualquer coisa a esse médico sobre acreditar estar sendo envenenado. A propósito, aquela srta. Gilchrist tem certeza de que ele usou o termo “envenenado” ao falar com a irmã?

O sr. Entwhistle refletiu.

– Foi a palavra que ela usou, mas ela é o tipo de testemunha que com frequência muda os termos que usou, porque está convencida de que lhes mantém o sentido. Se Richard disse temer que alguém quisesse matá-lo, a srta. Gilchrist pode ter presumido veneno

porque ela vinculava seus temores àqueles de uma tia dela que pensava que lhe estavam envenenando a comida. Posso perguntar a ela outra uma vez.

– Sim. Ou eu o farei. – Ele fez uma pausa e então disse, com uma voz diferente: – Já lhe ocorreu, meu amigo, que a própria srta. Gilchrist possa estar correndo perigo?

O sr. Entwhistle pareceu surpreso.

– Não posso dizer que sim.

– Mas, sim. Cora externou suas suspeitas no dia do funeral. A questão na mente do assassino será: ela mencionou essas suspeitas a alguém, assim que soube da morte de Richard? E a pessoa com quem é mais provável que ela tenha falado sobre isso é a srta. Gilchrist. Acho, mon cher, que é melhor que ela não fique sozinha naquele chalé.

– Creio que Susan esteja indo para lá.

– Ah, então a sra. Banks está indo para lá?

– Ela quer ver os pertences de Cora.

– Compreendo... Compreendo... Bem, meu amigo, faça o que eu pedi. Você também poderia preparar a sra. Abernethie, a sra. Leo Abernethie, para a possibilidade de eu aparecer para uma visita. Veremos. De agora em diante, tratarei de tudo.

E Poirot torceu seus bigodes com enorme vigor.

I

O sr. Entwhistle olhou para o dr. Larraby pensativamente.

Ele tivera uma vida inteira de experiência em entender pessoas. Houve diversas ocasiões nas quais fora necessário abordar uma situação difícil ou um assunto delicado. O sr. Entwhistle se tornara hábil na arte da abordagem precisa. Qual a melhor maneira de propor ao dr. Larraby um assunto certamente muito difícil, que poderia muito bem ofender o médico, por questionar sua própria capacidade profissional?

“Franqueza”, pensou o sr. Entwhistle, “ou pelo menos franqueza parcial.” Dizer que suspeitas haviam surgido devido à sugestão inconsistente feita por uma mulher tola seria desaconselhável. O dr. Larraby não conhecera Cora.

O sr. Entwhistle pigarreou e prosseguiu com bravura.

– Eu gostaria de consultá-lo sobre um assunto muito delicado – disse ele. – Você poderá sentir-se ofendido, mas sinceramente espero que não. Você é um homem sensato e compreenderá, tenho certeza, que a melhor maneira de lidar com uma... sugestão despropositada é encontrar-lhe uma resposta razoável, em vez de condená-la de antemão. Ela diz respeito ao meu cliente, o falecido sr. Abernethie. Farei minha pergunta sem rodeios. Você tem certeza, certeza absoluta, de que ele morreu do que

se costuma chamar morte natural?

O rosto de meia-idade, avermelhado e bem-humorado do dr. Larraby fixou-se atônito em seu interrogador.

– Mas que diabos, é claro que tenho, dei um atestado, não dei? Se eu não estivesse convencido de que...

O sr. Entwhistle o interrompeu habilmente.

– Claro, claro. Asseguro-lhe que não estou presumindo nada em contrário. Mas gostaria de ter sua garantia absoluta diante dos... rumores que circulam.

– Rumores? Que rumores?

– É difícil saber como essas coisas começam – mentiu o sr. Entwhistle. – Mas minha opinião é que devam ser impedidas de maneira peremptória, se possível.

– Abernethie era um homem doente. Ele sofria de uma doença que, acredito, seria fatal dentro de no máximo dois anos. Mas poderia acontecer bem mais cedo. A morte do seu filho havia enfraquecido sua vontade de viver e seus poderes de resistência. Admito não ter esperado que sua morte ocorresse tão cedo, ou mesmo de modo tão súbito, mas há precedentes, vários precedentes. Qualquer médico que preveja exatamente quando um paciente vai morrer, ou exatamente quanto tempo ele vai viver, está destinado ao ridículo. O fator humano é sempre incalculável. Os fracos muitas vezes têm poderes inesperados de resistência, os fortes às vezes sucumbem.

– Eu compreendo tudo isso. Não duvido de seu diagnóstico. Poderíamos dizer (e temo que soe bastante melodramático) que o sr. Abernethie estava sob sentença de morte. Tudo o que lhe pergunto é se é possível que

um homem, sabendo ou suspeitando que esteja condenado, possa por sua livre vontade encurtar este período da vida, ou que outra pessoa possa fazer isso por ele.

O dr. Larraby franziu o cenho.

– Você quer dizer suicídio? Abernethie não era um tipo suicida.

– Entendo. Você pode me garantir, do ponto de vista médico, que essa sugestão é impossível?

O médico moveu-se, inquieto.

– Eu não usaria a palavra impossível. Após a morte do filho, a vida já não tinha mais o mesmo interesse para Abernethie. Por certo não acho que o suicídio seja provável, mas não posso dizer que seja impossível.

– Você está falando do aspecto psicológico. Quando me referi ao ponto de vista médico, queria, de fato, dizer: as circunstâncias da morte dele tornam tal sugestão impossível?

– Não, não. Não posso dizer isso. Ele morreu dormindo, o que acontece muito. Não havia razão para suspeitar de suicídio, nenhum indício de seu estado mental. Se você fosse exigir uma autópsia sempre que um homem seriamente doente morresse durante o sono...

O rosto do médico estava ficando cada vez mais vermelho. O sr. Entwhistle apressou-se em interpor sua opinião.

– É claro. É claro. Mas e se houvesse indícios, dos quais você mesmo não teve conhecimento? Se, por exemplo, ele tivesse dito algo a alguém...

– Indicando que ele pensava em se suicidar? Ele

disse algo? Devo dizer que estou surpreso.

– Mas se assim foi (meu caso é puramente hipotético), você descartaria a possibilidade?

O dr. Larraby disse lentamente:

– Não, não, eu não poderia fazê-lo. Mas digo mais uma vez: eu ficaria muito surpreso.

O sr. Entwhistle apressou-se em aproveitar sua vantagem.

– Se, então, presumirmos que sua morte não foi natural (tudo isso é puramente hipotético), o que poderia tê-la causado? Quero dizer, que tipo de droga?

– Várias. Algum tipo de narcótico seria indicado. Não havia sinal de cianose, a postura dele estava bastante tranquila.

– Ele tomava tabletes ou pílulas para dormir? Algo desse tipo?

– Sim. Eu havia prescrito Slumberyl, um sonífero muito seguro e confiável. Ele não o tomava todas as noites. E ele tinha apenas um pequeno frasco com algumas pílulas. Três ou mesmo quatro vezes a dose prescrita não teriam causado a morte. Na realidade, lembro-me de ver um frasco quase cheio sobre o lavatório, após sua morte.

– O que mais você prescreveu a ele?

– Várias coisas. Um remédio que continha uma pequena quantidade de morfina, para ser tomado quando ele sofresse uma crise de dor. Algumas cápsulas de vitamina. Uma mistura para indigestão.

O sr. Entwhistle o interrompeu.

– Cápsulas de vitamina? Acho que já me prescreveram algumas dessas. Pequenas cápsulas

redondas de gelatina.

– Sim, contendo adexolina.

– Seria possível que outra substância tivesse sido introduzida, digamos, em uma dessas cápsulas?

– Você quer dizer algo letal? – O médico parecia cada vez mais surpreso. – Mas com certeza ninguém seria capaz de... Olhe aqui, Entwistle, aonde você quer chegar? Meu Deus, homem, você está sugerindo assassinato?

– Não sei bem o que estou sugerindo... Apenas quero saber o que seria possível.

– Mas que evidências você tem para chegar a até mesmo sugerir algo dessa natureza?

– Não tenho quaisquer provas – disse o sr.

Entwistle, com a voz cansada. – O sr. Abernethie está morto, e a pessoa com quem ele falou também está morta. Tudo isso é rumor, um rumor vago, nada convincente, e quero dar fim a ele se puder. Se você me disser que é impossível alguém ter envenenado Abernethie por qualquer meio, eu ficaria muito satisfeito! Posso lhe assegurar que seria um grande peso tirado de minhas costas.

O dr. Larraby se levantou e caminhou de um lado para o outro.

– Não tenho como dizer o que você quer ouvir – falou por fim. – Quisera ter. É claro que poderia ter sido feito. Qualquer um poderia ter extraído o óleo de uma cápsula e o substituído por, digamos, nicotina pura, ou meia dúzia de outras coisas. Ou algo poderia ter sido colocado em sua comida ou bebida. Não é mais provável?

– Possivelmente. Mas, veja bem, somente os

empregados estavam na casa quando ele morreu, e não creio que algum deles o tenha feito. Na realidade, tenho bastante certeza de que não o fizeram. Então, o que procuro é alguma possibilidade de ação gradual. Suponho que não exista uma droga que possa ser administrada de modo a causar a morte semanas depois?

– Uma ideia conveniente, mas insustentável, temo – disse o médico, secamente. – Sei que você é uma pessoa razoável, Entwhistle, mas quem fez essa sugestão? Ela me parece inacreditável.

– Abernethie nunca disse nada a você? Nunca insinuou que um dos parentes o quisesse fora do caminho?

O médico olhou para ele com curiosidade.

– Não, ele nunca me disse nada. Você tem certeza, Entwhistle, de que ninguém está, bem, exagerando? Você sabe que alguns indivíduos histéricos podem parecer bastante razoáveis e normais.

– Espero que seja isso. Pode mesmo ser.

– Deixe-me entender. Uma pessoa sustenta que Abernethie disse a ela... imagino que tenha sido uma mulher, certo?

– Sim, foi uma mulher.

– ...disse a ela que alguém estava tentando matá-lo?

Encurrulado, o sr. Entwhistle contou, relutante, a história da observação de Cora no funeral. O rosto do dr. Larraby iluminou-se.

– Meu caro amigo, eu não daria atenção alguma! A explicação é bastante simples. Uma mulher em determinado momento da vida, ansiosa por causar

sensação, desequilibrada e incerta, pode dizer qualquer coisa. E você sabe que dizem!

A suposição fácil do médico desagradou o sr. Entwhistle. Ele mesmo já tivera de lidar com muitas mulheres histéricas em busca de atenção.

– Você deve estar certo – disse ele, levantando-se. – Infelizmente não podemos questioná-la, já que ela própria foi assassinada.

– O quê? Assassinada? – Dr. Larraby parecia agora ter graves suspeitas a respeito da estabilidade mental do sr. Entwhistle.

– Você provavelmente leu sobre isso no jornal. Sra. Lansquenet em Lytchett St. Mary, Berkshire.

– É claro, mas eu não fazia ideia de que ela era parente de Richard Abernethie! – Dr. Larraby dava a impressão de estar bastante abalado.

Sentindo que havia se vingado da superioridade profissional do médico e tristemente consciente de que as suspeitas que tinha não haviam sido dirimidas pela visita, o sr. Entwhistle despediu-se e partiu.

II

De volta a Enderby, o sr. Entwhistle decidiu conversar com Lanscombe.

Ele começou perguntando ao velho mordomo quais eram seus planos.

– A sra. Leo pediu-me para permanecer aqui até que a casa fosse vendida, senhor, e fico, por certo, muito satisfeito em prestar-lhe esse serviço. Nós todos gostamos muito da sra. Leo. – Ele suspirou. – E lamento muito, senhor, se me permite observar, que a casa tenha

de ser vendida. Eu a conheço há tantos anos e vi todas as jovens damas e os cavalheiros crescerem nela. Sempre achei que o sr. Mortimer viesse morar aqui após o pai dele e talvez constituísse família também. Havia sido acertado, senhor, que eu deveria ir para North Lodge quando meu trabalho aqui terminasse. Um lugarzinho adorável, o North Lodge, e eu esperava deixá-lo impecável. Mas imagino que tudo esteja acabado agora.

– Temo que sim, Lanscombe. Todas as propriedades terão de ser vendidas. Mas com a sua herança...

– Oh, não estou reclamando, senhor, e sou muito grato à generosidade do sr. Abernethie. Cuidaram bem de mim, mas não é tão fácil encontrar um lugar pequeno para comprar hoje em dia e, embora minha sobrinha casada tenha me convidado a morar com ela, bem, não será a mesma coisa que viver na propriedade.

– Eu sei – disse o sr. Entwhistle. – É um mundo novo difícil para nós, velhos. Eu gostaria de ter convivido mais com meu velho amigo antes de ele partir. Como ele esteve nos últimos meses?

– Bem, ele não era mais o mesmo, senhor, não desde a morte do sr. Mortimer.

– Não, isso o deixou desolado. E então ele era um homem doente, e doentes imaginam coisas estranhas às vezes. Creio que o sr. Abernethie sofria desse tipo de problema em seus últimos dias. Ele falava de inimigos de vez em quando, de alguém querendo fazer mal a ele, quem sabe? Talvez achasse até mesmo que sua comida estava sendo envenenada?

Lanscombe pareceu surpreso – surpreso e ofendido:

– Não tenho lembrança de nada nesse sentido, senhor.

Entwhistle olhou-o intensamente.

– Você é um criado muito leal, Lanscombe, sei disso. Mas este tipo de fantasia por parte do sr. Abernethie seria... hum... nada demais, um sintoma natural de algumas... doenças.

– É mesmo, senhor? Posso dizer apenas que o sr. Abernethie nunca disse nada parecido a mim ou em minha presença.

O sr. Entwhistle passou delicadamente para outro assunto.

– Ele convidou alguns familiares para passar uns dias com ele antes de morrer, não foi? Seu sobrinho, duas sobrinhas e seus maridos?

– Sim, senhor, foi assim mesmo.

– Ele estava satisfeito com essas visitas? Ou desapontado?

Os olhos de Lanscombe distanciaram-se, suas costas velhas empertigaram-se.

– Eu realmente não saberia dizer, senhor.

– Acho que você saberia – disse o sr. Entwhistle delicadamente. – Você não está em posição de mencionar qualquer coisa desse tipo... é o que você está dizendo, na verdade. Mas há momentos em que temos de violar nossos princípios do que é apropriado. Eu fui um dos amigos mais antigos do seu patrão. Eu gostava muito dele. Você também. É por isso que peço sua opinião como homem, não como mordomo.

Lanscombe silenciou por um momento e, então, disse, com voz monótona:

– Há algo errado, senhor?

O sr. Entwhistle respondeu com sinceridade.

– Não sei – disse ele. – Espero que não. Gostaria de ter certeza. Você notou que havia algo errado?

– Somente depois do funeral, senhor. E eu não poderia dizer exatamente o que é. Mas a sra. Leo e a sra. Timothy, também, não pareciam elas mesmas naquela noite, após os outros terem partido.

– Você conhece o conteúdo do testamento?

– Sim, senhor. A sra. Leo achou que eu gostaria de saber. Pareceu-me, se posso dizê-lo, um testamento muito justo.

– Sim, foi um testamento justo. Benefícios iguais. Mas não acho que fosse a intenção original do sr. Abernethie, depois que o filho dele morreu. Você responderá agora a pergunta que lhe fiz há pouco?

– Minha opinião pessoal?

– Sim, sim, de acordo.

– O patrão, senhor, ficou bastante desapontado depois da visita do senhor George... Ele esperava, creio eu, que o sr. George se parecesse com o sr. Mortimer. O sr. George, se me permite dizer, não estava à altura. O marido da srta. Laura sempre foi considerado inadequado, e temo que o sr. George tenha seguido seu exemplo. – Lanscombe fez uma pausa e então continuou: – Depois as jovens damas vieram com seus maridos. Da srta. Susan ele gostou de imediato. É uma jovem dama muito espirituosa e bela, mas minha opinião é que ele não suportava o marido dela. Jovens damas fazem escolhas estranhas hoje em dia, senhor.

– E o outro casal?

– Não posso dizer muito a esse respeito. Um casal jovem muito simpático e elegante. Acho que o patrão apreciou a estada deles aqui, mas não creio... – O velho

hesitou.

– Sim, Lanscombe?

– Bem, o patrão nunca foi muito ligado ao teatro. Ele me disse um dia: “Não consigo entender como alguém se apaixona pelo palco. É uma vida fútil. Parece privar as pessoas do pouco bom-senso que têm. Não sei o que causa em seu senso de moral. É certo que você perde o senso de proporção.” É claro que ele não se referia diretamente...

– Não, não, compreendo bem. Assim, após essas visitas, o próprio sr. Abernethie fez as dele: primeiro ao irmão e depois à irmã, sra. Lansquenet.

– Disso eu não sabia, senhor. Quero dizer, ele mencionou para mim que iria visitar o sr. Timothy e depois St. Mary-alguma-coisa.

– É isso mesmo. O senhor se lembra de alguma coisa que ele tenha dito, ao retornar, com relação a essas visitas?

Lanscombe refletiu.

– Eu realmente não sei. Ele estava contente por estar de volta. Viajar e se hospedar em casas estranhas o cansava muito, isso eu me lembro de ele dizer.

– Nada mais? Nada sobre nenhum dos dois?

Lanscombe franziu o cenho.

– O patrão costumava, bem, murmurar, entende... falando comigo e, no entanto, mais com ele mesmo, mal notando que eu estava ali, porque ele me conhecia tão bem...

– Conhecia-o e confiava em você, sim.

– Mas minha lembrança é muito vaga quanto ao que ele disse. Algo sobre não conseguir imaginar o que fizera com o dinheiro, e isso em relação ao sr. Timothy, acho.

E então ele disse algo como “Mulheres podem ser idiotas de 99 maneiras diferentes, mas serem muito astutas na centésima”. Sim, e também: “Você só pode dizer o que você realmente pensa a alguém de sua própria geração. Eles não pensam, como os mais jovens, que você esteja imaginando coisas”. E, mais tarde, ele disse, mas não sei em que contexto: “Não é muito bom ter de preparar armadilhas para as pessoas, mas não vejo o que mais eu poderia fazer”. Mas acho que é possível, senhor, que ele estivesse pensando no segundo jardineiro, algo sobre os pêssegos estarem sendo roubados.

Mas o sr. Entwhistle não achava que o segundo jardineiro era quem ocupava os pensamentos de Richard Abernethie. Após mais algumas perguntas, ele dispensou Lanscombe e refletiu sobre o que havia aprendido. Nada, realmente. Nada, na verdade, que ele não houvesse deduzido antes. No entanto, havia pontos sugestivos. Não pensava em sua cunhada Maude, mas em sua irmã Cora quando comentou sobre mulheres que eram idiotas e, no entanto, astutas. E fora a ela que havia confiado suas “fantasias”. E ele falara sobre preparar uma armadilha. Para quem?

III

O sr. Entwhistle havia meditado bastante sobre o quanto deveria contar a Helen. Por fim, decidiu que deveria confiar absolutamente nela.

Primeiro, ele agradeceu-lhe por ter cuidado dos pertences de Richard e ter tomado várias providências domésticas. A casa fora colocada à venda, e havia um ou

dois compradores em potencial, que em breve viriam conhecê-la.

– Compradores particulares?

– Temo que não. A ACM está interessada, assim como um clube de jovens, e os curadores da Fundação Jefferson estão procurando por um local adequado para abrigar sua coleção.

– É uma tristeza que a casa não será habitada, mas é claro que esta não é uma proposta prática hoje em dia.

– Peço-lhe que, se possível, você permaneça aqui até a casa ser vendida. Ou seria uma inconveniência muito grande?

– Não, na realidade, não seria problema algum. Não quero ir ao Chipre até maio e prefiro ficar aqui a estar em Londres, como eu havia planejado. Sabe, eu adoro esta casa; Leo a adorava, e sempre fomos felizes enquanto estivemos aqui juntos.

– Há outra razão por que eu ficaria grato se você ficasse. Há um amigo meu, um homem chamado Hercule Poirot...

Helen disse bruscamente:

– Hercule Poirot? Então você acha...

– Você o conhece?

– Sim. Alguns amigos meus... mas imaginei que ele estivesse morto há muito tempo.

– Ele está bem vivo. Naturalmente não é jovem.

– Não, não poderia ser.

Ela falava de maneira mecânica. Seu rosto estava pálido e tenso. Ela disse com esforço:

– Você acha... que Cora estava certa? Que Richard

foi... assassinado?

O sr. Entwhistle desabafou. Foi um prazer confessar suas apreensões a Helen, com sua mente aberta e calma.

Quando ele havia terminado, ela disse:

– Isso deveria parecer pura fantasia, mas não parece. Maude e eu, naquela noite depois do funeral... estou certa de que pensávamos a mesma coisa. Dizendo a nós mesmas que mulher estúpida era Cora e, no entanto, nos sentindo apreensivas. E então Cora foi morta, eu disse para mim mesma que era só uma coincidência, e é claro que poderia ser, mas ah! Se pudéssemos ter certeza. É tudo tão difícil...

– Sim, é difícil. Mas Poirot é um homem de grande originalidade e tem algo que se aproxima de gênio. Ele entende perfeitamente o que precisamos: uma garantia de que tudo isso não passa de uma confusão.

– E supondo que não seja?

– O que a faz dizer isso? – perguntou o sr.

Entwhistle rispidamente.

– Não sei. Tenho me sentido inquieta... Não apenas sobre o que Cora disse naquele dia: há algo mais. Algo que senti estar errado, então.

– Errado? De que maneira?

– Somente errado. Não sei.

– Algo a respeito de uma das pessoas na sala, não é?

– Sim, sim, algo do gênero. Mas não sei quem ou o quê... Isso soa absurdo...

– Não, de forma alguma. É interessante, muito interessante. Você não é idiota, Helen. Se notou algo,

este algo tem importância.

– Sim, mas não consigo me lembrar do que foi.

Quanto mais penso...

– Não pense. É a maneira errada de lembrar qualquer coisa. Deixe estar. Cedo ou tarde, suas memórias virão à luz. E, quando acontecer, entre em contato comigo de imediato.

– Entrarei.

CAPÍTULO 9

A srta. Gilchrist enfiou firmemente seu chapéu preto na cabeça e colocou para dentro uma mecha de cabelo grisalho. O inquérito estava marcado para o meio-dia e não eram ainda onze e vinte. “Seu casaco e sua saia cinza pareciam muito elegantes”, ela pensou, “e havia comprado para si uma blusa preta.” Ela gostaria de estar toda de preto, mas isso estaria muito longe das suas possibilidades. Ela olhou em torno do pequeno quarto arrumado e para os quadros pendurados na parede, do porto de Brixham, da ferraria Cockington, da caverna de Anstey, da caverna de Kyance, do porto de Polflexan, da baía de Babbacombe etc., todos assinados, de maneira arrojada, por Cora Lansquenet. Seus olhos pousaram com particular afeição sobre o porto de Polflexan. Na cômoda, uma fotografia esmaecida cuidadosamente emoldurada representava a casa de chá Willow Tree. A srta. Gilchrist olhou-a com ternura e suspirou.

Ela teve seu devaneio perturbado pelo som da campainha no andar de baixo.

– Meu Deus – murmurou a srta. Gilchrist –, quem será...

Ela saiu do quarto e desceu os degraus bastante frágeis. A campainha tocou de novo e houve uma batida firme na porta.

Por alguma razão a srta. Gilchrist sentiu-se nervosa. Por alguns momentos seus passos desaceleraram, e ela

foi de má vontade até a porta, repreendendo a si mesma por ser tão tola.

Uma jovem vestida elegantemente de preto e carregando uma pequena maleta estava parada na entrada da casa. Ela notou o olhar alarmado no rosto da srta. Gilchrist e disse rapidamente:

– Srta. Gilchrist? Eu sou a sobrinha da sra. Lansquenet, Susan Banks.

– Ah, querida, sim, é claro. Eu não sabia. Entre, sra. Banks. Cuidado com o cabideiro no hall, ele fica um pouco no caminho. Por aqui, sim. Eu não sabia que a senhora viria até aqui para o inquérito. Eu teria preparado alguma coisa, um café, ou algo assim.

Susan Banks disse rapidamente:

– Não quero nada. Sinto muito se a assustei.

– Bem, a senhora me assustou, de certa maneira. É tolice minha. Não sou sempre nervosa. Na realidade, eu disse ao advogado que não era nervosa, e que não ficaria nervosa por ficar aqui sozinha, e de fato não sou nervosa. Talvez seja só o inquérito e... pensar em coisas, mas estive apreensiva durante a manhã inteira. Não faz meia hora, a campainha tocou e mal consegui chegar à porta, o que foi mesmo muito estúpido, e é tão improvável que o assassino volte... e por que voltaria?

“De fato, era apenas uma freira, pedindo doações para um orfanato. Fiquei tão aliviada que dei a ela dois xelins, apesar de não ser católica romana e não ter nenhuma simpatia pela igreja romana e todos aqueles monges e freiras, embora acredite que as Irmãzinhas dos Pobres fazem um bom trabalho. Mas sente-se, por favor, senhora, senhora...”

– Banks.

– Sim, é claro, Banks. A senhora veio de trem?

– Não, vim de carro. A ruela parecia tão estreita que segui um pouco mais adiante e encontrei uma espécie de antiga pedreira, onde deixei o carro.

– Esta ruela é realmente muito estreita, mas quase não há tráfego por aqui. É uma via bastante solitária.

A srta. Gilchrist estremeceu um pouco ao dizer estas últimas palavras.

Susan Banks estava olhando a sala à sua volta.

– Pobre tia Cora – disse ela. – Sabe, ela me deixou tudo o que tinha.

– Sim, eu sei. O sr. Entwistle me contou. Espero que a senhora goste dos móveis. Pelo que sei a senhora casou há pouco tempo, e a mobília está tão cara hoje em dia. A sra. Lansquenet tinha algumas coisas muito bonitas.

Susan não concordou. Cora não tivera bom gosto para antiguidades. Os objetos variavam entre o “moderno” e o “artístico”.

– Não ficarei com nenhum móvel – disse ela. – Já tenho os meus. Vou colocá-los em leilão. A não ser que você goste de algum deles. Eu ficaria contente em...

Ela se interrompeu, um pouco envergonhada. Mas a srta. Gilchrist não estava nem um pouco envergonhada. Ela sorria de orelha a orelha.

– Ora, mas é realmente muita gentileza sua, sra. Banks. Sim, muita gentileza. Fico-lhe muito agradecida. Mas tenho meus próprios móveis, para dizer a verdade. Eu os coloquei em um depósito, caso algum dia eu precisasse deles. Há alguns quadros que meu pai deixou também. Eu tive uma pequena casa de chá certa vez,

sabe, mas então veio a guerra... foi uma grande desventura. Mas não vendi tudo, porque esperava ter de novo minha própria casinha um dia. Coloquei meus melhores pertences, juntamente com os quadros de meu pai e algumas relíquias da nossa velha casa, em um depósito. Mas eu gostaria muito, se a senhora realmente não se importar, de ficar com aquela mesinha de chá da querida sra. Lansquet. Uma coisinha tão bonita, e sempre servimos o chá nela.

Susan, olhando com um ligeiro arrepio para a mesinha verde pintada com grandes magnólias roxas, disse de imediato que ficaria encantada em dá-la.

– Muito obrigado, sra. Banks. Sinto-me um pouco gananciosa. Afinal, fiquei com todos os quadros bonitos dela e um broche adorável de ametista, mas creio que talvez deva devolvê-lo à senhora.

– Não, não será preciso.

– A senhora quer ver os objetos pessoais dela? Talvez depois do inquérito?

– Pensei em permanecer por uns dois dias, fazer uma lista das coisas e arrumar tudo.

– Dormir aqui, é isso?

– Sim. Há algum problema?

– Não, sra. Banks, é claro que não. Vou colocar lençóis novos na minha cama e eu posso me ajeitar sem problemas aqui no sofá.

– Mas há o quarto da tia Cora, não é? Eu posso dormir lá.

– A senhora... a senhora não se importaria?

– Porque ela foi assassinada aqui, é isso? Não, não

me importo. Sou muito valente, srta. Gilchrist. Ele foi, quero dizer... ele está arrumado de novo?

A srta. Gilchrist entendeu a pergunta.

– Oh sim, sra. Banks. Todos os cobertores foram mandados para a lavanderia, e a sra. Panter e eu limpamos o quarto inteiro. E há vários cobertores extras. Mas suba comigo e veja por si mesma.

Ela subiu as escadas, e Susan a seguiu.

O quarto onde Cora Lansquenet morrera estava limpo, arejado e curiosamente destituído de qualquer atmosfera sinistra. Assim como a sala de estar, ele continha uma mistura de utensílios modernos e móveis elaboradamente pintados. Representava a alegre personalidade e o mau gosto de Cora. Sobre o consolo da lareira, uma pintura a óleo retratava uma jovem robusta prestes a entrar na banheira.

Susan sentiu um ligeiro calafrio enquanto olhava para o quadro, e a srta. Gilchrist disse:

– Aquele foi pintado pelo marido da sra.

Lansquenet. Há vários outros quadros dele na sala de jantar, no andar de baixo.

– Que horrível.

– Bem, eu mesma não gosto muito desse estilo de pintura, mas a sra. Lansquenet tinha muito orgulho do marido como artista e achava que o trabalho dele era tragicamente subestimado.

– Onde estão os quadros pintados pela própria tia Cora?

– No meu quarto. A senhora gostaria de vê-los?

A srta. Gilchrist exibiu seus tesouros com orgulho. Susan observou que tia Cora parecia ter sido apreciadora

de balneários costeiros.

– É verdade. Veja bem, ela viveu por muitos anos com o sr. Lansquenet em um pequeno vilarejo pescueiro na Bretanha. Barcos de pesca são sempre tão pitorescos, não é?

– Obviamente – murmurou Susan. Ela achava que toda uma série de cartões postais poderia ter sido feita a partir das pinturas de Cora Lansquenet, pois elas eram fiéis aos detalhes e profusamente coloridas. Levantavam a suspeita de terem sido, na verdade, copiadas de cartões postais.

Mas, quando ela arriscou essa opinião, a srta. Gilchrist indignou-se. A sra. Lansquenet sempre pintara a partir da própria paisagem! Ela havia até mesmo apanhado uma insolação, certa vez, por não querer abandonar a praia enquanto a luz estivesse perfeita.

– A sra. Lansquenet era uma verdadeira artista – disse a srta. Gilchrist, de maneira reprovadora.

Ela olhou seu relógio, e Susan disse rapidamente:

– Sim, é melhor irmos ao inquérito. É longe daqui? Devo trazer o carro?

Era apenas uma caminhada de cinco minutos, assegurou-lhe a srta. Gilchrist. Então elas partiram a pé. O sr. Entwistle, que chegara de trem, encontrou-as e as guiou até o tribunal do lugarejo.

Parecia haver um grande número de estranhos presente. O inquérito não teve nada de sensacional. Havia provas da identificação da falecida. Provas médicas da natureza dos ferimentos que a haviam matado. Não havia sinais de luta. A falecida estava provavelmente sob efeito de um narcótico no momento em que fora atacada e teria sido morta sem percebê-lo. É improvável que a

morte tenha ocorrido depois das quatro e meia. Entre duas e quatro e meia, era a estimativa mais aproximada. A srta. Gilchrist testemunhou ter encontrado o corpo. Um policial e o inspetor Morton apresentaram suas provas. O médico legista fez um breve resumo. O júri não hesitou quanto ao veredicto: "Assassinato cometido por pessoa ou pessoas desconhecida(s)".

Estava terminado. Eles saíram de novo para a luz do sol. Meia dúzia de câmeras foi acionada. O sr. Entwistle guiou Susan e a srta. Gilchrist até o King's Arms, onde ele havia tomado a precaução de solicitar que o almoço fosse servido em uma sala privada atrás do bar.

– O almoço não está muito bom – disse ele, desculpando-se.

Mas o almoço não estava nem um pouco ruim. A srta. Gilchrist choramingou um pouco e murmurou que "era tudo tão terrível", mas animou-se e avançou sobre o ensopado irlandês com apetite, após o sr. Entwistle ter insistido para que ela bebesse um cálice de xerez. Ele disse a Susan:

– Eu não fazia ideia de que você viria hoje, Susan. Poderíamos ter vindo juntos.

– Eu sei que disse que não viria. Mas seria maldade ninguém da família estar presente. Telefonei para George, mas ele disse que estava muito ocupado e talvez não conseguisse chegar a tempo, Rosamund tinha um teste, e o tio Timothy, é claro, é um caco velho. Então tinha de ser eu.

– Seu marido não veio com você?

– Greg tinha de cuidar de sua loja enfadonha.

Vendo o olhar sobressaltado da srta. Gilchrist, Susan disse:

– Meu marido trabalha em uma farmácia.

Um marido no comércio varejista não combinava bem com a impressão que a srta. Gilchrist tinha da inteligência de Susan, mas ela disse corajosamente:

– Como Keats.

– Greg não é poeta – disse Susan.

Ela acrescentou:

– Temos grandes planos para o futuro. Um empreendimento com dois propósitos: salão de beleza e laboratório para fórmulas especiais.

– Isso será muito melhor – disse a srta. Gilchrist de maneira aprovadora. – Algo como Elizabeth Arden, que na verdade é uma condessa, me disseram, ou seria Helena Rubinstein? De qualquer maneira – ela acrescentou gentilmente –, uma farmácia está bem acima de uma loja ordinária, um armarinho, por exemplo, ou uma mercearia.

– Você tinha uma casa de chá, não é?

– Sim, realmente – o rosto da srta. Gilchrist iluminou-se. Que a Willow Tree tivesse sido um dia “comércio”, no mesmo sentido em que uma loja era “comércio”, nunca teria ocorrido a ela. Ter uma casa de chá, para ela, era a essência do refinamento. Ela começou a contar a Susan sobre a Willow Tree.

O sr. Entwhistle, que já ouvira a história, deixou sua mente derivar para outras questões. Na segunda vez em que Susan falou-lhe, sem resposta, ele rapidamente se desculpou.

– Perdão, querida, eu estava na verdade pensando em seu tio Timothy. Estou um pouco preocupado.

– Com tio Timothy? Eu não estaria. Não acredito que ele tenha qualquer problema verdadeiro. Ele é apenas um hipocondríaco.

– Sim, sim, talvez você esteja certa. Confesso que não é a saúde dele que me preocupa. É a da sra. Timothy. Pelo visto, ela caiu da escadaria e torceu o tornozelo. Ela está de cama, e seu tio está em um estado terrível.

– Por que ele terá de cuidar dela, em vez do contrário? Irá lhe fazer muito bem – disse Susan.

– Sim, eu diria que sim. Mas sua tia receberá algum cuidado? Esta é a questão principal. Sem criados na casa?

– A vida é mesmo um inferno para os idosos – disse Susan. – Eles vivem em uma espécie de mansão georgiana, não é?

O sr. Entwhistle anuiu com a cabeça.

Eles saíram com muita cautela do King's Arms, mas a imprensa parecia ter-se dispersado. Dois repórteres esperavam por Susan junto à porta do chalé. Orientada pelo sr. Entwhistle, ela disse umas poucas palavras necessárias e evasivas. Então ela e a srta. Gilchrist entraram no chalé, e o sr. Entwhistle voltou para o King's Arms, onde havia reservado um quarto. O funeral seria no dia seguinte.

– Meu carro ainda está na pedreira – disse Susan. – Eu havia me esquecido dele. Vou levá-lo ao vilarejo mais tarde.

A srta. Gilchrist disse, apreensiva:

– Não muito tarde. A senhora não vai sair depois de

escurecer, não é?

Susan olhou para ela e riu.

– Você não acha que ainda há um assassino por aqui, acha?

– Não, não, suponho que não. – A srta. Gilchrist parecia envergonhada.

“Mas é exatamente o que ela acha”, pensou Susan. “Que incrível!”

A srta. Gilchrist desapareceu na direção da cozinha.

– Tenho certeza de que você gostaria do chá cedo. Que tal em meia hora, sra. Banks?

Susan achou que o chá às três e meia era um exagero, mas foi caridosa o suficiente para perceber que “uma boa xícara de chá” era a ideia da srta. Gilchrist para restauração de ânimo, e ela tinha suas próprias razões para querer agradar a srta. Gilchrist, de modo que disse:

– Quando você achar melhor, srta. Gilchrist.

Um rumor alegre de utensílios de cozinha começou, e Susan foi para a sala de estar. Ela estivera ali somente por alguns minutos quando a campainha soou e foi sucedida por um toc-toc-toc muito suave e preciso.

Susan foi até o corredor de entrada, e a srta. Gilchrist apareceu na porta da cozinha vestindo um avental e limpando nele as mãos cheias de farinha.

– Ah, querida, quem pode ser?

– Imagino que mais repórteres – disse Susan.

– Querida, mas que incômodo para a senhora.

– Bem, não se preocupe, vou atender.

– Eu estava mesmo indo fazer alguns bolinhos de aveia para o chá.

Susan avançou em direção à porta da frente, e a srta. Gilchrist ficou indecisa. Susan se perguntou se ela

achava que um homem com uma machadinha estava esperando lá fora.

O visitante, entretanto, provou ser um cavalheiro idoso, que ergueu seu chapéu quando Susan abriu a porta e disse, sorrindo-lhe exultante e de modo avuncular:

– Sra. Banks, estou certo?

– Sim.

– Meu nome é Guthrie, Alexander Guthrie. Eu era um amigo, um amigo muito antigo, da sra. Lansquenet. Imagino que a senhora seja sua sobrinha, outrora srta. Susan Abernethie?

– É isso mesmo.

– Então, já que sabemos quem nós somos, posso entrar?

– É claro.

O sr. Guthrie limpou os pés cuidadosamente no capacho, entrou na casa, despojou-se do seu sobretudo, largou-o junto com seu chapéu sobre uma pequena cômoda de carvalho e seguiu Susan até a sala de estar.

– Esta é uma ocasião melancólica – disse o sr. Guthrie, a quem a melancolia não parecia ocorrer naturalmente, e cuja tendência era sorrir. – Sim, uma ocasião muito melancólica. Eu estava nesta parte do mundo e senti que o mínimo que poderia fazer era estar presente no inquérito e, é claro, no funeral. Pobre Cora, pobre tola. Eu a conhecia, minha querida sra. Banks, desde o início de seu casamento. Uma garota animada. E ela levava a arte muito a sério, levava Pierre Lansquenet muito a sério também, quero dizer, como artista.

Levando-se em consideração todos os fatores, ele não foi um marido tão ruim assim. Ele era um transviado, se você está me entendendo, sim, um transviado, mas felizmente Cora entendia isso como parte do temperamento artístico. Ele era um artista e, portanto, imoral! De fato, não sei se as implicações não chegavam mais longe: ele era imoral e, portanto, tinha de ser artista! Não tinha muito juízo artístico, pobre Cora, embora de outras formas Cora tivesse muito juízo, veja bem, sim, uma quantidade surpreendente de juízo.

– É o que todos parecem dizer – disse Susan. – Eu realmente não a conhecia.

– Não, não. Ela se afastou da família porque eles não apreciavam seu precioso Pierre. Ela nunca foi uma garota bonita, mas tinha algo. E era boa companhia! Você nunca sabia o que ela diria a seguir, e você nunca sabia se a ingenuidade dela era genuína ou se ela o fazia de maneira deliberada. Ela nos fazia rir bastante. A eterna criança: era o que sempre achávamos dela. E realmente, na última vez em que a vi (eu a via de tempos em tempos, desde que Pierre morrera), impressionou-me o quanto ela ainda se comportava como criança.

Susan ofereceu um cigarro ao sr. Guthrie, mas o velho cavalheiro balançou sua cabeça.

– Não, obrigado, querida. Eu não fumo. A senhora deve estar imaginando por que vim? Para lhe dizer a verdade, eu estava com um peso na consciência. Eu prometi a Cora que a visitaria, há algumas semanas. Eu costumava visitá-la uma vez por ano. Ultimamente ela se dedicava ao passatempo de comprar quadros em leilões

locais e queria que eu examinasse alguns deles. Saiba que minha profissão é a de crítico de arte. É claro que a maioria das compras de Cora eram borrões terríveis, mas, no fim das contas, não eram maus investimentos. Os quadros custam quase nada nesses leilões do interior, e somente as molduras já valem mais do que você pagou por eles. Naturalmente, qualquer venda importante é acompanhada por negociadores, e é pouco provável que se consiga pôr as mãos em uma obra-prima.

“Mas, não faz muito, um pequeno Cuyt foi arrematado por algumas libras em um leilão em uma fazenda. A história dele é bastante interessante. Ele fora dado a uma velha babá pela família que ela havia servido fielmente por muitos anos. Eles não faziam ideia de seu valor. A velha babá deu-o para um sobrinho agricultor que gostava do cavalo nele, mas achava que não valia nada! Sim, sim, essas coisas acontecem às vezes, e Cora estava convencida de que tinha olho para quadros. Ela não tinha, é claro. Queria que eu viesse ver um Rembrandt que ela comprara ano passado. Um Rembrandt! Não era sequer uma cópia respeitável! Mas ela havia adquirido uma bela gravura de Bartolozzi, infelizmente com manchas de umidade. Consegui trinta libras por ela, e é claro que isso estimulou Cora. Ela me escreveu com grande entusiasmo sobre um primitivo italiano que havia comprado em algum leilão, e eu prometi que viria para vê-lo.”

– Acho que é aquele ali – disse Susan, gesticulando em direção à parede atrás dele.

O sr. Guthrie levantou-se, colocou um par de óculos e foi estudar o quadro.

– Pobre e querida Cora – ele disse por fim.

– Há muitos mais – disse Susan.

O sr. Guthrie iniciou uma inspeção vagarosa dos tesouros de arte adquiridos pela esperançosa sra. Lansquenet. De quando em quando, dizia “tsc, tsc”, outras vezes, suspirava.

Finalmente ele retirou os óculos.

– A sujeira – disse ele – é uma coisa maravilhosa, sra. Banks! Ela dá um verniz de romance aos exemplos mais terríveis da arte de um pintor. Temo que o Bartolozzi tenha sido sorte de principiante. Pobre Cora. Mesmo assim, isso lhe dava um interesse na vida. Sou muito grato por não ter precisado desiludi-la.

– Há alguns quadros na sala de jantar – disse Susan –, mas acho que são todos trabalhos do marido dela.

O sr. Guthrie estremeceu ligeiramente e ergueu a mão em protesto.

– Não me force a vê-los de novo. As aulas com modelos vivos precisam de uma explicação melhor! Eu sempre tentei poupar os sentimentos de Cora. Uma esposa devotada, uma esposa muito devotada. Bem, cara sra. Banks, não quero tomar mais seu tempo.

– Oh não, fique conosco para um chá. Acho que ele está quase pronto.

– É muito gentil de sua parte. – O sr. Guthrie se sentou prontamente.

– Vou conferir como vão as coisas.

Na cozinha, a srta. Gilchrist acabava de tirar a última fornada de pãezinhos. A bandeja do chá estava pronta, e a tampa da chaleira começava a tinir devagar naquele instante

– Há um sr. Guthrie aqui, e eu o convidei para o chá.

– Sr. Guthrie? Oh, sim, ele é um grande amigo da querida sra. Lansquenet. É um festejado crítico de arte. Por sorte, eu preparei uma bela fornada de pães, há um pouco de geleia caseira de morango e acabei de bater alguns pequenos bolos. Só vou colocar o chá; já aqueci a chaleira. Por favor, sra. Banks, não carregue esta bandeja pesada. Posso arranjar tudo.

No entanto, Susan carregou a bandeja, e a srta. Gilchrist a seguiu com o bule de chá e a chaleira, cumprimentou o sr. Guthrie, e todos sentaram-se.

– Pãezinhos quentes, que iguaria – disse o sr. Guthrie –, e que geleia deliciosa! Ao contrário dessas coisas que você compra hoje em dia.

A srta. Gilchrist corou de satisfação. Os bolos estavam excelentes, e também os pães, e todos lhes fizeram justiça. O fantasma da Willow Tree pairava sobre a reunião. Agora, com certeza, a srta. Gilchrist estava no seu elemento.

– Bem, obrigado, talvez eu aceite – disse o sr. Guthrie, enquanto pegava o último bolo, impingido a ele pela srta. Gilchrist. – Sinto-me culpado, entretanto, desfrutando de meu chá aqui, onde a pobre Cora foi assassinada de maneira tão brutal.

A srta. Gilchrist exibiu uma inesperada reação vitoriana à observação.

– Oh, mas a sra. Lansquenet teria querido que o senhor tomasse um bom chá. O senhor tem de manter as forças.

– Sim, sim, talvez você tenha razão. O fato, você sabe, é que não se consegue acreditar realmente que

alguém conhecido, conhecido de verdade, possa ter sido assassinado!

– Concordo – disse Susan. – Parece... irreal.

– E certamente não por algum vagabundo casual que arrombou o chalé e a atacou. Sabe, consigo imaginar razões para Cora ter sido assassinada...

Susan disse rapidamente:

– O senhor consegue? Que razões?

– Bem, ela não era discreta – disse o sr. Guthrie. – Cora nunca foi discreta. E ela gostava, como posso dizer, de mostrar que podia ser esperta. Como uma criança que sabe o segredo de alguém. Se Cora soubesse de um segredo, ela teria vontade de falar sobre ele. Mesmo que ela promettesse que não, o faria mesmo assim. Não seria capaz de se conter.

Susan não disse nada. A srta. Gilchrist também não. Ela parecia preocupada. O sr. Guthrie prosseguiu:

– Sim, uma pequena dose de arsênico em uma xícara de chá... isso não teria me surpreendido, ou uma caixa de chocolates recebida pelo correio. Mas assalto e agressão sórdidos parece algo altamente despropositado. Posso estar errado, mas diria que ela tinha muito pouco que valesse o esforço de um arrombador. Ela não guardava muito dinheiro em casa, não é?

A srta. Gilchrist disse:

– Muito pouco.

O sr. Guthrie suspirou e ergueu-se.

– Ah! Bem, há muita delinquência desde a guerra.

Os tempos mudaram.

Agradecendo-lhes pelo chá, ele se despediu educadamente das duas mulheres. A srta. Gilchrist levou-

o até a porta e o ajudou com seu sobretudo. Da janela da sala de estar, Susan o viu atravessar rapidamente o caminho até o portão da frente.

A srta. Gilchrist voltou à sala com um pequeno pacote na mão.

– O carteiro deve ter passado enquanto estávamos no inquérito. Ele o enfiou pela caixa de correio, e o pacote caiu no canto atrás da porta. Agora o que será... ora, é claro, tem de ser um bolo de casamento.

Alegremente a srta. Gilchrist rasgou o papel. Dentro havia uma caixinha branca amarrada com uma fita prateada.

– E é! – Ela puxou a fita e dentro da caixa havia uma fatia modesta de bolo com pasta de amêndoas e glacê branco. – Que simpático! Agora quem... – Ela consultou o cartão em anexo: – “John & Mary”. Mas quem seriam eles? Que bobagem não colocar o sobrenome.

Susan, saindo de seu estado de contemplação, disse vagamente:

– Pode ser bastante difícil quando as pessoas usam somente os nomes de batismo. Recebi um cartão no outro dia, assinado Joan. Fiz as contas e cheguei a oito Joans. Já que se usa tanto o telefone, é comum não se identificar a caligrafia.

A srta. Gilchrist repassava com alegria os possíveis Johns e Marys que conhecia.

– Pode ser a filha de Dorothy, o nome dela era Mary, mas não ouvi falar de noivado, muito menos de casamento. Há também o pequeno John Banfield (suponho que ele esteja crescido e com idade suficiente

para casar) ou a garota Enfield. Não, o nome dela era Margaret. Não há um endereço ou nada do gênero. Bem, pode ser que me lembre...

Ela pegou a bandeja e foi até a cozinha.

Susan levantou-se e disse:

– Bem, acho melhor ir buscar o carro e estacioná-lo em algum lugar.

CAPÍTULO 10

Susan retirou o carro da pedreira onde ela o havia deixado e dirigiu-o até o vilarejo. Havia um posto de gasolina, mas nenhuma garagem, e ela foi aconselhada a levá-lo até o King's Arms. Eles tinham espaço lá, e Susan o deixou ao lado de um grande Daimler que estava se preparando para partir. Era dirigido por um chofer e, dentro dele, bastante agasalhado, havia um idoso cavalheiro estrangeiro com um grande bigode.

O garoto com quem Susan estava falando sobre o carro a encarava com tamanha atenção que parecia não estar compreendendo metade do que ela dizia.

Por fim ele disse com voz temerosa:

– A senhora é sobrinha dela, não é?

– O quê?

– A senhora é sobrinha da vítima? – repetiu o garoto, com prazer.

– Ah, sim, sim, eu sou.

– Eu estava me perguntando onde eu a tinha visto antes.

“Que vampiro”, pensou Susan enquanto retornava para o chalé.

A srta. Gilchrist a saudou contente:

– A senhora está de volta em segurança! – O tom de alívio incomodou Susan mais ainda. A srta. Gilchrist acrescentou ansiosamente: – Gosta de espaguete, não é? Eu pensei, para hoje à noite...

– Ah, qualquer coisa. Não preciso de muito.

– Modéstia à parte, meu espaguete au gratin é muito

saboroso.

O orgulho tinha razão de ser. "A srta. Gilchrist", refletiu Susan, "era mesmo uma excelente cozinheira." Susan ofereceu-se para lavar os pratos, mas a srta. Gilchrist, embora visivelmente agradecida pela oferta, garantiu a Susan que havia muito pouco a fazer.

Ela voltou um pouco depois com café. O café não estava tão bom, já que estava bastante fraco. A srta. Gilchrist ofereceu a Susan um pedaço do bolo de casamento, que Susan recusou.

– O bolo está excelente – insistiu a srta. Gilchrist, provando-o. Ela havia concluído, para sua própria satisfação, que ele devia ter sido enviado por alguém a quem ela se referia como "a filha da querida Ellen, que eu sabia que iria casar, mas cujo nome não consigo lembrar".

Susan deixou que a srta. Gilchrist tagarelasse até cansar antes de introduzir seu próprio assunto. Esse momento, após o jantar, com ambas sentadas diante do fogo, foi um momento amigável.

Ela disse, por fim:

– Meu tio Richard veio aqui antes de morrer, não é?

– Sim, ele veio. Deixe-me ver... deve ter sido uma, duas, quase três semanas antes da sua morte ter sido anunciada.

– Ele parecia... doente?

– Bem, não, eu não diria que ele parecesse doente.

Os modos dele eram muito animados e vigorosos. A sra. Lansquenet ficou muito surpresa ao vê-lo. Ela disse: "Ora, ora, Richard, depois destes anos todos!", e ele disse: "Vim ver por mim mesmo como você tem passado". E a sra. Lansquenet disse: "Eu estou bem".

Acho que ela ficou um pouquinho ofendida com o aparecimento tão casual dele, depois de tanto tempo. De qualquer maneira, o sr. Abernethie disse: “Não vale a pena manter velhas mágoas. Você, eu e Timothy somos os únicos que sobraram, e ninguém pode falar com Timothy de nada que não seja a própria saúde dele.” E ele disse: “Pierre parece tê-la feito feliz, então, pelo visto, eu estava errado. Aí está, satisfeita?” Ele falou isso com muita delicadeza. Um homem bonito, embora idoso, é claro.

– Por quanto tempo ele esteve aqui?

– Ele ficou para o almoço. Fiz bifés enrolados com cebola e ervas aromáticas. Felizmente, o açougueiro havia feito a entrega naquele dia.

A memória da srta. Gilchrist parecia ser quase totalmente culinária.

– Eles pareciam estar se dando bem?

– Ah, sim.

Susan fez uma pausa, e então disse:

– A tia Cora ficou surpresa quando... ele morreu?

– Sim, foi bastante repentino, não foi?

– Sim, foi repentino... quero dizer, ela ficou surpresa. Ele não havia dado a ela qualquer indicação de como ele estava doente.

– Entendo o que a senhora quer dizer. – A srta.

Gilchrist fez uma pausa por um momento. – Não, não, acho que talvez a senhora esteja certa. Ela disse que ele ficara muito velho. Acho que ela disse senil...

– Mas você não achou que ele estava senil, não é?

– Bem, não de olhar para ele. Mas eu não conversei muito com ele, naturalmente os deixei sozinhos juntos.

Susan olhou para a srta. Gilchrist especulativamente.

Será que ela era o tipo de mulher que escutava junto às portas? Ela era honesta, Susan tinha certeza, não seria sequer capaz de pequenos furtos, burlar o trabalho doméstico ou abrir cartas. Mas a curiosidade pode se cobrir com o manto da retidão. A srta. Gilchrist pode ter achado necessário cuidar de uma parte do jardim próxima a uma janela aberta ou tirar o pó do corredor... Isso estaria dentro dos limites permitidos. E então, é claro, ela não poderia deixar de ouvir algo...

– Você nunca ouvia a conversa deles? – perguntou Susan.

Abrupto demais. A srta. Gilchrist corou de raiva.

– É claro que não, sra. Banks. Nunca foi meu costume escutar à porta!

“Isso significa que ela o faz”, pensou Susan. “De outra maneira, ela apenas diria ‘Não’.”

Em voz alta, ela disse:

– Desculpe, srta. Gilchrist. Não era essa minha intenção. Mas, às vezes, nesses chalés pequenos e de paredes finas, não se pode evitar ouvir tudo o que acontece, e, agora que os dois estão mortos, é muito importante para a família saber tudo o que foi dito no encontro deles.

As paredes do chalé eram qualquer coisa, exceto finas. Ele datava de uma era de construções mais robustas, mas a srta. Gilchrist mordeu a isca e prosseguiu como sugerido.

– É claro que o que a senhora diz é bastante verdadeiro, sra. Banks. Este é um lugar muito pequeno, e entendo que a senhora queira saber o que aconteceu entre eles, mas temo que não possa ajudar muito. Acho que eles falaram sobre a saúde do sr. Abernethie... e

determinadas... bem, fantasias que ele tinha. Ele não aparentava, mas devia estar doente e, como tantas vezes é o caso, atribuía sua má saúde a agentes externos. Creio que seja um sintoma comum. Minha tia...

A srta. Gilchrist descreveu a tia.

Susan, assim como o sr. Entwhistle, evitou a tia.

– Sim – disse ela. – É o que pensamos. Os empregados do meu tio eram todos muito ligados a ele e estavam naturalmente aborrecidos por ele achar que... – Ela fez uma pausa.

– Oh, é claro! Empregados são muito sensíveis quanto a qualquer coisa desse tipo. Lembro que minha tia...

Mais uma vez Susan a interrompeu.

– Imagino que ele suspeitava dos empregados, não? Quero dizer, de o estarem envenenando?

– Não sei... Eu... realmente...

Susan notou a sua confusão.

– Não eram os empregados. Era uma pessoa em particular?

– Não sei, sra. Banks. Realmente não sei...

Mas seu olhar evitou o de Susan. Ela pensou consigo mesma que a srta. Gilchrist sabia mais do que estava disposta a admitir. Era possível que a srta. Gilchrist soubesse de muitas coisas...

Decidindo não pressionar o ponto pelo momento, Susan disse:

– Quais são seus planos para o futuro, srta.

Gilchrist?

– Bem, na verdade, eu iria falar-lhe sobre isso, sra. Banks. Eu disse ao sr. Entwhistle que estaria disposta a permanecer aqui até que tudo se resolvesse.

– Eu sei. Sou-lhe muito grata.

– Eu gostaria de perguntar à senhora quanto tempo é provável que isso leve, pois, é claro, preciso começar a procurar outro emprego.

Susan considerou.

– Não há muito a ser feito aqui. Em dois dias posso organizar as coisas e notificar o leiloeiro.

– A senhora decidiu vender tudo, então?

– Sim. Não acredito que seja difícil arranjar um inquilino para o chalé, não é?

– Oh, não, as pessoas farão fila, tenho certeza. Há tão poucos chalés para alugar. Tem-se de comprá-los, quase sempre.

– Então será tudo muito simples. – Susan hesitou antes de falar: – Eu queria lhe dizer que espero que a senhorita aceite três meses de salário como compensação.

– É muito generoso de sua parte, com certeza, sra. Banks. Agradeço-lhe muito. E a senhora poderia... quero dizer, eu poderia pedir-lhe que, se necessário, escreva uma... uma carta de recomendação? Dizer que trabalhei para um parente seu e que... demonstrei ser adequada?

– É claro.

– Não sei se deveria pedir isso. – As mãos da srta. Gilchrist começaram a tremer, e ela tentou firmar sua voz. – Mas seria possível não mencionar as circunstâncias... ou mesmo o nome?

Susan a encarou de frente.

– Não compreendo.

– É porque a senhora não pensou a esse respeito, sra. Banks. Foi um assassinato. Um assassinato que foi noticiado nos jornais, a respeito do qual todos leram. A

senhora não percebe? As pessoas podem pensar: “Duas mulheres vivendo juntas, e uma delas é morta... e talvez a dama de companhia a tenha matado”. A senhora não percebe, sra. Banks? Tenho certeza de que se eu estivesse procurando por alguém, eu... bem, pensaria duas vezes antes de contratá-la, se a senhora entende o que estou dizendo. Porque nunca se sabe! Isso me preocupa terrivelmente, sra. Banks. Tenho passado noites insones pensando que talvez eu nunca consiga outro emprego, não deste tipo. E o que mais eu poderia fazer?

A pergunta soava como uma súplica inconsciente. Susan sentiu-se abalada de súbito. Ela entendeu o desespero dessa mulher bem falante e comum, cuja existência dependia dos temores e caprichos dos empregadores. E havia muita verdade no que a srta. Gilchrist dissera. Você não contrataria, se pudesse evitar, uma mulher para compartilhar de sua intimidade doméstica que estivesse envolvida, mesmo que de forma inocente, em um caso de assassinato.

Susan disse:

- Mas e se eles encontrarem o assassino...
- Neste caso, é claro, ficará tudo bem. Mas eles o encontrarão? Em minha opinião, a polícia não faz a menor ideia de quem tenha sido. E se ele não for pego, bem, isso me torna... não a maior suspeita, mas alguém que poderia ter cometido o crime.

Susan anuiu pensativamente. Era verdade que a srta. Gilchrist não se beneficiara da morte da srta. Lansquenet, mas quem o saberia? E, além disso, havia muitas histórias – histórias terríveis – de animosidade surgida entre mulheres que viviam juntas, estranhos motivos

patológicos para violência repentina. Alguém que não as conhecesse poderia imaginar que Cora Lansquenet e a srta. Gilchrist haviam convivido dessa maneira...

Susan falou, com sua determinação costumeira:

– Não se preocupe, srta. Gilchrist – disse ela, rápida e alegremente. – Tenho certeza de que posso encontrar-lhe um emprego com algum de meus amigos. Não haverá a menor dificuldade.

– Temo – disse a srta. Gilchrist, recuperando um pouco do seu modo costumeiro – que não possa fazer nenhum trabalho pesado. Quem sabe, preparar pratos simples e um pouco da limpeza da casa...

O telefone tocou, e a srta. Gilchrist deu um salto.

– Meu Deus, quem poderia ser agora?

– Acho que é meu marido – disse Susan, levantando-se rapidamente. – Ele disse que me ligaria hoje à noite.

Ela foi até o telefone.

– Sim? Sim, é a sra. Banks quem fala... – Houve uma pausa, e então sua voz mudou. Ela ficou delicada e terna. – Olá, querido, sim, sou eu... Oh, tudo bem... assassinada por alguém desconhecido... a coisa de sempre... apenas o sr. Entwhistle... o quê?... é difícil dizer, mas acho que sim... sim, como pensávamos... tudo de acordo com o planejado... venderei as coisas. Não há nada que quiséssemos... não por um dia ou dois... absolutamente terrível... não se preocupe. Eu sei o que estou fazendo... Greg, você não... você tomou cuidado para... não, não é nada. Nada mesmo. Boa noite, querido.

Ela desligou. A proximidade da srta. Gilchrist a havia estrangido um pouco. Era provável que a srta.

Gilchrist conseguiu ouvir da cozinha, para onde ela havia se retirado de maneira educada, tudo o que ela dissera. Havia coisas que ela gostaria de perguntar a Greg, mas não quisera fazê-lo.

Ela permaneceu ao lado do telefone distraída, franzindo o cenho. De repente, ocorreu-lhe uma ideia.

– É claro – ela murmurou. – É isso mesmo.

Tirando o fone do gancho, ela solicitou uma chamada de longa distância.

Quinze minutos mais tarde, uma telefonista dizia, com voz cansada:

– Temo que não haja resposta.

– Por favor, continue tentando.

Susan falou em tom autoritário. Ela ouviu o zumbido distante de uma campainha telefônica. Então, de súbito, ele foi interrompido, e uma voz de homem, rabugenta e um pouco indignada, disse:

– Sim, sim, o que foi?

– Tio Timothy?

– Quem está falando? Não consigo ouvi-la.

– Tio Timothy? É Susan Banks.

– Susan quem?

– Banks. Outrora Abernethie. Sua sobrinha Susan.

– Oh, é você, Susan, não é? Qual o problema? Por que você está me ligando tão tarde da noite?

– Ainda é bem cedo.

– Não é. Eu estava na cama.

– O senhor deve ir muito cedo para cama. Como está a tia Maude?

– Foi para perguntar isso que você ligou? Sua tia está com bastante dor e não pode fazer nada. Nada. Ela está desamparada. Decerto estamos em meio a uma

confusão danada. Aquele médico idiota disse que não pode arranjar nem mesmo uma enfermeira. Ele queria despachar Maude para o hospital. Eu fui contra. Ele está tentando conseguir alguém para nós. Não posso fazer nada, nem ousar tentar. Há uma idiota do vilarejo que passará a noite aqui hoje, mas ela está resmungando sobre voltar para o marido. Não sei o que faremos.

– É sobre isso que eu queria falar. O senhor gostaria de contar com a srta. Gilchrist?

– Quem é ela? Nunca ouvi falar dela.

– É a dama de companhia da tia Cora. Ela é muito legal e capaz.

– Ela sabe cozinhar?

– Sim, ela cozinha muito bem e pode cuidar da tia Maude.

– Está tudo bem então, mas quando ela poderia vir? Aqui estou eu, completamente sozinho, com apenas essas mulheres tolas do vilarejo aparecendo e desaparecendo nas horas mais estranhas, e isso não é bom para mim. Meu coração anda aos saltos.

– Darei um jeito para que ela chegue aí tão logo for possível. Depois de amanhã, quem sabe?

– Bem, muito obrigado – disse a voz, de má vontade. – Você é uma boa garota, Susan, hum... obrigado.

Susan desligou o telefone e foi até a cozinha.

– A senhorita gostaria de ir até Yorkshire para cuidar da minha tia? Ela sofreu uma queda e quebrou o tornozelo, e meu tio é inútil. Ele é um pouco intratável, mas tia Maude é uma pessoa muito boa. Eles contrataram gente do vilarejo para o serviço doméstico, mas a senhorita poderia cozinhar e cuidar da tia Maude.

A srta. Gilchrist deixou cair o bule de café, em sua agitação.

– Oh, obrigada, obrigada, é muita bondade. Posso dizer que cuido muito bem de doentes e tenho certeza de que posso lidar com seu tio e cozinhar-lhe bons pratinhos. É muita bondade sua, sra. Banks, sou muito grata.

I

Susan deitou na cama e esperou que o sono viesse. Fora um longo dia, e ela estava cansada. Estava bastante certa de que adormeceria logo. Ela nunca tivera qualquer dificuldade para dormir. E, no entanto, ali estava ela, hora após hora, completamente acordada, a mente agitada. Susan dissera que não se importaria de dormir naquele quarto, naquela cama. A cama onde Cora Abernethie...

Não, não, ela tinha de tirar tudo isso da mente. Ela sempre se orgulhara de ser equilibrada. Por que pensar naquela tarde, há menos de uma semana? Pense adiante, no futuro. Seu futuro e o de Greg. Aquele prédio na Rua Cardigan, bem o que eles queriam. A loja no andar térreo e um apartamento encantador no andar de cima. O quarto nos fundos seria o laboratório de Greg. Para fins tributários, era um excelente arranjo. Greg ficaria calmo e bem outra vez. Não haveria mais aqueles lapsos alarmantes, os momentos em que ele a olhava sem aparentar reconhecê-la. Uma ou duas vezes, ela ficara muito assustada... E o velho sr. Cole havia insinuado, ameaçado: "Se isso acontecer de novo...". E poderia ter acontecido de novo, teria acontecido de novo, se o tio Richard não tivesse morrido quando morreu...

O tio Richard... mas por que ver as coisas dessa maneira? Ele não tinha razão para viver. Velho, cansado e doente. Seu filho morto. Foi uma morte piedosa, na

verdade. Morrer dormindo, calmamente daquele modo. Calmamente... dormindo... Se apenas ela conseguisse dormir... Era tão estúpido ficar acordada hora após hora... ouvindo os móveis estalarem, o farfalhar das árvores e dos arbustos do lado de fora da janela e o ocasional pio melancólico e esquisito – uma coruja, ela supôs. Como era sinistro o campo, de certa maneira. Tão diferente da cidade grande, barulhenta e indiferente. Sentimo-nos tão seguros nela, cercados por pessoas, nunca sozinhos. Enquanto que ali...

Casas onde um assassinato havia sido cometido eram, às vezes, assombradas. Talvez esse chalé ficasse conhecido como o chalé assombrado. Assombrado pelo espírito de Cora Lansquenet... tia Cora. Era mesmo estranho como, desde que havia chegado, Susan sentia como se tia Cora estivesse bem próxima... ao alcance dela. Tudo medo e imaginação. Cora Lansquenet estava morta, no dia seguinte seria enterrada. Não havia ninguém no chalé, exceto a própria Susan e a srta. Gilchrist. Então, por que ela sentia que havia alguém no quarto, alguém próximo, ao lado dela...

Ela estava deitada nesta cama quando a machadinha se abateu... Deitada ali, dormindo tranquila... Sem saber de nada até o golpe da machadinha... E agora ela não deixava Susan dormir...

Os móveis rangeram de novo... ou era um passo furtivo? Susan ligou a luz. Nada. Nervos, nada a não ser os nervos. Relaxe... feche os olhos... Certamente aquilo era um gemido – um gemido ou um ligeiro grunhido... Alguém com dor, alguém morrendo...

“Não devo imaginar coisas, não devo, não devo”, sussurrou Susan para si mesma.

A morte era o fim, não havia existência depois da

morte. Sob nenhuma circunstância alguém poderia voltar. Ou ela estaria revivendo uma cena do passado, uma mulher à beira da morte, gemendo... De novo se fez ouvir... mais forte... alguém gemendo com uma dor aguda... Mas... isso era real. Mais uma vez, Susan acendeu a luz, sentou-se na cama e escutou. Os gemidos eram gemidos reais, e ela os estava ouvindo através da parede. Eles vinham do quarto ao lado.

Susan saltou da cama, colocou às pressas um roupão e saiu porta afora. Ela foi até o patamar da escada, bateu por um momento na porta da srta. Gilchrist e então entrou. A luz do quarto estava acesa. A srta. Gilchrist estava sentada na cama. Sua aparência era chocante. Seu rosto estava distorcido de dor.

– Srta. Gilchrist, o que foi? Está passando mal?

– Sim. Não sei o que... eu... – ela tentou sair da cama, foi tomada por um acesso de vômito e então desabou sobre os travesseiros.

Ela murmurou:

– Por favor, ligue para um médico. Devo ter comido algo...

– Vou pegar bicarbonato. Nós podemos chamar o médico de manhã, se a senhorita não estiver melhor.

A srta. Gilchrist balançou a cabeça.

– Não, chame o médico agora. Estou... estou me sentindo muito mal.

– A senhorita sabe o número dele? Ou devo procurar na lista?

A srta. Gilchrist deu-lhe o número. Ela foi interrompida por mais uma ânsia de vômito.

A ligação de Susan foi atendida por uma voz masculina sonolenta.

– Quem? Gilchrist? Na Via Mead. Sim, conheço. Logo estarei aí.

Ele manteve a palavra. Dez minutos mais tarde, Susan ouviu o carro do médico estacionar na rua e foi abrir-lhe a porta. Ela explicou o caso e o levou para o andar de cima.

– Acho – disse ela – que a srta. Gilchrist deve ter comido algo que não lhe caiu bem. Mas ela está com uma aparência péssima.

O médico tinha o ar de alguém que mantinha seu temperamento sob controle e tinha alguma experiência com chamadas desnecessárias. Mas tão logo ele examinou a mulher que gemia, sua atitude mudou. Ele deu a Susan várias ordens sucintas e em seguida desceu para telefonar. Depois, juntou-se a ela na sala de estar.

– Já mandei chamar uma ambulância. Temos de levá-la para um hospital.

– Ela está realmente mal, então?

– Sim. Dei a ela uma injeção de morfina para aliviar a dor. Mas parece... – Ele interrompeu o que estava dizendo. – O que ela comeu?

– Tivemos macarrão au gratin para o jantar e um pudim de creme. Depois, café.

– Vocês comeram as mesmas coisas?

– Sim.

– E a senhora está bem? Nenhuma dor ou desconforto?

– Não.

– Ela não comeu nada mais? Peixe enlatado? Ou salsichas?

– Não. Almoçamos no King's Arms após o inquérito.

– Sim, é claro. A senhora é a sobrinha da sra.

Lansquenet?

– Sim.

– Que crime bárbaro. Espero que peguem o assassino.

– Sim, realmente.

A ambulância veio. A srta. Gilchrist foi levada e o médico foi com ela. Ele disse a Susan que telefonaria, pela manhã. Assim que ela saiu, Susan subiu para o quarto. Desta vez, ela caiu no sono tão logo sua cabeça tocou no travesseiro.

II

O funeral teve boa assistência. A maioria do vilarejo havia comparecido. Susan e o sr. Entwhistle eram as únicas pessoas enlutadas, mas várias coroas haviam sido mandadas pelos outros membros da família. O sr. Entwhistle perguntou onde estava a srta. Gilchrist, e Susan explicou as circunstâncias em um sussurro apressado. Ele ergueu as sobrelanceiras.

– Que acontecimento estranho, não é?

– Mas ela já está melhor esta manhã. Eles ligaram do hospital. As pessoas costumam ter esses estados biliosos. Algumas sofrem mais do que outras.

O sr. Entwhistle não disse mais nada. Retornaria a Londres imediatamente depois do funeral.

Susan voltou para o chalé. Ela encontrou alguns ovos e fez um omelete para si. Então subiu para o quarto de Cora e começou a organizar os pertences da falecida.

Ela foi interrompida pela chegada do médico.

O médico parecia preocupado. Ele respondeu às perguntas de Susan dizendo que a srta. Gilchrist estava

muito melhor.

- Ela estará bem e de pé em alguns dias – disse ele.
- Mas foi sorte eu ter sido chamado tão prontamente. De outra maneira, poderia ter sido muito pior.

Susan o encarou.

- Ela estava tão mal assim?
- Sra. Banks, a senhora poderia contar-me outra vez exatamente o que a srta. Gilchrist comeu e bebeu ontem? Tudo.

Susan refletiu e fez um relato meticoloso. O médico balançou a cabeça, insatisfeito.

– Tem de haver algo que ela consumiu e a senhora não.

– Não creio... Bolos, pães, geleia, chá... e depois o jantar. Não, não consigo me lembrar de nada.

O médico coçou o nariz. Ele caminhava de um lado para outro.

– Não há dúvida alguma de que foi algo que ela comeu? Foi intoxicação alimentar?

O médico lançou-lhe um olhar duro. Então pareceu ter chegado a uma decisão.

– Foi arsênico – disse ele.

– Arsênico? – sobressaltou-se Susan. – O senhor quer dizer que alguém deu arsênico a ela?

– É o que parece.

– Ela mesma pode ter feito isso? Quero dizer, deliberadamente?

– Suicídio? Ela diz que não, e deve saber melhor do que nós. Além disso, se ela quisesse cometer suicídio, não seria provável que escolhesse arsênico. Há pílulas para dormir nesta casa. Ela poderia ter tomado uma

overdose delas.

– Poderia haver arsênico em algo, por acidente?

– É isso que me pergunto. Parece muito improvável, mas sabe-se de casos semelhantes. No entanto, se a senhora e ela comeram as mesmas coisas...

Susan anuiu com a cabeça. Ela disse:

– Tudo isso parece impossível... – Então ela exclamou repentinamente: – Ora, é claro, o bolo de casamento!

– Do que a senhora está falando? Bolo de casamento?

Susan explicou. O médico ouviu atentamente.

– Estranho. E a senhora diz que ela não tinha certeza de quem o enviou? Sobrou algo dele? Ou a caixa ainda está aqui?

– Não sei. Vou procurar.

Eles procuraram juntos e finalmente encontraram, sobre o balcão da cozinha, a caixa branca de papelão que continha ainda algumas migalhas de bolo. O médico as embrulhou com algum cuidado.

– Cuidarei disto. Alguma ideia de onde possa estar o papel em que ele estava embrulhado?

Nesta busca não tiveram sucesso, e Susan disse que o papel provavelmente havia sido jogado na caldeira.

– A senhora pretende partir em seguida, sra. Banks?

O tom dele era cordial, mas fez com que Susan se sentisse um pouco desconfortável.

– Não, tenho de organizar as coisas da minha tia. Devo ficar por aqui alguns dias.

– Bom. A senhora compreende que a polícia pode querer fazer-lhe algumas perguntas. A senhora não sabe

de ninguém... bem, que poderia ter alguma diferença com a srta. Gilchrist?

Susan balançou a cabeça.

– Na verdade, não sei muito sobre ela. Ela estava com minha tia há alguns anos, é tudo o que sei.

– Muito bem, muito bem. Ela sempre pareceu uma mulher modesta e simpática, bastante comum. Não o tipo, a senhora diria, para ter inimigos ou qualquer coisa melodramática do gênero. Um bolo de casamento pelo correio. Parece algo que uma mulher ciumenta faria. Mas quem teria ciúmes da srta. Gilchrist? Não parece combinar com ela.

– Não.

– Bem, tenho de seguir caminho. Não sei o que está acontecendo com a nossa pacata cidadezinha de Lytchett St. Mary. Primeiro um assassinato brutal, e agora uma tentativa de envenenamento pelo correio. Estranho, uma coisa depois da outra.

Ele seguiu pela ruela até seu carro. O chalé parecia abafado, e Susan deixou a porta aberta enquanto subia lentamente a escada para retomar sua tarefa.

Cora Lansquenet não fora uma mulher ordeira ou metódica. Suas gavetas continham uma miscelânea de objetos. Havia acessórios de banheiro, cartas, lenços velhos e pincéis misturados na mesma gaveta. Havia algumas cartas velhas e contas enfiadas em meio a uma gaveta abaulada de roupas de baixo. Em outra gaveta, sob alguns blusões de lã, havia uma caixa de papelão com duas franjas falsas. Outra ainda estava cheia de velhas fotografias e livros de rascunhos. Susan demorou-se em examinar uma série de fotos, tirada evidentemente em alguma cidade francesa há muitos anos, que mostrava uma Cora mais jovem e mais magra de braços

dados com um homem alto, magricelo e de barba falhada, vestindo o que parecia ser um casaco de belbutina, que Susan concluiu ser o falecido Pierre Lansquet.

As fotografias interessavam a Susan, mas ela as colocou de lado. Passou a analisar todos os papéis que havia encontrado empilhados e começou a lê-los metodicamente. Antes de chegar à metade da pilha, ela encontrou uma carta. Ela a leu duas vezes e ainda a estava olhando quando uma voz soou atrás dela e fez com que gritasse de susto.

– E o que você encontrou aí, Susan? Ei, qual o problema?

Susan corou de irritação. Seu grito fora bastante involuntário, e ela se sentia envergonhada e ansiosa para se explicar.

– George? Você me assustou!

Seu primo sorriu indolentemente.

– É o que parece.

– Como você chegou aqui?

– Bem, a porta lá embaixo estava aberta, então eu entrei. Parecia não haver ninguém no andar térreo, então subi até aqui. Se você pergunta como cheguei a esta parte do mundo, saí de casa esta manhã para vir ao funeral.

– Eu não o vi lá.

– O velho carro me pregou uma peça. A bomba de gasolina parecia entupida. Trabalhei nela por um tempo, e, por fim, ela parece ter desentupido sozinha. Já era tarde demais para o funeral àquela altura, mas achei que deveria aparecer, de qualquer maneira. Eu sabia que você estava aqui.

Ele fez uma pausa e continuou:

– Eu liguei para você, na realidade, e Greg me disse que você tinha vindo para cá tomar posse, por assim dizer. Achei que poderia lhe dar uma mão.

Susan disse:

– Não precisam de você no escritório? Ou você pode tirar folga sempre que quiser?

– Funerais sempre foram desculpas honrosas para se ausentar do trabalho. E este funeral é, sem dúvida, genuíno. Além disso, um assassinato sempre fascina as pessoas. De qualquer modo, não irei muito ao escritório no futuro, não agora que sou um homem de posses. Terei coisas melhores para fazer.

Ele fez uma pausa e abriu um largo sorriso.

– Greg também – disse ele.

Susan olhou para George pensativamente. Ela quase nunca via seu primo e, quando eles se encontravam, Susan sempre achava muito difícil compreender suas intenções.

Ela perguntou:

– Por que mesmo você veio aqui, George?

– Talvez para fazer um trabalhinho de detetive.

Estive pensando bastante sobre o último funeral de que participamos. Tia Cora certamente sabotou a cerimônia naquele dia. Tenho me perguntado se foi absoluta irresponsabilidade e joie de vivre da tia que motivaram as palavras dela, ou se ela realmente suspeitava de algo. O que há nessa carta que você lia de modo tão atento quando entrei no quarto?

Susan respondeu lentamente:

– É uma carta que o tio Richard escreveu a Cora

após ter vindo visitá-la.

Como eram negros os olhos de George. Ela sempre achou que eram castanhos, mas eram negros, e havia algo curiosamente impenetrável a respeito de olhos negros. Eles escondiam os pensamentos que estavam por detrás deles.

George perguntou, alongando as vogais:

– Alguma coisa interessante nela?

– Não, não exatamente...

– Posso vê-la?

Ela hesitou por um momento, então colocou a carta na mão estendida.

Ele a leu superficialmente, murmurando em voz baixa e monótona. “Quem bom vê-la depois destes anos todos... com uma aparência ótima... tive uma boa viagem de volta e não cheguei tão cansado...”

Sua voz mudou de repente, ficando mais clara: “Por favor, não diga nada a ninguém a respeito do que lhe contei. Pode ser um erro. De seu irmão, com amor, Richard.”

Ele olhou para Susan.

– O que isso significa?

– Pode significar qualquer coisa... pode ser apenas sobre a saúde dele. Ou pode ser alguma fofoca sobre um amigo mútuo.

– Sim, podem ser muitas coisas. Não é conclusivo, mas é sugestivo... O que ele disse a Cora? Alguém sabe o que Richard contou a ela?

– A srta. Gilchrist talvez saiba – disse Susan pensativamente. – Acho que ela ouviu.

– Claro, a dama de companhia. Aliás, onde ela está?

– No hospital, devido a envenenamento por arsênico.

George a encarou.

– Você está falando sério?

– Sim. Alguém mandou a ela um bolo de casamento envenenado.

George se sentou em uma das cadeiras do quarto e deu um assovio.

– Pelo visto – disse ele –, o tio Richard não estava enganado.

III

Na manhã seguinte, o inspetor Morton apareceu no chalé. Ele era um homem tranquilo, de meia-idade, com um ligeiro tom interiorano na voz. Seus modos eram calmos e sem pressa, mas seu olhar era sagaz.

– A senhora sabe o motivo de minha visita, sra. Banks? – perguntou ele. – O dr. Proctor já lhe contou sobre a srta. Gilchrist. As poucas migalhas do bolo de casamento que ele levou daqui foram analisadas e apresentaram traços de arsênico.

– Então alguém quis envenená-la deliberadamente?

– É o que parece. A própria srta. Gilchrist não parece ser capaz de nos ajudar. Ela repete sem parar que é impossível, que ninguém faria uma coisa dessas. Mas alguém fez. A senhora tem como esclarecer a questão?

Susan balançou a cabeça.

– Estou simplesmente pasma – disse ela. – O senhor não tem como descobrir nada pelo carimbo postal? Ou

pela caligrafia?

– A senhora esqueceu, o papel de embrulho foi presumivelmente queimado. E há uma pequena dúvida quanto a ele ter sequer passado pelo correio. O jovem Andrews, motorista da camionete do correio, não parece se lembrar de ter feito essa entrega. Ele tem uma rota extensa e não pode ter certeza, mas aí está... há uma dúvida sobre a questão.

– Mas qual a alternativa?

– A alternativa, sra. Banks, é que se tenha usado um velho pedaço de papel pardo que já tinha nele um selo cancelado, o nome e o endereço da srta. Gilchrist, e que o pacote tenha sido introduzido na caixa do correio ou depositado dentro da casa, para criar a impressão de uma entrega pelo correio. – Ele acrescentou, impassível:

– Sabe, é uma ideia inteligente escolher um bolo de casamento. Mulheres solitárias de meia-idade tornam-se sentimentais diante deles, felizes por terem sido lembradas. Uma caixa de doces, ou algo assim, poderia despertar suspeita.

Susan disse devagar:

– A srta. Gilchrist especulou bastante sobre quem poderia tê-lo mandado, mas não desconfiava de nada. Como o senhor diz, ela estava feliz e, sim, lisonjeada. – Ela acrescentou: – Havia veneno suficiente no bolo para... matar?

– É difícil afirmar até recebermos a análise quantitativa. Depende bastante de a srta. Gilchrist ter comido ou não a fatia inteira. Ela acha que não. A senhora se lembra?

– Não, não tenho certeza. Ela me ofereceu um pedaço, e recusei. Então ela comeu um pouco e disse

que o bolo estava muito bom, mas não lembro se ela o terminou ou não.

– Eu gostaria de ir ao segundo andar, se a senhora não se importar, sra. Banks.

– É claro.

Ela o seguiu até o quarto da srta. Gilchrist. Susan disse, desculpando-se:

– Temo que o quarto esteja em estado deplorável, mas não tive tempo de arrumar nada, por causa do funeral de minha tia e tudo mais. E mais tarde, depois que o dr. Proctor veio, achei que talvez fosse melhor deixá-lo como estava.

– Foi muito inteligente de sua parte, sra. Banks. Nem todos seriam tão inteligentes.

Ele foi até a cama e, escorregando a mão por debaixo do travesseiro, ergueu-o cuidadosamente. Um lento sorriso abriu-se no seu rosto.

– Aí está.

Um pedaço do bolo de casamento estava sobre o lençol, parecendo um tanto amassado.

– Que extraordinário – disse Susan.

– Não, não é. Talvez a sua geração não o faça. As jovens damas hoje em dia não dão tanta importância ao casamento. Mas é um velho costume. Coloque um pedaço de bolo de casamento sob seu travesseiro e você sonhará com seu futuro marido.

– Mas certamente a srta. Gilchrist...

– Ela não quis contar-nos sobre ele porque se sentia tola fazendo uma coisa dessas na idade dela. Mas eu suspeitava do que poderia ser. – Sua expressão tornou-se séria. – E, se não fosse por uma tolice de solteirona, a srta. Gilchrist poderia estar morta hoje.

– Mas quem desejaria matá-la?

Seus olhos encontraram os dela, com um curioso olhar especulativo que causou desconforto em Susan.

– A senhora não sabe? – perguntou ele.

– Não, é claro que não.

– Então, parece que teremos de descobrir – disse o inspetor Morton.

CAPÍTULO 12

Dois homens idosos estavam sentados em uma sala cujos móveis eram do tipo mais moderno. Não havia curvas no aposento. Tudo era quadrado. A exceção, quase única, era o próprio Hercule Poirot, que era cheio de curvas. Sua barriga era agradavelmente arredondada, sua cabeça lembrava um ovo, e seus bigodes curvavam-se para cima em um floreio extravagante. Ele estava bebericando um copo de xarope e olhando de maneira pensativa para o sr. Goby.

O sr. Goby era pequeno, seco e emaciado. Ele sempre fora agradavelmente indistinto em aparência, e era agora tão indistinto a ponto de praticamente nem mesmo estar ali. Ele não estava olhando para Poirot, porque o sr. Goby nunca olhava para ninguém. As observações que ele fazia agora pareciam ser dirigidas ao canto esquerdo do rebordo cromado da lareira.

O sr. Goby era famoso por conseguir informações. Pouquíssimas pessoas sabiam sobre ele e pouquíssimas utilizavam seus serviços, mas estas poucas eram, em geral, extremamente ricas. Tinham de ser, pois o sr. Goby cobrava muito caro. A especialidade dele era conseguir informações com rapidez. Com um estalar dos dedos ágeis do sr. Goby, centenas de homens e mulheres, velhos e jovens, pacientes, curiosos e laboriosos, de todas as classes sociais, eram despachados para interrogar, sondar e conseguir resultados.

O sr. Goby estava agora praticamente aposentado.

Mas, às vezes, prestava serviços a alguns velhos clientes. Hercule Poirot era um deles.

– Consegui o que pude para o senhor – disse o sr. Goby ao rebordo da lareira, com um sussurro suave e confidencial. – Coloquei os garotos em ação. Eles fazem o que podem. São bons rapazes, todos eles bons rapazes, mas não o que costumavam ser nos velhos tempos. Eles não são mais os mesmos hoje em dia. Não estão dispostos a aprender, este é o problema. Acham que sabem tudo depois de somente alguns anos de trabalho. E trabalham com horário. É chocante como trabalham com horário.

Ele balançou a cabeça tristemente e dirigiu o olhar para uma tomada elétrica.

– É o governo – declarou ele. – E é toda essa fraude de educação superior. Coloca ideias na cabeça deles. Eles voltam de lá e nos dizem o que pensam. Não consegue pensar, a maioria deles, de qualquer maneira. Tudo o que sabem está nos livros. Isso não é bom em nossa linha de negócios. Tragam respostas, é tudo o que é preciso, não ideias.

O sr. Goby jogou-se para trás na cadeira e piscou para um abajur.

– Mas não devo reclamar do governo! Não sei o que faríamos sem ele. Garanto-lhe que, hoje em dia, você pode entrar em quase todos os lugares com um caderno de notas e um lápis, bem-vestido, falando inglês culto, e perguntar às pessoas todos os detalhes mais íntimos de suas vidas cotidianas e toda sua história passada: o que elas comeram no jantar do dia 23 de novembro porque

aquele foi um dia de pesquisa sobre a renda da classe média, ou o que quer que seja (incluindo-as em uma classe superior, para adulá-las!). Pergunte-lhes qualquer coisa concebível e, nove vezes em dez, elas cederão. E, mesmo na décima vez, apesar de terem sido rudes, não duvidarão por um minuto que você seja quem diz ser, e que o governo realmente quer esta informação, por alguma razão completamente insondável!

“Estou lhe dizendo, monsieur Poirot – disse o sr. Goby, ainda falando com o abajur –, que esse é o melhor subterfúgio que já tivemos, muito melhor do que ler o medidor de eletricidade ou descobrir um defeito no telefone. Ou então nos fazemos passar por freiras, bandeirantes ou escoteiros pedindo assinaturas, embora usemos tudo isso também. Sim, a bisbilhotice do governo é uma dádiva de Deus para os investigadores, e que continue por muito tempo!”

Poirot nada disse. Com o passar dos anos o sr. Goby havia se tornado um pouco tagarela, mas ele chegaria ao assunto pertinente a seu tempo.

– Bem – disse o sr. Goby, e tirou do bolso um pequeno caderno de notas, bastante gasto. Ele lambeu um dedo e folheou as páginas. – Aqui estamos. Sr. George Crossfield. Vamos vê-lo primeiro. Somente os fatos simples. O senhor não queira saber como os consegui. Há tempos ele tem vivido na corda bamba. Cavalos, na maioria das vezes, e jogo. Não faz tanto sucesso com as mulheres. Vai à França de vez em quando, e a Monte Carlo também. Passa bastante tempo no cassino. Esperto demais para descontar cheques lá, mas consegue bem mais dinheiro do que sua renda para viagens permitiria. Não entrei nessa questão, porque não

era o que o senhor queria saber.

“Mas ele não tem escrúpulos em evitar a lei e, sendo advogado, sabe como fazê-lo. Tenho razões para acreditar que ele está usando fundos de investidores confiados a ele. Afundou-se como nunca nos últimos tempos, na bolsa de valores e nos cavalos! Mau juízo e má sorte. Há três meses está no prejuízo. Preocupado, de mau humor e irritado no escritório. Mas, desde a morte do tio, tudo mudou. Ele está como os ovos do café da manhã (se os tivéssemos): estrelado!

“Agora, quanto àquela informação específica que foi pedida. A declaração de que ele estava nas corridas de Hurst Park no dia em questão é quase certamente mentirosa. Quase sempre faz as apostas dele com um ou outro agente no hipódromo. Eles não o viram naquele dia. É possível que tenha saído de Paddington de trem, até um destino desconhecido. Um motorista de táxi que levou um passageiro até Paddington reconheceu sem certeza a fotografia dele. Mas eu não apostaria nisso. O sr. Crossfield é um tipo muito comum. Não há nada excepcional nele. Nenhuma popularidade entre porteiros etc., em Paddington. Certamente não desembarcou na estação Cholsey, que é a mais próxima de Lytchett St. Mary. Uma estação pequena, estranhos chamam a atenção. Poderia ter descido em Reading e tomado um ônibus. Os ônibus lá andam cheios, são frequentes, e várias linhas passam a mais ou menos um quilômetro e meio de Lytchett St. Mary. Há também uma linha que entra no vilarejo. Ele não tomaria este ônibus, não se ele estivesse com verdadeiras más intenções.

“No todo, ele é um sujeito esperto. Não foi visto em Lytchett St. Mary, mas não seria preciso. Há formas de se

aproximar do chalé sem entrar no vilarejo. A propósito, ele participou da sociedade de artes dramáticas, em Oxford. Se ele foi até o chalé naquele dia, poderia não estar parecido com o George Crossfield de sempre. Vou mantê-lo em minha caderneta, está bem? Há uma questão do mercado negro que quero investigar.”

– O senhor pode mantê-lo – disse Hercule Poirot.

O sr. Goby lambeu um dedo e virou mais uma página no seu caderno de anotações.

– Sr. Michael Shane. Ele é muito respeitado em sua profissão. E tem um conceito dele mesmo ainda mais elevado do que têm outras pessoas. Quer o sucesso e quer que chegue logo. Gosta de dinheiro e de passar bem. Muito atraente para as mulheres. Elas se apaixonam por ele a torto e a direito. Ele as aprecia, mas os negócios vêm em primeiro lugar, como se diz. O sr. Shane tem sido visto com Sorrel Dainton, que foi protagonista da última peça em que ele atuou. Ele fez apenas um papel menor, mas com grande êxito, e o marido da srta. Dainton não gosta dele. Sua esposa não sabe sobre ele e a srta. Dainton. Parece não saber muito sobre nada. Imagino que não seja uma grande atriz, mas é agradável olhar para ela. Louca por seu marido. Houve rumores, não faz muito tempo, de uma separação entre eles, mas isso parece ter passado desde a morte de Richard Abernethie.

O sr. Goby enfatizou o último ponto, anuindo com a cabeça na direção de uma almofada no sofá.

– O sr. Shane diz que, no dia em questão, encontrou-se com um sr. Rosenheim e um sr. Oscar Lewis, para acertar detalhes de uma encenação. Ele não compareceu ao encontro. Enviou-lhes um telegrama

dizendo que lamentava terrivelmente, mas não poderia encontrá-los. O que ele fez foi procurar o pessoal dos Carros Emerald, que aluga automóveis. Ele alugou um carro em torno do meio-dia e saiu com ele, voltando em torno das seis da tarde. De acordo com o odômetro, ele dirigiu aproximadamente o número exato de quilômetros que nos interessa na investigação. Nenhuma confirmação de Lytchett St. Mary. Nenhum carro estranho parece ter sido observado lá, naquele dia.

“Existem vários lugares, em um raio aproximado de um quilômetro e meio, onde ele poderia ser deixado sem que ninguém notasse. Há até mesmo uma pedreira abandonada, a algumas centenas de metros do chalé, na mesma ruela. Três cidades com comércio, de onde se pode vir a pé, e onde você pode estacionar em ruas laterais sem que a polícia o incomode. Muito bem, mantemos o sr. Shane?”

– Sem dúvida alguma.

– Agora, a sra. Shane. – O sr. Goby esfregou o nariz e falou sobre a sra. Shane. – Ela diz que estava fazendo compras. Somente compras... – O sr. Goby ergueu os olhos para o teto. – Mulheres que fazem compras... fúteis, é o que são. E ela soubera no dia anterior que receberia o dinheiro. Naturalmente nada a seguraria. Ela tem uma ou duas contas bancárias, mas estão no vermelho, e os bancos têm pressionado a sra. Shane para que pague essas dívidas. Ela não quis aumentá-las. Ao que tudo indica, ela foi de lá para cá e a todos os lugares, experimentando roupas, olhando joias, pesquisando preços disso, daquilo e daquilo outro. Por certo, não comprou nada!

“Ela é fácil de se abordar, devo admitir. Pedi a uma

das minhas jovens damas, que tem conhecimento do meio teatral, para fazer o contato. Ela parou ao lado da mesa da sra. Shane em um restaurante e exclamou, como elas costumam fazer: 'Querida, não a vejo desde Distante na Austrália. Você esteve maravilhosa! Você tem visto Hubert ultimamente?' Esse era o produtor, e a atuação da sra. Shane fora um pouco fracassada. Mas isso torna as coisas ainda mais críveis. Em seguida, elas passam a conversar sobre teatro, minha garota introduz na conversa os nomes certos, e então diz: 'Acho que vi você, de passagem, na casa de fulano, sicrano ou beltrano', dando a data. A maioria das damas morde a isca e diz: 'Oh, não, eu estava...' onde quer que seja. Mas não a sra. Shane. Apenas a encara com um olhar vazio e diz: 'Acho que foi isso mesmo'. O que você pode fazer com uma dama dessas?"

O sr. Goby balançou a cabeça severamente na direção do aquecedor.

– Nada – disse Hercule Poirot, com sentimento. – E não tenho motivos para sabê-lo? Nunca esquecerei o assassinato de lorde Edgware. Quase fui derrotado (sim, eu, Hercule Poirot) pela sagacidade extremamente simples de um cérebro vazio. Os simplórios muitas vezes têm o gênio de cometer um crime descomplicado e então abandoná-lo. Esperemos que nosso assassino, se há um assassino neste caso, seja inteligente, superior, absolutamente satisfeito consigo mesmo e incapaz de resistir ao impulso de melhorar o que já está perfeito. Enfim, mas continue.

Uma vez mais, o sr. Goby concentrou-se na pequena caderneta.

– O sr. e a sra. Banks, que disseram ter passado em

casa o dia inteiro. Seja como for, ela não passou. Foi até a garagem, tirou o carro e partiu, por volta da uma da tarde. Destino desconhecido. Voltou perto das cinco. Nada sei sobre a quilometragem, porque ela tem saído com ele todos os dias desde então, e não há ninguém para verificar.

“Quanto ao sr. Banks, descobrimos algo curioso. Para começar, mencionarei que não sabemos o que ele fez no dia em questão. Ele não foi ao trabalho. Parece que ele já tinha pedido uns dias de folga por conta do funeral. E, desde então, ele abandonou o trabalho, sem consideração alguma pela empresa. Trata-se de uma bela farmácia, com boa reputação. Eles não são muito afeitos ao mestre Banks. Parece que ele costumava entrar em estranhos estados de excitação nervosa.

“Bem, como eu disse, não sabemos o que ele esteve fazendo no dia da morte da sra. L. Ele não saiu com a esposa. Pode ser que tenha passado o dia inteiro em seu pequeno apartamento. Não há porteiro lá, e ninguém sabe se os inquilinos estão em casa ou não. Mas a história pregressa dele é interessante. Até uns quatro meses atrás, um pouco antes de conhecer a esposa, ele esteve em um hospício. Não foi uma internação involuntária, só o que se chama de crise nervosa. Parece que ele cometeu um erro ao preparar um remédio. (Ele trabalhava com uma firma de Mayfair então.) A mulher se recuperou, a firma fez de tudo para se desculpar, e não houve processo.

“Afim de contas, erros acidentais acontecem, e a maioria das pessoas decentes sente pena de um pobre rapaz que os tenha cometido, desde que o dano causado não seja permanente. A firma não o demitiu, mas ele

pediu demissão. Disse que o episódio havia abalado sua confiança. Mas, depois disso, pelo visto, ele ficou muito deprimido e disse ao médico que estava obcecado pela culpa, que tudo havia sido proposital: a mulher fora arrogante e rude com ele quando ela esteve na farmácia, havia reclamado que sua última prescrição fora mal preparada. Ele se ofendera com isso e deliberadamente acrescentara uma dose quase letal de uma droga qualquer.

“Ele disse: ‘Ela tinha de ser punida por ousar falar comigo daquele jeito!’. E então chorou e disse que era perverso demais para continuar vivendo, e uma série de coisas semelhantes. Os médicos têm uma palavra longa para esse tipo de coisa, complexo de culpa ou algo assim, e não acreditam que tenha sido de forma alguma proposital, apenas descuido, mas ele queria tornar o fato importante e sério.”

– Ça se peut ^[3] – disse Hercule Poirot.

– Perdão? De qualquer maneira, ele se internou nesse sanatório, eles o trataram e lhe deram alta por considerá-lo curado, e ele conheceu a srta. Abernethie, como era conhecida na época. Ele conseguiu um trabalho em uma pequena farmácia respeitável, mas bastante desconhecida. Disse a eles que estivera fora da Inglaterra por um ano e meio, e lhes deu uma carta de referência antiga, de alguma farmácia em Eastbourne. Nada contra ele naquela farmácia, mas um colega balconista disse que ele tinha um temperamento muito estranho e modos bizarros às vezes.

“Contam uma história sobre um cliente que disse,

certa vez, como piada: 'Gostaria que você me vendesse algo para envenenar minha esposa, ha, ha!'. E Banks responde a ele, muito calmo e tranquilo: 'Eu poderia... Custaria a você duzentas libras'. O homem ficou desconcertado e riu da resposta. Tudo pode ter sido uma piada, mas Banks não me parece o tipo piadista."

– Mon ami – disse Hercule Poirot. – Fico realmente impressionado com a forma como o senhor consegue as suas informações, em sua maioria médicas e altamente confidenciais!

Os olhos do sr. Goby giraram para a direita, em torno da sala, e ele murmurou, olhando expectantemente para a porta, que havia maneiras...

– Agora chegamos ao setor campestre. O sr. e a sra. Abernethie. Uma linda propriedade a deles, mas está em péssimas condições. Devem estar passando por grandes dificuldades, grandes dificuldades. Impostos e investimentos infelizes. O sr. Abernethie goza de saúde frágil, com ênfase no gozo. Reclama muito e faz com que todos corram, busquem e carreguem coisas para ele. Come refeições fartas e parece bastante forte fisicamente, se estiver disposto a fazer esforço.

"Não há ninguém na casa depois que a diarista sai, e a ninguém é permitido entrar no quarto do sr. Abernethie, a não ser que ele toque a sineta. Ele estava de péssimo humor na manhã após o funeral. Praguejou contra a sra. Jones. Comeu apenas um pouco de seu desjejum e disse que não almoçaria. Tivera uma noite ruim. Disse que o jantar que ela lhe havia deixado não prestava e uma porção de outras coisas. Ele estava sozinho em casa e não foi visto por ninguém, das nove e meia daquela manhã até a manhã seguinte."

– E a sra. Abernethie?

– Ela deixou Enderby, de carro, na hora que o senhor mencionou. Chegou a pé a uma pequena garagem local, que fica em um lugar chamado Cathstone, e explicou que seu carro havia quebrado, a alguns quilômetros de distância.

“Um mecânico levou-a até o carro, examinou-o, disse que teria de rebocá-lo até a garagem e que o trabalho seria demorado. Não poderia prometê-lo para aquele mesmo dia. A dama ficou muito desapontada, mas foi a uma pequena estalagem, conseguiu um quarto para passar a noite e pediu alguns sanduíches porque, como ela mesma disse, queria sair para conhecer um pouco do campo. A cidade fica nos limites de uma região pantanosa. Ela não voltou à estalagem até bem tarde da noite. Meu informante diz que não se surpreendeu. É um lugarzinho sórdido!”

– E os horários?

– Ela pediu os sanduíches às onze horas. Se tivesse caminhado até a estrada principal, a um quilômetro e meio dali, ela poderia ter pego carona até Wallcaster e tomado um trem expresso da South Coast, que para em Reading West. Não entrarei em detalhes sobre os ônibus etc. Ela poderia tê-lo feito se o... hum... ataque fosse realizado no final da tarde.

– Pelo que sei, o médico deu como limite máximo as quatro e meia.

– Veja bem – disse o sr. Goby –, não creio que seja provável. Ela parece ser uma dama gentil, querida por todos. Ela é dedicada ao marido, trata-o como um filho.

– Sim, sim, o complexo maternal.

– Ela é forte e pesada, corta lenha e com frequência carrega para dentro de casa grandes cestos cheios de achas. Também conhece bastante a mecânica dos carros.

– Eu ia chegar lá. Qual era exatamente o problema com o carro?

– O senhor quer os detalhes precisos, monsieur Poirot?

– Deus me livre. Não tenho conhecimento mecânico.

– Foi algo difícil de se encontrar. E também de consertar. E poderia ter sido feito maliciosamente por alguém, sem grandes problemas. Por alguém que conhecesse o motor de um carro.

– C'est magnifique! – disse Poirot, com entusiasmo amargo. – Tudo tão conveniente, tudo tão possível. Bom dieu, podemos isentar alguém? E a sra. Leo Abernethie?

– Ela é uma dama muito simpática, também. O falecido sr. Abernethie gostava muito dela. Ela passou uma noite aqui, antes da morte dele.

– Após ele ter estado em Lytchett St. Mary para ver a irmã?

– Não, um pouco antes. A renda dela havia caído bastante desde a guerra. Ela vendeu a casa que tinha aqui e passou a morar em um pequeno apartamento em Londres. Ela tem uma casa de veraneio no Chipre e passa parte do ano lá. Tem também um sobrinho jovem que está ajudando a educar, e parece haver um ou dois jovens artistas que ela ajuda financeiramente, de tempos em tempos.

– Santa Helena da vida impoluta! – disse Poirot, fechando os olhos. – E teria sido praticamente impossível ela ter deixado Enderby naquele dia sem que os criados

soubessem, não é? Imploro ao senhor que me diga que isso é verdade!

O sr. Goby moveu os olhos até que pousassem sobre o sapato de verniz de Poirot, como um pedido de desculpas, e sua melhor aproximação de um encontro direto. Ele murmurou:

– Temo que não possa dizer isso, monsieur Poirot. A sra. Abernethie foi a Londres apanhar algumas roupas extras e pertences, já que combinara com o sr. Entwhistle que ficaria por mais tempo, para resolver as coisas.

– Il ne manquait ça!^[4] – disse Poirot, bastante sentido.

CAPÍTULO 13

Quando o cartão do inspetor Morton, da polícia do condado de Berkshire, foi trazido a Hercule Poirot, suas sobranceiras ergueram-se.

– Mande-o entrar, Georges, mande-o entrar. E traga... qual a preferência da polícia?

– Eu sugeriria cerveja, senhor.

– Que horror! Mas tão britânico! Traga cerveja, então.

O inspetor Morton foi direto ao ponto.

– Eu tinha de vir a Londres – disse ele. – E consegui o seu endereço, monsieur Poirot. Fiquei curioso ao vê-lo no inquérito na quinta-feira.

– Então o senhor me viu lá.

– Sim. Fiquei surpreso e, como disse, curioso. O senhor não se lembra de mim, mas eu me lembro do senhor muito bem. Do caso Pangbourne.

– Ah, o senhor trabalhou naquele caso?

– Apenas em uma função bastante subalterna. Faz muito tempo, mas nunca esqueci o senhor.

– E me reconheceu de imediato, no outro dia?

– Não foi difícil, senhor – o inspetor Morton reprimiu um ligeiro sorriso. – A sua aparência é... bastante incomum.

Seu olhar abrangeu a perfeição indumentária da figura de Poirot e pousou finalmente nos bigodes curvados.

– O senhor chama a atenção em uma cidade do interior – disse ele.

– É possível, é possível – disse Poirot com benevolência.

– Interessou-me o porquê de o senhor estar ali. Esse tipo de crime, roubo, agressão, normalmente não lhe interessa.

– Seria este o tipo ordinário de crime brutal?

– Tenho minhas dúvidas.

– O senhor as tem desde o início, não é?

– Sim, monsieur Poirot. Há alguns traços peculiares.

Desde que o crime aconteceu, temos trabalhado em uma linha de investigação rotineira. Detivemos uma ou duas pessoas para interrogatório, mas todas foram capazes de provar de maneira satisfatória onde estavam naquela tarde. Não foi o que se chamaria de um crime “comum”, monsieur Poirot, temos bastante certeza disso. O chefe de polícia concorda. Quem o cometeu desejava que parecesse comum. Poderia ter sido a tal Gilchrist, mas não parece haver motivo algum, e não havia nenhum histórico emocional. A sra. Lansquenet era um pouco retardada, ou “simplória”, como queira, mas aquele era o lar de uma senhora e sua fiel serva, sem qualquer traço de amizade feminina febril. Existem dúzias de srtas. Gilchrists, e normalmente não são do tipo assassino.

Ele fez uma pausa.

– Então, parece que teremos de procurar mais adiante. Vim perguntar ao senhor se podemos contar com sua ajuda. Algo deve tê-lo levado até lá, monsieur Poirot.

– Sim, sim, algo o fez. Um excelente carro Daimler. Mas não apenas ele.

– O senhor tinha... informações?

– Nenhuma, no sentido que o senhor dá à palavra. Nada que possa ser usado como prova.

– Mas algo que poderia ser... um indício?

– Sim.

– Veja bem, monsieur Poirot, novos fatos se apresentaram.

Meticulosamente, em detalhes, ele contou da fatia de bolo envenenada.

Poirot respirou fundo, sibilando.

– Engenhoso, sim, engenhoso... Aconselhei ao sr. Entwhistle que cuidasse da srta. Gilchrist. Um ataque contra ela sempre foi uma possibilidade. Mas devo confessar que não esperava veneno. Antecipei uma repetição do motif [5] da machadinha. Apenas pensei que seria pouco aconselhável que ela caminhasse sozinha por ruas vazias, depois de escurecer.

– Mas por que o senhor antecipou um ataque contra ela? Acho, monsieur Poirot, que o senhor deve explicar-me isso.

Poirot anuiu com a cabeça, lentamente.

– Sim, irei contar-lhe. O sr. Entwhistle não lhe contaria, porque é advogado, e advogados não gostam de falar de suposições, ou inferências, feitas sobre o caráter de uma mulher morta, ou sobre um punhado de palavras irresponsáveis. Mas ele não se oporá a que lhe conte, não, ele ficará aliviado. Ele não quer parecer tolo ou fantasioso, mas quer saber quais poderiam, somente poderiam, ser os fatos.

Poirot fez uma pausa quando Georges entrou, trazendo um copo grande de cerveja.

– Uma bebida, inspetor. Eu insisto.

– O senhor não me acompanha?

– Não bebo cerveja. Mas vou beber um copo de xarope de cassis. Observei que os ingleses não o apreciam.

O inspetor Morton olhou agradecido para sua cerveja.

Poirot, bebericando delicadamente o líquido roxo escuro, disse:

– Isso, tudo isso, começa em um funeral. Ou melhor, para ser preciso, depois do funeral.

Vividamente, com muitos gestos, ele expôs a história que o sr. Entwistle lhe havia contado, mas com os floreios que sua natureza exuberante sugeria. Tinha-se quase a impressão de que o próprio Hercule Poirot havia testemunhado a cena.

O inspetor Morton tinha uma ótima mente pragmática. Ele logo assimilou quais eram, para seus propósitos, os pontos mais importantes.

– O sr. Abernethie pode ter sido envenenado?

– É uma possibilidade.

– E o corpo foi cremado e não há provas?

– Exatamente.

O inspetor Morton refletiu sobre a questão.

– Interessante. Não há nada neste caso para nós.

Nada. Isto é, que valha uma investigação da morte de Richard Abernethie. Seria uma perda de tempo.

– Sim.

– Mas há as pessoas, as pessoas que estavam lá, as pessoas que ouviram Cora Lansquenet dizer o que disse,

e uma delas pode ter pensado que ela poderia dizê-lo outra vez, com mais detalhes.

– Como ela indubitavelmente faria. Como o senhor disse, inspetor, há as pessoas. E agora o senhor vê por que eu estava no inquérito, por que me interessei pelo caso: porque é sempre pelas pessoas que me interesso.

– Então o ataque contra a srta. Gilchrist...

– Sempre foi esperado. Richard Abernethie estivera no chalé. Havia falado com Cora. Talvez tivesse mencionado um nome. A única pessoa que poderia ter sabido ou ouvido algo era a srta. Gilchrist. Mesmo após Cora ser silenciada, o assassino poderia continuar apreensivo. A outra mulher sabe de alguma coisa, qualquer coisa? É claro, se o assassino fosse sábio, ele deixaria isso passar, mas assassinos, inspetor, poucas vezes são sábios. Felizmente para nós. Eles remoem, sentem-se inseguros, desejam ter certeza, absoluta certeza. Eles estão satisfeitos com a própria esperteza. Assim, no fim das contas, dão o pescoço à forca, como vocês dizem.

O inspetor Morton sorriu ligeiramente.

Poirot prosseguiu:

– A tentativa de silenciar a srta. Gilchrist já foi um erro. Pois agora há duas ocasiões que você pode investigar. Há também a caligrafia no bilhete de casamento. É uma pena que o papel de embrulho tenha sido queimado.

– Sim, eu poderia confirmar, então, se ele veio ou não pelo correio.

– O senhor tem motivos para acreditar que não, não é?

– É só o que o carteiro acha, ele não tem certeza. Se

o pacote tivesse passado pela agência postal do vilarejo, as chances são de dez para uma de que alguma das funcionárias do correio o teria notado, mas hoje em dia a correspondência é entregue por uma camionete que parte de Market Keynes, e é claro que o rapaz faz uma rota bastante longa e entrega muitas coisas. Ele acha que para o chalé havia apenas cartas e nenhum pacote, mas não tem certeza. Na verdade, ele está tendo problemas com uma garota e não consegue pensar em mais nada. Testei a memória dele, e ele não é nem um pouco confiável. Se ele o entregou, me parece estranho que o pacote não fosse notado até depois desse sr. não-sei-das-quantas Guthrie...

– Ah, o sr. Guthrie.

O inspetor Morton sorriu.

– Sim, monsieur Poirot. Nós o estamos investigando. Afinal de contas, seria fácil, não seria, aparecer com uma história plausível, de ter sido amigo da sra. Lansquenet. A sra. Banks não teria como saber se era verdade ou não. Sabe, ele poderia ter deixado aquele pacotinho. É fácil fazer uma coisa parecer ter passado pelo correio. Preto de carbono, um pouco borrado, simula bem um carimbo do correio por cima do selo.

Ele fez uma pausa e acrescentou:

– E existem outras possibilidades.

Poirot assentiu com a cabeça.

– O senhor acha...

– O sr. George Crossfield esteve nesta parte do mundo, mas não antes do dia seguinte. Queria ter ido ao funeral, mas teve um pequeno problema com o motor no caminho. Sabe alguma coisa sobre ele, monsieur Poirot?

– Um pouco. Mas não tanto quanto gostaria.

– Então é assim, não é? Vejo que havia um grupinho

e tanto de pessoas interessadas no testamento do sr. Abernethie. Espero que isso não signifique ir atrás de todas elas.

– Acumulei poucas informações. Elas estão à sua disposição. Naturalmente, não tenho autoridade para interrogar essas pessoas. Na realidade, não seria inteligente de minha parte fazê-lo.

– Eu mesmo avançarei devagar. Não quero assustar meu pássaro cedo demais. Mas, quando assustá-lo, é melhor que o faça bem.

– Uma técnica muito sensata. Para o senhor, então, meu amigo, a rotina, com toda a máquina ao seu dispor. Ela é lenta, mas certa. Quanto a mim...

– Sim, monsieur Poirot?

– Quanto a mim, vou para o Norte. Como lhe disse, são as pessoas que me interessam. Sim, uma pequena camuflagem preparatória, e parto para o Norte. Minha intenção – acrescentou Hercule Poirot – é comprar uma mansão no campo para refugiados estrangeiros. Eu represento a OCARE.

– E o que é OCARE?

– Organização Central para Auxílio a Refugiados Estrangeiros. Soa bem, não é?

O inspetor Morton sorriu.

CAPÍTULO 14

Hercule Poirot disse a uma Janet de rosto severo:

– Muito obrigado. A senhora foi muito gentil.

Janet, com os lábios ainda premidos em uma expressão amuada, saiu da sala. Esses estrangeiros! As perguntas que faziam. A impertinência deles! Tudo bem ele dizer que era um especialista interessado em doenças cardíacas inesperadas como aquela de que o sr. Abernethie deve ter padecido. Isso era muito provavelmente verdadeiro – o patrão havia partido muito subitamente, e o médico fora pego de surpresa. Mas o que um médico estrangeiro tinha a ganhar vindo até ali para xeretar?

Era muito fácil para a sra. Leo dizer: “Por favor responda às perguntas de monsieur Pontarlier. Ele tem bons motivos para fazê-las”. Perguntas. Sempre perguntas. Às vezes havia páginas e mais páginas cheias delas, para você preencher da melhor forma possível. E para que o governo, ou quem quer que fosse, queria saber de suas questões privadas? Perguntar a sua idade naquele censo era uma completa impertinência, e ela não lhes respondera, também! Havia cortado cinco anos. Por que não? Se ela sentia-se com somente 54, diria que tinha 54!

De qualquer maneira, monsieur Pontarlier não quisera saber a idade dela. Ele tivera alguma decência. Apenas perguntas sobre os remédios que o patrão tomava, onde eles ficavam guardados e, quem sabe, ele os haja tomado em excesso, por não estar sentindo-se

muito bem, ou por ter esquecido. Como se ela pudesse lembrar todas essas bobagens. O patrão sabia o que fazia! E perguntar se havia ainda na casa algum dos remédios dele... É óbvio que eles haviam sido jogados fora. Uma doença cardíaca – e mais uma palavra longa que ele usara. Esses médicos estavam sempre pensando em novidades. Eles disseram ao velho Rogers que ele tinha um disco ou algo assim na espinha. Um simples lumbago, o que ele tinha. O pai dela também fora jardineiro e sofrera de lumbago. Médicos!

O autointitulado médico suspirou e desceu ao andar térreo, em busca de Lanscombe. Ele não conseguiu tirar muito de Janet, mas não havia esperado consegui-lo. Tudo o que pretendia era comparar quaisquer informações que pudessem ser extraídas dela, mesmo contra vontade, com aquelas dadas a ele por Helen Abernethie, já que estas haviam sido obtidas na mesma fonte, mas com muito menor dificuldade, uma vez que Janet estava pronta para admitir que a sra. Leo tinha todo direito de fazer tais perguntas e, de fato, a própria Janet se deleitara em discorrer sobre as últimas semanas de vida do patrão. Doença e morte eram assuntos agradáveis para ela.

“Sim”, pensou Poirot, “poderia ter confiado nas informações que Helen havia lhe conseguido.” Na verdade, era o que ele fizera. Mas, por natureza e longo hábito, desconfiava de todos, até que fossem testados e aprovados por ele mesmo.

De qualquer maneira, as provas eram tênues e incompletas. Resumiam-se ao fato de que cápsulas de vitaminas foram prescritas a Richard Abernethie, e que estas estavam em um frasco grande que se encontrava quase vazio no momento da morte dele. Qualquer um

que desejasse poderia alterar uma ou mais dessas cápsulas com uma seringa hipodérmica e rearranjá-las no frasco, de modo que a dose fatal somente fosse tomada algumas semanas após tal pessoa ter deixado a casa. Ou alguém poderia ter entrado furtivamente na casa, no dia anterior à morte de Richard Abernethie, e envenenado uma cápsula ou – o que era mais provável – substituído uma pílula para dormir por outra coisa, no frasquinho que ficava ao lado da cama. Ou, ainda, ele poderia ter simplesmente envenenado a comida ou a bebida.

Hercule Poirot fizera seus próprios experimentos. A porta da frente era mantida trancada, mas havia uma porta lateral que dava para o jardim e que ficava destrancada até a noite. Em torno de uma e quinze da tarde, quando os jardineiros haviam ido almoçar e os de casa estavam na sala de jantar, Poirot entrou no terreno, foi até a porta lateral e subiu as escadas até o quarto de Richard Abernethie, sem encontrar ninguém. Como variante, ele passou por uma porta de baeta e esgueirou-se até a despensa. Ele escutou, do fim do corredor, as vozes na cozinha, mas ninguém o viu.

Sim, poderia ter sido feito dessa forma. Mas tinha sido? Não havia qualquer indicação. Não que Poirot estivesse procurando provas – ele apenas queria certificar-se das possibilidades. O assassinato de Richard Abernethie poderia ser uma mera hipótese. Era o assassinato de Cora Lansquenet que necessitava de provas. O que ele queria era estudar as pessoas que se reuniram para o funeral naquele dia e tirar suas próprias conclusões sobre elas. Ele já tinha um plano, mas primeiro queria conversar um pouco mais com o velho Lanscombe.

Lanscombe foi cortês, mas distante. Menos

ressentido do que Janet, ele não obstante considerava esse estrangeiro presunçoso a materialização da Escrita na Parede. Era a isso que tínhamos chegado!

Ele largou o couro com que polia amorosamente o bule de chá georgiano e endireitou as costas.

– Sim, senhor? – disse ele educadamente.

Poirot sentou-se com cuidado em uma banquetta.

– A sra. Abernethie disse-me que você esperava residir na cabana junto ao portão norte quando se aposentasse...

– É isso mesmo, senhor. É claro que agora tudo mudou. Quando a propriedade for vendida...

Poirot interrompeu-o habilmente:

– Ainda pode ser possível. Há chalés para os jardineiros. A cabana não é necessária para hóspedes ou seus criados. Pode ser possível se chegar a algum tipo de solução.

– Bem, obrigado, senhor, pela sugestão. Mas não creio. A maioria dos hóspedes seria estrangeira, presumo?

– Sim, eles serão estrangeiros. Entre aqueles que fugiram da Europa para cá há vários velhos e enfermos. Não há futuro para eles se voltarem aos seus próprios países, pois essas pessoas, veja bem, são aquelas cujos parentes faleceram. Elas não podem ganhar a vida aqui como homens e mulheres saudáveis poderiam. Fundos foram angariados, e estão sendo administrados pela organização que represento, para doar-lhes várias casas no campo. Creio que este lugar seja mais do que adequado. A questão está praticamente decidida.

– O senhor compreenderá que é uma tristeza para mim saber que esta não será mais uma habitação

particular. Mas sei como são as coisas hoje em dia. Ninguém da família tem condições de viver aqui, e creio que as jovens damas e os cavalheiros nem mesmo o queiram. Empregados domésticos são tão difíceis de se obter hoje em dia e, mesmo quando se conseguem, saem caros e não são competentes. Percebo agora que estas belas mansões cumpriram sua missão.

Lanscombe suspirou mais uma vez.

– Se tem de ser alguma... instituição, eu fico contente em pensar que é do tipo que o senhor mencionou. Fomos poupados neste país, senhor, graças à nossa marinha e à força aérea, a nossos bravos jovens e à sorte de sermos uma ilha. Se Hitler tivesse desembarcado aqui, todos teríamos reagido e o liquidado rapidamente. Minha visão não é boa o suficiente para atirar, mas poderia ter usado um forçado, senhor, e minha intenção era fazê-lo, se fosse necessário. Sempre recebemos de braços abertos os necessitados neste país, senhor, é o nosso orgulho. Continuaremos a fazê-lo.

– Obrigado, Lanscombe – disse Poirot gentilmente.

– A morte de seu patrão deve ter sido um duro golpe para você.

– Foi sim, senhor. Eu estava com o patrão desde que ele era muito jovem. Tive muita sorte na vida, senhor. Ninguém poderia ter um patrão melhor.

– Estive conversando com meu amigo e... hum... colega, dr. Larraby. Ocorreu-nos que seu patrão pudesse ter passado por mais um incômodo, uma conversa desagradável, no dia anterior à morte dele. Você não lembra se ele teve algum visitante naquele dia?

– Acho que não, senhor. Não me recordo de nenhum.

– Ninguém esteve aqui, naquele período?

– O vigário esteve aqui para o chá, no dia anterior.

Além disso, algumas freiras apareceram para pedir doações e um rapaz bateu na porta dos fundos e queria vender a Marjorie algumas escovas e limpadores de caçarolas. Ele foi muito persistente. Ninguém mais.

Uma expressão preocupada apareceu no rosto de Lanscombe. Poirot não o pressionou mais. Lanscombe já havia dito tudo ao sr. Entwhistle. Ele seria muito menos cooperativo com Hercule Poirot.

Com Marjorie, por outro lado, Poirot tivera sucesso instantâneo. Marjorie não tinha nenhuma das convenções de uma “boa criada”. Era uma cozinheira de primeira classe, e o caminho para o coração dela estava nos pratos que preparava. Poirot a havia visitado na cozinha, elogiara determinados pratos com discernimento, e Marjorie, ao perceber que ele era alguém que sabia do que falava, logo o saudou como um confrade.

Ele não teve dificuldade em descobrir exatamente o que fora servido na noite anterior à morte de Richard Abernethie. Marjorie estava até mesmo inclinada a pensar no assunto nos pormenores: “Foi na noite em que fiz aquele suflê de chocolate que o sr. Abernethie morreu. Eu havia reservado seis ovos para o suflê. O leiteiro é amigo meu. Consegui um pouco de creme também. Melhor não perguntar como. Gostou muito, o sr. Abernethie”. O resto da refeição foi detalhado da mesma forma. O que havia sobrado da sala de jantar fora terminado na cozinha. Embora Marjorie estivesse disposta a falar, Poirot não ficara sabendo por ela nada de valor.

Ele foi buscar seu sobretudo e dois cachecóis.

Assim, protegido contra o ar do norte, Poirot saiu ao

terraço e juntou-se a Helen Abernethie, que estava podando algumas rosas tardias.

– O senhor descobriu alguma novidade? – perguntou ela.

– Nada. Mas não tinha grandes expectativas.

– Eu sei. Desde que o sr. Entwhistle me contou que o senhor viria, estive xeretando por aí, mas não descobri nada.

Ela fez uma pausa e disse esperançosa:

– Talvez tudo isso seja um grande equívoco, o senhor não acha?

– Ser atacada com uma machadinha?

– Eu não estava pensando em Cora.

– Mas é em Cora que penso. Por que foi preciso alguém matá-la? O sr. Entwhistle disse-me que, naquele dia, no momento em que ela cometeu a gaffe, a senhora mesma sentiu que algo estava errado. Não foi assim?

– Bem, sim, mas não sei...

Poirot não deu trégua.

– Como “errado”? Inesperado? Surpreendente? Ou, como poderíamos dizer, incômodo? Sinistro?

– Não, sinistro não. Só algo que não estava, oh, não sei. Não consigo lembrar e não era importante.

– Mas por que a senhora não consegue se lembrar? Porque algo mais ocupou sua mente, algo mais importante?

– Sim, sim, acho que o senhor está certo. Foi a menção de assassinato, suponho. Ela apagou todo o resto.

– Foi, talvez, a reação de alguém em particular à

palavra “assassinato”?

– Pode ser... Mas não me lembro de olhar para nenhuma pessoa em particular. Estávamos todos encarando Cora.

– Pode ter sido algo que a senhora ouviu. Algo que foi derrubado... ou quebrado...

Helen franziu o cenho em um esforço de memória.

– Não... creio que não...

– Bem, algum dia virá à tona. E pode não ter importância alguma. Agora me diga, madame: entre as pessoas ali presentes, quem melhor conhecia Cora?

Helen ponderou.

– Imagino que Lanscombe. Ele a conhecia desde que ela era criança. A faxineira, Janet, só veio depois de ela ter casado e saído de casa.

– E depois de Lanscombe?

Helen disse pensativamente:

– Acho... que eu. Maude mal a conhecia.

– Então, supondo-se que a senhora fosse quem melhor a conhecia, por que a senhora acha que ela fez a pergunta daquele modo?

Helen sorriu.

– Era muito típico de Cora!

– O que quero dizer é: foi uma bêtise [6] pura e simples? Ela apenas deixou escapar o que pensava, sem medir as consequências? Ou estava sendo maliciosa, divertindo-se ao incomodar todo mundo?

Helen refletiu.

– Você nunca pode estar certo sobre as pessoas, não é? Eu nunca soube se Cora era simplesmente ingênua ou

tinha uma disposição infantil de provocar reações. Não é isso que o senhor quer dizer?

– Sim. Eu estive pensando... Suponha que a sra. Cora dissesse para si mesma: "Que divertido seria perguntar se Richard foi assassinado e ver a cara deles!". Isso seria típico dela, não seria?

Helen pareceu estar em dúvida.

– Pode ser. Ela certamente tinha um senso de humor travesso quando era criança. Mas que diferença isso faz?

– Confirmaria a opinião de que não é inteligente fazer piadas sobre assassinato – disse Poirot secamente.

Helen estremeceu.

– Pobre Cora.

Poirot mudou de assunto.

– A sra. Timothy Abernethie passou a noite aqui depois do funeral?

– Sim.

– Ela lhe falou sobre o que Cora havia dito?

– Sim, ela disse que era um absurdo, tão próprio de Cora!

– Ela não levou a sério?

– Oh, não. Não, tenho certeza de que não.

"O segundo 'não'", pensou Poirot, "veio carregado de dúvida repentina." Mas não era quase sempre assim quando você tentava lembrar alguma coisa?

– E a senhora, madame, levou a sério?

Helen Abernethie, seus olhos parecendo muito azuis e estranhamente jovens sob os cabelos grisalhos e crespos que lhe ocultavam um pouco um dos lados do rosto, disse pensativamente:

– Sim, monsieur Poirot, acho que sim.

– Devido ao seu sentimento de que havia algo

errado?

– Talvez.

Ele esperou, mas, na medida em que ela não disse nada, ele prosseguiu:

– Ocorreu uma desavença, que durou muitos anos, entre a sra. Lansquenet e a família dela, não é?

– Sim. Nenhum de nós gostava do marido dela, e ela se ofendia com isso, de maneira que a desavença aumentou.

– E então, de uma hora para outra, seu cunhado foi visitá-la. Por quê?

– Não sei. Acho que ele sabia, ou sentia, que não viveria por muito tempo e queria reconciliar-se. Mas eu realmente não sei.

– Ele não contou para a senhora?

– Contar para mim?

– Sim. A senhora esteve hospedada aqui, um pouco antes de ele ir visitar Cora. Ele sequer mencionou que tinha essa intenção?

Poirot percebeu nela uma ligeira reserva.

– Ele me disse que iria visitar Timothy, e o fez. Ele nunca chegou a mencionar Cora. Vamos entrar? Deve ser quase hora do almoço.

Ela caminhou ao lado dele, carregando as flores que havia colhido. Enquanto entravam pela porta lateral, Poirot disse:

– A senhora tem certeza, bastante certeza de que, durante sua visita, o sr. Abernethie não lhe disse nada que pudesse ser relevante, sobre qualquer membro da família?

Demonstrando estar um pouco ofendida, Helen disse:

– O senhor está falando como um policial.
– Eu fui policial, certa vez. Não tenho autoridade nem direito algum de interrogá-la. Mas a senhora quer a verdade. Ou estou enganado?

Eles entraram na sala de estar verde. Helen disse com um suspiro:

– Richard estava desapontado com a geração mais jovem. Os velhos costumam ser assim. Ele os desmerecia de várias maneiras, mas não havia nada, nada, compreende?, que pudesse sugerir um motivo para assassinato.

– Ah – disse Poirot.

Ela apanhou um vaso chinês e começou a arrumar as rosas nele. Quando ficou satisfeita com sua disposição, Helen olhou à sua volta em busca de um lugar para colocá-lo.

– A senhora arranja flores de maneira admirável, madame – disse Hercule. – Creio que realizaria com perfeição qualquer coisa a que se dispusesse.

– Obrigada. Eu adoro flores. Acho que isso ficaria bem naquela mesa de malaquita verde.

Havia um buquê de flores de cera sob uma luminária de vidro na mesa de malaquita. Quando ela o ergueu, Poirot disse de modo incidental:

– Alguém contou ao sr. Abernethie que o marido da sobrinha dele, Susan, quase envenenou uma cliente ao preparar uma prescrição? Ah, pardon!

Ele saltou para frente.

O ornamento vitoriano havia escorregado das mãos de Helen. O salto de Poirot não foi rápido o suficiente. O buquê caiu no chão, e a luminária quebrou-se. O rosto de Helen expressou seu descontentamento.

– Que falta de cuidado a minha. No entanto, as flores não foram machucadas. Posso mandar fazer outra luminária que combine com ele. Vou deixá-lo no guarda-louça grande embaixo da escada.

Somente depois de ajudá-la a colocar o ornamento na prateleira do guarda-louça escuro e segui-la de volta à sala de estar, Poirot disse:

– Foi culpa minha. Não devia tê-la sobressaltado.

– O que o senhor me perguntou? Esqueci.

– Não há necessidade de repetir minha pergunta. De fato, esqueci qual era.

Helen se aproximou de Poirot e colocou a mão sobre o braço dele.

– Monsieur Poirot, existe alguém cuja vida resistiria a uma investigação próxima? É preciso envolver nisso a intimidade de pessoas que não têm qualquer relação com, com...

– Com a morte de Cora Lansquenet? Sim. Porque se deve examinar tudo. É bem verdade, como diz a velha máxima, que todos têm algo a esconder. É verdade para todos nós, e talvez seja verdade para a senhora, também, madame. Mas digo-lhe que nada pode ser ignorado. Foi por isso que seu amigo, sr. Entwhistle, me procurou. Porque não sou da polícia. Sou discreto, e o que descubro não me diz respeito. Mas tenho de saber. E já que o problema aqui não é tanto de provas quanto de pessoas, é das pessoas que me ocuparei. Preciso, madame, encontrar-me com todos que estiveram aqui no dia do funeral. E seria muito conveniente, sim, e seria uma estratégia acertada se eu pudesse encontrar-me com eles aqui.

– Temo – disse Helen devagar – que será muito difícil...

– Não tão difícil quanto a senhora acha. Já pensei em uma maneira. A casa está vendida. É o que dirá o sr. Entwhistle. Entendu, às vezes essas coisas dão errado! Ele convidará os vários membros da família a se reunirem aqui para escolher os móveis que desejarem, antes que sejam leiloados. Um fim de semana apropriado pode ser escolhido para essa finalidade.

Ele fez uma pausa e então disse:

– Veja bem, é fácil, não é?

Helen o encarou. Os olhos azuis estavam frios, quase gélidos.

– O senhor está preparando uma armadilha para alguém, monsieur Poirot?

– Ai de mim! Quisera saber o suficiente para isso. Não, ainda tenho a mente aberta. Pode haver – acrescentou Hercule Poirot pensativamente – determinados testes...

– Testes? Que tipo de testes?

– Eu mesmo ainda não os formulei. E, de qualquer maneira, madame, seria melhor que a senhora não os conhecesse.

– Então eu posso ser testada também.

– A senhora, madame, conhece os bastidores.

Agora, resta uma dúvida. Os jovens, creio, virão prontamente. Mas pode ser difícil, ou não, assegurar a presença do sr. Timothy Abernethie. Ouvei dizer que ele nunca sai de casa.

Helen de repente sorriu.

– Acredito que o senhor esteja com sorte quanto a

isso, monsieur Poirot. Conversei com Maude ontem. Os trabalhadores estão pintando o interior da casa, e Timothy está sofrendo terrivelmente com o cheiro da tinta. Ele disse que está afetando seriamente sua saúde. Acho que ele e Maude ficariam contentes em vir para cá, talvez por uma semana ou duas. Maude ainda não consegue caminhar muito bem. O senhor soube que ela quebrou o tornozelo?

– Não sabia. Que azar.

– Felizmente, eles têm a dama de companhia de Cora, a srta. Gilchrist. Parece que ela se revelou um verdadeiro tesouro.

– O quê? – Poirot voltou-se bruscamente para Helen.

– Eles pediram à srta. Gilchrist que ficasse com eles?

Quem o sugeriu?

– Acho que Susan arranhou tudo. Susan Banks.

– A-ha – disse Poirot com voz curiosa. – Então, foi a pequena Susan que o sugeriu. Ela gosta de fazer arranjos.

– Susan me parece uma garota muito competente.

– Sim. Ela é competente. A senhora soube que a srta. Gilchrist escapou por pouco de morrer envenenada por um pedaço de bolo?

– Não! – Helen parecia sobressaltada. – Lembro agora que Maude disse pelo telefone que a srta. Gilchrist havia saído do hospital há pouco, mas não fazia ideia do motivo de ela ter estado lá. Envenenada? Mas, monsieur Poirot, por quê...

– A senhora não sabe mesmo por quê?

Helen disse com súbita veemência:

– Traga todos para cá! Descubra a verdade! Não pode haver mais assassinatos.

- Então a senhora irá cooperar?
- Sim, cooperarei.

I

– Aquele linóleo ficou bonito, sra. Jones. Que mão a senhora tem com linóleos! O bule de chá está na mesa da cozinha, é só se servir. Estarei lá tão logo leve o lanche do sr. Abernethie.

A srta. Gilchrist subiu a escada a passos rápidos, carregando uma bandeja caprichosamente servida. Ela bateu de leve na porta de Timothy, interpretou o grunhido que ouviu como um convite e saltitou para dentro do quarto.

– Café da manhã e biscoitos, sr. Abernethie. Espero que o senhor esteja se sentindo melhor hoje. O dia está adorável.

Timothy resmungou e disse, suspeito:

– Há nata neste leite?

– Não, sr. Abernethie. Eu a tirei com todo cuidado e, de qualquer maneira, trouxe um coador, para o caso de ela se formar de novo. Algumas pessoas gostam de nata, sabe, dizem que é o creme, e na verdade é.

– Idiotas! – disse Timothy. – Que biscoitos são esses?

– São biscoitos integrais, ótimos.

– Porcaria integral. Biscoitos de gengibre são os únicos que valem a pena.

– Desculpe, mas o merceeiro não os tinha, esta semana. Mas estes são muito bons. Prove-os e verá.

– Eu sei que gosto têm, obrigado. Você poderia

deixar estas cortinas em paz, por favor?

– Achei que o senhor gostaria de um pouco de sol. Está um dia ensolarado tão bonito.

– Quero que o quarto fique escuro. Minha cabeça está terrível. É essa tinta. Sempre fui sensível à tinta. Está me envenenando.

A srta. Gilchrist farejou o ar e disse com alegria:

– O cheiro não está tão intenso aqui. Os trabalhadores estão no outro lado da casa.

– Você não é tão sensível quanto eu. É preciso levar todos os livros que estou lendo para longe do meu alcance?

– Sinto muito, sr. Abernethie, eu não sabia que o senhor estava lendo todos eles.

– Onde está minha esposa? Faz mais de uma hora que não a vejo.

– A sra. Abernethie está descansando no sofá.

– Diga-lhe para vir descansar aqui.

– Direi, sr. Abernethie. Mas talvez ela tenha adormecido. Quem sabe daqui a quinze minutos?

– Não, diga-lhe que preciso dela agora. Não mexa nesse tapete. Ele está como gosto.

– Sinto muito. Achei que ele estava muito para o canto.

– Gosto dele no canto. Vá trazer Maude. Preciso dela.

A srta. Gilchrist partiu escada abaixo e entrou na ponta dos pés na sala de estar, onde Maude Abernethie estava sentada, com a perna elevada, lendo um romance.

– Sinto muito, sra. Abernethie – desculpou-se ela. – O sr. Abernethie quer vê-la.

Maude deixou o romance de lado, com uma

expressão de culpa.

– Meu Deus – disse ela. – Já vou.

Ela apanhou a bengala.

Timothy irrompeu, assim que a esposa entrou na sala:

– Então aí está você, finalmente!

– Desculpe, querido, não sabia que você precisava de mim.

– Aquela mulher que você trouxe para casa vai me deixar maluco. Cacarejando e esvoaçando como uma galinha demente. Uma típica solteirona, isso que ela é.

– Lamento que ela o incomode. Ela apenas tenta ser gentil.

– Não quero ninguém gentil. Não quero um diabo de solteirona gorjeando à minha volta. Ela é uma sabichona, além de tudo...

– Só um pouco, talvez.

– Trata-me como se eu fosse uma maldita criança! É enlouquecedor.

– Deve ser, eu sei. Mas por favor, por favor, Timothy, tente não ser rude com ela. Ainda estou muito incapacitada. E você mesmo disse que ela cozinha bem.

– A comida dela é boa – admitiu o sr. Abernethie, de má vontade. – Sim, ela é uma cozinheira boa o suficiente. Mas deixe-a na cozinha, é tudo que peço. Não permita que ela venha xeretar à minha volta.

– Não, querido, é claro que não. Como você se sente?

– Nem um pouco bem. Acho melhor você chamar Barton para dar uma olhada em mim. Essa tinta afeta meu coração. Sinta meu pulso, como ele está irregular.

Maude sentiu-lhe o pulso sem dizer nada.

– Timothy, por que não ficamos em um hotel até que a pintura da casa esteja terminada?

– Seria um grande desperdício de dinheiro.

– Isso importa tanto assim agora?

– Você é como todas as mulheres: irremediavelmente extravagante! Só porque recebemos uma parte ridícula da herança de meu irmão, você acha que podemos viver para sempre no Ritz.

– Eu não disse isso, querido.

– Posso lhe garantir que a diferença que o dinheiro de Richard fará mal será notada. Este governo sanguessuga fará a parte dele. Guarde minhas palavras, perderemos tudo para os impostos.

A sra. Abernethie balançou a cabeça tristemente.

– Este café está frio – disse o inválido, olhando com desgosto para a xícara que ele ainda não havia provado.

– Por que nunca me servem uma xícara de café quente?

– Vou à cozinha aquecê-la.

Na cozinha, a srta. Gilchrist bebia chá e conversava afavelmente, embora com ligeira condescendência, com a sra. Jones.

– Meu desejo é poupar a sra. Abernethie o quanto eu puder – disse ela. – Todo esse subir e descer escadas é tão doloroso para ela...

– Ela faz tudo para ele – disse a sra. Jones, misturando açúcar na xícara.

– É muito triste ser inválido.

– Nem tão inválido assim – disse a sra. Jones sombriamente. – Serve-lhe muito bem deitar lá, tocar sinetas e ter bandejas trazidas e levadas. Mas ele é bastante capaz de se levantar e sair por aí. Já o vi até no vilarejo, quando ela esteve viajando. Caminhando e

vendendo saúde. Qualquer coisa que ele realmente precise, como tabaco ou um selo, ele pode ir buscar. E é por isso que, quando ela foi àquele funeral e teve problemas na volta, e ele me disse que eu teria de passar mais uma noite aqui, eu me recusei. "Lamento, senhor", eu disse, "mas tenho de pensar em meu marido. Está certo sair toda manhã para cumprir meu dever, mas tenho de estar em casa para vê-lo quando ele volta do trabalho." E eu também não arredaria o pé, não mesmo. Será bom para ele, pensei, cuidar da casa e dele mesmo, para variar. Talvez assim ele perceba o quanto se faz por ele. Então, fiquei firme. Ele não esboçou reação.

A sra. Jones respirou fundo e bebeu um longo e reconfortante gole do chá forte e adocicado.

– Ah – disse ela.

Apesar de suspeitar profundamente da srta. Gilchrist, e considerá-la afetada e uma "solteirona atarantada", a sra. Jones aprovava a maneira generosa com a qual a nova colega usava a ração de chá e açúcar de seu empregador.

Ela largou a xícara e disse afavelmente:

– Darei uma boa escovada no piso da cozinha e depois irei para casa. As batatas já estão descascadas, querida, você vai encontrá-las ao lado da pia.

Apesar de um pouco afrontada pelo "querida", a srta. Gilchrist apreciou a boa vontade que havia desnudado uma enorme quantidade de batatas das suas coberturas exteriores.

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, o telefone tocou, e ela correu até o vestibulo para atendê-lo. O telefone, seguindo o costume de uns cinquenta anos passados, estava situado inconvenientemente em um

corredor ventoso embaixo da escadaria.

Maude Abernethie apareceu no topo da escadaria, enquanto a srta. Gilchrist ainda falava. Esta olhou para cima e disse:

– É a sra... Leo, não é? Abernethie.

– Diga-lhe que já vou.

Maude desceu a escada lenta e dolorosamente.

A srta. Gilchrist murmurou:

– Sinto muito que a senhora tenha de descer outra vez, sra. Abernethie. O sr. Abernethie terminou o lanche? Levo apenas um minuto para trazer a bandeja.

Ela subiu rapidamente a escada enquanto a sra. Abernethie falava ao telefone.

– Helen? Aqui é a Maude.

O inválido recebeu a srta. Gilchrist com um olhar maligno. Enquanto ela apanhava a bandeja, ele perguntou, de mau humor:

– Quem telefonou?

– A sra. Leo Abernethie.

– Sim? Imagino que elas irão fofocar por quase uma hora. Mulheres perdem o sentido do tempo quando estão ao telefone. Nunca pensam no dinheiro que desperdiçam.

A srta. Gilchrist disse, radiante, que a sra. Leo pagaria a conta, e Timothy soltou um resmungo.

– Apenas abra a cortina, está bem? Não, não esta, a outra. Não quero a luz batendo em meus olhos. Assim está melhor. Só porque sou inválido não quer dizer que deva passar o dia inteiro no escuro.

Ele prosseguiu:

– E a senhorita poderia procurar naquela estante ali por uma capa verde? Qual o problema agora? Por que a

pressa?

– É a porta da frente, sr. Abernethie.

– Não ouvi nada. A faxineira não está lá embaixo?

Deixe que ela atenda.

– Sim, sr. Abernethie. Qual era o livro que o senhor queria que eu encontrasse?

O inválido fechou os olhos.

– Não consigo lembrar agora. Você me fez esquecer-lo.

A srta. Gilchrist tomou a bandeja e partiu apressadamente. Após colocar a bandeja na mesa da copa, ela correu até o vestíbulo, passando pela sra. Abernethie, que ainda estava ao telefone.

Ela voltou depois de um instante e perguntou em voz baixa:

– Sinto muito interrompê-la. É uma freira pedindo doações para o fundo Coração de Maria, acho que foi o que ela disse. Ela tem um livro. Parece que a maioria das pessoas doa meia coroa ou cinco xelins.

Maude Abernethie disse:

– Só um momento, Helen – ao telefone. E, à srta.

Gilchrist: – Não faço doações a católicos romanos.

Temos as obras de caridade de nossa própria igreja.

A srta. Gilchrist saiu apressada outra vez.

Maude encerrou sua conversa após alguns minutos com a frase: “Falarei com Timothy sobre isso”.

Ela colocou o telefone no gancho e foi ao vestíbulo.

A srta. Gilchrist estava imóvel junto à porta da sala de estar. Ela tinha o cenho franzido, como se estivesse confusa, e deu um salto quando Maude Abernethie

falou-lhe.

– Há algum problema, srta. Gilchrist?

– Não, sra. Abernethie, acho que apenas estava sonhando acordada. Que estupidez a minha, quando há tanta coisa para fazer.

A srta. Gilchrist retomou sua imitação de formiga atarefada, e Maude Abernethie subiu a escada lenta e dolorosamente até o quarto do seu marido.

– Era Helen ao telefone. Parece que a propriedade foi mesmo vendida, uma instituição de refugiados estrangeiros...

Ela se interrompeu enquanto Timothy expressava em termos muito claros sua opinião sobre refugiados estrangeiros, com observações colaterais referentes à casa em que ele havia nascido e crescido.

– Não há mais padrões de decência neste país. Minha velha casa! Mal posso acreditar!

Maude prosseguiu:

– Helen sabe como você, nós, nos sentiremos quanto a isso. Ela perguntou se gostaríamos de fazer uma visita antes que a casa seja vendida. Ela estava muito preocupada com sua saúde e com o modo como a pintura a está afetando. Ela achou que talvez você preferisse Enderby a um hotel. Os criados ainda estão lá, de maneira que você receberia cuidados com todo conforto.

Timothy, cuja boca estivera aberta em protesto indignado até então, a havia fechado de novo. Seu olhar tornou-se astuto, de repente. Ele agora anuía com a cabeça, de maneira aprovadora.

– Quanta consideração de Helen – disse ele. – Muita consideração. Não sei, tenho de pensar a respeito, por certo... Não há dúvida de que esta pintura esteja me envenenando. Creio que haja arsênico na tinta. Ouvei falar disso em algum lugar. Por outro lado, o esforço de me deslocar pode ser demais para mim. É difícil decidir o que seria melhor.

– Talvez você prefira um hotel, querido – disse Maude. – Um bom hotel é muito caro, mas, quando se trata de sua saúde...

Timothy a interrompeu.

– Eu gostaria que você compreendesse, Maude, que não somos milionários. Por que ir a um hotel se Helen nos fez a gentileza de sugerir que ficássemos em Enderby? Não que ela estivesse em posição de sugerir! A casa não é dela. Não entendo de sutilezas legais, mas presumo que a casa pertença a todos nós até que seja vendida e os lucros divididos. Refugiados estrangeiros! Isso faria o velho Cornelius se virar no túmulo. Sim – ele suspirou –, eu gostaria de ver a velha casa antes de morrer.

Maude jogou sua última cartada com destreza.

– Pelo que entendi, o sr. Entwistle sugeriu que os membros da família poderiam querer escolher determinados móveis, louças ou algo assim, antes que fossem leiloados.

Timothy ergueu-se sem esforço e ficou sentado na cama.

– Devemos ir, sem dúvida. É preciso avaliar com precisão o que cada um escolher. Aqueles sujeitos com

quem as garotas se casaram... eu não confiaria em nenhum deles, pelo que fiquei sabendo. Pode haver más intenções. Helen é dócil demais. Como chefe da família, é meu dever estar presente!

Ele levantou-se e começou a caminhar de um lado para outro do quarto, a passos rápidos e vigorosos.

– Sim, é um plano excelente. Escreva a Helen e aceite o convite. Na verdade, estou pensando em você, minha querida. Você tem trabalhado demais nos últimos tempos. Os decoradores podem continuar com a pintura enquanto estivermos fora, e a tal Gillespie pode ficar aqui e cuidar da casa.

– Gilchrist – disse Maude.

Timothy acenou com a mão e disse que era tudo a mesma coisa.

II

– Não posso fazer isso – disse a srta. Gilchrist. Maude olhou para ela, surpresa.

A srta. Gilchrist tremia. Os olhos dela procuraram os de Maude, pedindo piedade.

– É estupidez minha, eu sei... Mas apenas não consigo. Não posso ficar aqui completamente sozinha. Se houvesse alguém que pudesse vir e dormir aqui também...

Ela olhou esperançosamente para a outra mulher, mas Maude balançou a cabeça. Maude Abernethie sabia muito bem como era difícil conseguir alguém nas imediações para “dormir no emprego”.

A srta. Gilchrist prosseguiu com uma espécie de

desespero na voz.

– Eu sei que a senhora achará que é nervosismo e tolice, e eu jamais sonhei que pudesse me sentir assim. Eu nunca fui uma mulher medrosa ou fantasiosa. Mas agora tudo parece diferente. Eu ficaria aterrorizada, sim, literalmente aterrorizada, se fosse deixada sozinha aqui.

– É claro – disse Maude. – Que burrice minha. Depois do que aconteceu em Lytchett St. Mary.

– Imagino que isso... não seja lógico, eu sei. E, no princípio, não me sentia assim. Não me importava em ficar sozinha no chalé após o que aconteceu. O sentimento cresceu aos poucos. A senhora não fará bom juízo de mim, sra. Abernethie, mas, desde que cheguei aqui, tenho me sentido... amedrontada, sabe. Não com medo de nada em particular, apenas amedrontada... É uma tolice, e eu estou tão envergonhada... É como se eu passasse o tempo inteiro esperando que algo terrível aconteça... Até mesmo a freira que bateu à porta me assustou. Deus, estou mal mesmo...

– Acho que é o que chamam de choque retardado – disse Maude, de modo vago.

– É mesmo? Eu não sei. Deus, sinto muito parecer tão ingrata, e depois de toda a sua gentileza. O que a senhora vai pensar...

Maude a acalmou.

– Temos de pensar em outra solução – disse ela.

CAPÍTULO 16

George Crossfield parou, indeciso, por um momento, enquanto observava certo dorso feminino desaparecer por uma porta. Então, ele anuiu para si mesmo com a cabeça e saiu atrás dele.

A porta em questão era de uma loja com duas frentes – uma loja que havia fechado. As vitrines mostravam um vazio desconcertante dentro do imóvel. A porta estava fechada, mas George bateu nela. Um rapaz de rosto inexpressivo e usando óculos a abriu e encarou George.

– Com licença – disse George. – Mas acho que minha prima acabou de entrar aqui.

O rapaz afastou-se da porta, e George entrou na loja.

– Olá, Susan – disse ele.

Susan, que estava de pé sobre um caixote, usando uma fita métrica, virou a cabeça, um pouco surpresa.

– Olá, George. De onde você saiu?

– Vi suas costas. Tive certeza de que eram suas.

– Como você é inteligente. Imagino que as costas tenham identidade própria.

– Muito mais do que os rostos. Acrescente uma barba e enchimentos às suas bochechas, modifique seu cabelo e ninguém a reconhecerá face a face, mas tenha cuidado com o momento em que der as costas.

– Vou me lembrar disso. Você poderia lembrar de dois metros e meio até eu ter tempo de tomar nota?

– Certamente. O que é isso, estantes?

– Não, espaço para compartimentos. Dois e noventa,

um e setenta...

O rapaz de óculos, que estivera ansioso, apoiando-se ora em um pé, ora em outro, tossiu discretamente.

– Com licença, sra. Banks, mas se a senhora quiser ficar mais tempo...

– Eu quero, sim – disse Susan. – Se o senhor me deixar as chaves, tranco a porta e as devolvo ao escritório quando passar por ali. Está bem assim?

– Sim, obrigado. Se não estivéssemos com tão pouco pessoal esta manhã...

Susan aceitou as desculpas implícitas na frase não terminada, e o rapaz saiu dali para o mundo exterior.

– Ainda bem que nos livramos dele – disse Susan. – Corretores de imóveis são maçantes. Eles começam a falar toda vez que tento fazer cálculos.

– Ah – disse George. – Assassinato em uma loja vazia. Seria emocionante para os passantes ver o cadáver de uma bela jovem exposto na vitrine. Arregalariam os olhos. Como peixinhos dourados.

– Não há razão alguma para você me assassinar, George.

– Bem, eu receberia uma quarta parte de sua cota na herança de nosso estimado tio. Para quem gosta o suficiente de dinheiro, essa é uma boa razão.

Susan parou de tirar medidas e voltou-se para encará-lo. Os olhos dela se abriram um pouco mais.

– Você parece uma pessoa diferente, George. É mesmo... extraordinário.

– Diferente? Como diferente?

– Como um anúncio. Este é o mesmo homem que você viu no verso, mas agora ele tomou os Sais Uppington.

Ela sentou-se em outro caixote e acendeu um cigarro.

– Você precisava muito de sua parte do dinheiro do velho Richard, não é, George?

– Ninguém pode dizer honestamente que o dinheiro não é bem-vindo hoje em dia.

O tom de George era leve.

Susan disse:

– Você estava encrocado, não estava?

– Não creio que seja de sua conta, ou é, Susan?

– Eu só estava interessada.

– Você alugará esta loja?

– Comprarei a casa inteira.

– Com escritura?

– Sim. Os dois andares de cima eram apartamentos.

Um está vazio e veio com a loja.

– É ótimo ter dinheiro, não é, Susan?

Havia um tom malicioso na voz de George. Mas Susan meramente respirou fundo e disse:

– De minha parte, acho maravilhoso. Uma dádiva divina.

– Dádivas eliminam parentes idosos?

Susan não prestou atenção.

– Este lugar é perfeito. Para começar, trata-se de um belo exemplar de arquitetura de época. Posso fazer do apartamento de cima uma verdadeira joia. Há adoráveis padrões em relevo nos tetos, e os quartos têm um formato adorável. Esta parte aqui embaixo, que já foi alterada, vou modernizar completamente.

– O que vai ser isto aqui? Uma loja de roupas?

– Não. Produtos de beleza. Preparações de ervas.

Cremes para o rosto!

– O velho truque?

– O truque de sempre. Compensa, sempre compensou. Tudo o que precisa para dar certo é personalidade. Eu posso fazer isso.

George olhou para sua prima com apreço. Ele admirava os planos inclinados do rosto dela, a boca generosa, a pele radiante. Um rosto vívido e incomum. E ele reconhecia em Susan aquela qualidade extraordinária, indefinível, a qualidade do sucesso.

– Sim – disse ele –, creio que você tenha tudo para dar certo, Susan. Você recuperará o que investiu neste esquema e irá longe com ele.

– É a vizinhança certa, próxima de uma importante rua comercial e você pode estacionar o carro bem na frente da porta.

Mais uma vez, George assentiu.

– Sim, Susan, você terá sucesso. Você planejava isso há muito tempo?

– Mais de um ano.

– Por que você não procurou o velho Richard? Ele poderia ter-lhe financiado.

– Eu fiz isso.

– E ele não gostou da ideia? Pergunto-me por quê. Sempre imaginei que ele reconhecia em você a mesma fibra da qual ele próprio era feito.

Susan não respondeu, e, na mente de George, surgiu uma rápida visão aérea de outra figura. Um jovem magro e nervoso, de olhar suspeito.

– Onde o... como é o nome dele mesmo... Greg

entra nisso? – ele perguntou. – Ele deixará de distribuir pílulas e pós, não é?

– É claro. Um laboratório será construído nos fundos. Teremos nossas próprias fórmulas de cremes faciais e produtos de beleza.

George reprimiu um sorriso. Ele queria dizer: “Então o bebê terá seu cercadinho”. Mas não disse. Por ser primo dela, não se importava em ser sarcástico, mas tinha um sentimento desconfortável de que a relação de Susan com o marido era algo a ser tratado com cuidado. Tinha todas as qualidades de um explosivo perigoso. Ele pensou, como havia pensado no dia do funeral, naquele sujeito esquisito, Gregory. Havia algo de estranho a respeito dele. Tão indefinido em aparência e, mesmo assim, de certa maneira, peculiar...

Ele olhou de novo para Susan, calma e radiantemente triunfante.

– Você tem o verdadeiro toque Abernethie – disse ele. – A única na família que tem. Pena que, de acordo com o velho Richard, você fosse apenas uma mulher. Se fosse um garoto, aposto que ele lhe teria deixado a bolada inteira.

Susan disse lentamente:

– Sim, acho que ele teria feito isso.

Ela fez uma pausa e então seguiu em frente:

– Sabe, ele não gostava de Greg...

– Ah. – George ergueu as sobrancelhas. – Seu erro.

– Sim.

– De qualquer maneira, as coisas estão indo bem agora. Tudo de acordo com o planejado.

Enquanto dizia essas palavras, ele surpreendeu-se com o fato de que elas pareciam particularmente aplicáveis a Susan. A ideia o deixou, só por um momento, um pouco desconfortável. Ele também não gostaria de uma mulher que fosse tão fria e eficiente.

Mudando o assunto ele disse:

– Aliás, você recebeu uma carta de Helen? Sobre Enderby?

– Sim, recebi. Esta manhã. E você?

– Sim. O que você vai fazer a respeito?

– Greg e eu pensamos em ir até lá no fim de semana depois do próximo, se for conveniente para todo mundo. Helen parecia querer reunir-nos.

George riu com argúcia.

– Ou alguém poderia escolher para si um móvel mais valioso do que os outros?

Susan riu.

– Suponho que haja uma avaliação adequada. Mas os valores de inventário serão muito mais baixos do que aqueles de mercado. E, além disso, eu gostaria de ter algumas relíquias do fundador da fortuna da família. Também acho que seria divertido ter aqui um ou dois exemplares absurdos e encantadores da era vitoriana. Fazer deles algo inusitado. Esse período está voltando à moda agora. Há uma mesa de malaquita verde na sala de estar. Você poderia montar todo um esquema de cores em torno dela. E talvez uma caixa de beija-flores empalhados, ou uma daquelas coroas de flores enceradas. Algo assim, usado apenas como tema, pode ser bastante eficiente.

– Confio no seu julgamento.
– Você estará lá, imagino?
– Estarei lá para que a divisão seja justa, pelo menos.

Susan riu.

– Quanto você aposta que haverá uma grande briga de família? – perguntou ela.

– Rosamund provavelmente vai querer ficar com a mesa de malaquita verde para um cenário de palco!

Susan não riu. Em vez disso, franziu o cenho:

– Você viu Rosamund ultimamente?

– Não vi a bela prima Rosamund desde que nós todos voltamos em um vagão de terceira classe do funeral.

– Eu a vi uma ou duas vezes... Ela... ela parecia bastante esquisita...

– Qual era o problema com ela? Tentando pensar?

– Não. Ela parecia, bem... aborrecida.

– Aborrecida por receber um monte de dinheiro e ser capaz de financiar uma peça perfeitamente pavorosa na qual Michael possa bancar o idiota?

– Isso já está em andamento, e a peça parece mesmo pavorosa. Ainda assim, pode ser um sucesso. Michael é bom ator, você sabe. Ele consegue brilhar sob os refletores, ou sei lá que expressão se usa. Ele não é como Rosamund, que é só bonita e canastrona.

– Pobre, bela e canastrona Rosamund.

– De qualquer modo, Rosamund não é tão burra quanto se pode pensar. Ela diz coisas muito perspicazes, às vezes. Coisas que você não imaginaria que ela sequer

tivesse percebido. É... é muito desconcertante.

– Bem como a nossa tia Cora...

– Sim...

Um mal-estar momentâneo abateu-se sobre os dois, evocado, ao que parecia, pela menção a Cora Lansquenet.

Então George disse, com um ar de indiferença bastante proposital:

– Falando em Cora, e aquela dama de companhia?

Acho que algo tem de ser feito com ela.

– Feito com dela? Como assim?

– Bem, é um assunto de família, por assim dizer. É que estive pensando. Cora era nossa tia, e me ocorreu que essa mulher pode ter dificuldade em conseguir outro trabalho.

– Você esteve pensando, não é?

– Sim. As pessoas se preocupam com a própria segurança. Não estou dizendo que elas achariam que a tal Gilchrist as atacaria com uma machadinha, mas, no fundo, elas achariam que ela traria má sorte. As pessoas são supersticiosas.

– Você não acha estranho ter pensado nisso tudo, George? Como você poderia saber dessas coisas?

George respondeu secamente:

– Você esquece que sou advogado. Vejo muito do lado ilógico e estranho das pessoas. O que quero dizer é que acho que deveríamos fazer alguma coisa por ela, dar-lhe uma pequena anuidade ou algo assim, para não deixá-la em apuros. Ou encontrar-lhe algum trabalho de escritório, se ela souber fazer esse tipo de coisa. Acho

que devemos manter contato com ela.

– Você não deveria se preocupar – disse Susan. Sua voz era seca e irônica. – Já cuidei de tudo. Ela foi trabalhar para Maude e Timothy.

George pareceu sobressaltado.

– Você acha, Susan, que tomou a decisão certa?

– Foi o melhor que pude fazer no momento.

George olhou para ela com curiosidade.

– Você é muito segura de si mesma, não é, Susan?

Você sabe o que está fazendo e não tem arrependimentos?

Susan disse alegremente:

– É um desperdício de tempo ter arrependimentos.

CAPÍTULO 17

Michael jogou a carta sobre a mesa, para Rosamund.

– Que tal?

– Nós vamos. Você não acha?

Michael disse lentamente:

– Por que não?

– Pode haver algumas joias... É claro que algumas coisas na casa são bastante horrorosas, pássaros empalhados e flores de cera... ugh!

– Sim. Parece um mausoléu. Na realidade, eu gostaria de fazer um esboço ou outro, em particular naquela sala de estar. O consolo da lareira, por exemplo, e aquele sofá com um formato tão esquisito... Eles ficariam perfeitos para o progresso do baronete, se a montarmos novamente.

Ele se levantou e olhou para o relógio.

– Falando nisso, preciso ir. Tenho um encontro com Rosenheim. Não me espere até bem tarde esta noite. Jantarei com Oscar, e discutiremos se aceitamos ou não aquela opção, e como ela se encaixa na oferta americana.

– Querido Oscar. Ele vai ficar feliz em vê-lo após todo esse tempo. Mande minhas lembranças.

Michael a encarou duramente. Ele parou de sorrir, e seu rosto assumiu uma expressão de predador à espreita.

– O que você quer dizer com “após todo esse tempo”? Qualquer um acharia que não o vejo há meses.

– Bem, você não o viu, não é? – murmurou Rosamund.

– Sim, eu o vi. Nós almoçamos juntos há apenas uma semana.

– Que estranho. Ele deve ter esquecido. Liguei ontem e disse que não o via desde a estreia de Lilly olha para o oeste.

– O velhote deve estar ficando maluco.

Michael riu. Rosamund olhou para ele sem mostrar emoção em seus grandes olhos azuis.

– Você acha que sou idiota, não é, Mick?

Michael protestou.

– Querida, é claro que não.

– Sim, você acha. Mas não sou uma completa paspalha. Você nem mesmo chegou perto de Oscar naquele dia. Sei onde você foi.

– Rosamund, querida, o que você quer dizer?

– Quero dizer que sei onde você esteve...

Michael, mostrando dúvida em seu rosto atraente, encarou a esposa. Ela o encarou de volta, serena e imperturbável.

“Como um olhar realmente vazio podia ser desconcertante”, ele pensou de repente.

Michael disse, de forma pouco convincente:

– Não sei aonde você quer chegar...

– Só quero dizer que é uma bobagem muito grande contar-me um monte de mentiras.

– Olhe aqui, Rosamund...

Ele havia começado a protestar, mas parou, surpreso, quando sua esposa disse suavemente:

– Queremos comprar esta opção e encenar esta peça, não queremos?

– Se nós queremos? É o papel que eu sempre sonhei que devia existir em algum lugar.

– Sim, é isso que eu quero dizer.

– O que exatamente você quer dizer?

– Bem, a peça custa bastante dinheiro, não é? Não se deve correr riscos demais.

Ele a encarou e disse devagar:

– É o seu dinheiro, sei disso. Se você não quiser arriscá-lo...

– É o nosso dinheiro, querido – enfatizou

Rosamund. – Acho que é muito importante sabermos disso.

– Escute, querida. O papel de Eileen precisa ser reescrito.

Rosamund sorriu.

– Não acho que queira este papel.

– Amor! – Michael estava pasmo. – O que deu em você?

– Nada.

– Sim, há algo, você tem andado diferente, mal-humorada, nervosa, o que há com você?

– Nada. Apenas quero que você tenha cuidado, Mick.

– Cuidado com o quê? Sou sempre cuidadoso.

– Não, não acho que você seja. Você acha que sempre consegue se safar das situações e que os outros acreditam em tudo que você diz. Foi uma bobagem aquela história sobre Oscar, outro dia.

Michael corou de raiva:

– E você? Você disse que iria às compras com Jane. Não foi. Jane está nos Estados Unidos há semanas.

– Sim – disse Rosamund. – Foi estúpido também. Na

verdade, saí para dar uma caminhada no parque Regent's.

Michael olhou para ela de maneira curiosa.

– Parque Regent's? Você nunca saiu para uma caminhada no parque Regent's em sua vida. Do que você está falando? Você tem um namorado? Você pode dizer o que quiser, Rosamund, mas você tem agido de um modo diferente ultimamente. Por quê?

– Eu andei pensando nas coisas. Sobre o que fazer...

Michael, em um impulso apaixonado, deu a volta na mesa e foi até ela. Havia fervor na voz dele quando exclamou.

– Querida, você sabe que a amo loucamente!

Ela respondeu ao abraço com igual intensidade, mas, quando se separaram, ele sentiu-se ferido outra vez pela estranha cautela naqueles belos olhos.

– O que quer que eu tenha feito, você vai me perdoar sempre, não vai? – demandou ele.

– Acho que sim – disse Rosamund vagamente. – Não é esse o ponto. Veja bem, tudo mudou agora. Nós temos de pensar e planejar.

– Pensar e planejar o quê?

Rosamund, franzindo o cenho, disse:

– As coisas não terminam quando você acaba de fazê-las. Na verdade, é como se estivessem começando, e você precisa decidir o que fazer em seguida, o que é ou não é importante...

– Rosamund...

Ela estava imóvel, e seu rosto perplexo mantinha o olhar esgazeado fixo à meia distância, onde Michael, aparentemente, não estava.

Na terceira repetição de seu nome, ela se moveu ligeiramente e saiu de seu devaneio.

– O que você disse?

– Eu perguntei o que você pensava...

– Ah sim, eu estava pensando se deveria ir até... como é o nome mesmo?... Lytchett St. Mary, e ver aquela srta. Fulana, a que estava com tia Cora.

– Mas por quê?

– Bem, ela partirá logo, não é? Irá morar com parentes ou algo assim. Não acho que devemos deixá-la ir antes de perguntar-lhe.

– Perguntar-lhe o quê?

– Perguntar-lhe quem matou a tia Cora.

Michael a encarou.

– Você quer dizer... você acha que ela sabe?

Rosamund respondeu, bastante distraída.

– Acredito que sim... Veja bem, ela morava lá.

– Mas ela teria contado à polícia.

– Não quis dizer que ela sabe desse jeito, apenas quis dizer que ela deve ter alguma certeza. Por causa do que o tio Richard disse quando esteve lá. Sabe, ele visitou tia Cora, Susan me contou.

– Mas ela não poderia ter ouvido o que ele disse.

– Poderia sim, querido. – Rosamund falou como se estivesse argumentando com uma criança birrenta.

– Bobagem, não consigo imaginar o velho Richard Abernethie discutindo as suspeitas que tinha da família diante de uma estranha.

– Bem, é claro. Ela teria ouvido pela porta.

– Ouvido às escondidas, é o que você está dizendo?

– Imagino que sim; de fato, tenho certeza. Deve ser terrivelmente enfadonha a vida de duas mulheres em um chalé, sem que nada aconteça exceto a limpeza, a cozinha, levar o gato lá para fora, essas coisas. É claro que ela ouvia às escondidas e lia cartas. Qualquer um faria isso.

Michael lançou-lhe um olhar de quase desânimo.

– Você o faria? – perguntou ele bruscamente.

– Eu não viveria no campo como dama de companhia. – Rosamund estremeceu. – Preferiria morrer.

– Quero dizer... você leria cartas e tudo mais?

Rosamund falou calmamente:

– Se eu quisesse saber, sim. Todo mundo faz isso, você não acha?

O olhar límpido encontrou o seu.

– O que se quer é saber – disse Rosamund. – Não se quer fazer nada a respeito. Quero dizer... creio que seja assim que a srta. Gilchrist se sinta. Mas tenho certeza de que ela sabe.

Michael disse, com voz abafada:

– Rosamund, quem você acha que matou Cora? E o velho Richard?

Mais uma vez aquele olhar azul e límpido encontrou o dele:

– Querido, não seja ridículo... Você sabe tão bem quanto eu. Mas é muito, muito melhor jamais mencioná-lo. Então, não mencionaremos.

CAPÍTULO 18

Do seu assento junto à lareira na biblioteca, Hercule Poirot olhou para a companhia reunida.

Seus olhos passaram pensativamente por Susan, sentada ereta, parecendo enérgica e animada, e pelo marido, sentado ao lado dela com uma expressão bastante vazia e torcendo entre os dedos um laço de barbante; continuaram até George Crossfield, jovial e visivelmente satisfeito consigo mesmo, contando a Rosamund sobre trapaceiros nas cartas em cruzeiros no Atlântico, ao que ela disse, mecanicamente, "Que extraordinário, querido. Mas por quê?", com completo desinteresse na voz; dali para Michael, com seu tipo muito particular de beleza desleixada e seu charme muito evidente; para Helen, grave e um pouco distante; para Timothy, acomodado de maneira confortável na melhor poltrona, com uma almofada extra às costas; para Maude, firme e robusta, em devotada servidão; e, finalmente, para a figura sentada um pouco além do alcance do círculo familiar, demonstrando certo constrangimento: a figura da srta. Gilchrist, que vestia uma peculiar blusa "na moda". Em breve, ele julgou, ela se levantaria, murmuraria um pedido de licença, deixaria a reunião familiar e subiria ao quarto. "A srta. Gilchrist", ele pensou, "conhecia o lugar dela." Ela o havia aprendido da maneira mais difícil.

Hercule Poirot bebericou seu café de após o jantar e, entre pálpebras semicerradas, fez sua avaliação.

Ele os quisera aqui, todos juntos, e havia

conseguido. “E o que”, pensou, “faria com eles agora?” Sentiu-se de súbito contrariado por ter prosseguido com o caso. “Por que se sentia assim?”, Poirot se perguntou. Seria influência de Helen Abernethie? Havia nela uma qualidade de resistência passiva que parecia inesperadamente forte. Será que ela, embora parecesse graciosa e despreocupada, havia conseguido impor a ele sua própria relutância? Ela era avessa ao escrutínio dos detalhes da morte do velho Richard, ele sabia disso. Ela queria que o caso fosse deixado em paz, que caísse em esquecimento. Poirot não se surpreendia com isso. O que o surpreendia era sua própria disposição de concordar com ela.

Poirot percebia agora que o relato do sr. Entwistle sobre a família havia sido admirável. Ele havia descrito todos de forma sagaz e correta. Com a avaliação e o conhecimento do velho advogado para orientá-lo, Poirot queria ver a família por si mesmo. Ele imaginara que, ao conhecer estas pessoas intimamente, teria uma ideia muito arguta, não de como e quando (estas eram questões com as quais ele não pretendia se preocupar. Era possível que um assassinato houvesse ocorrido – era tudo que precisava saber!), mas de quem. Pois Hercule Poirot tinha uma vida inteira de experiência e, assim como o homem que, por negociar quadros, pode reconhecer o artista que os pintou, Poirot acreditava ser capaz de reconhecer o tipo provável de criminoso amador que seria capaz – se sua própria necessidade surgisse – de matar.

Mas não seria tão fácil.

Porque ele conseguia visualizar quase todas aquelas pessoas como possíveis – embora improváveis –

assassinos. George poderia matar, como o rato encurralado mata. Susan, calmamente – de maneira eficiente –, para levar adiante um plano. Gregory, porque tinha aquele estranho traço mórbido que antecipa e convida à punição, quase implora por ela. Michael, porque era ambicioso e tinha a vaidade presunçosa de um assassino. Rosamund, por sua atitude assustadoramente simplória. Timothy, porque havia odiado e invejado o irmão e ansiava pelo poder que o dinheiro deste poderia dar. Maude, porque Timothy era seu filho e, quando se tratava de seu filho, ela era implacável. Mesmo a srta. Gilchrist, ele pensou, poderia ter pensado em assassinato, se isso pudesse devolver-lhe a Willow Tree em toda sua refinada glória! E Helen? Ele não conseguia imaginar Helen cometendo assassinato. Ela era civilizada demais, distante demais da violência. E ela e o marido certamente haviam amado Richard Abernethie.

Poirot suspirou para si mesmo. Não haveria atalhos para a verdade. Em vez disso, ele teria de adotar um método mais demorado, porém razoavelmente preciso. Teria de haver conversa. Muita conversa. Pois, a longo prazo, fosse através de mentira ou verdade, as pessoas estariam destinadas a se entregar...

Ele havia sido apresentado por Helen ao grupo e havia começado a trabalhar para superar o incômodo quase universal causado por sua presença – um estrangeiro desconhecido! – nessa reunião familiar. Ele usara olhos e ouvidos. Havia visto e ouvido – abertamente e atrás de portas! Observara afinidades, antagonismos, palavras descuidadas que surgiam sempre que uma propriedade ia ser dividida. Havia arranjado astutamente tête-à-têtes, passeios pelo terraço, e fizera

deduções e observações. Poirot havia conversado com a srta. Gilchrist sobre as glórias passadas de sua casa de chá, sobre a composição correta de brioques e bombas de chocolate, e visitara a horta com ela para discutir o uso apropriado de ervas na cozinha. Passara longas meias horas ouvindo Timothy falar sobre a própria saúde e sobre o efeito da tinta sobre ela.

Tinta? Poirot franziu o cenho. Outra pessoa havia falado alguma coisa sobre tinta... O sr. Entwistle?

Também houvera discussão sobre um tipo diferente de pintura. Pierre Lansquenet como pintor. As pinturas de Cora Lansquenet, elogiadas com arroubo pela srta. Gilchrist, menosprezadas com desdém por Susan. "Parecem cartões-postais", ela havia dito. "Porque ela as copiou de cartões-postais."

A srta. Gilchrist ficara bastante incomodada com isso e dissera bruscamente que a querida sra. Lansquenet sempre pintara a partir da própria paisagem.

– Mas aposto que ela trapaceava – disse Susan a Poirot quando a srta. Gilchrist saiu do aposento. – Na realidade, sei disso, mas não digo para não aborrecer a velhota.

– E como a senhora sabe?

Poirot observou a pronunciada e confiante linha do queixo de Susan.

"Essa aí sempre terá certezas", ele pensou. "E talvez, às vezes, terá certezas demais..."

Susan continuava falando:

– Vou lhe dizer uma coisa, mas não conte nada à srta. Gilchrist. Um quadro é de Polflexan, a caverna, o farol e o píer, o cenário usual, que todos os artistas amadores desenhavam. Mas o píer foi destruído durante a guerra e, já que o esboço de tia Cora foi feito há uns

dois anos, não pode ter sido a partir da própria paisagem, não é? Mas os cartões-postais que vendem lá ainda mostram o p'ier como costumava ser. Havia um em uma gaveta no quarto dela. Assim, tia Cora começou seu "rascunho" lá, imagino, e então o terminou sorrateiramente mais tarde em casa, a partir de um cartão-postal! É engraçado, não, como as pessoas são pegas?

– Sim, como a senhora diz, é engraçado. – Ele fez uma pausa e então achou que poderia aproveitar a abertura. – A senhora não se lembra de mim, madame – disse ele –, mas lembro-me da senhora. Esta não é a primeira vez em que a vejo.

Susan o encarou. Poirot assentiu com grande prazer.

– Sim, sim, é isso mesmo. Eu estava dentro de um automóvel, bem agasalhado, e da janela eu a vi. A senhora estava falando com um dos mecânicos na garagem. A senhora não me notou, é natural, eu estava dentro do carro: um idoso estrangeiro todo coberto de agasalhos! Mas eu a notei, pois a senhora é jovem e agradável de se olhar, e estava parada ali, sob o sol. Então, quando cheguei aqui, disse, a mim mesmo,

"Tiens! [7] Que coincidência!"

– Uma garagem? Onde? Quando foi isso?

– Algum tempo atrás, uma semana... não, mais. Por ora – disse Poirot com falsa inocência e uma lembrança perfeita da garagem do King's Arms em sua mente –, não lembro onde. Viajo tanto, por todo este país.

– Procurando por uma casa adequada para comprar para seus refugiados?

– Sim. Veja bem, há muito a ser levado em consideração. Preço, localização, possibilidade de

reformas.

– Imagino que o senhor terá de mexer bastante na casa, não é? Há um monte de divisórias terríveis.

– Nos quartos, sim, certamente. Mas na maioria dos quartos do andar térreo não tocaremos. – Ele pausou antes de prosseguir. – A entristece, madame, que esta sua velha mansão familiar deva ficar para... estranhos?

– É claro que não. – Susan parecia divertida. – Acho que é uma excelente ideia. É impossível sequer pensar em morar aqui, com o lugar nesse estado. E não tenho por que sentir-me triste. Não é o meu velho lar. Meus pais viviam em Londres. Apenas passávamos o Natal aqui, às vezes. Na realidade, sempre a achei bastante revoltante, um templo quase indecente à riqueza.

– Os altares são diferentes agora. Hoje em dia há os prédios, a iluminação dissimulada e a cara simplicidade. Mas a riqueza ainda tem seus templos, madame. Entendo, e espero não estar sendo indiscreto, que a senhora está planejando construir algo do gênero. Tudo de luxe, e sem poupar despesas.

Susan riu.

– Não chega a ser um templo, é somente uma loja.

– Talvez o nome não importe... Mas custará muito dinheiro, é verdade, não é?

– Tudo custa horrores, hoje em dia. Mas acho que compensará o investimento.

– Conte-me alguma coisa sobre seus planos.

Encanta-me ver uma bela jovem tão prática, tão competente. Quando eu era jovem, admito que há muito tempo, as mulheres bonitas pensavam somente em seus prazeres, em cosméticos, em la toilette. [8]

– As mulheres ainda pensam bastante em seus rostos. É aí que entro.

– Conte-me.

E Susan contou a ele. Contou-lhe com riqueza de detalhes e uma surpreendente franqueza inconsciente. Ele admirou o talento dela para negócios, sua coragem de planejamento e compreensão dos detalhes. Uma competente e corajosa planejadora, que deixava de lado todas as questões secundárias. Talvez um pouco implacável, como todos os planejadores corajosos têm de ser.

Observando-a, Poirot disse:

– Sim, a senhora terá sucesso. Seu negócio prosperará. Que sorte a senhora não estar limitada, como tantos, pela pobreza. Não há como ir longe sem investir capital. Ter essas ideias criativas e vê-las frustradas por falta de meios seria insuportável.

– Eu não suportaria! Mas teria conseguido dinheiro, de uma maneira ou outra. Conseguiria alguém que apostasse em mim.

– Ah! É claro. Seu tio, dono desta casa, era rico. Mesmo se ele não houvesse morrido, ele teria, como a senhora diz, “apostado”.

– Não, ele não teria. O tio Richard era um pouco antiquado em relação às mulheres. Se eu fosse homem...

– Uma breve expressão de ira passou pelo rosto dela. – Ele me deixou muito brava.

– Compreendo, sim, compreendo...

– Os velhos não deveriam ficar no caminho dos jovens. Eu... me desculpe.

Hercule Poirot riu à vontade e torceu o bigode.

– Sou velho, sim. Mas não estorvo a juventude. Não há ninguém que precise esperar pela minha morte.

– Que ideia horrível.

– Mas a senhora é uma realista, madame. Admitamos sem cerimônia que o mundo está cheio de jovens ou mesmo pessoas de meia-idade, que esperam, paciente ou impacientemente, pela morte de alguém cujo falecimento dará a eles, se não riqueza, então oportunidade.

– Oportunidade! – Susan disse, respirando fundo. – É disso que se precisa.

Poirot, que estivera olhando para além dela, disse alegremente:

– E aqui está seu marido para juntar-se a nós em nossa pequena discussão... Falávamos, sr. Banks, de oportunidades. Oportunidades de ouro, oportunidades que se deve agarrar com ambas as mãos. Até que ponto podemos fazê-lo e manter nossa consciência limpa? Ouçamos nossas opiniões.

Mas ele não tinha intenção de ouvir os pontos de vista de Gregory Banks sobre oportunidade ou qualquer outra coisa. Na realidade, ele achava quase impossível conversar com Gregory Banks. Ele tinha uma curiosa qualidade fluida. Fosse por sua própria vontade, ou pela da sua esposa, ele parecia não apreciar tête-à-têtes ou discussões tranquilas. Não, a “conversa” com Gregory havia fracassado.

Poirot havia falado com Maude Abernethie também sobre tinta (o cheiro dela), e como era bom que Timothy pudesse vir a Enderby, e como Helen fora generosa em estender o convite à srta. Gilchrist.

– Pois ela é muito útil. Timothy gosta de lanchar com frequência, e não se pode esperar muito dos criados

alheios, mas há um fogãozinho a gás em um pequeno quarto ao lado da copa, de maneira que a srta. Gilchrist pode aquecer Ovomaltine ou Benger's lá, sem incomodar ninguém. E ela tem tanta disposição para buscar coisas, subir e descer escadas uma dúzia de vezes ao dia. Foi a Providência que fez com que ela entrasse em pânico por ficar sozinha em casa, embora eu deva admitir haver-me irritado na ocasião.

– Entrou em pânico? – Poirot estava interessado.

Ele ouviu enquanto Maude explicava-lhe o colapso repentino da srta. Gilchrist.

– A senhora está dizendo que ela estava apavorada? E, no entanto, não conseguia dizer exatamente por quê? Isso é interessante. Muito interessante.

– Creio ser um caso de choque retardado.

– Talvez.

– Uma vez, durante a guerra, quando uma bomba caiu a uns dois quilômetros de nossa casa, lembro que Timothy...

Poirot abstraiu sua mente de Timothy.

– Algo em particular aconteceu naquele dia? – ele perguntou.

– Que dia? – Maude parecia confusa.

– O dia em que a srta. Gilchrist teve a crise.

– Oh, não, acho que não. Parece que era algo que vinha em um crescendo desde que ela deixou Lytchett St. Mary, ou pelo menos foi o que ela disse. Ela parecia não se importar quando estava lá.

“E o resultado”, pensou Poirot, “fora um pedaço de bolo de casamento envenenado.” Não era muito

surpreendente que a srta. Gilchrist estivesse assustada depois disso... E, mesmo quando ela se retirou para a paisagem tranquila em torno de Stansfield Grange, o temor permanecera. Mais do que isso, crescera. Por que crescera? Certamente, atender a um hipocondríaco exigente como Timothy deve ser tão exaustivo que temores nervosos seriam engolidos pela exasperação.

Mas algo naquela casa havia amedrontado a srta. Gilchrist. O quê? Ela própria sabia?

Encontrando-se sozinho com a srta. Gilchrist por um breve espaço de tempo antes do jantar, Poirot atacara o assunto com exagerada curiosidade estrangeira.

– É impossível, a senhorita compreende, que eu mencione a questão do assassinato aos membros da família. Mas estou intrigado. Quem não estaria? Um crime brutal, uma artista sensível atacada em um chalé solitário. Terrível para a família dela. Mas terrível, também, imagino, para a senhorita, já que a sra. Timothy Abernethie deu-me a entender que a senhorita estava no local no momento do crime.

– Sim, eu estava. E, se o senhor me desculpar, monsieur Pontarlier, não quero falar sobre isso.

– Compreendo... sim, compreendo absolutamente.

Tendo dito isso, Poirot esperou. E, como ele havia pensado, a srta. Gilchrist imediatamente começou a falar sobre o assunto. Ele não ouviu nada dela que não houvesse ouvido antes, mas representou seu papel com perfeita simpatia, emitindo pequenas exclamações de compreensão e ouvindo com um interesse absorto que a srta. Gilchrist não podia deixar de apreciar.

Somente após ela ter exaurido o assunto de como havia se sentido, o que o médico havia dito e como o sr. Entwhistle havia sido generoso, Poirot avançou com cuidado ao próximo tópico.

– Creio que a senhorita foi sábia em não ficar sozinha naquele chalé.

– Eu não conseguiria ficar, monsieur Pontarlier. Realmente não conseguiria.

– Não. Fiquei sabendo que a senhorita temia até mesmo permanecer sozinha na casa do sr. Timothy Abernethie enquanto o casal esteve aqui, não é?

A srta. Gilchrist pareceu culpada.

– Estou terrivelmente envergonhada. Uma bobagem, na verdade. Tive uma espécie de pânico, não sei por quê.

– Mas é claro que sabemos por quê. A senhorita recuperou-se há pouco tempo de uma tentativa covarde de envenená-la...

Nesse momento, a srta. Gilchrist suspirou e disse que simplesmente não conseguia entender tudo isso. Por que alguém tentaria envenená-la?

– Mas é óbvio, minha cara dama. Porque o criminoso, o assassino, achou que a senhorita sabia de algo que poderia levar a polícia a capturá-lo.

– Mas o que eu poderia saber? Algum vagabundo pavoroso, ou uma criatura meio louca.

– Se foi um vagabundo... Parece-me improvável...

– Por favor, monsieur Pontarlier... – A srta. Gilchrist ficou subitamente muito aborrecida. – Não sugira tal coisa. Não quero acreditar nisso.

– A senhorita não quer acreditar em quê?

– Não quero acreditar que não foi, quero dizer, que foi...

Ela parou, confusa.

– E, no entanto – disse Poirot, com argúcia –, a senhorita de fato acredita.

– Oh, não. Não acredito!

– Mas acho que a senhorita acredita. É por isso que está assustada. A senhorita está assustada, não é?

– Não, não desde que cheguei aqui. Tantas pessoas. E uma atmosfera familiar tão boa. Não, tudo parece muito bem aqui.

– Tenho a impressão... e a senhorita tem de perdoar meu interesse, sou um velho, um pouco enfermo, e grande parte do meu tempo é gasta com a especulação ociosa de questões que me interessam... parece-me que deve ter havido algum evento específico em Stansfield Grange, o qual, digamos assim, trouxe seus medos a um momento crítico. Os médicos reconhecem, hoje em dia, o quanto ocorre em nosso subconsciente.

– Sim, sim, sei que é o que dizem.

– E acho que seus temores subconscientes podem ter sido incitados dessa forma por algum acontecimento concreto, algo, talvez, bastante irrelevante, que serviu, podemos dizer, como ponto focal.

A srta. Gilchrist pareceu aceitar a ideia ardorosamente.

– Tenho certeza de que o senhor está certo – disse ela.

– Agora, qual a senhorita acha que foi esta... hum... circunstância irrelevante?

A srta. Gilchrist ponderou por um momento e disse, inesperadamente:

– Acho, monsieur Pontarlier, que foi a freira.

Antes que Poirot pudesse assimilar a ideia, Susan e seu marido entraram, seguidos de perto por Helen.

“Uma freira”, pensou Poirot. “Agora onde, em toda essa história, ouvi alguma coisa sobre uma freira?”

Ele decidiu abordar a questão das freiras na conversa, em algum momento, no curso da noite.

CAPÍTULO 19

A família toda havia sido educada com o monsieur Pontarlier, o representante da OCARE. E como ele acertara em ter escolhido apresentar-se sob essa sigla. Todos aceitaram OCARE naturalmente – fingiram até que sabiam tudo a respeito! Como os seres humanos eram sempre avessos a admitir ignorância! A exceção havia sido Rosamund, que havia lhe perguntado, em dúvida: “Mas o que é isso? Nunca ouvi falar!” Felizmente não havia mais ninguém lá naquele momento. Poirot explicara de maneira que qualquer um, com exceção de Rosamund, se sentiria desconcertado em ter demonstrado ignorar uma instituição tão conhecida no mundo inteiro. Rosamund, entretanto, só dissera vagamente: “Oh! Refugiados de novo. Estou tão cansada de refugiados” – assim externando a reação muda de muitos, que normalmente eram formais demais para se expressarem com tanta franqueza.

Monsieur Pontarlier, portanto, agora era aceito como um aborrecimento, mas também uma insignificância. Ele se tornara, por assim dizer, uma peça de decoração estrangeira. A opinião geral era de que Helen deveria ter evitado recebê-lo nesse fim de semana em particular, mas, já que ele estava ali, eles teriam de tirar o melhor da situação. Felizmente esse pequeno estrangeiro esquisito não parecia saber muito inglês. Com muita frequência ele não compreendia o que lhe era dito e, quando todos falavam mais ou menos ao mesmo tempo, ele parecia completamente perdido. Parecia estar interessado

somente em refugiados e condições pós-guerra, e seu vocabulário incluía somente tais assuntos. Temas corriqueiros pareciam desnorteá-lo. Mais ou menos esquecido por todos, Hercule Poirot recostou-se na cadeira, bebericou seu café e observou, como um gato talvez observasse os gorjeios e as idas e vindas de um bando de pássaros. O gato ainda não está pronto para dar seu salto.

Após 24 horas rondando pela casa e examinando seu conteúdo, os herdeiros de Richard Abernethie estavam prontos para declarar suas preferências e, se necessário, lutar por elas.

O primeiro assunto da conversa foi um certo serviço de sobremesa Spode, no qual a sobremesa fora servida há pouco.

– Não creio que eu tenha muito mais tempo para viver – disse Timothy em voz baixa e melancólica. – E Maude e eu não temos filhos. Não vale a pena nos sobrecarregarmos com objetos inúteis. Mas, por uma questão sentimental, eu gostaria de ficar com o velho serviço de sobremesa. Lembro dele, dos bons e velhos tempos. Ele está fora de moda, é claro, e sei que serviços de sobremesa têm muito pouco valor hoje em dia, mas aí está. É o suficiente para mim. E talvez o armário Boule no budoar branco...

– O senhor chegou tarde demais, tio – disse George com despreocupação jovial. – Eu pedi a Helen hoje de manhã que me reservasse o serviço Spode.

O rosto de Timothy ficou roxo.

– Reservar, reservar? O que você quer dizer com isso? Nada foi acertado ainda. E o que você quer com um serviço de sobremesa? Você não é casado.

– Na realidade, eu coleciono Spode. E este é realmente um exemplar esplêndido. Mas não há problema quanto ao armário Boule, tio. Não o quero nem mesmo de presente.

Timothy dispensou o armário com um gesto.

– Olhe aqui, meu jovem. Você não pode se intrometer dessa forma. Sou mais velho do que você, e sou o único irmão vivo de Richard. Aquele serviço de sobremesa é meu.

– Por que não ficar com o serviço Dresden, tio? Um belo exemplar, tenho certeza de que também está cheio de memórias sentimentais. De qualquer maneira, o Spode é meu. Primeiro a chegar, primeiro a ser atendido.

– Que bobagem, nada disso! – irrompeu Timothy.

Maude disse rispidamente:

– Por favor, não perturbe seu tio, George. Faz mal a ele. Naturalmente, ele ficará com o Spode se quiser! Ele deve escolher primeiro, e vocês, jovens, vêm depois. Ele era o irmão de Richard, como ele mesmo disse, e você é apenas um sobrinho.

– E digo mais, rapaz. – Timothy estava fervendo de raiva. – Se Richard houvesse feito um testamento adequado, o destino dos bens desta casa estaria inteiramente em minhas mãos. A propriedade deveria ter sido confiada a mim, e, se não o foi, só posso suspeitar de influência indevida. Sim, e repito, influência indevida.

Timothy lançou um olhar feroz ao sobrinho.

– Um testamento absurdo – disse ele. – Absurdo!

Ele se recostou na cadeira, colocou a mão sobre o coração e gemeu:

– Isso é muito ruim para mim. Se eu pudesse beber um pouco de conhaque...

A srta. Gilchrist correu para servi-lo e voltou com o tônico em um copo pequeno.

– Aqui está, sr. Abernethie. Por favor, por favor, não fique nervoso. O senhor tem certeza de que não deveria se deitar?

– Não seja tola. – Timothy engoliu o conhaque. – Deitar-me? Pretendo proteger meus interesses.

– Ora, George, estou mesmo surpresa com você – disse Maude. – O que seu tio disse é a pura verdade. Os desejos dele vêm em primeiro lugar. Se ele quer o serviço de sobremesa Spode, ele o terá!

– Ele é bem horrível, de qualquer maneira – disse Susan.

– Cale-se, Susan – disse Timothy.

O rapaz magro que estava sentado ao lado de Susan levantou a cabeça. Em um tom um pouco mais estridente do que o costumeiro, ele disse:

– Não fale assim com minha esposa!

Ele fez menção de se levantar da cadeira.

Susan falou rapidamente:

– Está tudo bem, Greg. Eu não me importo.

– Mas eu me importo.

Helen disse:

– Acho que seria cortês de sua parte, George, deixar seu tio ficar com o serviço de sobremesa.

Timothy reagiu indignado:

– Não há nada que “deixar”!

Mas George, com uma ligeira mesura para Helen, disse:

– Sua vontade é lei, tia Helen. Abandono minha causa.

– De todo modo, você não o queria, não é mesmo?
– disse Helen.

Ele lançou-lhe um olhar ríspido, então sorriu.

– O problema com a senhora, tia Helen, é sua incrível esperteza! A senhora percebe mais do que deveria. Não se preocupe, tio Timothy, o Spode é seu. Foi apenas minha ideia de diversão.

– Ora, diversão. – Maude Abernethie estava indignada. – Seu tio poderia ter sofrido um ataque do coração!

– Não acredite nisso – disse George alegremente. – Tio Timothy provavelmente viverá mais do que todos nós. Ele é como um portão que range, mas não cai nunca.

Timothy inclinou-se para frente malignamente.

– Não me espanta – disse ele – que Richard tenha se desapontado com você.

– Do que o senhor está falando? – O bom humor desapareceu do rosto de George.

– Você esteve aqui depois da morte de Mortimer, esperando assumir o lugar dele, esperando que Richard o tornasse seu herdeiro, não é? Mas meu pobre irmão logo percebeu com quem estava lidando. Ele sabia para onde iria o dinheiro se o deixasse sob seu controle. Estou surpreso que ele tenha deixado a você uma parte da fortuna. Ele sabia para onde ela iria. Cavalos, apostas, Monte Carlo, cassinos estrangeiros. Talvez algo pior. Ele suspeitava que você não fosse honesto, não é verdade?

George, com uma mozza branca aparecendo de cada lado do seu nariz, falou calmamente:

– Você não acha melhor ter cuidado com o que está dizendo?

– Eu não estava em condições de vir ao funeral – disse Timothy devagar –, mas Maude contou-me o que Cora disse. Cora sempre foi uma tola, mas talvez houvesse algo no que ela disse! E, se assim foi, eu sei de quem eu suspeitaria...

– Timothy! – Maude levantou-se, sólida, calma, uma torre de vigor. – Você teve uma noite muito cansativa. Você tem de pensar na sua saúde. Não posso permitir que adoça de novo. Vamos para o quarto. Você tomará um sedativo e irá direto para a cama. Timothy e eu, Helen, ficaremos com serviço de sobremesa Spode e o armário Boule, como lembranças de Richard. Espero que não haja objeção a isso.

Seu olhar varreu o grupo à sua volta. Ninguém falou, e ela marchou para fora da sala apoiando Timothy com a mão sob seu cotovelo e afastando com um gesto a srta. Gilchrist, que esperava sem muito entusiasmo junto à porta.

George rompeu o silêncio após eles terem partido:

– Femme formidable!^[9] – disse ele. – Isso descreve tia Maude com precisão. Eu odiaria ficar no caminho de seu avanço triunfante.

A srta. Gilchrist sentou-se de novo, bastante embaraçada, e murmurou:

– A sra. Abernethie é sempre tão gentil.

A observação não surtiu efeito algum.

Michael Shane de repente riu e disse:

– Sabe, estou adorando isso tudo! Uma cópia exata

de A herança Voysey. [\[10\]](#) Aliás, Rosamund e eu queremos ficar com aquela mesa de malaquita na sala de estar.

– Oh, não! – exclamou Susan. – Eu a quero.

– Lá vamos nós de novo – disse George, erguendo os olhos para o teto.

– Bem, não precisamos brigar por isso – falou Susan. – Quero a mesa para minha loja de cosméticos. Só um toque de cor, e talvez coloque um grande buquê de flores de cera sobre ela. Ficaria maravilhoso. Posso encontrar flores de cera com bastante facilidade, mas uma mesa de malaquita verde não é tão comum.

– Mas, querida – disse Rosamund –, é por essa mesma razão que nós a queremos. Para o novo cenário. Como você disse, um toque de cor, e tão absolutamente de época. E colocaremos flores de cera ou beija-flores empalhados. Será realmente perfeito.

– Compreendo o que você quer dizer, Rosamund – disse Susan. – Mas não acho que você tenha um motivo tão bom quanto o meu. Seria fácil para você mandar pintar uma mesa de malaquita para a peça, pareceria a mesma coisa. Mas, para o meu salon, é preciso ter o artigo genuíno.

– Ora, vamos, damas – disse George. – Que tal uma decisão com espírito esportivo? Por que não jogar a moeda? Ou cartas? Tudo de acordo com a época da mesa.

Susan sorriu alegremente.

– Rosamund e eu falaremos sobre isso amanhã – concluiu ela.

Ela parecia, como sempre, bastante segura de si mesma. O olhar de George passou, com algum interesse,

do rosto dela para o de Rosamund. O rosto desta tinha uma expressão vaga, muito distante.

– Em qual das duas você aposta, tia Helen? – ele perguntou. – Eu diria que as chances são iguais. Susan tem determinação, mas Rosamund é um primor de teimosia.

– Ou talvez não beija-flores – disse Rosamund. – Um daqueles grandes vasos chineses daria uma luminária maravilhosa, com um quebra-luz dourado.

A srta. Gilchrist apressou-se em intervir com um discurso apaziguador.

– Esta casa está cheia de tantas coisas lindas – disse ela. – Aquela mesa verde ficaria maravilhosa no seu novo estabelecimento, tenho certeza, sra. Banks. Nunca vi nada igual. Deve valer muito dinheiro.

– Ela será deduzida da minha parte na herança, é claro – disse Susan.

– Desculpe, eu não pretendia... – A srta. Gilchrist ficou coberta de confusão.

– Ela pode ser deduzida da nossa parte da herança – salientou Michael. – Com as flores de cera incluídas.

– Elas combinam tão bem com a mesa – murmurou a srta. Gilchrist. – Realmente artísticas. Uma gracinha.

Mas ninguém estava dando qualquer atenção às trivialidades bem-intencionadas da srta. Gilchrist.

Greg disse, falando mais uma vez naquele tom agudo e nervoso:

– Susan quer aquela mesa.

Houve um momento de apreensão geral, como se, com essas palavras, Greg passasse a tocar em um tom diferente.

Helen disse rapidamente:

– E o que você quer de verdade, George? Sem contar o serviço de sobremesa Spode.

George sorriu, e a tensão relaxou.

– É uma vergonha atormentar o velho Timothy – disse ele. – Mas ele é mesmo inacreditável. Fizeram-lhe as vontades por tanto tempo que se tornou neurótico.

– Você tem de ser indulgente com um inválido, sr. Crossfield – disse a srta. Gilchrist.

– É um raio de velho hipocondríaco, é isso que ele é – disse George.

– É claro que ele é – concordou Susan. – Não acredito que ele tenha problema algum. E você, Rosamund?

– O quê?

– Acha que o tio Timothy tem algum problema?

– Não, não acredito que ele tenha. – Rosamund foi vaga. Ela pediu desculpas. – Desculpe. Eu estava pensando sobre qual seria a iluminação certa para a mesa.

– Você está vendo? – disse George. – Uma mulher com uma ideia fixa. Sua esposa é uma mulher perigosa, Michael. Espero que você saiba disso.

– Eu sei – respondeu Michael de maneira bastante severa.

George prosseguiu com toda aparência de quem estava se divertindo.

– A Batalha da Mesa! A ser lutada amanhã, educadamente, mas com implacável determinação. Todos devemos fazer nossas apostas. Eu aposto em Rosamund, que parece tão doce e flexível, e não é.

Maridos, presumivelmente, apostam em suas próprias esposas. Srta. Gilchrist? Do lado de Susan, é óbvio.

– Realmente, sr. Crossfield, eu não me atreveria a...

– Tia Helen? – George não prestou atenção no alvoroço da srta. Gilchrist. – A senhora tem o voto de Minerva. Hum... esqueci. Monsieur Pontarlier?

– Pardon? – Hercule Poirot parecia perdido.

George pensou em dar explicações, mas desistiu. O pobre velhote não havia compreendido uma palavra da conversa. Ele disse:

– Só uma piada de família.

– Sim, sim, compreendo. – Poirot sorriu amavelmente.

– Então o voto de desempate é seu, tia Helen. Que lado a senhora escolhe?

– Talvez eu queira a mesa para mim, George.

Ela mudou de assunto deliberadamente, voltando-se ao seu convidado estrangeiro.

– Temo que isso tudo seja muito maçante para o senhor, não é, monsieur Pontarlier?

– De forma alguma, madame. Considero-me privilegiado por ser admitido na sua vida familiar... – Ele fez uma mesura. – Eu gostaria de dizer, não consigo me expressar muito bem, que lamento que esta casa tenha de passar de suas mãos para as mãos de estranhos. Sem dúvida, é uma grande tristeza.

– Não, na verdade, não lamentamos nem um pouco – assegurou-lhe Susan.

– A senhora é muito amável, madame. Esta casa será, pode ter certeza, perfeita para meus idosos vítimas de perseguições. Que santuário! Que paz! Eu rogo que a senhora se lembre disso quando os duros sentimentos

Ihe assolarem, como certamente irá acontecer. Ouvi dizer que também havia a possibilidade de uma escola vir para cá. Não uma escola normal, um convento, administrado por religiosas, por “freiras”, foi o que a senhora disse? A senhora teria preferido isso, talvez?

– Não mesmo – disse George.

– O Sagrado Coração de Maria – continuou Poirot. – Felizmente, devido à generosidade de um desconhecido benfeitor, fomos capazes de fazer uma oferta um pouco melhor. – Ele se dirigiu à srta. Gilchrist: – A senhorita não gosta de freiras, não é?

A srta. Gilchrist corou e pareceu constrangida.

– Oh, realmente, monsieur Pontarlier, o senhor não deveria... quero dizer, não é nada pessoal. Mas nunca achei que fosse certo isolar-se do mundo daquela maneira, quero dizer, não é necessário, e quase egoísta, para dizer a verdade, exceto as freiras que ensinam, é claro, ou as que ajudam os pobres, porque tenho certeza de que são mulheres absolutamente abnegadas e fazem muitas coisas boas.

– Não consigo conceber como alguém possa querer ser freira – disse Susan.

– É muito digno – disse Rosamund. – Lembre-se da nova montagem de O milagre, no ano passado. Sonia Wells esteve glamorosa demais para se exprimir em palavras.

– O que não entendo – disse George – é por que vestir-se com trajes medievais seria agradável a Deus. Afinal de contas, é isso que são os vestidos das freiras. Totalmente incômodos, anti-higiênicos e pouco práticos.

– E as faz ficarem tão parecidas, não é? – disse a srta. Gilchrist. – É bobagem, sabe, mas tomei um susto e

tanto quando estava na casa da sra. Abernethie e uma freira bateu na porta para pedir doações. Convenci-me de que ela era a mesma freira que batera na porta no dia do inquérito da pobre sra. Lansquenet, em Lytchett St. Mary. Senti, sabe, quase como se ela estivesse me seguindo!

– Eu achava que freiras sempre faziam coletas em duplas – disse George. – Decerto já houve uma história de detetive que se baseou nisso, não é?

– Havia apenas uma dessa vez – disse a srta. Gilchrist. – Talvez elas tenham de economizar – acrescentou ela vagamente. – E, de qualquer maneira, não poderia ser a mesma freira, pois a outra estava coletando para a compra de um órgão para São Barnabé, acho, e esta era para algo bem diferente, algo relacionado com crianças.

– Mas ambas tinham os mesmos traços? – perguntou Hercule Poirot. Ele parecia interessado. A srta. Gilchrist voltou-se para ele.

– Acho que deve ter sido isso. O lábio superior... quase como se ela tivesse um bigode. Acho, sabe, que foi isso que realmente me assustou, estando bastante nervosa então, e lembrando daquelas histórias durante a guerra, de freiras que eram na verdade homens da Quinta Coluna que pousaram de paraquedas. É claro que foi muito tolo de minha parte. Eu percebi depois.

– Uma freira seria um bom disfarce – disse Susan pensativamente. – Esconde seus pés.

– A verdade é – disse George – que raramente se observam as pessoas de forma adequada. É por isso que diferentes testemunhas em um tribunal dão descrições tão díspares de uma mesma pessoa. Você ficaria

surpreso. Com frequência um homem é descrito como alto ou baixo; magro ou robusto; branco ou moreno; vestido com um terno escuro ou claro, e assim por diante. Quase sempre há um observador confiável, mas é preciso decidir quem é.

– Outra coisa estranha – disse Susan – é que você às vezes se vê de relance em um espelho e não sabe quem é. Apenas lhe parece vagamente familiar. E você pensa “Ali está uma pessoa que conheço bem...”, e então, subitamente, se dá conta de que é você mesmo!

George disse:

– Seria mais difícil ainda se você pudesse realmente ver a si mesmo, e não uma imagem no espelho.

– Por quê? – perguntou Rosamund, parecendo confusa.

– Porque, veja bem, ninguém jamais vê a si mesmo como parece às outras pessoas. Você sempre se vê em um espelho, isto é, como imagem invertida.

– Mas que diferença isso faz?

– Faz, sim – Susan falou rápido. – Faz muita, porque os rostos das pessoas não são iguais de ambos os lados. Suas sobrancelhas são diferentes, suas bocas levantam mais de um lado, e seus narizes não são retos. Você pode medir com um lápis. Quem tem um lápis?

Alguém conseguiu um lápis, e eles experimentaram, segurando um lápis de cada lado do nariz e rindo ao ver a ridícula variação de ângulo.

A atmosfera agora estava bem mais leve. Todos estavam de bom humor. Não eram mais os herdeiros de Richard Abernethie, reunidos para uma divisão de propriedades. Eram um grupo alegre e normal de pessoas

reunidas para um fim de semana no campo.

Apenas Helen Abernethie permanecia silenciosa e distraída.

Com um suspiro, Hercule Poirot levantou-se e deu um educado boa noite à sua anfitriã.

– E talvez, madame, seja melhor eu dizer adeus. Meu trem parte às nove em ponto, amanhã de manhã. É muito cedo. Então, agradeço-lhe agora por toda sua gentileza e hospitalidade. A data da assinatura do contrato de venda será marcada pelo competente sr. Entwhistle. De acordo com sua conveniência, é claro.

– Pode ser quando o senhor quiser, monsieur Pontarlier. Eu... eu terminei tudo o que vim fazer aqui.

– A senhora retornará agora à sua vila no Chipre?

– Sim. – Um ligeiro sorriso curvou os lábios de Helen Abernethie.

Poirot disse:

– A senhora está satisfeita, então. Nenhum arrependimento?

– Em deixar a Inglaterra? Ou em deixar esta casa, o senhor quer dizer?

– Refiro-me a esta casa.

– Oh, não. Não é bom se prender ao passado, não é? Deve-se deixá-lo para trás.

– Quando se consegue. – Piscando os olhos inocentemente, Poirot sorriu, desculpando-se para o grupo de rostos bem-educados que o cercava.

– Às vezes, o passado não se deixa abandonar, não consegue cair no esquecimento, não é? Ele continua ao seu lado e diz: “Ainda não terminei”.

Susan riu sem qualquer convicção. Poirot disse:

– Mas falo sério, sim.

– O senhor quer dizer – disse Michael – que seus refugiados, quando vierem para cá, não serão capazes de deixar para trás todos os seus sofrimentos passados?

– Não me referia a meus refugiados.

– Ele se referia a nós, querido – disse Rosamund. – Ao tio Richard, à tia Cora, à machadinha e tudo mais.

Ela voltou-se para Poirot:

– Não é verdade?

Poirot olhou para ela com expressão vazia. Então ele disse:

– Por que a senhora acha isso, madame?

– Porque o senhor é um detetive, não é? É por isso que está aqui. NARCO, ou como quer que o senhor a chame, é pura bobagem, não é?

I

Houve um momento de extraordinária tensão. Poirot sentiu-o, embora ele mesmo não tenha tirado os olhos do rosto adorável e tranquilo de Rosamund.

Ele disse, com uma pequena mesura:

– A senhora é muito perspicaz, madame.

– Não muito – falou Rosamund. – Apontaram-me o senhor certa vez, em um restaurante. Eu lembrei.

– Mas a senhora não o mencionou, até agora?

– Achei que seria mais divertido não fazê-lo – disse Rosamund.

Michael disse, mal conseguindo controlar a voz:

– Mas, querida.

Poirot passou então a olhar para ele.

Michael estava zangado. Zangado, e algo mais... apreensivo?

O olhar de Poirot passou devagar por todos os rostos à volta dele. O de Susan estava irritado e atento; o de Gregory parecia inexpressivo e introvertido; o da srta. Gilchrist, apalermado, com a boca bem aberta; o de George, desconfiado; o de Helen, consternado e nervoso...

Todas essas expressões eram normais sob as circunstâncias. Ele gostaria de ter visto seus rostos um décimo de segundo antes, quando as palavras “um

detetive” saíram dos lábios de Rosamund. Agora, inevitavelmente, eles não poderiam ser bem os mesmos...

Ele endireitou os ombros e fez-lhes uma mesura. Seu modo de falar e seu sotaque tornaram-se menos estrangeiros.

– Sim – disse ele. – Sou detetive.

George Crossfield disse, as mossas brancas aparecendo mais uma vez em cada lado do seu nariz:

– Quem o mandou aqui?

– Fui contratado para investigar as circunstâncias da morte de Richard Abernethie.

– Por quem?

– Por ora, isso não lhes diz respeito. Mas seria vantajoso se vocês pudessem ter certeza, para além de qualquer dúvida possível, de que Richard Abernethie teve uma morte natural, não seria?

– É claro que ele teve. Quem disse outra coisa?

– Cora Lansquenet disse. E Cora Lansquenet está morta.

Uma pequena onda de apreensão pareceu percorrer a sala como uma brisa maléfica.

– Ela o falou aqui, nesta sala – disse Susan. – Mas não achei...

– Não achou o que, Susan? – George Crossfield voltou a ela seu olhar sarcástico. – Por que continuar fingindo? Você não confia em monsieur Pontarlier?

– Na verdade, todos ficamos em dúvida – falou Rosamund. – E o nome dele não é Pontarlier, é Hercule alguma coisa.

– Hercule Poirot, ao seu serviço.

Poirot fez uma reverência.

Não houve arquejos de espanto ou apreensão. Seu

nome não parecia significar nada para eles. Estavam menos alarmados por sua causa do que pela simples palavra “detetive”.

– Pode-se saber a que conclusões o senhor chegou?

– Ele não lhe contará, querido – disse Rosamund. –

Ou, se contar, não dirá a verdade.

Ela era a única de toda a companhia que parecia estar se divertindo.

Hercule Poirot olhou-a pensativamente.

II

Hercule Poirot não dormiu bem naquela noite. Ele se sentia incomodado e não estava bem certo de por que se sentia incomodado. Fragmentos obscuros de conversas, vários olhares, movimentos esquisitos – tudo parecia carregado de significado atormentador na solidão da noite. Ele estava no limiar do sono, mas o sono não vinha. Quando estava prestes a adormecer, algo surgiu em sua mente e o acordou outra vez. Tinta – Timothy e tinta. Tinta a óleo – o cheiro de tinta a óleo, ligado de alguma forma ao sr. Entwistle. Tinta e Cora. As pinturas de Cora – quadros de cartões-postais... Cora trapaceava em sua pintura... Não, de volta ao sr. Entwistle – algo que o sr. Entwistle havia dito – ou fora Lanscombe?

Uma freira que esteve na casa no dia em que Richard Abernethie morreu. Uma freira de bigodes. Uma freira em Stansfield Grange – e em Lytchett St. Mary. Por certo, eram freiras demais! Rosamund parecendo glamorosa como freira no palco. Rosamund dizendo que ele era detetive, e todos a encarando quando ela falou. Do mesmo modo que devem ter encarado Cora naquele dia,

quando ela disse: “Mas ele foi assassinado, não foi?”. O que Helen Abernethie havia sentido estar “errado” naquela ocasião? Helen Abernethie deixando o passado para trás, indo a Chipre... Helen deixando cair as flores de cera com um estrondo quando ele dissera – o que foi que ele dissera? Não conseguia se lembrar direito...

Ele adormeceu então e, enquanto dormia, sonhou...

Poirot sonhou com a mesa de malaquita verde.

Sobre ela havia o suporte de vidro das flores de cera, mas tudo havia sido recoberto com uma camada de tinta a óleo, espessa e escarlate. Tinta cor de sangue. Ele podia sentir o cheiro da tinta, e Timothy dizia, gemendo, “Estou morrendo, morrendo... é o fim”. E Maude, parada ao lado, alta e severa, com uma faca grande na mão, ecoava, dizendo “Sim, é o fim...”. O fim – um leito de morte, com velas e uma freira rezando. Se ele apenas pudesse ver o rosto da freira, ele saberia...

Hercule Poirot acordou – e soube!

Sim, era o fim...

Embora houvesse um longo caminho pela frente.

Ele pôs em ordem as várias partes do mosaico.

O sr. Entwhistle, o cheiro de tinta, a casa de Timothy e algo que devia estar nela – ou poderia estar nela... – as flores de cera... Helen... vidro quebrado.

III

Helen Abernethie, em seu quarto, demorou a ir para a cama. Ela estava pensando.

Sentada diante da penteadeira, ela encarou o espelho, sem ver a própria imagem.

Ela havia sido forçada a receber Hercule Poirot. Ela

não o queria. Mas o sr. Entwhistle tornara o convite quase irrecusável. E agora, tudo estava às claras. Não havia mais como deixar Richard Abernethie descansar em paz. Tudo começara com aquelas poucas palavras de Cora...

No dia depois do funeral... Ela imaginava que expressão eles teriam. Como pareceram a Cora? Como ela mesma parecera?

O que George havia dito sobre ver a si mesmo?

Havia alguma citação também. Veremos a nós mesmos como os outros nos veem... Como os outros nos veem.

Os olhos que miravam o espelho sem ver a própria imagem subitamente entraram em foco. Ela estava vendo a si mesma, mas não realmente a si mesma, não como os outros a viam, não como Cora a vira naquele dia.

Sua sobrancelha direita, não, a esquerda, estava um pouco mais arqueada do que a direita. A boca? Não, a curva da boca era simétrica. Se ela encontrasse a si mesma, certamente não veria muita diferença desta imagem de espelho. Não como Cora.

Cora – o quadro apareceu com bastante clareza... Cora, no dia do funeral, sua cabeça pendendo para o lado, fazendo aquela pergunta, olhando para Helen...

De repente Helen levou as mãos ao rosto. Ela disse para si mesma: "Não faz sentido... não pode fazer sentido...".

IV

A srta. Entwhistle foi acordada, pela campainha do

telefone, de um sonho aprazível, no qual jogava Piquet com a rainha Mary.

Ela tentou ignorá-la, mas ela persistiu. Sonolenta, ela levantou a cabeça do travesseiro e olhou para o relógio ao lado da cama. Eram 6h55. Quem ligaria àquela hora? Devia ser engano.

O toque irritante continuou. A srta. Entwistle suspirou, apanhou um roupão e marchou até a sala de estar.

– Alô, Kensington 675498 – disse ela com rudeza ao atender.

– Aqui quem fala é a sra. Abernethie. A sra. Leo Abernethie. Posso falar com o sr. Entwistle?

– Bom dia, sra. Abernethie. – O “bom dia” não foi cordial. – Aqui é a srta. Entwistle. Temo que meu irmão ainda esteja dormindo. Eu mesma estava dormindo.

– Sinto muito. – Helen foi forçada a se desculpar. – Mas é muito importante que fale com seu irmão agora.

– Não poderia ser mais tarde?

– Temo que não.

– Então está bem.

A srta. Entwistle foi ácida.

Ela bateu de leve na porta do quarto do irmão e entrou.

– Aqueles Abernethies de novo! – ela falou amargamente.

– Eh! Os Abernethies?

– A sra. Leo Abernethie. Ligando antes das sete da manhã! Por favor!

– A sra. Leo, não? Meu Deus. Que extraordinário. Onde está meu roupão? Ah, obrigado.

Logo ele estava dizendo:

– Aqui é Entwhistle. É você, Helen?

– Sim. Sinto muito por tê-lo tirado da cama deste jeito. Mas o senhor disse-me certa vez para lhe telefonar assim que me lembrasse daquilo que me pareceu errado de alguma forma no dia do funeral, quando Cora nos deixou a todos pasmos ao sugerir que Richard havia sido assassinado.

– Ah! Você se lembrou?

Helen disse, com a voz confusa:

– Sim, mas é algo que não faz sentido.

– Você tem de deixar que eu decida isso. Foi algo a respeito de uma das pessoas?

– Sim.

– Conte-me.

– Parece absurdo. – A voz de Helen tinha um tom de desculpas. – Mas estou bastante certa. Aconteceu enquanto me olhava no espelho, na noite passada. Oh...

O breve grito sobressaltado foi sucedido por um ruído estranho vindo do outro lado linha, um ruído pesado e abafado que o sr. Entwhistle não conseguia distinguir.

Ele disse insistentemente:

– Alô, alô, você está na linha? Helen, alô?... Helen...

I

Foi somente quase uma hora depois que o sr. Entwistle, após muita conversa com supervisores e outros, viu-se finalmente falando com Hercule Poirot.

– Graças a Deus! – disse o sr. Entwistle com exasperação perdoável. – A telefonista parecia ter grande dificuldade em ligar para seu número.

– Isso não me surpreende. O fone estava fora do gancho.

Havia um tom severo na voz de Poirot que chegava ao ouvinte.

O sr. Entwistle disse bruscamente:

– Aconteceu alguma coisa?

– Sim. A sra. Leo Abernethie foi encontrada pela empregada no gabinete, há uns vinte minutos, caída ao lado do telefone. Ela estava inconsciente. Uma séria concussão.

– Você quer dizer que ela foi golpeada na cabeça?

– Acho que sim. Existe a possibilidade de que ela tenha caído e batido a cabeça no aparador de mármore da porta, mas não creio que isso tenha acontecido, e o médico é da mesma opinião.

– Ela estava falando comigo ao telefone naquele momento. Fiquei sem saber por que a ligação foi interrompida tão subitamente.

– Então era para você que ela estava telefonando? O que ela disse?

– Ela mencionou que há algum tempo, quando Cora Lansquenet sugeriu que o irmão havia sido assassinado, ela mesma teve um pressentimento de que algo estava errado – estranho – ela não sabia bem como definir. Infelizmente ela não conseguia se lembrar por que tivera aquela impressão.

– E, de repente, ela se lembrou?

– Sim.

– E ligou para você para lhe contar?

– Sim.

– Eh bien.

– Não há eh bien nenhum nesta história – disse o sr.

Entwhistle com impaciência.

– Ela começou a me contar, mas foi interrompida.

– O que ela conseguiu dizer?

– Nada pertinente.

– Você vai me desculpar, mon ami, mas quem decide isso sou eu, não você. O que ela disse, exatamente?

– Helen lembrou-me de que eu lhe havia pedido que me avisasse assim que ela se recordasse daquilo que achava peculiar. Ela disse que se lembrava, mas que “não fazia sentido”.

“Eu perguntei a ela se era alguma coisa a respeito de uma das pessoas que estiveram presentes naquele dia, e ela disse que sim, era. E disse haver se lembrado enquanto se olhava no espelho...”

– Sim?

– Foi só isso.

– Ela não deu indício algum quanto a qual dos presentes ela estava se referindo?

– É algo que dificilmente eu deixaria de mencionar

caso ela tivesse me contado – disse o sr. Entwhistle acidamente.

– Peço desculpas, mon ami. É claro que você teria me contado.

O sr. Entwhistle disse:

– Teremos de esperar até que ela recupere a consciência para sabermos.

Poirot respondeu de modo grave.

– É possível que leve muito tempo. Talvez nunca ocorra.

– A situação é tão ruim assim? – A voz do sr. Entwhistle tremeu um pouco.

– Sim, é tão ruim assim.

– Mas isso é terrível, Poirot.

– Sim, é terrível. E é por isso que não podemos esperar, pois este evento mostra que temos de lidar com alguém que está completamente determinado, ou tão assustado que chega a ser a mesma coisa.

– Mas veja bem, Poirot, e Helen? Estou preocupado. Você tem certeza de que ela estará segura em Enderby?

– Não, ela não estaria segura. De maneira que não está em Enderby. A ambulância já veio e a está levando a uma clínica onde ela terá enfermeiras especiais e onde ninguém, da família ou não, terá permissão para vê-la.

O sr. Entwhistle suspirou.

– Você me deixa aliviado! Ela poderia estar correndo perigo.

A voz do sr. Entwhistle soava profundamente emocionada.

– Tenho grande apreço por Helen Abernethie. Sempre tive. Uma mulher de caráter muito excepcional. Ela teve, talvez, certas... como direi?... reticências em

sua vida.

- Ah, houve reticências?
- Sempre presumi que assim fosse.
- Daí a vila no Chipre. Sim, isso explica muita

coisa...

- Não quero que você comece a pensar...
- Você não pode me impedir de pensar. Mas, agora,

há uma pequena missão que tenho para você. Um momento.

Houve uma pausa, então a voz de Poirot continuou.

– Tive de me certificar de que ninguém esteve ouvindo. Está tudo bem. Agora, é isto que quero que faça por mim. Você deve se preparar para fazer uma viagem.

– Uma viagem? – O sr. Enthiwstle soou um pouco desanimado. – Oh, compreendo, você quer que eu vá a Enderby?

– De forma alguma. Eu estou cuidando daqui. Não, você não terá de viajar para tão longe. Sua viagem não o levará para muito longe de Londres. Você irá a Bury St.

Edmunds (Ma foi! [\[11\]](#) Que nomes as suas cidades inglesas têm!) e lá terá de alugar um carro e ir a Forsdyke House. É um sanatório. Peça pelo dr. Penrith e pergunte a ele alguns pormenores sobre um paciente que foi recentemente liberado.

– Qual paciente? De qualquer maneira, por certo...

Poirot o interrompeu:

– O nome do paciente é Gregory Banks. Descubra para qual forma de insanidade ele estava sendo tratado.

– Você quer dizer que Gregory Banks é insano?

– Shh! Tenha cuidado com o que diz. E agora, eu ainda não fiz meu desjejum, e você, também, suspeito que não. Estou certo?

– Ainda não. Eu estava ansioso demais...

– Bastante. Então, peço-lhe que tome seu café da manhã e descanse. Há um bom trem para Bury St. Edmunds, ao meio-dia. Se eu tiver mais notícias, telefono antes de sua partida.

– Tenha cuidado com você mesmo, Poirot – disse o sr. Entwhistle, com alguma preocupação.

– Ah, isso, sim! Não quero ser atingido na cabeça por um aparador de porta feito de mármore. Esteja certo de que tomarei todas as precauções. E agora, por ora, adeus.

Poirot ouviu o ruído do fone sendo colocado no gancho, no outro lado da linha, então ouviu um segundo clique muito ligeiro – e sorriu para si mesmo. Alguém no vestíbulo havia recolocado o fone no gancho.

Ele foi até lá. Não havia ninguém. Ele caminhou na ponta dos pés até o guarda-louça atrás da escada e olhou para dentro. Naquele momento, Lanscombe saía pela porta de serviço carregando uma bandeja com torradas e um bule de prata. Ele parecia ligeiramente surpreso em ver Poirot emergir do guarda-louça.

– O café está pronto na sala de jantar, senhor – disse ele.

Poirot observou-o, pensativo.

O velho mordomo parecia pálido e abalado.

– Coragem – disse Poirot, batendo-lhe no ombro. –

Tudo vai ficar bem. Seria pedir demais que me sirvam uma xícara de café em meu quarto?

– Certamente, senhor. Vou mandar Janet levar o café, senhor.

Lanscombe olhou de maneira reprovadora para as costas de Hercule Poirot enquanto este subia a escada. Poirot trajava um roupão de seda exótico com desenhos de triângulos e quadrados.

“Estrangeiros!”, pensou Lanscombe amargamente. “Estrangeiros nesta casa! E a sra. Leo com uma concussão! Não sei onde chegaremos. Nada está igual desde que o sr. Richard morreu.”

Hercule Poirot já estava vestido quando Janet lhe trouxe o café. Seus murmúrios de solidariedade foram bem recebidos, pois ele salientou o choque que a descoberta devia ter causado a ela.

– Sim, de fato, senhor, nunca mais esquecerei o que senti quando abri a porta do gabinete, entrei com o aspirador de pó e vi a sra. Leo no chão. Ali estava ela, e tive certeza de que estava morta. Ela deve ter desmaiado enquanto estava ao telefone, e me chamou a atenção o fato de ela estar em pé àquela hora da manhã! Nunca a vi fazer isso.

– É mesmo de chamar a atenção! – ele acrescentou casualmente. – Suponho que ninguém mais estivesse acordado, não é?

– Na verdade, senhor, a sra. Timothy já estava acordada e ocupada. Ela sempre acorda muito cedo, costuma sair para caminhar antes do café da manhã.

– Ela é da geração que levanta cedo – disse Poirot,

anuido com a cabeça. – Quanto aos mais jovens, eles não acordam tão cedo, estou certo?

– Não, realmente não, senhor, estavam todos adormecidos quando fui servir-lhes o chá. E eu também estava atrasada, por causa do choque, de ter de chamar o médico e de beber eu mesma uma xícara antes de qualquer coisa, para me recuperar.

Ela saiu do quarto, e Poirot refletiu sobre o que ela havia dito.

Maude Abernethie já estava em pé e ativa, enquanto a geração mais nova estava na cama. Mas isso, Poirot refletiu, não significava nada. Qualquer um poderia ter ouvido a porta de Helen abrir-se e fechar-se, e tê-la seguido para ouvir-lhe a conversa – e mais tarde garantiria que esteve na cama, dormindo profundamente.

“Mas se eu estiver certo”, pensou Poirot, “e, afinal de contas, é natural que eu esteja certo – é um hábito que tenho! –, então não há necessidade de verificar quem esteve aqui ou ali. Primeiro, tenho de buscar provas onde eu tenha deduzido que elas possam estar. E, então, faço meu pequeno discurso, retiro-me de cena e vejo o que acontece...”

Tão logo Janet havia deixado o quarto, Poirot tomou depressa sua xícara de café, vestiu seu sobretudo e seu chapéu, saiu do quarto, desceu agilmente a escada dos fundos e saiu da casa pela porta lateral. Ele caminhou a passos rápidos os quatrocentos metros até a agência dos correios, onde pediu uma ligação de longa distância. Logo, Poirot estava falando mais uma vez com o sr. Entwhistle.

– Sim, sou eu outra vez! Não leve a sério a missão que eu lhe havia confiado. C’était une blague!^[12]

Alguém estava escutando. Agora, mon vieux^[13], vamos à verdadeira missão. Você deve, como eu disse, tomar o trem. Mas não para Bury St. Edmunds. Quero que você vá até a casa do sr. Timothy Abernethie.

– Mas Timothy e Maude estão em Enderby.

– Exatamente. Não há ninguém na casa, a não ser uma mulher chamada Jones, que foi persuadida, por uma oferta de considerável largesse^[14], a cuidar da casa enquanto eles estiverem ausentes. O que quero que você faça é tirar um determinado objeto daquela casa!

– Meu caro Poirot! Não posso rebaixar-me a ponto de cometer um roubo!

– Não parecerá roubo. Você dirá à excelente sra. Jones que o conhece, que o sr. e a sra. Abernethie haviam lhe pedido para buscar esse objeto em particular e levá-lo a Londres. Ela não suspeitará de nada.

– Não, não, provavelmente não. Mas não gosto da ideia. – O sr. Entwistle souu bastante relutante. – Por que você mesmo não vai até lá e apanha seja lá o que for?

– Porque, meu amigo, eu seria um estranho de aparência estrangeira e, como tal, um indivíduo suspeito, e a sra. Jones não demoraria em criar dificuldades! Com você, ela não o fará.

– Compreendo. Mas que diabos Timothy e Maude pensarão quando ficarem sabendo? Eu os conheço há mais de quarenta anos.

– E você conhecia Richard Abernethie pelo mesmo tempo! E você conheceu Cora Lansquet quando ela era uma garotinha!

Com voz martirizada, o sr. Entwhistle perguntou:

– Você tem certeza de que isso é necessário, Poirot?

– A velha pergunta dos pôsteres da época da guerra. Sua viagem é realmente necessária? Garanto-lhe que ela é necessária. É vital!

– E qual é o objeto que tenho de buscar?

Poirot disse-lhe.

– Mas realmente, Poirot, não entendo...

– Não é necessário que você entenda. Eu entendo.

– E o que você quer que eu faça com a maldita coisa?

– Você vai levá-la a Londres, até um endereço em Elm Park Gardens. Se tiver um lápis, tome nota.

Tendo feito isso, o sr. Entwhistle disse, ainda na sua voz martirizada:

– Espero que você saiba o que faz, Poirot.

Ele soou bastante hesitante, mas a resposta de Poirot não foi de forma alguma hesitante.

– É claro que sei o que faço. Estamos próximos do fim.

O sr. Entwhistle suspirou.

– Se apenas pudéssemos adivinhar o que Helen esteve prestes a me dizer...

– Não é preciso adivinhar, eu sei.

– Você sabe? Mas, meu caro Poirot...

– Explicações têm de esperar. Mas deixe-me lhe assegurar disto: sei o que Helen Abernethie viu quando olhou para o espelho.

O café da manhã fora uma refeição apreensiva. Rosamund e Timothy não apareceram, mas os outros estavam lá e haviam conversado em tom baixo, e comido um pouco menos do que de costume.

George foi o primeiro a recuperar o ânimo. Seu temperamento era vivaz e otimista.

– Acredito que a tia Helen ficará bem – disse ele. – Os médicos sempre tentam dramatizar as coisas. Afinal de contas, o que é uma concussão? Muitas vezes ela passa em um ou dois dias.

– Conheci uma mulher que sofreu uma concussão durante a guerra – disse a srta. Gilchrist, puxando assunto. – Um tijolo ou algo assim acertou-a enquanto ela caminhava pela Tottenham Court Road. Foi durante os bombardeios aéreos, e ela não sentiu nada. Somente continuou o que estava fazendo, e desmaiou em um trem para Liverpool, doze horas depois. E vocês não vão acreditar, ela não tinha nenhuma lembrança de ir à estação e tomar o trem ou qualquer coisa. Ela simplesmente não conseguia entender o que havia acontecido, quando acordou no hospital. Ficou internada por quase três semanas.

– O que não consigo entender – falou Susan – é o que Helen queria ao telefonar àquela hora absurda, e para quem ela estava ligando.

– Ela sentiu-se mal – disse Maude com decisão. – É provável que tenha se sentido desconfortável ao acordar e desceu para chamar o médico. Então teve um acesso de vertigem e caiu. É a única coisa que faz sentido.

– Que azar bater a cabeça naquele aparador – disse Michael. – Se ela tivesse conseguido se lançar sobre aquele tapete espesso, ela estaria bem.

A porta se abriu, e Rosamund entrou, de cenho franzido.

– Não consigo encontrar aquelas flores de cera – disse ela. – Refiro-me àquelas que estavam sobre a mesa de malaquita no dia do funeral do tio Richard. – Ela olhou acusadoramente para Susan. – Você as pegou?

– É claro que não! Ora, Rosamund, não acredito que você ainda esteja pensando em mesas de malaquita, enquanto a pobre Helen está no hospital com uma concussão.

– Não vejo por que não deva pensar nelas. Se você teve uma concussão, você não sabe o que está acontecendo e não lhe importa. Não podemos fazer nada por tia Helen, e Michael e eu temos de voltar para Londres amanhã na hora do almoço, porque nos encontraremos com Jackie Lygo para falar sobre as datas de estreia de O progresso do baronete. Por isso quero que se decida de uma vez o assunto da mesa. Mas eu gostaria de dar uma olhada naquelas flores de cera de novo. Há um tipo de vaso chinês na mesa agora, bonito, mas nem de perto tão de época. Pergunto-me onde elas estão. Talvez Lanscombe saiba.

Lanscombe acabara de entrar para ver se eles haviam terminado o café.

– Já terminamos, Lanscombe – disse George levantando-se. – O que aconteceu a nosso amigo estrangeiro?

– Ele está tomando seu café com torradas no quarto,

senhor.

– Petit déjeuner [\[15\]](#) para a OCARE.

– Lanscombe, você sabe onde estão aquelas flores de cera que costumavam ficar naquela mesa verde, na sala de estar? – perguntou Rosamund.

– Creio que a sra. Leo teve um acidente com elas, madame. Ela estava para encomendar uma luminária, mas acho que ainda não a providenciou.

– Então onde estão elas?

– É possível que estejam no guarda-louça atrás da escada, madame. É ali que se costuma pôr as coisas que aguardam conserto. Devo verificar para a senhora?

– Eu mesma farei isso. Venha comigo, Michael querido. Está escuro ali, e não entrarei sozinha em nenhum canto escuro depois do que aconteceu à tia Helen.

Todos reagiram de maneira brusca. Maude exigiu, com sua voz profunda:

– O que você quer dizer com isso, Rosamund?

– Bem, ela foi atingida por alguém, não foi?

Gregory Banks disse energicamente:

– Ela sentiu-se tonta de repente e caiu.

Rosamund riu.

– Ela contou isso a você? Não seja tolo, Greg, é claro que ela levou uma pancada.

George disse bruscamente:

– Você não deve dizer coisas assim, Rosamund.

– Que bobagem – disse Rosamund. – Ela deve ter sido atacada. Quero dizer, tudo faz sentido. Um detetive na casa procurando pistas, tio Richard envenenado, tia Cora morta com uma machadinha, a srta. Gilchrist ganhando um bolo de casamento envenenado, e agora a

tia Helen atingida com um instrumento contundente. Vocês verão, isso continuará. Seremos mortos um após o outro, e aquele que restar será Ele, quero dizer, o assassino. Mas não serei eu quem será morta, vejam bem.

– E por que alguém iria querer matá-la, bela Rosamund? – perguntou George alegremente.

Rosamund arregalou os olhos.

– Oh – disse ela. – Porque sei demais, é claro.

– O que você sabe? – Maude Abernethie e Gregory Banks falaram quase em uníssono.

Rosamund deu seu sorriso distante e angelical.

– Vocês todos não gostariam de saber? – disse ela, com leveza. – Vamos, Michael.

I

Às onze horas, Hercule Poirot convocou uma reunião informal na biblioteca. Todos estavam ali, e Poirot olhou pensativamente para o semicírculo de rostos.

– Na noite passada – disse ele –, a sra. Shane revelou-lhes que sou um detetive particular. Por mim, eu esperava manter minha camuflagem, digamos assim, por um pouco mais de tempo. Mas não importa! Hoje ou no máximo amanhã eu lhes teria contado a verdade. Por favor, ouçam agora com cuidado o que tenho a dizer.

“Sou, em minha linha de trabalho, uma pessoa conhecida; eu diria até muito conhecida. Meus talentos, na realidade, são inigualáveis.”

George Crossfield riu e disse:

– Bem falado, monsieur Pont... não, é monsieur Poirot, não é? Engraçado, não é, que eu nunca tenha ouvido falar do senhor?

– Não é engraçado – disse Poirot severamente. – É lamentável! Ai de mim, não existe mais instrução adequada hoje em dia. Pelo visto, as pessoas só aprendem economia, e como passar em testes de inteligência. Mas continuando. Sou amigo de muitos anos do sr. Entwhistle...

– Então ele é a mosca na sopa?

– Se o senhor preferir se expressar dessa maneira, sr.

Crossfield! O sr. Entwhistle ficou muito incomodado com a morte de seu velho amigo, sr. Richard Abernethie. Ele perturbou-se particularmente com algumas palavras ditas no dia do funeral pela irmã do sr. Abernethie, sra. Lansquet. Palavras ditas nesta mesma sala.

– Uma grande bobagem, própria de Cora – disse Maude. – O sr. Entwhistle deveria ter o bom-senso de não lhe dar atenção!

Poirot prosseguiu:

– O sr. Entwhistle ficou ainda mais perturbado após a, digamos, coincidência da morte da sra. Lansquet. Ele queria apenas uma coisa: ter certeza de que a morte fora uma coincidência. Em outras palavras, ele queria certificar-se de que Richard Abernethie tivera morte natural. Para tal fim, ele me contratou para fazer as investigações necessárias.

Houve uma pausa.

– Eu as fiz...

Mais uma vez houve uma pausa. Ninguém falou.

Poirot inclinou a cabeça para trás.

– Eh bien, vocês ficarão satisfeitos em ouvir que, como resultado das minhas investigações, não há absolutamente razão alguma para acreditar que o sr. Abernethie tenha morrido por qualquer outra razão que não seja morte natural. Não há nenhuma razão para acreditar que ele foi assassinado! – Ele sorriu, então jogou as mãos para o alto, em um gesto triunfante. – É uma boa notícia, não é?

Parecia não ser, pela maneira com que eles a receberam. Eles o encararam e, nos olhos de todos, com

uma única exceção, ainda parecia haver dúvida e suspeita.

A exceção era Timothy Abernethie, que anuíu com um gesto de violenta concordância.

– É claro que Richard não foi assassinado – disse ele, zangado. – Nunca pude compreender por que alguém pensaria uma coisa dessas por um momento que fosse! Só Cora com suas manias, só isso. Querendo nos assustar a todos. A sua ideia de ser engraçada. A verdade é que, apesar de ela ter sido minha própria irmã, sempre foi um pouco retardada, pobre garota. Bem, senhor qualquer-que-seja-seu-nome, fico contente de que o senhor tenha o bom-senso de chegar à conclusão correta, embora, se me perguntassem, eu diria que foi uma maldita desfaçatez de Entwistle contratá-lo para sair xeretando por aí. E, se ele acha que descontará seus honorários de nossa herança, posso garantir-lhe que sairá de mãos vazias! Maldita desfaçatez, e realmente impertinente! Quem é Entwistle para se intrometer desse jeito? Se a família estava satisfeita...

– Mas a família não estava, tio Timothy – disse Rosamund.

– Hein? Que história é essa?

Timothy a espiou com uma carranca de desprazer.

– Não estávamos satisfeitos. E tia Helen, hoje de manhã?

Maude disse bruscamente:

– Helen está na idade exata em que se corre o risco de ter um derrame. Nada além disso.

– Compreendo – disse Rosamund. – Mais uma

coincidência, você acha?

Ela olhou para Poirot.

– O senhor não acha que há coincidências demais?

– Coincidências – disse Hercule Poirot – acontecem.

– Besteira – disse Maude. – Helen sentiu-se mal, desceu para chamar o médico, e então...

– Mas ela não ligou para o médico – disse Rosamund. – Eu perguntei a ele...

Susan disse bruscamente:

– Para quem ela ligou?

– Não sei – disse Rosamund, e uma sombra de embaraço passou por seu rosto.

– Mas ousei dizer que descobrirei – ela acrescentou de maneira esperançosa.

II

Hercule Poirot estava sentado no bangalô vitoriano. Ele tirou do bolso seu grande relógio e colocou-o na mesa à sua frente.

Ele havia anunciado que partiria no trem do meio-dia. Ainda restava meia hora. Meia hora para alguém tomar uma decisão e vir até ele. Talvez mais de uma pessoa...

O bangalô era claramente visível da maioria das janelas da casa. Certamente, logo, alguém viria.

Se não, seu conhecimento da natureza humana era deficiente, e suas principais premissas estavam incorretas.

Ele aguardou – e acima de sua cabeça uma aranha em sua teia esperava por uma mosca.

Foi a srta. Gilchrist quem veio primeiro. Ela estava confusa, nervosa e um tanto incoerente.

– Oh, sr. Pontarlier, não consigo lembrar o seu outro nome – disse ela. – Eu tive de vir falar com o senhor, embora não me agrade, mas senti que deveria fazê-lo. Quero dizer, após o que aconteceu com a pobre sra. Leo esta manhã... E sou da opinião que a sra. Shane estava bastante certa, e não foi uma coincidência e muito menos um derrame, como sugeriu a sra. Timothy, porque meu próprio pai teve um derrame e parecia algo bem diferente, e de qualquer maneira o médico disse “concussão” com muita clareza!

Ela fez uma pausa, respirou fundo e fitou Poirot com olhar suplicante.

– Sim – disse Poirot, gentil e encorajador. – A senhorita quer me contar alguma coisa?

– Como eu disse, não gosto de fazer isso, porque ela foi tão gentil... Ela me conseguiu o emprego com a sra. Timothy e tudo mais. Ela foi gentil demais. É por isso que me sinto tão ingrata. E ela deu-me até mesmo o casaco de pele de rato almiscarado, que é muito elegante e me cai perfeitamente, porque não faz diferença se casacos de pele ficam um pouco grandes. E quando eu quis devolver o broche de ametista dela, ela fez questão de que eu o mantivesse...

– A senhorita se refere – disse Poirot delicadamente – à sra. Banks?

– Sim, veja bem... – A srta. Gilchrist olhou para baixo, torcendo os dedos e parecendo infeliz. Ela ergueu os olhos e disse de um fôlego só: – Eu ouvi!

– A senhorita quer dizer que ouviu, por acaso, uma conversa...

– Não. – A srta. Gilchrist balançou a cabeça com um ar de heroica determinação. – É melhor falar a verdade. E não é tão ruim contar-lhe, porque o senhor não é inglês.

Hercule Poirot compreendeu-a sem se ofender.

– A senhorita acha que para um estrangeiro é natural que as pessoas escutem junto às portas e abram cartas, ou leiam cartas que são deixadas por aí?

– Oh, eu nunca abriria as cartas de outra pessoa – disse a srta. Gilchrist com um tom chocada. – Isso não. Mas eu ouvi, naquele dia, o dia em que o sr. Richard Abernethie apareceu para visitar a irmã. Eu estava curiosa, sabe, a respeito da aparição súbita dele, depois de todos aqueles anos. Perguntei-me por que... e... e... sabe, quando não se tem vida própria ou muitos amigos, você tende a se interessar... Quero dizer, quando se está vivendo com alguém.

– Muito natural – disse Poirot.

– Sim, acho que era natural... Apesar de não ter sido correto, é claro. Mas eu o fiz! Ouvi o que ele disse!

– A senhorita ouviu o que o sr. Abernethie disse à sra. Lansquet?

– Sim. Ele disse algo como “Não é bom falar com Timothy. Ele faz pouco de tudo. Simplesmente não ouve. Mas achei que gostaria de desabafar com você, Cora. Nós três somos os únicos que sobraram. E, embora sempre tenha gostado de bancar a pateta, você é uma pessoa bastante sensata. Então o que você faria em meu lugar?” Não pude ouvir bem o que a sra. Lansquet disse, mas ouvi a palavra polícia, e então o sr. Abernethie irrompeu em voz alta, e disse: “Não posso fazer isso. Não quando se trata de minha própria

sobrinha.”

“Então eu tive de correr à cozinha, por causa de algo que estava fervendo e, quando voltei, o sr. Abernethie estava dizendo: ‘Mesmo que eu sofra uma morte antinatural, não quero que a polícia seja chamada, se houver uma chance de isso ser evitado. Você entende, não é, minha querida? Mas não se preocupe. Agora que sei, tomarei todas as precauções.’ E ele continuou, dizendo que havia feito um novo testamento, e que ela, Cora, ficaria muito bem. E então ela falou de como havia sido feliz com o marido e de como o senhor Abernethie talvez o houvesse julgado mal no passado.”

A srta. Gilchrist parou. Poirot disse:

– Compreendo, compreendo...

– Mas eu nunca quis dizer isso, contar para alguém. Não achei que a sra. Lansquenet iria querer... Mas agora, após a sra. Leo ter sido atacada esta manhã, e então o senhor dizer com toda calma que era uma coincidência... Mas, monsieur Pontarlier, não foi uma coincidência!

Poirot sorriu. Ele disse:

– Não, não foi uma coincidência... Obrigado, srta. Gilchrist, por me procurar. Era muito necessário que a senhorita o fizesse...

III

Ele teve um pouco de dificuldade em se livrar da srta. Gilchrist, o que precisava fazer com urgência, pois esperava por mais confidências.

Seu instinto estava certo. A srta. Gilchrist mal havia saído quando Gregory Banks, avançando a passos largos pelo gramado, entrou impetuosamente no bangalô. Seu

rosto estava pálido e havia gotas de suor em sua testa. Seus olhos estavam curiosamente excitados.

– Até que enfim! – disse ele. – Achei que aquela mulher estúpida não iria mais embora. O senhor esteve errado por completo no que disse esta manhã. Errado sobre tudo. Richard Abernethie foi assassinado. Eu o matei.

Hercule Poirot deixou seus olhos percorrerem o jovem perturbado, de cima a baixo. Ele não demonstrou surpresa.

– Então o senhor o matou? Como?

Gregory Banks sorriu.

– Não foi difícil para mim. Por certo, o senhor pode imaginar. Havia quinze ou vinte drogas diferentes em que eu poderia colocar as mãos e que fariam o serviço. O método de administração exigiu mais planejamento, mas tive uma ideia muito engenhosa no final. A beleza dela foi que não precisei estar nem sequer próximo no momento da morte.

– Inteligente – disse Poirot.

– Sim. – Gregory Banks baixou o olhar modestamente. Ele parecia satisfeito. – Sim, acho que foi engenhoso.

Poirot perguntou, com interesse.

– Por que o senhor o matou? Pelo dinheiro que sua esposa herdaria?

– Não. Não, claro que não. – Greg tornou-se subitamente agitado e indignado. – Não sou um interesseiro. Não casei com Susan pelo dinheiro dela!

– Tem certeza, sr. Banks?

– Era o que ele pensava – disse Greg com súbito veneno. – Ele gostava de Susan, ele a admirava, ele

tinha orgulho dela, como exemplar do sangue Abernethie! Mas ele achava que ela havia casado com alguém abaixo do seu nível, ele achava que eu não prestava, ele me desprezava! Ouso dizer que eu não tinha o sotaque certo, não me vestia da maneira certa. Ele era um esnobe, um maldito esnobe!

– Não creio – disse Poirot suavemente. – Pelo que ouvi de Richard Abernethie, ele não era um esnobe.

– Ele era. Ele era. – Havia na voz do jovem algo próximo da histeria. – Ele não tinha a menor consideração por mim. Ele me desprezava, sempre muito educado, mas, no fundo, eu podia ver que ele não gostava de mim!

– Possivelmente.

– Ninguém pode me tratar daquele modo e sair impune! Já tentaram antes! Havia uma mulher que costumava encomendar remédios na farmácia em que eu trabalhava. Ela foi rude comigo. O senhor sabe o que fiz?

– Sim – disse Poirot.

Gregory pareceu surpreso.

– Então o senhor sabe?

– Sim.

– Ela quase morreu. – Ele falou de maneira satisfeita. – Isso mostra ao senhor que não sou do tipo de quem se pode zombar! Richard Abernethie me desprezava, e o que aconteceu com ele? Ele morreu.

– Um assassinato muito bem-sucedido – falou Poirot com grave congratulação. Ele acrescentou: – Mas por que vir até aqui para se entregar a mim?

– Porque o senhor disse que já havia encerrado o caso! O senhor disse que ele não havia sido assassinado.

Tive de lhe mostrar que o senhor não é tão inteligente quanto pensa e, além disso... além disso...

– Sim – disse Poirot. – E além disso?

Greg desabou sobre o banco, subitamente. Seu rosto mudou, assumindo um súbito ar extático.

– Foi errado, cruel... Eu devo ser punido... Tenho de voltar para lá, para o lugar da punição... para expiar... Sim, para expiar! Arrependimento! Castigo!

Seu rosto agora estava iluminado com uma espécie de êxtase ardente. Poirot o estudou por alguns momentos, com curiosidade.

Então ele perguntou:

– Até que ponto o senhor iria para se livrar de sua esposa?

O rosto de Gregory mudou.

– Susan? Susan é maravilhosa, maravilhosa!

– Sim. Susan é maravilhosa. É um sério fardo. Susan o ama com devoção. Isso também é um fardo?

Gregory ficou imóvel diante dele. Então ele disse, como uma criança amuada:

– Por que ela não me deixa em paz?

Ele levantou-se, de salto.

– Ela está vindo agora, pelo gramado. Vou embora agora. Mas o senhor dirá a ela o que lhe contei? Diga-lhe que fui à delegacia de polícia. Para confessar.

IV

Susan entrou na sala sem fôlego.

– Onde está o Greg? Ele estava aqui! Eu o vi.

– Sim. – Poirot fez uma pausa por um momento, antes de dizer: – Ele veio contar-me que foi ele quem

envenenou Richard Abernethie...

– Mas que bobagem! O senhor não acreditou nele, não é?

– Por que eu não deveria acreditar nele?

– Ele não estava nem perto daqui quando tio Richard morreu!

– Talvez não. Onde ele estava quando Cora Lansquet morreu?

– Em Londres. Nós dois estávamos.

Hercule Poirot balançou a cabeça.

– Não, não, isso não é o suficiente. A senhora, por exemplo, saiu com seu carro naquele dia e esteve fora a tarde inteira. Acho que sei onde a senhora foi. A senhora foi a Lytchett St. Mary.

– Eu não fiz isso!

Poirot sorriu.

– Quando a encontrei aqui, madame, como disse, não era a primeira vez em que a via. Após o inquérito da sra. Lansquet, a senhora esteve na garagem do King's Arms. Falou com um mecânico lá e, próximo da senhora, havia um carro dentro do qual estava um idoso cavalheiro estrangeiro. A senhora não notou aquele cavalheiro, mas ele a notou.

– Não sei onde o senhor quer chegar. Aquele foi o dia do inquérito.

– Ah, mas lembre-se do que aquele mecânico disse à senhora! Ele perguntou se era parente da vítima, e a senhora disse que era sobrinha.

– Ele só estava sendo lúgubre. Eles são todos lúgubres.

– E suas palavras seguintes foram: "Ah, não sei onde já a vi antes". Onde ele a havia visto antes, madame?

Deve ter sido em Lytchett St. Mary, já que, para ele, a impressão de tê-la visto antes se explicava pelo fato de a senhora ser sobrinha da sra. Lansquenet. Ele a havia visto próxima do chalé? E quando? Era uma questão a ser investigada. E o resultado da investigação é que a senhora esteve em Lytchett St. Mary na tarde em que Cora Lansquenet morreu. A senhora estacionou o carro na mesma pedreira onde o havia deixado na manhã do inquérito. O carro foi visto, e o número da placa, anotado. A esta altura o inspetor Morton já sabe de quem é o carro.

Susan o encarou. Sua respiração estava um tanto ofegante, mas ela não deu qualquer sinal de perturbação.

– O senhor está falando bobagens, monsieur Poirot. E está me fazendo esquecer o que vim até aqui para dizer. Eu queria tentar encontrá-lo sozinho...

– Para confessar que foi a senhora, e não seu marido, quem cometeu o assassinato?

– Não, é claro que não. Que tipo de idiota o senhor acha que sou? E eu já lhe disse que Gregory não saiu de Londres naquele dia.

– Um fato que a senhora não teria como saber, já que havia saído também. Por que a senhora foi a Lytchett St. Mary, senhora Banks?

Susan respirou fundo.

– Tudo bem, se tiver de ser assim! O que Cora disse no funeral preocupou-me. Fiquei pensando a respeito. Por fim, decidi ir até lá de carro para vê-la, e perguntar-lhe o que havia dado a ela aquela ideia. Greg achou que era bobagem minha, por isso nem sequer contei a ele para onde eu estava indo. Cheguei lá em torno das três

horas, bati à porta e toquei a campainha, mas não houve resposta, de modo que pensei que ela devia estar fora, ou viajando. Isso é tudo. Não dei a volta até os fundos do chalé. Se o tivesse feito, talvez visse a janela quebrada. Eu simplesmente voltei para Londres sem fazer a menor ideia de que havia alguma coisa errada.

A expressão de Poirot estava indiferente. Ele disse:

– Por que seu marido se acusa do crime?

– Porque ele... – uma palavra vacilou na língua de Susan e foi rejeitada.

Poirot aproveitou a oportunidade.

– A senhora iria dizer “porque ele é maluco” falando de brincadeira, mas a brincadeira seria muito próxima da verdade, não é?

– Greg está bem. Está, sim.

– Sei um pouco da história dele – disse Poirot. – Ele esteve por alguns meses no sanatório Forsdyke, antes de conhecê-la.

– Ele nunca foi declarado insano. Era um paciente voluntário.

– Isso é verdade. Não se pode, concordo, classificá-lo como insano. Mas ele é, sem dúvida, desequilibrado. Tem um complexo de punição, e o tem, suspeito, desde a infância.

Susan falou rápida e ansiosamente:

– O senhor não compreende, monsieur Poirot. Greg nunca teve uma chance. É por isso que eu queria tanto o dinheiro do tio Richard. Tio Richard era tão pragmático. Ele não conseguia entender. Eu sabia que Greg precisava andar com as próprias pernas. Ele tinha de sentir que era

alguém, não apenas um assistente de farmacêutico, recebendo ordens de todos. Tudo será diferente agora. Ele terá seu próprio laboratório. Poderá criar suas próprias fórmulas.

– Sim, sim, a senhora dará a ele o mundo, porque o ama. Amor demais para segurança ou felicidade. Mas a senhora não pode dar às pessoas o que elas são incapazes de receber. No fim das contas, ele ainda será algo que não quer ser...

– E o que é?

– Marido de Susan.

– Como o senhor é cruel! E como diz tolices!

– Quando se trata de Gregory Banks, a senhora é inescrupulosa. A senhora queria o dinheiro de seu tio não para si, mas para seu marido. Até que ponto a senhora chegaria para consegui-lo?

Enraivecida, Susan deu as costas e foi embora.

V

– Achei – disse Michael Shane, de maneira simpática – que deveria dar uma passada aqui para dizer adeus.

Ele sorriu, e seu sorriso tinha uma qualidade única e inebriante.

Poirot estava consciente do charme vital do homem.

Ele estudou Michael Shane por alguns momentos, em silêncio. Percebeu que ele era quem menos conhecia, entre todos os reunidos na casa, pois Michael Shane deixava exposto somente o lado de si mesmo que queria mostrar.

– A sua esposa – disse Poirot, iniciando conversa – é

uma mulher bastante incomum.

Michael ergueu as sobrancelhas.

– O senhor acha? Ela é adorável, concordo. Mas não é notável por sua inteligência, como vim a descobrir.

– Ela nunca vai tentar ser inteligente demais – concordou Poirot. – Mas ela sabe o que quer. – Ele suspirou. – Tão poucas pessoas sabem.

– Ah! – Michael voltou a sorrir. – Pensando na mesa de malaquita?

– Talvez. – Poirot fez uma pausa e acrescentou: – E no que estava sobre ela.

– As flores de cera, o senhor quer dizer?

– As flores de cera.

Michael franziu o cenho.

– Nem sempre o entendo muito bem, monsieur Poirot. Entretanto – o sorriso apareceu de novo –, mal consigo expressar o quanto agradecido me sinto por termos nos livrado dessa situação. É desagradável, para dizer o mínimo, conviver com a suspeita de que, de alguma forma, qualquer um de nós possa haver assassinado o pobre e velho tio Richard.

– É assim que ele parecia quando o senhor o encontrou? – perguntou Poirot. – Pobre e velho tio Richard?

– É claro que ele estava bem conservado e tudo mais...

– E tinha total domínio de suas faculdades mentais...

– Ah, sim.

– E, na realidade, bastante astuto?

– Eu diria que sim.

– Um juiz astuto de caráter.

O sorriso permaneceu inalterado.

– O senhor não pode esperar que eu concorde com isso, monsieur Poirot. Ele não me aprovava.

– Ele achava que o senhor fosse, talvez, do tipo infiel? – sugeriu Poirot.

Michael riu.

– Que ideia antiquada!

– Mas é verdade, não é?

– Gostaria de saber o que o senhor quer dizer com isso.

Poirot encostou umas nas outras as pontas dos dedos das mãos.

– Foram feitas investigações, compreende? – ele murmurou.

– Pelo senhor?

– Não somente por mim.

Michael Shane lançou-lhe um olhar ligeiro, avaliador. Suas reações, notou Poirot, eram rápidas. Michael Shane não era nenhum idiota.

– O senhor quer dizer... que a polícia está interessada?

– Eles não estão muito convencidos de que o assassinato de Cora Lansquenet tenha sido um crime casual, o senhor entende?

– E estão investigando a mim?

Poirot disse formalmente:

– Eles estão interessados nos movimentos dos parentes da sra. Lansquenet, no dia em que ela foi morta.

– Isso é constrangedor demais. – Michael falou de um modo confidencial e pesaroso que era encantador.

– É mesmo, sr. Shane?

– Mais do que o senhor possa imaginar! Veja bem, eu disse a Rosamund que estava almoçando com um certo Oscar Lewis, naquele dia.

– Quando, na realidade, o senhor não estava?

– Não. Na verdade, saí de carro para me encontrar com uma mulher chamada Sorrel Dainton, uma atriz bastante conhecida. Contracenei com ela em seu último espetáculo. É uma situação bastante constrangedora, veja o senhor, pois, apesar de ser um álibi bastante satisfatório para a polícia, não funcionará tão bem com Rosamund.

– Ah! – Poirot soou discreto. – Ocorreu um pequeno problema devido a essa sua amizade?

– Sim... Na realidade, Rosamund fez-me prometer que eu não a veria mais.

– Sim, compreendo que isso pode ser constrangedor... Entre nous, o senhor teve um caso com a dama?

– É apenas uma dessas coisas que acontecem! Não é como se eu gostasse dela, de maneira alguma.

– Mas ela gosta do senhor?

– Bem, ela tem sido um grande aborrecimento... Mulheres são assim. Entretanto, como o senhor disse, a polícia, pelo menos, ficará satisfeita.

– O senhor acha?

– Bem, é improvável que eu estivesse atacando Cora com uma machadinha, se estava flertando com Sorrel a quilômetros e quilômetros de distância. Ela tem um chalé em Kent.

– Compreendo, compreendo, e esta srta. Dainton testemunhará a favor do senhor?

– Ela não ficará contente, mas é um assassinato,

então imagino que ela terá de fazê-lo.

– Ela testemunharia, talvez, mesmo que o senhor não houvesse estado lá flertando com ela.

– O que o senhor quer dizer? – Michael pareceu subitamente furioso como um touro.

– A dama gosta do senhor. Quando estão amando, as mulheres juram a verdade, e também a mentira.

– O senhor quer dizer que não acredita em mim?

– Não importa se eu acredito no senhor ou não. Não é a mim que o senhor tem de convencer.

– A quem, então?

Poirot sorriu.

– Ao inspetor Morton, que acaba de chegar ao terraço pela porta lateral.

Michael Shane virou-se bruscamente.

I

– Disseram-me que o senhor estava aqui, monsieur Poirot – afirmou o inspetor Morton.

Os dois homens estavam andando juntos pelo terraço.

– Vim com o superintendente Parwell, de Matchfield. O dr. Larraby ligou para ele a respeito da sra. Leo Abernethie, e ele quis vir para cá buscar algumas respostas. O médico não estava satisfeito.

– E você, amigo – perguntou Poirot –, onde se encaixa nessa história? Você está bem longe da sua nativa Berkshire.

– Eu queria fazer algumas perguntas, e as pessoas que eu queria questionar pareciam estar muito convenientemente reunidas aqui. – Ele fez uma pausa antes de acrescentar: – Trabalho seu?

– Sim, meu trabalho.

– E, como consequência disso, a sra. Leo Abernethie leva uma pancada na cabeça.

– Você não deve me culpar por isso. Se ela tivesse me procurado... Mas não o fez. Em vez disso, ela ligou para seu advogado em Londres.

– E estava prestes a contar tudo a ele quando... bum!

– Quando, como você bem diz, bum!

– E o que foi que ela conseguiu contar a ele?

– Muito pouco. Apenas que estava se olhando no espelho.

– Ah! Bem – disse o inspetor Morton filosoficamente.

– Mulheres fazem isso – ele olhou de maneira aguda para Poirot. – Isso lhe sugere algo?

– Sim, acho que sei o que ela iria contar a ele.

– O senhor é um grande adivinhador, não é? Sempre foi. Bem, o que era?

– Desculpe-me, você está investigando a morte de Richard Abernethie?

– Oficialmente, não. Na verdade, é claro, se tiver qualquer relação com o assassinato da sra. Lansquenet...

– Tem relação com ele, sim. Mas peço-lhe, meu amigo, que me dê mais umas poucas horas. Saberei então se o que eu imaginava, somente imaginava, você compreende, é correto. Se for...

– Bem, se for?

– Então talvez eu seja capaz de colocar em suas mãos uma prova concreta.

– Certamente gostaríamos disso – disse o inspetor Morton, com sentimento. Ele olhou de soslaio para Poirot. – O que o senhor está escondendo?

– Nada. Absolutamente nada, já que a prova que eu imagino pode não existir de fato. Eu somente deduzi sua existência a partir de vários fragmentos de conversas. Talvez eu esteja errado – disse Poirot, com pouquíssima convicção.

Morton sorriu.

– Mas é raro que isso lhe aconteça, não é?

– Sim. Embora eu admita, sim, seja forçado a admitir que já me aconteceu.

– Devo dizer que fico satisfeito em ouvir isso! Estar sempre certo deve ser monótono, às vezes.

– Não penso assim – assegurou-lhe Poirot.

O inspetor Morton riu.

– E o senhor me pede para adiar meus interrogatórios?

– Não, não, de forma alguma. Prossiga como havia planejado. Imagino que você não pretenda efetuar uma prisão, não é?

Morton balançou a cabeça.

– O caso ainda é muito inconsistente. Primeiro, teríamos de conseguir uma decisão do promotor público, e estamos muito longe disso. Não, queremos somente declarações de determinados indivíduos sobre o que faziam no dia em questão, com atenção especial a um deles, talvez.

– Compreendo. A sra. Banks?

– Esperto o senhor, hein? Sim. Ela esteve lá naquele dia. Seu carro estava estacionado na pedreira.

– Ela chegou a ser vista dirigindo o carro?

– Não. – O inspetor acrescentou: – Não a ajuda o fato de nunca haver dito uma única palavra sobre ter estado lá naquele dia. Ela deve-nos explicações.

– Ela é bastante habilidosa com explicações – disse Poirot secamente.

– Sim, uma jovem dama inteligente. Talvez um pouco inteligente demais.

– Nunca é sábio ser inteligente demais. É assim que os assassinos são pegos. Algo mais apareceu a respeito de George Crossfield?

– Nada definitivo. Ele é um tipo muito comum. Há muitos jovens como ele andando pelo interior em trens, ônibus ou bicicletas. As pessoas têm dificuldade em se lembrar, depois de uma semana ou mais, se foi em uma quarta-feira ou quinta-feira que estiveram em certo lugar, ou notaram certa pessoa.

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

– Recebemos uma informação bastante curiosa da Madre Superiora de um convento desses. Duas de suas freiras estiveram fora, pedindo doações de porta em porta. Parece que foram até o chalé da sra. Lansquet no dia anterior ao seu assassinato, mas não conseguiram que ninguém as ouvisse quando bateram à porta e tocaram a campainha.

“Não há nada de anormal nisso. Ela havia viajado ao norte para o funeral de Abernethie e Gilchrist havia recebido um dia de folga e saíra em excursão a Bournemouth. O importante é que as freiras relataram que havia alguém no chalé. Elas disseram ter ouvido suspiros e gemidos. Perguntei se isso não poderia ter ocorrido no dia seguinte, mas a Madre Superiora estava bastante convicta de que não. Tudo fica registrado em uma espécie de livro. Havia alguém no chalé, então, que aproveitou a ausência das duas mulheres para procurar alguma coisa? E se essa pessoa não encontrou o que procurava e voltou no dia seguinte? Não dou muito crédito aos suspiros e menos ainda aos gemidos. Até mesmo freiras são sugestionáveis, e um chalé onde um assassinato ocorreu é perfeito para gemidos. A questão é: havia alguém no chalé que não deveria estar ali? E, se assim foi, quem era? Toda a turma dos Abernethie estava

no funeral.”

Poirot fez uma pergunta que pareceu irrelevante:

– Essas freiras que pediam doações naquele distrito, elas voltaram em uma data posterior para tentar de novo?

– De fato voltaram, mais ou menos uma semana depois. No mesmo dia do inquérito, se não me engano.

– Faz sentido – disse Hercule Poirot. – Faz muito sentido.

O inspetor Morton olhou para ele.

– Por que esse interesse em freiras?

– Fui forçado a me interessar por elas, querendo ou não. Não deve ter lhe passado despercebido, inspetor, que a visita das freiras aconteceu no mesmo dia em que o bolo envenenado foi entregue no chalé.

– O senhor não acha... que certamente é uma ideia ridícula?

– Minhas ideias nunca são ridículas – disse Hercule Poirot severamente. – E agora, mon cher, tenho de deixá-lo com suas dúvidas e investigações sobre o ataque à sra. Abernethie. De minha parte, devo procurar a sobrinha do falecido Richard Abernethie.

– Mas tenha cuidado com o que irá dizer à sra. Banks.

– Não me refiro à sra. Banks. Refiro-me à outra sobrinha de Richard Abernethie.

II

Poirot encontrou Rosamund sentada em um banco,

diante de um regato que formava uma pequena cascata e então fluía por entre arbustos de rododendros. Ela olhava fixamente para a água.

– Espero não estar perturbando uma Ofélia – disse Poirot enquanto se sentava ao lado dela. – Talvez a senhora esteja estudando o papel, não é?

– Nunca atuei em uma peça de Shakespeare – disse Rosamund. – Exceto uma vez, em uma companhia de repertório. Fui Jéssica em O mercador de Veneza. Um papel péssimo.

– Entretanto, pleno de sentimento. “Nunca me sinto alegre quando ouço música suave.” Que fardo carregava a pobre Jéssica, filha do odiado e desprezado Judeu! Quantas dúvidas teria sobre sua própria índole quando levou os ducados do pai ao fugir com o amante... Jéssica com ouro era uma coisa. Jéssica sem ouro poderia ter sido outra.

Rosamund virou a cabeça para olhar para ele.

– Achei que o senhor havia partido – disse ela, com um toque de reprovação. Ela olhou seu relógio de pulso. – Já passa do meio-dia.

– Perdi meu trem – disse Poirot.

– Por quê?

– A senhora acha que o perdi por uma razão?

– Suponho que sim. O senhor é bastante meticoloso, não é? Se o senhor quisesse tomar um trem, imagino que o tomaria.

– Seu discernimento é admirável. Sabe, madame, que estive sentado no pequeno bangalô esperando que a senhora, talvez, me visitasse ali?

Rosamund o encarou.

– Por que eu deveria? Para todos os efeitos, o

senhor despediu-se de nós na biblioteca.

– Bem possível. E não haveria nada... que a senhora quisesse me dizer?

– Não – Rosamund balançou a cabeça. – Eu tinha muitas coisas sobre as quais pensar. Coisas importantes.

– Entendo.

– Não sou de pensar muito – falou Rosamund. – Parece perda de tempo. Mas isso é importante. Acho que se deve planejar de modo exato, para que a vida seja como se quer.

– E é isso que a senhora está fazendo?

– Bem, sim... Eu estava tentando decidir algo.

– Sobre seu marido?

– De certa maneira.

Poirot esperou um momento, então disse:

– O inspetor Morton chegou há pouco. – Ele antecipou a pergunta de Rosamund ao continuar: – Ele é o policial encarregado de investigar a morte da sra. Lansquet. Veio até aqui para obter declarações de vocês todos sobre o que faziam no dia em que ela foi assassinada.

– Já sei. Álibis – disse Rosamund alegremente.

Seu belo rosto relaxou, mostrando uma alegria travessa.

– Isso será um inferno para Michael – disse ela. – Ele acha que não sei que ele saiu naquele dia para se encontrar com aquela mulher.

– Como a senhora soube?

– Ficou óbvio pela maneira com que ele disse que ia almoçar com Oscar. Tão espantosamente casual, sabe, e seu nariz crispou-se só um pouquinho, o que sempre acontece quando Michael conta mentiras.

– Agradeço aos céus por não estar casado com a senhora, madame!

– E então, é claro, liguei para Oscar e tive certeza – continuou Rosamund. – Os homens sempre contam mentiras tão bobas.

– Temo que ele não seja um marido muito fiel, não é? – arriscou-se Poirot.

Rosamund, entretanto, não rejeitou a declaração.

– Não.

– Mas a senhora não se importa?

– Bem, é bastante divertido, de certa maneira – disse Rosamund. – Ter um marido que todas as outras mulheres querem roubar de você, quero dizer. Eu odiaria estar casada com um homem que ninguém quisesse, como a pobre Susan. Realmente, Greg é uma completa nulidade!

Poirot a estava estudando.

– E suponhamos que alguém tenha sucesso em roubar seu marido?

– Não terá – falou Rosamund. – Agora não mais – ela acrescentou.

– A senhora quer dizer...

– Não agora que há o dinheiro de tio Richard.

Michael se apaixonou por essas criaturas somente até certo ponto. Aquela mulher, Sorrel Dainton, quase conseguiu meter-lhe as garras, o queria para si, mas, para Michael, o teatro sempre virá primeiro. Agora ele tem tudo para fazer sucesso, montar seus próprios espetáculos. Produzir um pouco, além de atuar. Ele é ambicioso, sabe, e é talentoso de verdade. Não como eu. Adoro atuar, mas sou má atriz, apesar de ser bonita. Não, não estou mais preocupada com Michael. Porque, veja bem, o dinheiro é meu.

Seus olhos encontraram os de Poirot calmamente. Ele pensou como era estranho que as duas sobrinhas de Richard Abernethie se tivessem apaixonado profundamente por homens incapazes de retribuir. E, no entanto, Rosamund tinha uma beleza incomum, e Susan era atraente e cheia de apelo sexual. Susan precisava da ilusão e se prendia à de que Gregory a amava. Rosamund, perceptiva, não tinha ilusão alguma, mas sabia o que queria.

– O problema é – disse Rosamund – que tenho de tomar uma importante decisão sobre o futuro. Michael ainda não sabe. – Seu rosto curvou-se em um sorriso. – Ele descobriu que não estive fazendo compras naquele dia e suspeita loucamente do parque Regent’s.

– O que há com o parque Regent’s? – Poirot parecia confuso.

– É que estive lá, após deixar a rua Harley. Apenas para caminhar e pensar. É natural que Michael pense que, se fui até lá, deveria ser para me encontrar com algum homem!

Rosamund sorriu beatificamente e acrescentou:

– Ele não gostou nem um pouco disso!

– Mas por que a senhora não iria ao parque Regent’s? – perguntou Poirot.

– Apenas para passear, é o que o senhor quer dizer?

– Sim. A senhora já fez isso antes?

– Nunca. Por que faria? Que razão há para ir ao parque Regent’s?

Poirot olhou para ela e disse:

– Para a senhora, nenhuma.

Ele acrescentou:

– Acho, madame, que a senhora deve ceder a mesa

de malaquita verde à sua prima Susan.

Os olhos de Rosamund arregalaram-se.

– Por quê? Eu a quero.

– Eu sei. Eu sei. Mas a senhora manterá seu marido.

E a pobre Susan perderá o dela.

– Perdê-lo? O senhor quer dizer que Greg fugirá com alguém? Não posso acreditar que faça isso. Ele parece tão incapaz.

– Infidelidade não é a única maneira de se perder um marido, madame.

– O senhor não quer dizer... – Rosamund o encarou.

– O senhor não está pensando que Greg envenenou tio Richard, matou tia Cora e golpeou a cabeça de tia Helen? É ridículo. Nem eu mesma acreditaria nisso.

– Quem foi, então?

– George, é claro. George é desonesto, sabe, meteu-se em algum tipo de fraude financeira. Fiquei sabendo por alguns amigos meus que estiveram em Monte Carlo. Eu estava certa de que tio Richard ficara sabendo de tudo e iria tirá-lo do testamento.

Rosamund acrescentou com complacência:

– Eu sempre soube que era George.

I

O telegrama chegou em torno das seis horas daquele fim de tarde.

Como havia sido solicitado, ele foi entregue pessoalmente, não por telefone, e Hercule Poirot, que estivera parado havia algum tempo junto à porta de entrada, estava pronto para tomá-lo de Lanscombe assim que este o recebeu do garoto da companhia telegráfica.

Ele o rasgou de maneira um pouco menos precisa do que de costume. O telegrama consistia de três palavras e uma assinatura.

Poirot deixou escapar um enorme suspiro de alívio.

Então ele tirou uma nota de uma libra do bolso e a deu ao garoto estupefato.

– Há momentos – disse ele a Lanscombe – em que a economia deve ser abandonada.

– Muito possivelmente, senhor – disse Lanscombe, educado.

– Onde está o inspetor Morton? – perguntou Poirot.

– Um dos cavalheiros da polícia – respondeu Lanscombe com desgosto, indicando sutilmente que coisas como nomes de policiais eram impossíveis de se lembrar – partiu. O outro está, creio, no gabinete.

– Esplêndido – disse Poirot. – Irei juntar-me a ele imediatamente.

Ele mais uma vez bateu no ombro de Lanscombe e disse:

– Coragem, estamos quase chegando lá!

Lanscombe pareceu um pouco confuso, já que partidas, e não chegadas, eram o que tinha em mente.

Ele disse:

– Então o senhor não pretende partir no trem das nove e trinta?

– Não perca a esperança – Poirot disse a ele.

Poirot começou a afastar-se e então, voltando-se outra vez, perguntou:

– Eu estive pensando: você consegue lembrar as primeiras palavras que a sra. Lansquenet lhe disse quando chegou aqui, no dia do funeral de seu patrão?

– Lembro muito bem, senhor – disse Lanscombe, seu rosto iluminando-se. – A srta. Cora, perdão, sra. Lansquenet, sempre penso nela como srta. Cora, de certa forma...

– Bastante compreensível.

– Ela me disse: “Olá, Lanscombe. Faz muito tempo desde que você costumava trazer-nos merengues em nossas cabanas”. Cada uma das crianças tinha então sua própria cabana junto à cerca, no parque. No verão, quando havia jantares, eu levava para as jovens damas e os cavalheiros (os mais jovens, é claro, senhor) alguns merengues. A srta. Cora, senhor, sempre gostou muito de comer.

Poirot anuiu.

– Sim – disse ele –, foi o que pensei. Sim, era muito típico.

Ele encontrou o inspetor Morton no gabinete e sem dizer nada lhe entregou o telegrama.

Morton o leu sem expressão alguma.

– Não compreendo uma só palavra disto.

– Chegou a hora de contar-lhe tudo.

O inspetor Morton sorriu.

– O senhor soa como uma jovem dama em um melodrama vitoriano. Mas já estava na hora de o senhor descobrir algo. Não conseguirei suportar esta situação por muito mais tempo. Aquele sujeito, o Banks, continua a insistir que envenenou Richard Abernethie e está se jactando de que não conseguiremos descobrir como. O que não consigo entender é por que sempre, durante uma investigação de assassinato, há alguém que se apresenta e sai apregoando que cometeu o crime! O que eles acham que têm a ganhar com isso? Nunca fui capaz de descobrir.

– Neste caso, provavelmente abrigou contra as dificuldades de ser responsável por si mesmo. Em outras palavras, sanatório Forsdyke.

– Mais provável que seja Broadmoor.

– Seria igualmente satisfatório.

– Foi ele, Poirot? A tal Gilchrist veio com a mesma história que contou ao senhor, que se encaixa no que Richard Abernethie disse sobre a sobrinha. Se o culpado for o marido desta, ela estará envolvida. De alguma forma, sabe, não consigo imaginar aquela garota cometendo uma série de crimes. Mas não há nada que ela não faria para tentar acobertá-lo.

– Contarei tudo a vocês...

– Sim, sim, conte tudo! E pelo amor de Deus, conte de uma vez!

II

Desta vez foi na grande sala de estar que Hercule Poirot reuniu sua plateia.

Havia diversão em vez de tensão nos rostos que

estavam voltados para ele. A ameaça havia se materializado na forma do inspetor Morton e do superintendente Parwell. Com a polícia no comando, fazendo perguntas, tomando depoimentos, a figura de Hercule Poirot, detetive particular, havia diminuído tanto em importância que agora mais parecia uma piada.

Timothy não esteve longe de externar a opinião geral quando observou em tom baixo, mas audível, para sua esposa:

– Maldito charlatãozinho! Entwhistle deve estar gagá! É só o que posso dizer.

Parecia que Hercule Poirot teria de trabalhar duro para conseguir o efeito que desejava.

Ele começou de maneira ligeiramente empolada.

– Pela segunda vez, anuncio minha partida! Esta manhã anunciei que embarcaria no trem do meio-dia. Esta noite anuncio que partirei às nove e meia, isto é, logo após o jantar. Eu vou porque não há mais nada aqui para eu fazer.

– Poderia ter-lhe dito isso há muito tempo. – O comentário de Timothy ainda estava em evidência. – Nunca houve nada para ele fazer. A empáfia desses sujeitos!

– Vim até aqui, antes de tudo, para solucionar um enigma. O enigma está resolvido. Deixem-me, primeiro, enumerar vários fatos que foram trazidos à minha atenção pelo excelente sr. Entwhistle.

“Primeiro, o sr. Richard Abernethie morre subitamente. Segundo, depois de seu funeral, sua irmã Cora Lansquenet diz: ‘Ele foi assassinado, não foi?’. Terceiro, a sra. Lansquenet é morta. A questão é: esses três fatos são parte de uma sequência? Vejamos o que

acontece depois. A srta. Gilchrist, dama de companhia da mulher morta, adoece após comer um pedaço de bolo de casamento que contém arsênico. Este, então, é o próximo passo na sequência.

“Agora, como lhes contei esta manhã, no curso das minhas investigações não encontrei nada, nada mesmo, que corroborasse a crença de que o sr. Abernethie foi envenenado. Também, devo dizer, não descobri nada para provar conclusivamente que ele não foi envenenado. Mas, na medida em que avançamos, as coisas ficam mais fáceis.

“Cora Lansquenet sem dúvida alguma fez aquela pergunta provocativa no funeral. Todos concordam quanto a isso. E, sem dúvida, no dia seguinte, a sra. Lansquenet foi assassinada, uma machadinha sendo o instrumento empregado. Agora examinemos o quarto acontecimento. O motorista da camionete do correio local está convicto, embora não queira jurar em definitivo, de que não entregou da maneira usual o pacote com o bolo de casamento. Se isso for verdade, então o pacote foi deixado pessoalmente, e, apesar de não podermos excluir uma ‘pessoa desconhecida’, temos de atentar em particular para aquelas pessoas que de fato estiveram no local e em posição de colocar o pacote onde ele foi subseqüentemente encontrado.

“Elas eram: a própria srta. Gilchrist, é claro; Susan Banks, que veio naquele dia para o inquérito; o sr. Entwhistle (sim, temos de incluir o sr. Entwhistle; ele estava presente, lembrem-se, quando Cora fez aquele comentário perturbador!). E havia duas outras pessoas. Um velho cavaleiro que alegava ser um certo sr.

Guthrie, crítico de arte, e uma freira, ou freiras, que estiveram lá no começo daquela manhã para pedir doações.

“Então decidi que começaria a partir do pressuposto de que a lembrança do motorista da camionete do correio estava correta. Portanto, o pequeno grupo de pessoas sob suspeita deve ser estudado com muito cuidado. A srta. Gilchrist não se beneficiou de maneira alguma com a morte de Richard Abernethie e apenas em grau muito pequeno com a morte da sra. Lansquenet. Na realidade, a morte desta a deixou desempregada e com possíveis dificuldades para arranjar outro emprego. A srta. Gilchrist também foi levada ao hospital, sofrendo de um evidente envenenamento por arsênico.

“Susan Banks beneficiou-se da morte de Richard Abernethie e, em grau bem menor, da morte da sra. Lansquenet, embora seu motivo, com certeza quase absoluta, teria sido segurança. Ela talvez tivesse razões muito boas para acreditar que a srta. Gilchrist tenha ouvido uma conversa entre Cora Lansquenet e o irmão, na qual ela foi mencionada, e, por conseguinte, poderia ter decidido que a srta. Gilchrist tinha de ser eliminada. Ela mesma, lembrem-se, recusou-se a comer do bolo de casamento e também sugeriu não chamar o médico até a manhã seguinte, embora a srta. Gilchrist tenha adoecido à noite.

“O sr. Entwhistle não se beneficiou com nenhuma das mortes, mas ele exercia controle considerável sobre os negócios do sr. Abernethie e os fundos de fideicomisso, e aí pode bem haver alguma razão para que Richard Abernethie não vivesse muito. Mas, dirão vocês, se o sr. Entwhistle estivesse envolvido nisso, por que ele

me procuraria?

“E a isso responderei: não seria a primeira vez que um assassino estaria seguro demais de si mesmo. Agora chegamos ao que eu chamaria de os dois elementos estranhos. O sr. Guthrie e uma freira. Se o sr. Guthrie for realmente o sr. Guthrie, crítico de arte, então é inocente. O mesmo se aplica à freira, se for realmente uma freira. A pergunta é: essas pessoas são elas mesmas ou outras?”

“Parece-me que há um curioso motif, pode-se chamá-lo assim, de uma freira, recorrente nessa história. Uma freira aparece à porta da casa do sr. Timothy Abernethie, e a srta. Gilchrist acredita ser a mesma freira que viu em Lytchett St. Mary. Também uma freira, ou freiras, apareceram aqui no dia anterior à morte do sr. Abernethie...”

George Crossfield murmurou:

– Aposto que foi a freira.

Poirot prosseguiu:

– Então aqui temos algumas partes de nosso mosaico, a morte do sr. Abernethie, o assassinato de Cora Lansquenet, o bolo de casamento envenenado, o “motif” da “freira”. Acrescentarei alguns aspectos do caso que me chamaram a atenção: a visita de um crítico de arte, o cheiro de tinta a óleo, um cartão-postal do porto de Polflexan e finalmente um buquê de flores de cera sobre aquela mesa de malaquita, onde agora está um vaso chinês. A reflexão sobre essas coisas trouxe-me à verdade, que agora estou prestes a contar-lhes.

“A primeira parte dela já contei esta manhã. Richard Abernethie morreu de repente, mas não haveria razão alguma para suspeitar de um ato criminoso, exceto as palavras ditas por sua irmã depois do funeral. Todo o

caso do assassinato de Richard Abernethie se baseia nessas palavras. Em consequência delas, vocês todos acreditaram que um assassinato havia ocorrido, e acreditaram não devido às palavras em si, mas devido ao caráter da própria Cora. Pois Cora Lansquenet sempre fora famosa por falar a verdade em momentos inconvenientes. De maneira que o caso do assassinato de Richard baseava-se não somente no que Cora havia dito, mas na própria Cora.

“E agora chego à pergunta que subitamente fiz a mim mesmo: ‘O quanto vocês conheciam Cora?’.”

Ele ficou em silêncio por um momento, e Susan perguntou bruscamente:

– O que o senhor quer dizer com isso?

Poirot prosseguiu:

– Muito pouco. Esta é a resposta! A geração mais jovem nunca a viu ou, se havia visto, foi apenas na infância. Havia, na realidade, apenas três pessoas presentes naquele dia que realmente conheciam Cora. Lanscombe, o mordomo, que é velho e enxerga muito mal; a sra. Timothy Abernethie, que a tinha visto somente umas poucas vezes na época de seu próprio casamento, e a sra. Leo Abernethie, que a conhecia muito bem, mas que passou vinte anos sem vê-la.

“Então eu disse para mim mesmo: ‘Suponha-se que não tenha sido Cora Lansquenet quem veio ao funeral aquele dia?’.”

– O senhor quer dizer que tia Cora não era tia Cora?
– exigiu Susan, incrédula. – O senhor quer dizer que tia Cora não foi assassinada, mas outra pessoa?

– Não, não. Cora Lansquenet foi assassinada. Mas não foi Cora Lansquenet que veio para cá um dia antes

do funeral do irmão. A mulher que veio aquele dia veio com um único propósito: para explorar, pode-se dizer, o fato de que Richard havia morrido subitamente. E para incutir nas mentes de seus parentes a ideia de que ele havia sido assassinado, o que ela conseguiu fazer com muitíssimo sucesso!

– Que bobagem! Por quê? Qual o sentido de fazer isso? – falou Maude rudemente.

– Por quê? Para desviar as atenções de outro assassinato. Do assassinato da própria Cora Lansquet. Pois, se Cora dissesse que Richard fora assassinado e, no dia seguinte, ela mesma fosse morta, as duas mortes estariam ao menos destinadas a serem consideradas como possível causa e efeito. Mas, se Cora fosse assassinada e seu chalé arrombado, e se o roubo aparente não convencesse a polícia, então eles procurariam onde? Perto de casa, não é? A suspeita tenderia a cair sobre a mulher que dividia a casa com ela.

A srta. Gilchrist protestou em tom quase alegre:

– Ora essa, sr. Pontarlier, o senhor não está sugerindo que cometi assassinato por um broche de ametista e alguns esboços sem valor?

– Não – disse Poirot. – Por pouco mais do que isso. Um desses desenhos, srta. Gilchrist, retratava o porto Polflexan e, como a sra. Banks foi inteligente o suficiente para perceber, havia sido copiado de um cartão-postal que mostrava o velho píer ainda em pé. Mas a sra. Lansquet pintava sempre a partir da própria paisagem. Lembro então que o sr. Entwistle havia mencionado um cheiro de tinta a óleo que sentiu ao entrar na chalé pela primeira vez. A senhorita sabe pintar, não sabe, srta. Gilchrist? Seu pai foi artista, e a senhorita conhece

bastante de pintura. Suponhamos que um dos quadros que Cora comprou barato em um leilão fosse valioso. Suponhamos que ela mesma não reconhecesse o valor dele, mas a senhorita sim. A senhorita sabia que ela estava esperando, para breve, a visita de um velho amigo que era um crítico de arte conceituado. Então, o irmão dela morreu subitamente, e um plano veio-lhe à mente.

“Foi fácil administrar um sedativo em sua xícara de chá matutina, que a manteve inconsciente por todo o dia do funeral enquanto a senhorita fazia-se passar por ela em Enderby. A senhorita conhecia bem Enderby, de ouvi-la falar a respeito. E ela falava bastante, como fazem as pessoas de idade, sobre os dias de infância. Foi fácil começar mencionando merengues e cabanas ao velho Lanscombe, o que o asseguraria da identidade da senhorita, caso ele estivesse inclinado a duvidar.

“Sim, a senhorita usou bem seu conhecimento de Enderby naquele dia, com alusões a isso e aquilo, e antigas lembranças. Ninguém suspeitou de que a senhorita não fosse Cora. A senhorita estava vestindo as roupas dela, com alguns enchimentos, e já que ela usava uma franja falsa, foi fácil reproduzi-la. Ninguém havia visto Cora nos últimos vinte anos, e em vinte anos as pessoas mudam tanto que com frequência se ouve a observação: ‘Eu jamais a teria reconhecido!’. Mas maneirismos são lembrados, e Cora tinha alguns maneirismos bem acentuados, todos os quais a senhorita praticou cuidadosamente em frente ao espelho.

“E foi aí, estranhamente, que a senhorita cometeu seu primeiro erro. A senhorita esqueceu que uma imagem de espelho é invertida. Quando a senhorita viu

no espelho a reprodução perfeita do gesto de Cora, de inclinar a cabeça para o lado como um pássaro, a senhorita não notou que, na realidade, estava inclinando a cabeça para o lado errado. A senhorita viu, digamos, Cora inclinando a cabeça à direita, mas esqueceu que sua própria cabeça estava inclinada à esquerda para produzir o efeito no espelho.

“Foi isso que intrigou e preocupou Helen Abernethie no momento em que a senhorita fez sua famosa insinuação. Algo que parecia ‘errado’. Eu mesmo percebi, na outra noite, quando Rosamund Shane fez uma observação inesperada, o que acontece em tais ocasiões. Todos inevitavelmente olham para quem está falando.

“Portanto, quando a sra. Leo sentiu que havia algo ‘errado’, deve ter sido algo errado com Cora Lansquenet. Na outra noite, após falar sobre imagens de espelho e ‘ver a si mesma’, creio que a sra. Leo fez uma experiência diante do espelho. Seu próprio rosto não é particularmente assimétrico. É provável que tenha pensado em Cora, lembrado de como Cora inclinava a cabeça para a direita, imitado o gesto e olhado no espelho, quando, é claro, a imagem pareceu estar ‘errada’, e sabido naquele momento o que estivera errado no dia do funeral.

“Ela encontrou a solução: ou Cora havia começado a inclinar sua cabeça na direção oposta, o que era muito improvável, ou então Cora não era Cora. Nenhuma das hipóteses parecia fazer sentido. Mas ela estava determinada a contar logo sua descoberta ao sr. Entwistle. Alguém que costumava acordar cedo já

estava em pé e a seguiu, e, temendo as revelações que ela poderia estar prestes a fazer, golpeou-lhe a cabeça com um pesado aparador de porta.”

Poirot pausou e acrescentou:

– Aproveito para lhe dizer agora, srta. Gilchrist, que a concussão da sra. Abernethie não é séria. Ela logo será capaz de contar-nos a própria história.

– Eu nunca fiz nada disso – disse a srta. Gilchrist. – Tudo isso é uma mentira perversa.

– Era você naquele dia – falou Michael Shane subitamente. Ele estava estudando o rosto da srta. Gilchrist. – Eu deveria ter percebido antes. Senti de maneira vaga que já a havia visto em algum lugar, mas é claro que nunca se olha muito para... – Ele parou.

– Não, ninguém se dá o trabalho de olhar para uma mera dama de companhia – disse a srta. Gilchrist. Sua voz tremeu um pouco. – Uma criada, uma criada doméstica! Quase uma serva! Mas prossiga, monsieur Poirot. Continue com essa bobagem inacreditável!

– A sugestão de assassinato lançada no funeral foi apenas o primeiro passo, é claro – disse Poirot. – A senhorita tinha outros recursos. Estava preparada para admitir, quando fosse necessário, ter ouvido a uma conversa entre Richard e a irmã. O que ele de fato contou a ela, sem dúvida, foi que não tinha muito tempo de vida, e isto explica a frase enigmática na carta que escreveu a ela após voltar para casa. A “freira” foi outra de suas sugestões. A freira, ou melhor, as freiras que apareceram no chalé no dia do inquérito sugeriram à senhorita mencionar uma freira que a “estava seguindo”, e a senhorita usou essa história quando estava ansiosa para ouvir o que a sra. Timothy disse à cunhada em Enderby. E também porque esperava acompanhá-la até lá

e descobrir por si mesma como estavam indo as suspeitas. Na verdade, envenenar-se de modo sério, mas não fatal, com arsênico, é um stratagema muito antigo, e devo dizer que ele serviu para que o inspetor Morton passasse a suspeitar da senhorita.

– Mas e o quadro? – disse Rosamund. – Que tipo de quadro é esse?

Poirot desdobrou devagar um telegrama.

– Esta manhã eu telefonei ao sr. Entwhistle, uma pessoa responsável, e pedi que fosse a Stansfield Grange agindo em nome do próprio sr. Abernethie – Poirot olhou duro para Timothy – para procurar entre os quadros no quarto da srta. Gilchrist e retirar aquele que retratava o porto de Polflexan, sob o pretexto de mandar colocá-lo em uma nova moldura, como surpresa para a srta. Gilchrist. Ele deveria levá-lo a Londres e ligar para o sr. Guthrie, a quem eu havia avisado por telegrama. O desenho apressado do porto de Polflexan foi removido, e o quadro original, exposto.

Ele segurou o telegrama e leu:

– “Um legítimo Vermeer. Guthrie”.

Subitamente, com efeito eletrizante, a srta. Gilchrist desatou a falar.

– Eu sabia que era um Vermeer. Eu sabia! Ela não sabia! Vivia falando em Rembrandts e Primitivos Italianos, mas era incapaz de reconhecer um Vermeer quando ele estava debaixo do seu nariz! Sempre tagarelando sobre arte sem saber coisa alguma! Ela era uma completa estúpida. Sempre divagando sobre este lugar, sobre Enderby, e o que eles faziam lá quando eram crianças, e sobre Richard, Timothy, Laura e todo o resto. Rolando em dinheiro, sempre! Aquelas crianças

sempre tiveram o melhor de tudo. Vocês não sabem o quanto é maçante ouvir alguém repetindo as mesmas coisas, hora após hora e dia após dia. E ter de dizer "Oh, sim, sra. Lansquenet" e "Verdade, sra. Lansquenet?". Fingir estar interessada, e na verdade estar entediada, entediada, entediada... E sem poder esperar nada do futuro... E então: um Vermeer! Li nos jornais, outro dia, que um Vermeer foi vendido por cinco mil libras!

– Você a matou daquela maneira brutal por cinco mil libras? – Havia incredulidade na voz de Susan.

– Cinco mil libras – disse Poirot – teriam alugado e equipado uma casa de chá...

A srta. Gilchrist voltou-se para ele.

– Enfim – disse ela. – O senhor compreende. Era a única chance que eu jamais teria. Eu tinha de conseguir capital. – Sua voz vibrava com a força e a obsessão de seu sonho. – Eu iria chamá-la de Palm Tree. E ter camelinhos como porta-cardápios. De vez em quando se consegue louça de qualidade. Mercadorias devolvidas por importadores, não aquela porcaria branca e barata. Queria abri-la em algum bairro refinado, para servir pessoas refinadas. Eu havia pensado em Rye... Ou talvez Chichester... Tenho certeza de que poderia fazer dela um sucesso. – Ela calou-se por um minuto, então acrescentou, pensativa: – Mesas de carvalho e pequenas cadeiras de vime com almofadas listradas de branco e vermelho.

Por alguns momentos, a casa de chá que nunca existiria pareceu mais real do que a solidez vitoriana da sala de estar em Enderby...

Foi o inspetor Morton quem desfez o encanto.

A srta. Gilchrist voltou-se a ele com muita educação.

– Oh, certamente – disse ela. – Agora mesmo. Não quero causar problemas. Afinal de contas, se não posso ter a Palm Tree, nada mais parece importar...

Ela saiu da sala com o inspetor, e Susan disse, com a voz ainda abalada:

– Nunca imaginei uma assassina com ares de dama. É horrível...

CAPÍTULO 25

– Mas não entendo o que havia com as flores de cera – disse Rosamund.

Ela encarou Poirot com grandes olhos azuis reprovadores.

Eles estavam no apartamento de Helen em Londres. A própria Helen estava descansando no sofá, e Rosamund e Poirot tomavam chá com ela.

– Não creio que as flores de cera tivessem alguma relação com essa história toda – disse Rosamund. – Ou a mesa de malaquita.

– A mesa de malaquita, não. Mas as flores de cera foram o segundo erro da srta. Gilchrist. Ela comentou que elas ficavam bonitas sobre a mesa de malaquita. E veja bem, madame, ela não poderia tê-las visto lá. Porque haviam sido quebradas e guardadas antes que ela chegasse com os Abernethies. Então ela só poderia tê-las visto lá enquanto se fazia passar por Cora Lansquenet.

– Foi estupidez dela, não foi? – disse Rosamund.

Poirot fez que não com o dedo indicador na direção dela.

– Isso demonstra, madame, os perigos das conversas. É uma profunda crença minha que, se você conseguir induzir qualquer pessoa a falar com você por tempo suficiente sobre qualquer assunto, cedo ou tarde ela se entregará. A srta. Gilchrist se entregou.

– Terei mais cuidado, daqui em diante – disse

Rosamund pensativamente.

Então ela se animou.

– O senhor sabia? Terei um bebê.

– A-ha! Então esse é o significado da rua Harley e do parque Regent's.

– Sim. Fiquei tão nervosa, sabe, e tão surpresa, que tive de ir a algum lugar e pensar.

– A senhora disse, lembro-me, que isso não acontecia com muita regularidade.

– Bem, é muito mais fácil não pensar. Mas desta vez eu tinha de decidir sobre o futuro. E decidi deixar o palco e somente ser mãe.

– Um papel que lhe será admiravelmente adequado. Já posso ver fotos adoráveis no Sketch e no Tatler.

Rosamund sorriu contente.

– Sim, é maravilhoso. Sabe, Michael está encantado. Não achei que ele estaria..

Ela fez uma pausa e acrescentou.

– Susan ficou com a mesa de malaquita. Achei, já que terei um bebê...

Ela deixou a frase incompleta.

– O negócio de cosméticos de Susan promete – disse Helen. – Acho que ela tem tudo para fazer um grande sucesso.

– Sim, ela nasceu para ser bem-sucedida – disse Poirot. – Ela é como o tio.

– Imagino que o senhor se refira a Richard – disse Rosamund. – Não a Timothy.

– Decerto não a Timothy – disse Poirot.

Eles riram.

– Greg está fora, em algum lugar – disse Rosamund.
– Repousando, pelo que Susan disse, não é?

Ela lançou um olhar curioso para Poirot, que não disse nada.

– Não consigo entender por que ele continuava dizendo que havia matado o tio Richard – disse Rosamund. – O senhor acha que era uma forma de exibicionismo?

Poirot voltou ao tópico anterior.

– Recebi uma carta muito simpática do sr. Timothy Abernethie – disse ele. – Ele disse ter ficado altamente satisfeito com os serviços que prestei à família.

– Eu acho tio Timothy bastante desagradável – disse Rosamund.

– Passarei a próxima semana com eles – disse Helen.
– Ao que parece, estão pondo os jardins em ordem, mas ainda têm dificuldade em conseguir empregados domésticos.

– Imagino que sintam falta daquela terrível Gilchrist – disse Rosamund. – Atrevo-me a dizer que ela acabaria por matar tio Timothy também. Como seria engraçado se ela o fizesse!

– Assassinatos sempre lhe parecem divertidos, madame?

– Não muito – disse Rosamund vagamente. – Mas achei que o culpado fosse George. – Ela iluminou-se. – Talvez ele mate alguém, um dia desses.

– E isso será divertido – disse Poirot sarcasticamente.

– Sim, não será? – concordou Rosamund.

Ela serviu-se de mais um éclair do prato à sua frente.

Poirot voltou-se para Helen.

– E a senhora, madame, está de partida para o Chipre?

– Sim, depois de amanhã.

– Então, desejo-lhe boa viagem.

Ele inclinou-se sobre a mão dela. Ela o acompanhou até a porta, deixando Rosamund que, com ar sonhador, se empanturrava de doces de creme.

Helen disse abruptamente:

– Eu gostaria que o senhor soubesse, monsieur Poirot, que a herança que Richard me deixou foi mais importante para mim do que para todos os outros.

– Tanto assim, madame?

– Sim. Veja bem, há uma criança no Chipre... Meu marido e eu éramos muito devotados um ao outro. Foi uma grande tristeza para nós não termos filhos. Após ele ter morrido, minha solidão foi inacreditável. Quando eu era enfermeira em Londres no fim da guerra, conheci uma pessoa... Ele era mais jovem do que eu e casado, embora não fosse muito feliz. Encontramo-nos durante algum tempo. Nada mais. Ele voltou ao Canadá, para a esposa e os filhos. Ele nunca soube de... nosso filho. Ele não o queria. Eu queria. Parecia um milagre para mim, uma mulher de meia idade cujos melhores anos já haviam passado. Com o dinheiro de Richard, posso educar meu "sobrinho" e dar a ele uma oportunidade na vida. – Ela fez uma pausa, então acrescentou: – Nunca contei isso a Richard. Ele gostava de mim e eu dele, mas ele não teria compreendido. O senhor sabe tanto de nós todos que eu quis que soubesse disso.

Mais uma vez, Poirot inclinou-se sobre a mão dela. Ao chegar em casa, ele encontrou ocupada a poltrona do lado esquerdo da lareira.

– Olá, Poirot – disse o sr. Entwistle. – Acabei de chegar do julgamento. Eles conseguiram a condenação, é claro. Mas não ficaria surpreso se ela terminasse em Broadmoor. Ela perdeu por completo a razão desde que foi para a prisão. Muito feliz, veja você, e muito cortês. Ela passa a maior parte do tempo fazendo os planos mais elaborados para administrar uma rede de casas de chá. Seu mais novo estabelecimento será o Lilac Bush. Ela irá inaugurá-lo em Cromer.

“É de se imaginar que ela tenha sido sempre meio louca, não é? Quanto a mim, creio que não.”

– Meu Deus, não! Agiu tão racionalmente quanto eu e você quando planejou aquele assassinato. Executou-o a sangue frio. Saiba que ela é bastante inteligente, sob aquelas maneiras suaves.

Poirot estremeceu ligeiramente.

– Estive pensando – disse ele – em algumas palavras que Susan Banks disse: que ela nunca havia imaginado uma assassina com ares de dama.

– Por que não? – disse o sr. Entwistle. – Há de todos os tipos.

Eles ficaram em silêncio, e Poirot pensou nos assassinos que conhecera...

- [1] Referência ao trecho bíblico “As lamentações”. (N.T.)
- [2] Pera flambada. (N.T.)
- [3] Pode ser. (N.T.)
- [4] Era só o que faltava! (N.T.)
- [5] Tema. (N.T.)
- [6] Bobagem. (N.T.)
- [7] Veja só! (N.T.)
- [8] Maquiagem. (N.T.)
- [9] Mulher formidável! (N.T.)
- [10] The Voysey Inheritance, peça escrita pelo dramaturgo inglês Harley Granville-Barker em 1905. (N.T.)
- [11] Meu Deus! (N.T.)
- [12] Foi uma brincadeira! (N.T.)
- [13] Meu velho. (N.T.)
- [14] Generosidade. (N.T.)
- [15] Café da manhã. (N.T.)

Agatha Christie (1890-1976)

Agatha Christie é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irreprensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. A ratoeira, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava

como corretor da Bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. O misterioso caso de Styles (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo *The New York Times*.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da

separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu sua obra-prima, O assassinato de Roger Ackroyd. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome *Álibi* – e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto “The Tuesday Night Club”.

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: After the Funeral

Tradução: Jorge Ritter

Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd. 2008

Preparação: Ana Laura Freitas e Patrícia Yurgel

Revisão: Patrícia Rocha

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479m

Christie, Agatha, 1890-1976

Depois do funeral / Agatha Christie; tradução de Jorge Ritter. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET, v. 882)

Tradução de: After the Funeral

ISBN 978.85.254.2207-1

1. Romance inglês. I. Ritter, Jorge. II. Título. III. Série.
10-2957. CDD: 823
CDU: 821.111-3

Agatha ChristieTM PoirotTM Depois do funeral, Copyright
© 2010

Agatha Christie Limited (a Chorion company). All rights reserved.

After the Funeral was first published in 1953

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax:
51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br